



Universidade Técnica de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



A Relação Treinador-Atleta
A Relação entre o Treinador e o
Jogador Suplente em Basquetebol

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Doutor no ramo de
Motricidade Humana na especialidade de Ciências do Desporto

Orientador: Doutor António Fernando Boleto Rosado

Co-Orientador: Doutor Maurice Piéron

Júri

Presidente: Reitor da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais: Doutor Maurice Piéron (Universidade Liège)
Doutor Sidónio Olivério da Costa Serpa (UTL-FMH)
Doutor Fernando José Silva Tavares (FADEUP)
Doutora Isabel Maria Ribeiro Mesquita (FADEUP)
Doutor António Fernando Boleto Rosado (UTL-FMH)
Doutor Vitor Manuel Santos Silva Ferreira (UTL-FMH)
Doutor António Paulo Pereira Ferreira (UTL-FMH)

Mario Toledo Rolla

2008

Ao André Luís Rolla (2005)

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL	III
ÍNDICE DE QUADROS	VI
ÍNDICE DE ANEXOS.....	VIII
AGRADECIMENTOS.....	XIV
RESUMO	XV
ABSTRACT	XVI
PRÓLOGO	XVII
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1. A Relação Treinador-Atleta	5
2.1.1- <i>A Liderança Pedagógica</i>	12
2.1.2- <i>O Papel da Comunicação na Relação Interpessoal Treinador-Atleta</i>	13
2.1.3- <i>O Relacionamento em Competição</i>	15
2.2. Comportamento Pedagógico do Treinador.....	17
2.2.1- <i>Comportamento Pedagógico do Treinador em Treino</i>	20
2.2.2- <i>Comportamento Pedagógico do Treinador em Competição</i>	29
2.3. A Problemática do Suplente	32
2.3.1- <i>O Suplente e o Abandono</i>	32
2.3.2- <i>Relações Afectivas dos Treinadores em Função do Estatuto</i>	34
2.3.3- <i>A Relação entre o Estatuto, a Coesão e a Satisfação</i>	34
2.3.4- <i>Diferenças de Comportamento em Função do Estatuto</i>	36
3. MÉTODO.....	47
3.1. Participantes	47
3.2. Variáveis.....	48
3.3. Instrumentos	48
3.3.1. Inventário de Interação Treinador – Atleta.....	48
3.3.2. Sistema de Observação do Comportamento do Treinador	49
3.3.3. Sistema de Observação do Comportamento do Atleta.....	53
3.3.4. Sistema de Observação de Comportamentos Inapropriados	56
3.3.5. Sistema de Observação dos Comportamentos de Afectividade	59

3.4. Procedimentos	63
3.5. Procedimentos estatísticos.....	64
4. RESULTADOS	66
4.1. Análise do comportamento do treinador	66
4.1.1. Perfil do comportamento dos treinadores em função do estatuto, do escalão e do resultado	66
4.1.2. Categorias do comportamento do treinador com diferenças significativas ..	71
4.2. Análise do comportamento do atleta	76
4.2.1. Perfil do comportamento dos atletas em função do estatuto, do escalão e do resultado	76
4.2.2. Categorias do comportamento dos atletas com diferenças significativas ..	81
4.3. Análise dos comportamentos inapropriados dos atletas.....	83
4.3.1. Comportamentos inapropriados dos atletas em função do estatuto, do escalão e do resultado.....	83
4.3.2. Categorias dos comportamentos inapropriados dos atletas com diferenças significativas.....	87
4.4. Análise dos comportamentos de afectividade	93
4.4.1. Comportamentos de afectividade dos atletas em função do estatuto, do escalão e do resultado.....	93
4.4.2. Categorias dos comportamentos de afectividade dos treinadores com diferenças significativas	97
4.5. Perfil da imagem do treinador	103
4.5.1. Perfil da imagem do treinador e do atleta em relação ao estatuto e escalão	103
4.5.2. Características com diferenças significativas no perfil da imagem do treinador e dos atletas	107
4.5.3. Factores da qualidade da relação treinador – atleta.....	113
4.5.4. Factores com diferenças significativas na análise da qualidade da relação treinador – atleta.....	118
5. DISCUSSÃO GERAL	122
6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	131
6.1. Conclusões Gerais	131

6.2. Perspectivas de Investigação	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXOS	154
Inventário interacção treinador Atleta (I.I.T.A.)	154
Sistema de observação treinador-atleta (S.O.T.A.)	164
S.O.T.A. – Estatística Descritiva da Manova	170
Sistema de observação treinador-atleta (S.O.T.A.- OBEL)	178
S.O.T.A. – OBEL – Estatística descritiva da Manova	185
Sistema de Observação Comportamentos Inapropriados (S.O.C.I.)	193
Sistema de observação comportamentos afectividade (S.O.C.A.)	205
S.O.C.A. – Estatística descritiva da Manova.....	213
Questionário I.I.T.A.	223

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Sessões de treino observadas.....	47
Quadro 2 – Divisão de atletas observados e inquiridos.....	47
Quadro 3 – Dimensões e categorias do S.O.T.A.	49
Quadro 4 – Fidelidade Intra-Observador.....	51
Quadro 5 – Fidelidade Inter-Observador.....	52
Quadro 6 – Dimensões e categorias do S.O.T.A. – OBEL.....	53
Quadro 7 – Fidelidade Intra-Observador.....	55
Quadro 8 – Fidelidade Inter-Observador.....	56
Quadro 9 – Dimensões e categorias do S.O.C.I.	57
Quadro 10 – Fidelidade Intra-Observador.....	58
Quadro 11 – Fidelidade Inter-Observador.....	59
Quadro 12 – Dimensões e categorias do S.O.C.A.	60
Quadro 13 – Fidelidade Intra-Observador.....	62
Quadro 14 – Fidelidade Inter-Observador.....	63
Quadro 15 – Valores médios do S.O.T.A. em relação ao Estatuto	66
Quadro 16 – Valores médios do S.O.T.A., em relação ao Escalão.....	67
Quadro 17 – Valores médios do S.O.T.A., em relação ao Resultado	67
Quadro 18 – Valores médios do S.O.T.A., em função da Vitória	68
Quadro 19 – Valores médios do S.O.T.A., em função da Derrota.....	68
Quadro 20 – Sobreposição dos valores médios do S.O.T.A., em função do Resultado.....	69
Quadro 21 – Teste de Wilks' Lambda para o S.O.T.A.....	71
Quadro 22 – Diferenças significativas do S.O.T.A., em relação ao Estatuto (Valores F da Manova)	71
Quadro 23 – Valores médios das categorias do S.O.T.A. com diferenças significativas em relação ao Estatuto.	72
Quadro 24 – Valores percentuais do S.O.T.A., em função do Estatuto.....	72
Quadro 25 – Diferenças significativas do S.O.T.A., em relação ao Escalão (Valores F da Manova).....	73
Quadro 26 – Valores Médios das categorias do S.O.T.A., com diferenças significativas em relação ao Escalão	73
Quadro 27 – Valores percentuais do S.O.T.A., nas categorias com diferenças significativas, em função do Escalão.....	73
Quadro 28 – Diferenças significativas do S.O.T.A., em relação à intercepção do Estatuto com o Escalão (Valores F da Manova)	74
Quadro 29 – Valores Médios das categorias do S.O.T.A. com diferenças significativas, em relação à intercepção do Estatuto com o Escalão	75
Quadro 30 – Valores percentuais das categorias do S.O.T.A., com diferenças significativas, em relação à interacção do Estatuto com o Escalão.....	75
Quadro 31 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em relação ao Estatuto.....	77
Quadro 32 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em relação ao Escalão.....	77
Quadro 33 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em relação ao Resultado	78
Quadro 34 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em função dos titulares	78
Quadro 35 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em função dos suplentes	79
Quadro 36 – Sobreposição dos valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em função do Estatuto.....	79
Quadro 37 – Teste de Wilks' Lambda, do S.O.T.A. – OBEL	81
Quadro 38 – Diferenças significativas do S.O.T.A. – OBEL, em relação ao Escalão (Valores F da Manova).....	81
Quadro 39 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, com diferenças significativas, em relação ao Escalão.....	82
Quadro 40 – Valores percentuais do S.O.T.A. – OBEL, com diferenças significativas, em relação ao Escalão	82
Quadro 41 – Valores médios do S.O.C.I., em relação ao Estatuto	83
Quadro 42 – Valores médios do S.O.C.I., em relação ao Escalão.....	84
Quadro 43 – Valores médios do S.O.C.I., em relação ao Resultado.....	84
Quadro 44 – Valores médios do S.O.C.I., em função dos Titulares	85
Quadro 45 – Valores médios do S.O.C.I., em função dos Suplentes	85
Quadro 46 – Sobreposição dos valores médios do S.O.C.I., em função do Estatuto	86

Quadro 47 – Teste de Wilks’ Lambda para o S.O.C.I.	87
Quadro 48 – Diferenças significativas do S.O.C.I. em relação ao Estatuto (Valores F da Manova).....	87
Quadro 49 – Valores médios do S.O.C.I., com diferenças significativas em relação ao Estatuto.....	88
Quadro 50 – Valores percentuais do S.O.C.I., com diferenças significativas, em relação ao Estatuto	88
Quadro 51 – Diferenças significativas do S.O.C.I., em relação ao Escalão (Valores F da Manova)	89
Quadro 52 – Valores médios do S.O.C.I., com diferenças significativas, em relação ao Escalão	89
Quadro 53 – Valores percentuais do S.O.C.I., com diferenças significativas, em relação ao Escalão.....	89
Quadro 54 – Diferenças significativas do S.O.C.I., em relação à interacção do Escalão com o Resultado (Valores F da Manova).....	90
Quadro 55 – Valores médios do S.O.C.I., com diferenças significativas em relação à interacção do Escalão com o Resultado	90
Quadro 56 – Valor percentual do S.O.C.I., com diferenças significativas, em relação à interacção do Escalão com o Resultado	91
Quadro 57 – Diferenças significativas do S.O.C.I., em relação à interacção do Estatuto com o Escalão (Valores F da Manova).....	91
Quadro 58 – Valores médios do S.O.C.I. com diferenças significativas em relação à interacção do Estatuto com o Escalão.....	92
Quadro 59 – Valores médios do S.O.C.A., em relação ao Estatuto	93
Quadro 60 – Valores médios do S.O.C.A., em relação ao Escalão	94
Quadro 61 – Valores médios do S.O.C.A., em relação ao Resultado	94
Quadro 62 – Valores médios do S.O.C.A., em função da Vitória	95
Quadro 63 – Valores médios do S.O.C.A., em função da Derrota	95
Quadro 64 – Sobreposição dos valores médios do S.O.C.A., em função ao resultado	96
Quadro 65 – Teste de Wilks’ Lambda, para o S.O.C.A.....	97
Quadro 66 – Diferenças significativas do S.O.C.A., em relação ao Estatuto (Valores F da Manova)	97
Quadro 67 – Valores médios do S.O.C.A., com diferenças significativas, em relação ao Estatuto	98
Quadro 68 – Valores percentuais do S.O.C.A., nas categorias com diferenças significativas, em função do Estatuto.....	98
Quadro 69 – Diferenças significativas do S.O.C.A., em relação ao Escalão (Valores F da Manova).....	99
Quadro 70 – Valores médios do S.O.C.A., com diferenças significativas, em relação ao Escalão.....	99
Quadro 71 – Valores percentuais do S.O.C.A., nas categorias com diferenças significativas, em função do Escalão.....	100
Quadro 72 – Diferenças significativas do S.O.C.A., em relação à interacção do Estatuto e com o Escalão (Valores F da Manova)	101
Quadro 73 – Valores médios do S.O.C.A., com diferenças significativas em relação à interacção do Estatuto e com o Escalão.....	101
Quadro 74 – Valores percentuais do S.O.C.A., na categoria com diferenças significativas, na interacção do Estatuto com o Escalão.....	102
Quadro 75 – Valores médios do I.I.T.A. em relação ao Estatuto e Escalão.....	104
Quadro 76 – Média e Desvio-Padrão do questionário I.I.T.A. referente ao Estatuto.....	106
Quadro 77 – Média, Desvio-Padrão do questionário I.I.T.A. referente ao Escalão	106
Quadro 78 – Teste de Wilks’ Lambda do I.I.T.A.	107
Quadro 79 – Diferenças significativas do I.I.T.A. em relação ao Estatuto (Valores F da Manova).....	108
Quadro 80 – Valores médios das características do I.I.T.A. com diferenças significativas em relação ao Estatuto	109
Quadro 81 – Total da Variância explicada (Factores extraídos do I.I.T.A.)	114
Quadro 82 – Rotação Varimax.....	114
Quadro 83 – Valores médios das “Características Intrínsecas da Personalidade” do I.I.T.A. em relação ao Estatuto e ao Escalão (Manova).....	115
Quadro 84 – Valores médios das “Características Relacionais” do I.I.T.A. em relação ao Estatuto e ao Escalão (Manova)	116
Quadro 85 – Valores médios das “Características de Liderança” do I.I.T.A. em relação ao Estatuto e ao Escalão (Manova)	117
Quadro 86 – Valores médios do Factor 4 do I.I.T.A. relação ao Estatuto e ao Escalão (Manova)	117
Quadro 87 – Wilks’ Lambda dos 4 factores do I.I.T.A.	118
Quadro 88 – Diferenças significativas dos factores do I.I.T.A. em relação ao Estatuto (Valores F da Manova).....	118
Quadro 89 – Valores médios dos 4 factores do I.I.T.A., com diferenças significativas em relação ao Estatuto.....	119

ÍNDICE DE ANEXOS

Quadro 1 - Característica “Amigável”(Manova).....	154
Quadro 2 - Característica “Bom Desportista”(Manova).....	154
Quadro 3 - Característica “Claro”(Manova).....	154
Quadro 4 - Característica “Com Capacidades Variadas”(Manova).....	155
Quadro 5 - Característica “Com Comportamento Constante”(Manova).....	155
Quadro 6 - Característica “Com Qualidades de Chefia”(Manova).....	155
Quadro 7 - Característica “Compreensivo”(Manova).....	156
Quadro 8 - Característica “Comunicativo”(Manova).....	156
Quadro 9 - Característica “Consciente”(Manova).....	156
Quadro 10 - Característica “Construtivo”(Manova).....	157
Quadro 11 - Característica “Cuidadoso”(Manova).....	157
Quadro 12 - Característica “Dinâmico”(Manova).....	157
Quadro 13 - Característica “Esperto”(Manova).....	158
Quadro 14 - Característica “Exemplar”(Manova).....	158
Quadro 15 - Característica “Experiente”(Manova).....	158
Quadro 16 - Característica “Firme”(Manova).....	159
Quadro 17 - Característica “Honesto”(Manova).....	159
Quadro 18 - Característica “Imaginativo”(Manova).....	159
Quadro 19 - Característica “Inteligente”(Manova).....	160
Quadro 20 - Característica “Justo”(Manova).....	160
Quadro 21 - Característica “Motivador”(Manova).....	160
Quadro 22 - Característica “Seguro de Si”(Manova).....	161
Quadro 23 - Característica “Sincero”(Manova).....	161
Quadro 24 - Teste de Bonferroni do I.I.T.A. para o Estatuto.....	161
Quadro 25 - Teste de Bonferroni para os quatro factores do I.I.T.A. para o Estatuto.....	163
Quadro 26 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Informação”.....	164
Quadro 27 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Correção”.....	164
Quadro 28 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Avaliação Positiva”.....	164
Quadro 29 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Avaliação Negativa”.....	164
Quadro 30 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Demonstração”.....	164
Quadro 31 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Questionamento”.....	164
Quadro 32 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Organização - Gestão”.....	165
Quadro 33 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Interacção – Afectividade Positiva”.....	165
Quadro 34 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Interacção – Afectividade Negativa”.....	165
Quadro 35 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Interacção – Pressão”.....	165
Quadro 36 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Interacção – Conversa”.....	165
Quadro 37 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para o “Controlo – Observação”.....	165
Quadro 38 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para o “Controlo – Atenção Intervenções Verbais”.....	165
Quadro 39 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Actividade Não Motora”.....	165
Quadro 40 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para “Outros Comportamentos”.....	166
Quadro 41 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Informação”.....	166
Quadro 42 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Correção”.....	166
Quadro 43 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Avaliação Positiva”.....	166
Quadro 44 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Avaliação Negativa”.....	166
Quadro 45 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Demonstração”.....	166
Quadro 46 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Questionamento”.....	166
Quadro 47 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Organização - Gestão”.....	167
Quadro 48 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Interacção – Afectividade Positiva”.....	167

Quadro 49 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Interacção – Afectividade Negativa”	167
Quadro 50 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Interacção – Pressão”	167
Quadro 51 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Interacção – Conversa”	167
Quadro 52 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para o “Controlo - Observação”	167
Quadro 53 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para o “Controlo – Atenção Intervenções Verbais”	167
Quadro 54 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Actividade Motora”	167
Quadro 55 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Actividade Não Motora”	168
Quadro 56 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para “Outros Comportamentos”	168
Quadro 57 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Informação”	168
Quadro 58 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Correção”	168
Quadro 59 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Avaliação Positiva”	168
Quadro 60 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Avaliação Negativa”	168
Quadro 61 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Demonstração”	168
Quadro 62 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Questionamento”	169
Quadro 63 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Organização – Gestão”	169
Quadro 64 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Interacção – Afectividade Positiva”	169
Quadro 65 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Interacção – Pressão”	169
Quadro 66 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Interacção – Conversa”	169
Quadro 67 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para o “Controlo – Observação”	169
Quadro 68 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para o “Controlo – Atenção Intervenções Verbais”	169
Quadro 69 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Actividade Motora”	170
Quadro 70 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Actividade Não Motora”	170
Quadro 71 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para “Outros Comportamentos”	170
Quadro 72 - “Instrução – Informação” (Manova)	170
Quadro 73 - Categoria “Instrução – Correção” (Manova)	171
Quadro 74 - Categoria “Instrução – Avaliação Positiva” (Manova)	171
Quadro 75 - Categoria “Instrução – Avaliação Negativa” (Manova)	172
Quadro 76 - Categoria “Instrução – Demonstração” (Manova)	172
Quadro 77 - Categoria “Instrução – Questionamento” (Manova)	173
Quadro 78 - Categoria “Organização – Gestão” (Manova)	173
Quadro 79 - Categoria “Interacção – Afectividade Positiva” (Manova)	174
Quadro 80 - Categoria “Interacção – Pressão” (Manova)	174
Quadro 81 - Categoria “Interacção – Conversa” (Manova)	175
Quadro 82 - Categoria “Controlo – Observação” (Manova)	175
Quadro 83 - Categoria “Controlo – Atenção Intervenções Verbais” (Manova)	176
Quadro 84 - Categoria “Actividade Motora” (Manova)	176
Quadro 85 - Categoria “Actividade Não Motora” (Manova)	177
Quadro 86 - Categoria “Outros Comportamentos” (Manova)	177
Quadro 87 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo”	178
Quadro 88 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Adequado”	178
Quadro 89 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Inadequado”	178
Quadro 90 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Adequado”	178
Quadro 91 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Inadequado”	178
Quadro 92 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Inactividade de Pausa”	179
Quadro 93 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Inactividade Espera”	179
Quadro 94 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Instrução – Atenção à Informação”	179
Quadro 95 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Instrução – Demonstração”	179
Quadro 96 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Organização – Manipulação”	179
Quadro 97 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Organização – Deslocamento”	179
Quadro 98 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Interacção – Treinador”	180
Quadro 99 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Interacção – Atletas”	180

Quadro 100 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Interacção – Conversas”	180
Quadro 101- Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Disciplina – Comportamentos Inapropriados”	180
Quadro 102- Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo”	180
Quadro 103 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Adequado”	180
Quadro 104 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Inadequado”	181
Quadro 105 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Adequado”	181
Quadro 106 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Inadequado”	181
Quadro 107 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Actividade Motora – Inactividade Pausa”	181
Quadro 108 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Actividade Motora – Inactividade Espera”	181
Quadro 109 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Instrução – Atenção à Informação”	181
Quadro 110 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Instrução – Demonstração”	182
Quadro 111 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Organização – Manipulação Material”	182
Quadro 112 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Organização – Deslocamento”	182
Quadro 113 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Interacção Treinador”	182
Quadro 114 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Interacção Atletas”	182
Quadro 115 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Interacção Conversas”	182
Quadro 116 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Disciplina – Comportamentos Inapropriados”	182
Quadro 117 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo”	183
Quadro 118 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo”	183
Quadro 119 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Inadequado”	183
Quadro 120 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Adequado” ...	183
Quadro 121 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Inadequado” .	183
Quadro 122 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Inactividade Pausa”	183
Quadro 123 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Inactividade Espera”	184
Quadro 124 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Instrução – Atenção à Informação”	184
Quadro 125 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Instrução – Demonstração”	184
Quadro 126 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Organização – Manipulação do Material”	184
Quadro 127 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Organização – Deslocamento.....	184
Quadro 128 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Interacção Treinador”	184
Quadro 129 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Interacção Atletas”	185
Quadro 130 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Interacção Conversas”	185
Quadro 131 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Disciplina – Comportamentos Inapropriados”	185
Quadro 132 - Categoria “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo” (Manova)	185
Quadro 133 - Categoria “Actividade Motora – Esforço/Empenho Adequado” (Manova).....	186
Quadro 134 - Categoria “Actividade Motora – Esforço/Empenho Inadequado” (Manova)	186
Quadro 135 - Categoria “Actividade Motora – Participação/Eficácia Adequado” (Manova).....	187
Quadro 136 - Categoria “Actividade Motora – Participação/Eficácia Inadequado” (Manova)	187
Quadro 137 - Categoria “Actividade Motora – Inactividade Pausa” (Manova).....	188
Quadro 138 - Categoria “Actividade Motora – Inactividade Espera” (Manova)	188
Quadro 139 - Categoria “Instrução – Atenção à Informação” (Manova)	189
Quadro 140 - Categoria “Instrução – Demonstração” (Manova).....	189
Quadro 141 - Categoria “Organização – Manipulação do Material” (Manova)	190
Quadro 142 - Categoria “Organização – Deslocamento” (Manova).....	190
Quadro 143 - Categoria “Interacção – Treinador” (Manova).....	191
Quadro 144 - Categoria “Interacção – Atletas” (Manova.....	191
Quadro 145 - Categoria “Interacção – Conversas” (Manova)	192
Quadro 146 - Categoria “Disciplina – Comportamentos Inapropriados” (Manova).....	192
Quadro 147 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Conversas Intempestivas”	193
Quadro 148 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Parar a Acção Sem Perturbação”	193

Quadro 149- Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Desrespeito pelo Material”	193
Quadro 150 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Deixar Espaço de Treino”	193
Quadro 151 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Falta de Empenho”	193
Quadro 152 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Atrasos”	194
Quadro 153 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Modificação da Actividade”	194
Quadro 154 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Grosserias”	194
Quadro 155 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Outros”	194
Quadro 156 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Grosseria”	194
Quadro 157 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Golpe ou Pancada”	194
Quadro 158 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Conduta Perigosa”	195
Quadro 159 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Conversas Intempestivas”	195
Quadro 160 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Parar Acção Sem Perturbação”	195
Quadro 161 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Desrespeito pelo Material”	195
Quadro 162 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Deixar Espaço de Treino”	195
Quadro 163 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Falta de Empenho”	195
Quadro 164 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Atrasos”	196
Quadro 165 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Modificação da Actividade”	196
Quadro 166 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Grosseria”	196
Quadro 167 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Outros”	196
Quadro 168 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Grosseria”	196
Quadro 169 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Golpe ou Pancada”	196
Quadro 170 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Conduta Perigosa”	197
Quadro 171 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Conversas Intempestivas”	197
Quadro 172- Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Parar Acção Sem Perturbação”	197
Quadro 173- Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Desrespeito Pelo Material”	197
Quadro 174 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Deixar Espaço de Treino”	197
Quadro 175 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Falta de Empenho”	197
Quadro 176 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Atrasos”	198
Quadro 177 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Modificação da Actividade”	198
Quadro 178 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Grosserias”	198
Quadro 179 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Outros”	198
Quadro 180 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Grosseria”	198
Quadro 181 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Golpe ou Pancada”	198
Quadro 182 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Conduta Perigosa”	199
Quadro 183 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Conversas Intempestivas” (Manova)	199
Quadro 184 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Parar Acção Sem Perturbação” (Manova)	200
Quadro 185 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Desrespeito pelo Material” (Manova)	200
Quadro 186 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Deixar Espaço de Treino” (Manova)	201
Quadro 187 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Falta de Empenho” (Manova)	201
Quadro 188 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Atrasos” (Manova)	202

Quadro 189 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Modificação da Actividade” (Manova)	202
Quadro 190 - Categoria “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Grosseria” (Manova).....	203
Quadro 191 - Categoria “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Outros” (Manova)	203
Quadro 192 - Categoria “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Grosseria” (Manova)	204
Quadro 193 - Categoria “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Golpe ou Pancada” (Manova).....	204
Quadro 194 - Categoria “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Conduta Perigosa” (Manova)	205
Quadro 195 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Rir, Sorrir, Gracejar”	205
Quadro 196 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Identificação do Atleta”	205
Quadro 197 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Comunicação Não Verbal”	206
Quadro 198 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Contactos Físicos”	206
Quadro 199 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Demonstração/Participação”	206
Quadro 200 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Feedback Positivo”	206
Quadro 201 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Elogios”	206
Quadro 202 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Inflexão de Voz”	206
Quadro 203 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Movimentos”	206
Quadro 204 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Aceitação e Utilização das Ideias dos Outros”	207
Quadro 205 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Amabilidades”	207
Quadro 206 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Interações Extra – Conteúdos”	207
Quadro 207 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Encorajamento/Pressão”	207
Quadro 208 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Feedback Negativo”	207
Quadro 209 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Frustração/Irritabilidade”	207
Quadro 210 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Críticar”	207
Quadro 211 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Punir”	208
Quadro 212 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Rir, Sorrir, Gracejar”	208
Quadro 213 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Identificação do Atleta”	208
Quadro 214 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Comunicação Não Verbal”	208
Quadro 215 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Contactos Físicos”	208
Quadro 216 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Demonstração/Participação”	208
Quadro 217 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Feedback Positivo”	208
Quadro 218 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Elogiar”	209
Quadro 219 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Inflexão de Voz”	209
Quadro 220 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Movimentos”	209
Quadro 221 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Aceitação e Utilização das Ideias dos Outros”	209
Quadro 222 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Amabilidades”	209
Quadro 223 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Interações Extra – Conteúdos”	209
Quadro 224 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Encorajamento/Pressão”	209
Quadro 225 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Desinteresse”	210
Quadro 226 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Feedback Negativo”	210
Quadro 227 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Frustração/Irritabilidade”	210
Quadro 228 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Críticar”	210
Quadro 229 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Punir”	210
Quadro 230 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Rir, Sorrir, Gracejar”	210
Quadro 231 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Identificação do Atleta”	210
Quadro 232 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Comunicação Não Verbal”	211
Quadro 233 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Contactos Físicos”	211
Quadro 234 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Demonstração/Participação”	211
Quadro 235 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Feedback Positivo”	211
Quadro 236 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Elogiar”	211
Quadro 237 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Inflexão de Voz”	211
Quadro 238 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Movimentos”	211
Quadro 239 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Aceitação e Utilização das Ideias dos Outros”	212

Quadro 240 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Amabilidades”	212
Quadro 241 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Interacções Extra – Conteúdos”	212
Quadro 242 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Encorajamento/Pressão”	212
Quadro 243 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Desinteresse”	212
Quadro 244 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Feedback Negativo”	212
Quadro 245 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Frustração/Irritabilidade”	212
Quadro 246 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Criticar”	213
Quadro 247 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Punir”	213
Quadro 248 - Categoria “Rir, Sorrir, Gracejar” (Manova)	213
Quadro 249 - Categoria “Identificação do Atleta” (Manova)	214
Quadro 250 - Categoria “Comunicação Não Verbal” (Manova)	214
Quadro 251 - Categoria “Contactos Físicos” (Manova)	215
Quadro 252 - Categoria “Demonstração/Participação” (Manova)	215
Quadro 253 - Categoria “Feedback Positivo” (Manova)	216
Quadro 254 - Categoria “Elogiar” (Manova)	216
Quadro 255 - Categoria “Inflexão de Voz” (Manova)	217
Quadro 256 - Categoria “Movimentos” (Manova)	217
Quadro 257 - Categoria “Aceitação e Utilização das Ideias dos Outros” (Manova)	218
Quadro 258 - Categoria “Amabilidades” (Manova)	218
Quadro 259 - Categoria “Interacções Extra – Conteúdos” (Manova)	219
Quadro 260 - Categoria “Encorajamento/Pressão” (Manova)	219
Quadro 261 - Categoria “Desinteresse” (Manova)	220
Quadro 262 - Categoria “Feedback Negativo” (Manova)	220
Quadro 263 - Categoria “Frustração/Irritabilidade” (Manova)	221
Quadro 264 - Categoria “Criticar” (Manova)	221
Quadro 265 - Categoria “Punir” (Manova)	222
Questionário – Inventário Interação Treinador Atleta (Versão Atletas)	223
Questionário – Inventário Interação Treinador Atleta (Versão Treinadores)	224

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são uma das partes mais difíceis, pois corremos o risco de esquecer alguém que nos ajudou durante todos estes anos, mas...

Ao Professor Doutor António Rosado, a orientação que me proporcionou, competente, amiga e entusiasta.

Ao Professor Doutor Maurice Piéron, cuja experiência e conhecimentos muito contribuíram para a realização deste trabalho.

À minha mulher Francisca, que teve a amabilidade e a paciência de me proporcionar a sua grande ajuda, tanto profissional como moral, o que tornou tudo mais fácil.

Ao Dr. Sandro Didier Ferreira e Professora Doutora Rita Santos Rocha cujas contribuições e conhecimentos foram essenciais para a elaboração deste trabalho.

Aos meus pais Luigi e Rosaria pela sua presença e apoio constante em tudo o que eu necessitava.

Ao Francisco e à Ilda pelo seu permanente apoio e incentivo.

À Mestre Ana Luísa Esperança, Dr. Bruno Coelho, Dr. Bruno Rolla, Mestre Carla Catarino, Mestre Carlos Afonso Pereira, Dr. Carlos Cabrita, Dr. Daniel Coelho, Dr. Fernando Minhalma, Terapeuta João Martins, Dr. João Pedro Silva, Dr. João Palmeira, Dr. José António Cruz, Dr. José Herculano, Dra. Lúvia Folgado, Dra. Maria do Carmo Duran, Dr. Jorge Bentes, Mestre Ricardo Minhalma, Dra. Susana Cruz o meu obrigado por estarem disponíveis sempre que os solicitei.

A todos os funcionários da Biblioteca da F.M.H., Sr. Lopes, a todos os treinadores e jogadores, colegas do Agrupamento Vertical de Escolas de Monte Gordo e D. Bertina Toledo, obrigado pelas suas “pequenas grandes” ajudas.

Resumo

Este estudo debruça-se sobre a relação treinador – atleta, na modalidade de basquetebol, pretendendo descrever os comportamentos e as percepções dos treinadores e dos jogadores relativamente à qualidade das interacções pessoais considerando, em particular, o estatuto (titular ou suplente) do jogador. Investigámos, também, os comportamentos dos treinadores durante as sessões de treino em função do escalão (júnior ou sénior) e do resultado competitivo (após a situação de vitória e após situação de derrota). No que se refere aos atletas, verificámos se os seus comportamentos variam em função do respectivo estatuto, escalão e resultado da competição.

Participaram jogadores de basquetebol do escalão júnior e sénior (N=199), 6 treinadores do escalão júnior e 16 do escalão sénior (N=22), tendo sido filmadas 92 sessões de treino (70 após vitória e 22 após derrota).

A percepção da natureza da relação treinador atleta foi medida através do questionário I.I.T.A. e os comportamentos do treinador foram analisados através de dois sistemas de observação (o S.O.T.A. e o S.O.C.A.). Os comportamentos dos atletas foram medidos com o S.O.T.A.-OBEL e S.O.C.I.

Em termos gerais, os resultados indicam que, relativamente ao ensino/treino, ao relacionamento interpessoal objectivo (comportamentos significativos do treinador e do atleta) e subjectivo (percepções acerca da qualidade da interacção pessoal), os treinadores não se relacionam com todos os atletas da mesma maneira e que os diversos tipos de jogadores não se comportam no treino de forma semelhante.

Os resultados indicam que a imagem do treinador varia consoante o estatuto e não em relação ao escalão competitivo, que o comportamento funcional dos treinadores varia em função do estatuto e do escalão, que os comportamentos afectivos dos treinadores modificam-se em função do estatuto e do escalão, que os comportamentos dos atletas variam em função do estatuto e do escalão e que os comportamentos perturbadores dos atletas variam em função do estatuto, do escalão e do resultado competitivo.

Palavras-chave: basquetebol, relação treinador – atleta, titular suplente, comportamento do treinador, comportamento do atleta.

Abstract

The study here presented is focused on the relationship between basketball coach and basketball player. Its aim was to describe the coaches' and players' behaviours and perceptions, concerning the quality of personal interactions and considering the status of the player – effective player or bench player. The coaches' behaviours were investigated during the training sessions, according to the stage – junior or senior - and to the result of the game – after winning it and after losing it. As to the players, it was also investigated if their behaviours were influenced by their status, stage or competition results. One hundred ninety nine male basketball players (junior and senior) participated in the study. Ninety two training sessions were recorded (seventy after winning a match and twenty-two after losing it). The perception of the nature of the relationship between coach and player was measured using the questionnaire IITA (Player-Coach Interaction Inventory). The coach's behaviours were analyzed using two observation systems: the SOTA (Observation System of Coach Behaviour) and the SOCA (Observation System of Affective Behaviours). The player's behaviours were measured using the SOTA, the OBEL (Observation System of Athlete Behaviour) and the SOCI (Observation System of Inappropriate Behaviours).

The main results were that: the profile of coaches perception varied according to the status, but not to the stage; the functional behaviour of the coaches varied according to the status and stage; the affective behaviour of the coaches was influenced by the stage and status; the disturbing behaviour of the players varied in relation to the stage, the status and the competition results.

The results, in an overall analysis, have shown that as to the process of teaching/training, the objective relationship (significant behaviours of the coaches and players) and the subjective behaviours (perceptions about the relationship) between coaches and basketball players were not homogeneous and the players haven't also shown a consistent behaviour during training sessions.

Keywords: basketball, relationship coach/player, effective player/bench player, coach behavior, player behavior.

Prólogo

...a função de um general consiste, parcialmente, em criar alterações e manipulá-las depois em proveito próprio. O verdadeiro general pondera a situação antes de se movimentar. Não cai, sem objectivos, em engodos armadilhados. É prudente, mas não hesitante. Compreende haver "alguns caminhos que não devem ser seguidos, alguns exércitos a não serem atacados, algumas cidades a não serem cercadas, algumas posições a não serem disputadas e algumas ordens do soberano a não serem acatadas". Toma riscos ponderados, mas nunca os toma por tomar. Não "enfrenta um tigre nem um rio em fúria sem se importar se vai viver ou morrer", mas, quando a oportunidade lhe surge, age rápida e decisivamente. Sun Tzu in A Arte da Guerra, (pág.41)

A frase atrás referida, escrita há 2300 anos, pode adaptar-se perfeitamente ao quotidiano do treinador quando este tem de gerir os seus jogadores ao longo da época. Um dos factores que tem de gerir é o grupo de trabalho, que é constituído por jogadores mais influentes e que mais participam (os titulares) e aqueles menos influentes e que participam menos vezes (os suplentes); são estes últimos que continuaremos a estudar e aos quais dedicamos mais um trabalho de investigação.

Apesar de também, enquanto atleta, ter "sofrido" os percalços da posição de suplente, o interesse por esta área resulta de uma preocupação profissional ligada ao aperfeiçoamento da minha competência para gerir as equipas nos aspectos relativos às formas de otimizar a relação com os suplentes.

Propusemo-nos à realização deste trabalho, decorria o ano de 2000, quando tivemos acesso a um texto de Sarmento, Rosado e Rodrigues (2000), numa publicação sobre a formação de treinadores desportivos, onde os autores referiam que os estudos na área da investigação pedagógica em desporto eram reduzidos, situando-as entre os 8% e 16%, e que as pesquisas efectuadas eram, geralmente, realizadas em ambiente experimental. Propusemo-nos, então, realizar uma continuação do estudo efectuado quando da investigação realizada no nosso Mestrado em Psicologia do Desporto.

1. INTRODUÇÃO

A Pedagogia do Desporto, estudando os fenómenos educativos que ocorrem no desporto, estuda e analisa, em particular, o ensino e treino das habilidades desportivas, na perspectiva de que saber treinar compreende não só o domínio de conhecimentos específicos das modalidades mas, também, o domínio de diversas estratégias, métodos e técnicas de intervenção pedagógica. Essas técnicas orientam-se para a prossecução dos diversos tipos de objectivos perseguidos pelo treino desportivo.

Em todas as profissões, os respectivos profissionais têm de aprender a seleccionar, usar e cuidar das suas “ferramentas” (De Marco, Mancini, Wuest & Schempp, 1996). Os treinadores não fogem a este aspecto, seleccionando e utilizando “ferramentas” típicas, atendendo às diversas dimensões da sua actividade profissional: planeamento do treino, condução do treino (instrução, gestão, clima e disciplina) e avaliação da totalidade do processo de treino (Siedentop, 1976). Considerando estas dimensões, decidem, de forma contextualizada, por quais optar e quando, em consonância com diversas estratégias e modelos de ensino e treino.

Nos nossos dias o treinador assume funções tão vastas e específicas que continua a justificar-se a investigação do seu comportamento nas mais diversas áreas da sua intervenção profissional. No caso do treinador de Jogos Desportivos, as suas tarefas atingem, ainda, maior expressão, por desenvolver o seu trabalho com uma equipa, geradora de complexidades adicionais. Piéron (1986) referia no seu livro *Pedagogie de l'entrainement*, que ao mais alto nível desportivo, onde todos os elementos podem causar ruptura, é bem aceite que o treinador possui um papel determinante.

Uma das problemáticas mais importantes da actuação profissional do treinador de Jogos Desportivos é a gestão da participação dos diversos membros da equipa nos momentos de competição. A existência de jogadores pouco utilizados, raramente ou nunca utilizados – os ditos suplentes – coloca sérios problemas de gestão da equipa, exigindo a análise desta problemática uma atenção muito especial.

Na realidade, colocam-se diversos problemas de gestão de aspectos psicológicos, pedagógicos e organizacionais, envolvendo a boa gestão da equipa e uma boa gestão das relações com os atletas, qualquer que seja o seu estatuto na equipa. Variáveis de rendimento muito diversas podem ser afectadas se esta actividade de gestão das equipas não for realizada com a devida eficácia.

Nesta área do estudo da relação entre o treinador e o atleta é possível encontrar duas correntes de pesquisa diferenciadas quer pelo seu objectivo quer pelos seus instrumentos utilizados: a psicológica e a pedagógica (Piéron, 1999).

Com a realização da nossa Tese de Mestrado (Rolla, 1998) abordámos a problemática do suplente sob o ponto de vista psicológico e ficámos com alguma informação sobre a forma como tanto os atletas como os treinadores percebem e preferem a relação, bem como se esta percepção se diferencia em função do estatuto do jogador.

Este estudo pretende avançar, agora, no sentido de conciliar a abordagem do suplente numa perspectiva simultaneamente psicológica e pedagógica. Procuraremos verificar não só as percepções dos treinadores e dos jogadores relativamente à qualidade das interacções pessoais, considerando o estatuto dos atletas, mas também, *in loco*, se é verdade que os treinadores adoptam, ou não, um comportamento diferente para com os titulares e suplentes e em que aspectos concretos é que esse comportamento se diferencia.

O estudo pretende, ainda, considerar o efeito de algumas variáveis moderadoras, que podem afectar a explicação da relação entre estatuto, percepções e comportamentos do treinador e do atleta. Como variáveis independentes são consideradas: o estatuto dos jogadores (titulares, suplentes), os escalões (juniores e seniores) e a situação de vitória/derrota. Como variáveis dependentes são consideradas: a percepção da natureza da relação treinador – atleta (medido através do questionário - I.I.T.A.), os comportamentos do treinador (utilizando um sistema de observação designado por S.O.T.A.), os comportamentos dos atletas (S.O.T.A.-OBEL), os comportamentos inapropriados (S.O.C.I.) e os comportamentos de afectividade (S.O.C.A.).

Esta problemática, a do suplente, está relacionada com questões preponderantes na actividade dos treinadores de Jogos Desportivos e o seu aprofundamento poderá contribuir para que os treinadores se consciencializem do tipo de relacionamento que têm com os atletas titulares e suplentes e verificar se há alguma coisa a mudar nesse tipo de relação, de modo a optimizar a sua intervenção.

Partilhando a opinião de Rodrigues (1997), pensamos que, no âmbito da Pedagogia do Desporto, este tema e estas questões de pesquisa são pertinentes, dado que continua a ser necessário descrever o que os treinadores e os atletas fazem e pensam ou sentem e a relacionar estas três dimensões. Quer seja devido à dificuldade de implementar a pesquisa ou por existirem poucos investigadores interessados, o processo de treino está muito pouco explorado pela Pedagogia do Desporto.

Recordamos, em apoio desta ideia, de que, para Piéron (1988), é indispensável uma descrição precisa do que se passa nas sessões de treino, nas suas diversas expressões e contextos, considerando os seus diversos intervenientes, de modo a que se possa compreender melhor o fenómeno. Compreender o fenómeno é, evidentemente, um passo decisivo para a melhoria da intervenção profissional dos treinadores.

A este propósito, Rodrigues (1997, pp.18) refere:

...que as implicações de investigar o processo de treino, serão evidentes na organização e selecção dos conteúdos desportivos, nos métodos e meios didácticos que irão surgir renovados a partir da reflexão sobre os resultados da investigação.

Apesar de se reconhecer a importância de estudar de forma particular o suplente, verifica-se que os estudos, de uma maneira geral, consideram o suplente como mais um jogador, não lhe sendo dada muita importância. Já levantámos um pouco a ponta do véu aquando da nossa abordagem acerca da problemática do suplente (Rolla, 1998), mas sentimos curiosidade em saber se realmente, do ponto de vista do comportamento e das percepções dos treinadores e dos atletas, existem diferenças entre suplentes e efectivos. Importa não esquecer, como nos diz Serpa (1995, pp. 21), que:

As decisões dos treinadores, sendo muitas vezes aleatórias e com base nas suas interpretações e atitudes, interferem profundamente na vida dos seus atletas, daí resultando consequências positivas ou negativas para estes. Quanto mais profundo for o conhecimento sobre os atletas e os seus treinadores, melhor poderemos ir de encontro às suas expectativas e, assim, criar condições de treino mais adequadas.

Este trabalho pretende, assim, caracterizar os comportamentos dos treinadores, nomeadamente, os comportamentos de ensino/treino, aqueles que têm um maior impacto sobre o processo de treino, procurando perceber se o estatuto dos atletas, ou seja, a sua condição de suplentes ou efectivos, determina comportamentos de ensino/treino diferenciados por parte dos treinadores. Uma questão importante será a de saber se o exercício das suas responsabilidades profissionais, neste caso em matéria de condução do processo de treino, se diferencia em função da condição do atleta e, se tal acontecer, em que aspectos da sua intervenção é que se fazem sentir. Por outro lado, reconhecer se essa eventual diferenciação dos comportamentos de ensino em função do estatuto pode ser mediada pelo escalão do praticante, considerando-se que, em idades diferenciadas e em níveis de prática também diferenciados, a actuação do treinador em relação ao estatuto dos jogadores poderá ser distinta. Nesse sentido, incluímos a preocupação de estudar não só o efeito simples desta variável sobre o comportamento do treinador como procurámos perceber qual o nível de interacção destas variáveis na explicação do comportamento do treinador.

Como reconhecemos que os comportamentos dos treinadores, nomeadamente quando se dirigem de forma diferenciada para diferentes grupos de atletas, podem ter impactos subjectivos diferenciados, resolvemos, também, estudar a percepção da qualidade da relação treinador-atleta quer em função do estatuto, isto é, do facto de ser mais ou menos utilizado em competição, quer em função do escalão.

Uma outra variável pareceu-nos merecer especial consideração no estudo do comportamento do treinador: é possível que o seu comportamento se diferencie significativamente em situações de

sucesso ou fracasso da sua equipa e que essa situação determine uma diferenciação do seu comportamento. Posto isto, para além do estatuto (titular e suplente) e do escalão (júnior e sénior), considerámos, também, o resultado (após situação de vitória e após situação de derrota), como uma variável moderadora da relação com impacto possível sobre o comportamento do treinador.

No fundo, com este trabalho – baseados um pouco na experiência obtida como treinador, ao longo de vários anos, e também na constante observação de jogos que, semana a semana, somos “obrigados” a realizar – pretendemos questionar a crença, evidenciada por muitos treinadores em conversas mantidas informalmente, de que no basquetebol “não existem suplentes”, “todos são importantes, em função do tipo de jogo e do adversário”. O que é certo é que em todas as equipas de basquetebol existem jogadores que jogam mais tempo que outros e existem jogadores que são mais importantes no seio das equipas que outros.

Assim, pretendemos perceber, em termos de ensino/treino, de relacionamento interpessoal objectivo (comportamentos significativos do treinador e do atleta) e subjectivo (percepções acerca da qualidade da interacção pessoal), se os treinadores se relacionam ou não com todos os atletas da mesma maneira e se os jogadores se comportam no treino de forma semelhante.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura foi conduzida de forma a explorar a base teórica de suporte a este estudo. Tendo esta investigação o intuito de verificar a relação dos treinadores com os jogadores suplentes no basquetebol, efectuaremos uma análise do que de mais importante se tem realizado ao nível de estudos sobre esta temática. Abordaremos, de seguida, a relação treinador-atleta e, por último, a problemática do suplente.

2.1. A Relação Treinador-Atleta

As relações de dominação que existem entre alguns treinadores e treinandos vão, às vezes, até aos maus-tratos. Segundo testemunhas oculares, foi este o caso em patinagem artística, por exemplo, no início dos anos 70, numa época em que os treinadores competentes não apressavam os patinadores e em que os pais não tinham muita escolha para os seus filhos. Beliscões, golpes nos braços e nas coxas com o protector da lâmina dos patins, voltas ao ringue de joelhos ou com as mãos atadas atrás das costas, sem preocupação com o risco, percorrer com o nariz os traços no gelo para tomar consciência dos seus erros, etc.

Práticas como estas, retiradas do livro de Jacques Personne (1987, pp. 127), acomodar-se-iam mal na personalidade menos impregnada de submissão dos jovens actuais. Contudo, não é novo que o treinador tem um profundo impacto emocional, cognitivo e comportamental sobre o atleta.

Segundo Snyder (1975), os treinadores são pessoas de referência importante para os atletas. Orlick (1975) salienta que os pais referem que o “treinador ideal”, para crianças dos 6 aos 8 anos, seria alguém que revelasse, prioritariamente, compreensão pelos desejos de realização das crianças, mostrasse afecto na sua relação com estas e lhes ensinasse os princípios e os valores do desportivismo.

Antonelli e Salvini (1978) enumeram quatro papéis que devem ser desempenhados pelo treinador: o de técnico, dependendo o seu desempenho da experiência, competência e capacidades adquiridas, bem como das suas competências criativas; o de educador, mesmo que não tenha disso consciência, devido à influência determinante sobre a formação da personalidade dos atletas, por via do seu comportamento e que será tanto mais importante quanto mais baixos forem os escalões etários; o de organizador e animador, quer de aspectos técnicos quer sociais, dirigidos aos praticantes; o de líder, que deve ser aceite naturalmente pelos atletas, sem necessitar do recurso ao prémio ou coerção.

O treinador é um dos elementos fundamentais para o sucesso desportivo na competição, tendo um papel importante na gestão e orientação não só do processo de treino, mas também da competição (Rodrigues, 1997).

Cratty (1984) realça o aspecto ambivalente da relação treinador -atleta quando refere que o treinador pode ser, para o desportista, pai, confidente, muitas vezes psicólogo e, como se espera, professor. Burke e Peterson (1995), partilhando da mesma opinião, referem que o papel de treinador é muito similar ao de professor. Hodges e Franks (2002) referem que um dos papéis fulcrais do treinador é ser professor, dado que este é responsável por ensinar o atleta acerca do que fazer, como fazer e o porquê de fazer. No que se refere a “ser professor”, Paula Brito (1994) refere que o trabalho do treinador não é exactamente comparável ao do professor, apesar de ter em comum com este o facto de pretender-se que o treinador saiba ensinar, ainda que alguns não tenham as devidas habilitações académicas para o fazer. Ao contrário do treinador, o professor dá as suas aulas, mas não estuda com o aluno, não o prepara dia-a-dia, quase hora a hora, não o acompanha em viagens (ou o vai buscar a casa), não o leva aos exames ou, se o faz, não vive de forma angustiante os seus resultados, os seus sucessos e insucessos. Não participa nas suas tristezas e glórias. Não é, geralmente, despedido se os seus alunos não forem os melhores. Segundo este autor, o treinador não é um professor, não o pretende nem o deve ser, embora as capacidades pedagógicas sejam úteis a ambos.

As responsabilidades do treinador são tantas que levam a que seja considerado como um elemento imprescindível no processo do treino desportivo (Araújo, 1987; Ferreira, 1994; Pereira, 1996).

Scott (1984) refere que a habilidade de um treinador pode ser medida com base na capacidade de compreender o seu atleta e de modificar o seu comportamento. O autor sugere que o comportamento do treinador deve-se adaptar segundo o tipo de atleta que está preparando. Zeyfang (1998) refere que, no que diz respeito à carga psíquica dos jogadores, é importante haver uma empatia e uma sensibilidade máximas por parte do treinador. Geralmente, os treinadores determinam como pontos fracos as carências do ponto de vista físico, enquanto que, na vertente psíquica, o jogador é muito frequentemente abandonado. Os treinadores devem aprender a pensar, sentir e agir exemplarmente e com confiança, para que possam transmitir segurança aos seus atletas (Hogg, 2001).

O estabelecimento de boas relações com um grupo de atletas significa que estes têm confiança no seu treinador, que o respeitam e que cooperam com ele na realização dos objectivos que o treinador fixou para os seus atletas. O treinador é mais agradável e menos “stressante” quando as relações são boas e as aprendizagens se produzem mais facilmente (Siedentop, 1998). Uma boa relação constrói-se com o tempo e mantém-se graças a um seguimento constante dos seus diversos componentes (Jensen, 1988). Isberg (1993), ao entrevistar atletas suecos pertencentes a equipas de desportos colectivos, tendo como objectivo determinar o que pretendiam dos treinadores, evidenciou que estes preferiam um

técnico disponível para o diálogo, que lhes inspirasse confiança, que elaborasse críticas construtivas, delegasse responsabilidades e que opinasse acerca da sua prestação. Foi também observado que, por vezes, os praticantes não ficam seguros sobre o que os técnicos pretendem deles e que o julgamento dos atletas e treinadores difere relativamente ao desejo de sucesso e empenhamento dos primeiros.

Crevoisier (1985), a partir de um inquérito junto de treinadores franceses de futebol, encontrou três tendências que concernem às características da relação treinador – atleta de acordo com as opiniões dos sujeitos do estudo: devem ser profundas, para além dos aspectos profissionais, prevalecendo uma orientação para as relações humanas; devem ser distantes e limitadas, prevalecendo uma orientação para a tarefa; ou devem ser frequentes, de acordo com as necessidades e características dos jogadores com quem se trabalha. Os treinadores dividem-se, também, quanto ao nível de afinidade que deve existir entre praticante e técnico, defendendo uns que deve ser elevada, outros que é preferível que exista um distanciamento e outros, ainda, que depende da personalidade e experiência do treinador.

Martin e Lumsden (1987) acrescentam, ainda, o papel de especialista em relações públicas, por via da necessidade de se relacionar com os diferentes grupos de atletas, colegas de profissão, árbitros, pais, dirigentes.

Palácios (1991) refere que a grande preocupação do treinador é chegar a conhecer os meios e procedimentos mais adequados para transmitir aos atletas um espírito de igualdade, de justiça, de tolerância e de realização pessoal. Lopes (2003), concordando com Ping (1993) e com Palma (2002), no conjunto das funções que atribui ao treinador, identifica-o como educador de atletas na perspectiva da promoção dos valores sociais.

Partington e Shangi (1992) referem que uma equipa desenvolve-se quando jogadores talentosos e com espírito de equipa forem escolhidos e treinados por um treinador com competência técnica, mas também com boas atitudes e competências interpessoais. Através de um treino de qualidade guiado por objectivos colectivos, o treinador permite a consolidação da equipa, dentro e fora do terreno de jogo, e desenvolve a coesão social, a integração da tarefa, a identidade da equipa e um estilo de jogo vitorioso.

Para Lima (1993) e Simão e Rosado (2004) o treinador deve ser conhecedor de tudo o que diz respeito à modalidade de que é considerado especialista e saber actuar de acordo com os conhecimentos que possui. O que se espera do treinador é que tome as decisões apropriadas às situações e que estas sejam claras, objectivas e atempadas.

Saury e Durand (1995) referem que o treinador assume o papel daquele que decide (já referido anteriormente por Gordon, 1988), de gestor, de orientador e de director de todo o processo de treino, sendo permanentemente confrontado com uma variedade de situações complexas, imprevisíveis, dinâmicas, singulares e de conflitos de valores.

Segundo Serpa (1995), os processos da interacção entre praticantes e respectivos treinadores têm sido sempre considerados de relevância determinante na prestação desportiva do atleta, dado que a sua complexidade tem repercussão nos níveis comportamental, cognitivo e emocional de ambos.

No que se refere ao tipo de relação que deverá existir entre o treinador e o atleta, numerosos pedagogos e especialistas insistem nas vantagens de um ambiente positivo em que as intervenções pedagógicas do tipo aprovativo dominam, isto é, um ambiente relacional em que o elogio e o encorajamento se sobreponham à reprovação, à ironia e à crítica (Carreiro da Costa, 1986).

Smoll (1988) refere que o treinador desempenha um papel central e decisivo na definição do ambiente desportivo da juventude, ensinando os elementos da técnica da modalidade, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento da respectiva capacidade física. Porém, para além disso, o treinador torna-se um adulto com grande significado na vida do atleta e consegue exercer uma influência profunda e positiva no desenvolvimento pessoal e social do jovem. Também autores como Piéron (1986), Araújo (1987), Gonçalves (1987), Sarmiento (1991b) e Pereira e Sarmiento (1997) comungam desta opinião, confirmando, assim, que o clima pedagógico que se vive no treino é considerado como uma das variáveis de sucesso na relação treinador – atleta. Seller, Kevesligeti e Valley (1999) referem que as boas relações entre treinadores e atletas são essenciais para uma alta performance no desporto. Por outro lado, Botterill (1983) e Vasconcelos (1998), são da opinião de que os treinadores não devem ver os seus atletas só no campo desportivo, mas devem interessar-se por outras situações das suas vidas. Rosado (2000), citado também por Simão e Rosado (2004), desenha um perfil de competências do treinador, referindo que as mesmas devem orientar-se no sentido de otimizar as influências do treinador nos atletas e potenciar uma influência não só sobre o nível de prática da modalidade no jovem enquanto atleta mas, também, sobre o jovem enquanto pessoa.

Shigunov, Pereira e Manzotti (1993) efectuaram um estudo sobre a influência dos comportamentos do treinador nos sentimentos dos atletas. Os resultados indicaram que os atletas sentem insegurança, preocupação e perda de concentração em reacção aos comportamentos afectivos negativos do treinador como o punir, gritar ou criticar. Por outro lado, os comportamentos afectivos positivos, como o elogiar ou demonstrar afecto, geraram nos atletas sentimentos de auto-valorização, incentivo e satisfação.

Muroni (1995) refere que o treinador deve ser capaz de efectuar distinções ao nível dos estados emotivos dos seus atletas, de forma a não se criarem problemas de auto-estima e auto-afirmação. Partilhando a mesma opinião de Serpa (1995), refere que os treinadores não se apercebem dos seus próprios comportamentos passíveis de perturbar emocionalmente os seus discípulos.

Para Araújo (1995) o verdadeiro “segredo” dos treinadores com sucesso reside no facto de, para além do seu saber e saber-estar na relação com atletas e dirigentes, ser capaz de criar, nuns e noutros, a motivação própria de quem se sente a participar e contribuir de modo efectivo para o progresso colectivo. O sucesso dos treinadores dos escalões de formação não deve estar relacionado

com o resultado dos jogos, nem depender da habilidade técnica dos seus jogadores e do seu progresso até atingirem o escalão sénior (Cushion & Jones, 2001). Esta situação foi enfatizada por Carr e Prosser (1997, p.12), ao afirmarem “the main priority as a youth team coach is to produce a steady supply for the first team”. Esta característica foi referida também por Van Lingen (1997).

A investigação na orientação de objectivos levou a que fossem descobertos dois grandes objectivos em situações de realização pessoal, a saber: orientação tanto de tarefas como de ego (Ames, 1984, 1992; Dweek & Leggett, 1988; Nicholls, 1984, 1989). Quando um indivíduo é orientado para tarefas, entende que o sucesso e a competência são baseados na mestria e/ou no melhoramento pessoal. Assume-se que a orientação para tarefas levará a um comportamento positivo. Quando se é orientado para o ego, o sucesso é normalmente referido e o indivíduo importa-se muito em demonstrar habilidade/agilidade ao ultrapassar os outros ou sendo o melhor (Nicholls 1989). No caso de um indivíduo orientado para o ego que questiona a adequação da sua competência, os comportamentos negativos são os mais prováveis de ocorrer. Duda (1989) descobriu que os atletas que tinham bons resultados na orientação para tarefas tendiam a acreditar que o desporto devia promover competências de cooperação bem como o desejo de mestria pessoal. A orientação para tarefas foi negativamente relacionada com o ponto de vista em que o desporto deveria consolidar o status social. Ao invés, a orientação para o ego foi positivamente ligada com a crença de que o desporto deve aumentar a mobilidade de carreiras profissionais, aumentar a popularidade e criar um espírito competitivo. A orientação para o ego foi negativamente relacionada com a ideia de que o desporto devia fomentar um bom sentido de cidadania.

O processo de treino, segundo Serpa (1999), deve ser gerido no sentido de desenvolver a motivação intrínseca, a orientação para a tarefa e realização de objectivos pessoais, constituindo-se como uma situação de divertimento e bem-estar para as crianças e jovens, não obstante a seriedade e exigência que lhe devem estar associados.

Biddle (1999) aponta que orientações voltadas para a tarefa em similitude ou em combinação com orientações para o ego dos atletas estão associadas com emoções positivas e provocam respostas motivantes por parte dos atletas, sendo, igualmente, necessário a criação por parte dos treinadores de um bom clima de treino.

Alsó (2001), refere que é necessário que o treinador mude o seu papel, assumindo modelos éticos, para que se sinta um educador e não um mero técnico.

Para Marques (1999) o treinador não é apenas um “treinador”. Tem, para além de tarefas desportivas estritas, responsabilidade pedagógica pelo presente e pelo futuro das crianças que lhe são confiadas, o que lhe exige conhecimentos sobre o desenvolvimento motor, biológico, psíquico e social da criança, mas também capacidade de integração desses conhecimentos nas propostas da prática e uma sólida formação moral. Robertson (1998) refere que, na perspectiva do atleta, este dá especial

preponderância ao papel do treinador; refere, também, que no desporto, para a maioria das crianças e adolescentes, o treinador é uma das pessoas com mais significado.

Dos muitos aspectos que podem influenciar a prestação dos atletas, a relação que se estabelece entre o treinador e o atleta assume um factor decisivo. Segundo Patrikson e Eriksson (1990), essa relação é um dos aspectos mais importantes do sistema desportivo. A qualidade da actividade desportiva em jovens praticantes é fortemente influenciada pelo seu treinador, especialmente pela forma como este interage com eles (Bortolli, Malignaggi & Robazza, 1995; Pereira & Sarmento, 1997; Santos, 1997). Salminen e Liukkonen (1996), ao efectuarem um estudo com 400 atletas e seus treinadores, referem que treinadores que se preocupam com as opiniões e sentimentos dos atletas têm uma melhor relação com eles.

Csaba (1995), salienta que a cooperação entre treinador e atleta é extremamente importante como factor determinante na performance, sendo este o resultado da actividade comum do treinador e do atleta. O desportista não é o único a ser examinado durante a competição, o seu treinador também o é, participando no sucesso e no insucesso. Como base para essa cooperação, surge o acordo que é definido pelo autor como o desenvolvimento de pontos de vista comuns para acções comuns no futuro. Seguindo a mesma linha, Serpa (1996) refere que os resultados obtidos pelo atleta dão sentido e expressam o seu profundo investimento, tanto dos treinadores como das organizações desportivas.

Stambulova (1996) refere a importância do estudo das relações que se estabelecem entre o treinador e o atleta durante o percurso da carreira desportiva do atleta. Refere, ainda, que um percurso planificado pode incrementar e potenciar o nível de alcance dos resultados desportivos. Defende que os objectivos principais de eficiência expressam-se em termos do trabalho do treinador, do trabalho do atleta, da relação treinador – atleta e do investimento que cada um despense na sua participação desportiva.

Adelino, Vieira e Coelho (1999) referem que as funções do treinador de crianças e jovens ultrapassam substancialmente os aspectos relativos ao ensino da técnica e da tática e ao desenvolvimento das suas qualidades físicas, abrangendo outras áreas não menos importantes, que podem condicionar o seu comportamento desportivo, mas de que é possível, igualmente, extrair reflexos para a sua vida de cidadão comum. Para Conroy e Coatsworth, (2006) cenários de actividades construídos cuidadosamente, podem ter benefícios positivos no desenvolvimento psicosocial de crianças e jovens.

Ledent, Cloes, Onofre, Telama, Almond e Piéron (1997) salientam a importância da influência exercida pelos treinadores, entre outros intervenientes, nos jovens praticantes. Referem, ainda, que a modalidade que praticam e a qualidade das experiências vividas, no domínio das actividades físicas e desportivas, exercem uma influência profunda na percepção de uma vida activa e saudável na idade adulta.

Araújo e Henriques (1999) referem que uma das funções principais do treinador é saber gerir paradoxos em situações com um elevado grau de imprevisibilidade. Não existem duas situações iguais: o que funciona agora optimamente pode não funcionar no momento seguinte.

Cunha, Gaspar, Costa, Carvalhos e Fonseca (2000) efectuaram um estudo no futebol, onde referem as características “mais votadas”, no que se refere às imagens associadas ao treinador. Assim, se para os juvenis o treinador é uma ‘pessoa responsável, honesta, amiga dos atletas e muito trabalhadora’, já para os juniores a imagem é afectada por demonstrar ser uma pessoa estagnada, que não evolui, desorganizada e, talvez por isso, rejeitada. Os seniores regionais vêem-no como organizado e responsável, trabalhador, amigável, crítico e aberto, altruísta, honesto e aceite, estudioso e habilitado, privilegiado. Os seniores nacionais como trabalhador e habilitado, responsável, crítico e organizado, honesto, amigável, altruísta e estudioso. Como características “menos votadas”, o carácter intocável e formal representado pelos grupos juvenis e seniores (nacional e regional). Ainda segundo os mesmos autores, muitos dos problemas que afligem o sistema desportivo direccionam-se para os treinadores e para o seu papel na organização, condução e orientação do processo desportivo, o que lhes exige um sentido de responsabilidade muito elevado.

Smith (2003) refere que comportamentos violentos e agressivos por parte dos treinadores podem ter tido algum sucesso no passado, mas, actualmente, os atletas não estão motivados para este tipo de comportamentos, que podem desencadear o abandono dos mesmos ou, de forma diversa, o fim da carreira do treinador.

Marques (2001) refere que é exigido ao treinador competência a vários níveis: na perspectiva da sua experiência prática; relativamente aos conhecimentos científicos e, simultaneamente – num estágio superior – capacidade de reflexão e elaboração sobre as possibilidades e condições de desempenho nas competições desportivas. O treinador deve ser versado nos domínios da organização, da administração, da economia, da ciência e da pedagogia; é um gestor de recursos e estratégias; um condutor de homens e um coordenador de uma equipa de especialistas. Para Potrac, Jones e Armour (2002), muito do trabalho do treinador, num contexto social e cultural específico como é o processo de treino está ligado a outros personagens como os atletas, os directores e colegas, podendo ser influenciado por constrangimentos de diferente índole.

Após a referência às funções dos treinadores, Bento (1995) refere que o ensino nunca se realiza sem objectivos e acontece sempre em determinados conteúdos escolhidos para o efeito. Por isso, ao efectuar-se o planeamento e a preparação do treino, deveremos verificar se os objectivos estabelecidos poderão realmente ser alcançados com os conteúdos, métodos e meios escolhidos. Lima (1989) refere o erro dos treinadores que querem ser rapidamente conhecidos como “fazedores de campeões”, orientando e dirigindo a iniciação das diferentes modalidades desportivas de modo a impor às crianças e jovens objectivos que eles não podem atingir. A progressiva relevância e difusão

do desporto, segundo González (1993), têm contribuído para deteriorar o modo de praticá-lo, sofrendo as relações de convivência entre treinadores e atletas e primando o êxito e o triunfo a todo o custo.

Walling e Duda (1993) referem que a melhor prestação dos atletas acontece quando os objectivos dos atletas e da equipa estão esclarecidos e quando o treinador consegue que os seus atletas se sintam orgulhosos por fazerem parte da equipa. Rosado (1995) refere que o treinador tem que ser concebido como um profissional activo, em que a definição de objectivos e a busca de informação no contexto dos mesmos faça parte da sua actividade.

2.1.1- A Liderança Pedagógica.

Para Vanek (1989), sendo desde muito cedo modelo para os jovens, o treinador assume, muitas vezes, a primeira experiência de autoridade que vivem fora de casa. Estas situações podem provocar no atleta um papel de profunda dependência. Ainda para o mesmo autor, compete ao treinador a responsabilidade de dar início ao processo de hetero – conhecimento e, também, o de auto-conhecimento, isto porque é este o seu papel social mas, também, por ter, supostamente, maior maturidade, conhecimento e formação. Greendorfer e Lewko (1978) e Weiss e Knoppers (1982) referem que, se no período da infância a influência dos pais é determinante na vida desportiva das crianças, já no período da adolescência – 12/17 anos – essa influência decresce significativamente, passando os treinadores e os companheiros de equipa, ou de actividade, a desempenharem esse papel e a marcarem decisivamente o envolvimento dos jovens na prática desportiva.

Anshel (1991) refere que o técnico assume um papel mais preponderante na regulação dos comportamentos e atitudes do praticante do que qualquer outro indivíduo no domínio do desporto.

No exercício da sua profissão, Araújo (1998, pp. 85) refere que:

O treinador deve ser formal, firme e disciplinador, sem que isso signifique abdicar de comportamentos cordiais e até amigáveis para com aqueles que se revelam merecedores dessa distinção. Ser exigente não é ser injusto, e todos os que nos rodeiem que assim o justifiquem pelo respeito que souberam conquistar requerem, da parte do treinador, o incentivo sempre presente numa retribuição mais personalizada e efectiva.

Abordando de uma forma mais específica o aspecto da liderança, Araújo (1997) refere que ao treinador é exigido um desempenho onde, mais do que actuar de um modo autoritário, ele veja a sua autoridade reconhecida.

Para Araújo (2001), o acto de liderar equipas de alto rendimento subentende um desempenho de liderança exercido de modo competente e segundo uma autoridade reconhecida e não imposta; o treinador deve, ainda, possuir a capacidade para conseguir, gradualmente, condicionar os

comportamentos e atitudes dos membros da equipa: disponibilizando-os para estarem ao serviço da equipa e não dos seus interesses individuais.

Chaskielberg (2001) refere que a capacidade do treinador para determinar o estado de ânimo de uma equipa é uma das habilidades mais importantes associadas à liderança. Hightower (2000) refere que o treinador tem de assumir o papel de líder de forma a reduzir a ansiedade quando o envolvimento é desfavorável, de forma a orientar os atletas mais inseguros. Para Owen (2000) líderes e seguidores devem estar ligados através de um conjunto de valores que permita aumentar as capacidades e talentos que existam, sendo muito importante que os seguidores estejam envolvidos no processo de desenvolvimento dos mesmos.

González (1996) e Martín (2001) referem que os atletas investem grande parte do seu tempo treinando para obter bons resultados na competição e que os treinadores têm um papel muito significativo para que os seus atletas alcancem a destreza e o desenvolvimento pessoal. No processo de treino e competição é muito importante a interação que se estabelece entre os atletas e os treinadores. Cross (1995) refere que alguns atletas de alto nível querem que os treinadores tomem as decisões por eles. Esta situação é descrita por Lyle (1999) como um princípio de autoridade consentida, aceitando o atleta altos níveis de instrução técnica e uma intervenção directa *“because of the coach’s emphatic and supportive approach”* (Lyle, 1999, p. 42).

2.1.2- O Papel da Comunicação na Relação Interpessoal Treinador-Atleta

Treinar bem é o resultado de comunicações eficientes. Quando estabelecemos objectivos, ensinamos ou aprendemos, fazemo-lo através da comunicação. É por isso que o domínio das técnicas de comunicação é tão importante para o treinador (Leith, 1992; Mesquita, 2000).

Martens (1999) salienta que a comunicação é um elemento decisivo para o exercício da função do treinador. Refere, ainda, que não existe só a comunicação verbal, pois também comunicamos com os outros pelas expressões e pelos actos. Refere que treinar é, na sua essência, um processo de comunicação.

Smith, Smoll e Curtis (1978) referem que, primeiramente, a atitude dos atletas em relação ao treinador, à actividade e aos colegas de equipa é afectada pelo reforço social do comportamento do treinador. Em segundo lugar, o treinador deve constituir-se como um recurso para selecção de problemas que, eventualmente, apareçam, transmitindo, deste modo, segurança ao atleta, o que exige um processo anterior de facilitação da comunicação treinador – atleta.

Madden e Evans (1993) estudaram a influência da comunicação do treinador nos resultados desportivos das equipas. Foi analisado o conteúdo da comunicação dos treinadores de futebol australiano, em vinte e três períodos de pausa, através de registo áudio. Os autores apontaram que os

treinadores devem restringir-se a alguns pontos pertinentes, em vez de recorrerem a uma comunicação muito elaborada, com um grande número de comentários e de soluções.

Vanyperen (1994) refere que, quando existe uma atmosfera muito competitiva dentro de uma equipa, a falta de apoio pode conduzir à existência de uma pobre ou inadequada comunicação interpessoal.

Carling e Heller (1995) referem que, como os atletas, os treinadores têm estilos muito diferentes, mas todos devem ter algo em comum: ser grandes comunicadores. Não é só uma questão de saber ver o que deve fazer um atleta, mas que sejam capazes de persuadi-lo para que o faça.

Bortoli, Malignaggi e Robazza (1995) defendem que a existência de programas que visem melhorar a comunicação entre treinadores e atletas devem ser levados em consideração principalmente em atletas jovens e levarão, conseqüentemente, a uma diminuição no abandono da prática desportiva.

Dale e Wrisberd (1996) realizaram um programa de aconselhamento com jogadoras de voleibol de nível nacional e dos seus treinadores, na procura de criar melhores canais de comunicação e de forma a desenvolver um ambiente mais aberto, bem como a constituição de objectivos comuns para a equipa. Foram encontrados resultados bastante positivos, tendo existido melhorias significativas nas características dos atletas, equipas e treinadores. Como resultado da participação neste processo, treinadores e voleibolistas concordaram que havia um melhor ambiente para comunicar. As jogadoras expressaram, ainda, uma agradável melhoria na contribuição no plano de treinos e nos objectivos para a competição.

Bloom, Schinke e Salmela (1997) criaram quatro estádios de desenvolvimento no basquetebol: “novatos”, “desenvolvimento”, “elite nacional” e “elite internacional”. Efectuaram, então, um estudo usando esta progressão de estádios como estrutura na análise da habilidade de comunicação em seis treinadores experientes. Os resultados mostraram que os treinadores alteram a sua forma de comunicar com os atletas à medida que a sua carreira vai progredindo. Ficou claro, para estes autores, que os treinadores vão desenvolvendo e refinando a sua comunicação em função do estádio em que se encontram, de forma a obterem dos seus atletas uma melhor prestação.

Wang e Ramsey (1997) defendem que a habilidade para comunicar é uma das mais críticas para que um treinador tenha sucesso. Os treinadores têm que saber transmitir os seus objectivos e expectativas às suas equipas (Shelley & Sherman (1997) e ter em consideração as diferenças individuais dos seus atletas, de maneira a fazer com que esses objectivos consigam ser interpretados de uma forma uniforme pela equipa (Hanselwood, Joyner, Burke, Geyerman, Czech, Munkasy & Zwald, 2005).

Segundo Siedentop (1998), é importante que o treinador seja um comunicador eficaz, uma vez que quando há uma má comunicação, o resultado é frequentemente confuso e mal-entendido. Muitas

situações, em bastantes casos, levam ao erro ou desencadeiam problemas, tanto para o treinador como para os atletas.

Segundo Hotz (1999), os bons treinadores, se são treinadores de sucesso, distinguem-se dos restantes essencialmente pela sua capacidade de comunicação, para além de possuírem todas as outras qualificações de especialização próprias de cada modalidade, os treinadores devem também ser pedagogos empáticos, especialistas em termos psicológicos e orientados para uma concepção humanista do homem. É nestas características que devem incluir-se as suas capacidades de comunicação: os treinadores devem ser especialistas da comunicação interpessoal e não apenas aquela que se orienta para o sucesso desportivo. A função do treinador, enquanto pessoa que comunica, é a de transmitir as informações individualmente mais adequadas, de maneira convincente, no momento oportuno, com o doseamento certo e de tal modo que forneça um suporte adequado ao tipo de aprendizagem em causa.

Desenvolver os canais de comunicação com a equipa e entre todos os seus membros e comunicar com todos no estrito respeito das suas individualidades, são, segundo Araújo (2001), premissas para se liderar uma equipa de alto rendimento. Santos e Rodrigues (2004) acrescentam que a capacidade que o treinador tem para comunicar de forma segura, bem planeada, criativa, directa, com variações na forma e na locução e sempre com um carácter positivo, pode ter consequências na preparação dos atletas para a competição.

No fundo, tal como referem Smith, Smoll e Cumming (2007), no ambiente da prática desportiva de crianças e jovens os treinadores têm grande influência na natureza e qualidades das experiências desportivas. Os objectivos, as atitudes e valores promovidos por estes e a natureza das suas interacções com os atletas podem de uma forma bastante vincada influenciar os efeitos da participação desportiva dos atletas.

2.1.3- O Relacionamento em Competição

Vários investigadores têm referido, com insistência, que o factor “demasiada pressão” posta na competição pelos treinadores e os problemas de relacionamento pessoal com estes, constituem duas das principais razões invocadas pelos jovens praticantes para justificarem o seu abandono da prática desportiva competitiva (MacPherson, Marteniuk, Tihanyi & Clark, 1980; Gould, Feltz, Horns & Weiss, 1982; Klint & Weiss, 1986;

Smith, Smoll e Curtis (1978) defendem que o treinador deve auxiliar os competidores no cumprimento de estratégias anteriormente estabelecidas, na análise da situação competitiva e na gestão do comportamento adequado.

Orlick (1990) refere três aspectos da actuação do treinador que poderão alterar a prestação do atleta: (1) tendência para activar constantemente o desportista antes de uma competição importante;

(2) modificação de última hora de padrões técnicos estabelecidos e (3) feedback inadequado, que não visa o suporte social ou o realce positivo da execução.

Referido posteriormente por Serpa (1995), é necessário que o treinador mantenha o seu comportamento coerente e constante, pois uma alteração em competição seria um factor adicional de stress para o atleta, que seria sujeito a um esforço suplementar de adaptação ao novo comportamento do treinador.

No que se refere à intervenção dos treinadores durante a competição, tem sido abordada por alguns autores e enumeram os seguintes erros mais comuns do treinador: a tendência para activar constantemente o atleta antes da competição (opinião partilhada por Orlick, 1990; Serpa, 1995; 1996 e Pizzi, Fiorineschi, Tortorelli, Grifoni & Giorgi, 2002), a inadequação dos feedbacks dados aos atletas, muitas vezes centrados nos aspectos negativos da prestação ou execução, o abandono dos atletas após um mau resultado ou a incapacidade de controlar as suas emoções na relação com os atletas em geral e, especificamente, em intervenções que, reduzindo a tensão do técnico, não trazem benefícios para os atletas.

Salmela, Draper e Laplante (1993) referem que os treinadores devem apresentar características como dedicação, entusiasmo e expectativas elevadas, com consequências positivas no ambiente de treino que criam, bem como desenvolver estratégias de auto-controlo emocional e cognitivo, de modo a poderem exercer influências favoráveis nos atletas durante as competições, evitando-lhes a vivência de pressões exageradas.

O treinador deverá saber como se aproximar dos atletas e como criar a atmosfera adequada durante os treinos e as competições (Pina, 1998). Opinião partilhada por Lindauer (2000), que refere, ainda, a necessidade do treinador conhecer bem as necessidades da sua equipa.

De Rose Júnior, Deschamps e Korsakas (1999) referem, num estudo efectuado em basquetebol, que o treinador tem uma grande influência no desempenho dos jogadores em função do seu comportamento durante os jogos. Treinadores com comportamentos extremos (ausentes ou extremamente exigentes), injustos, ou com pouco conhecimento do jogo podem, de acordo com a opinião dos atletas entrevistados, interferir negativamente sobre o seu comportamento em jogo.

No que se refere às características relacionais do treinador e de acordo com os *experts* nesta área, verificamos que existem opiniões muito diversificadas quanto às qualidades que os treinadores devem possuir, pelo que recorremos a uma citação de Araújo (1994, pp. 38) que refere que: “O treinador ideal nem mesmo no domínio da utopia poderá ser descrito, não existindo um perfil único de treinador mas sim uma série infindável deles, consoante as circunstâncias e respectivas necessidades de intervenção.”

No que se refere à relação treinador-atleta, os autores consultados referem, em termos gerais, que os treinadores são pessoas de referência importante para os atletas, para além, de ser um elemento

imprescindível e fundamental para o sucesso desportivo dos mesmos. Possuem um papel importante na gestão e orientação tanto do processo de treino como na competição. Devem provocar empatia e devem ser possuidores de uma sensibilidade e capacidade de compreensão, de forma a se adaptarem aos atletas que estão preparando, para tal, as relações devem ser boas, o ambiente de trabalho positivo e devem predominar as intervenções pedagógicas aprovativas. Dada a responsabilidade pedagógica que possuem, os treinadores devem saber gerir paradoxos em situações imprevisíveis comuns no processo de treino.

Dado que o treinador é a primeira experiência de autoridade fora de casa, assume um papel de grande predominância nas regulações dos comportamentos e atitudes do praticante. A sua liderança deve ser assumida e deve ser exercida de um modo competente e é-lhe exigido um desempenho onde mais importante do que actuar de um modo autoritário, a sua autoridade deve ser reconhecida.

O domínio das técnicas de comunicação é muito importante para o treinador e é um elemento decisivo nas suas funções. O facto de que treinar é na sua essência um processo de comunicação provoca que os treinadores devem ser grandes comunicadores e fazê-lo de uma maneira eficaz e eficiente. Os bons treinadores e os treinadores de sucesso se distinguem dos restantes pela sua capacidade de comunicação.

Os treinadores devem pois manter o seu comportamento coerente e constante, possuindo um grande auto-controlo emocional e cognitivo evitando pressões exageradas e comportamentos extremos.

2.2. Comportamento Pedagógico do Treinador

A efectividade dos programas de formação de treinadores tem sido identificada como um factor fulcral no desenvolvimento de treinadores de qualidade. Reconhece-se que o treino de alta qualidade tem a capacidade de maximizar os benefícios desportivos para os participantes de qualquer nível (Knowles, Borrie & Telfer, 2005). Para Seaborn, Trudel & Gilbert (1998), os comportamentos pedagógicos decorrem num processo amplo de interacção entre os actores do processo de ensino-aprendizagem e esta interacção entre o treinador e seus atletas tem sido investigada à mais de 20 anos, predominando a utilização de técnicas de observação sistemática para aprofundar o conhecimento sobre os comportamentos dos treinadores durante jogos ou treinos.

Nash e Collins (2006) constataam que o treinador está envolvido numa variedade de tarefas distintas e, neste âmbito, precisa de organizar as sessões de prática, ensinar as técnicas, as habilidades e as táticas, assegurar uma óptima preparação e guiar a equipa ou indivíduo através da temporada. Para fazer isto utiliza diferentes tipos de conhecimentos para resolver os problemas e, no final de contas, tomar as decisões pedagógicas muito diversas.

Trata-se, em boa medida, de otimizar os processos instrucionais, entendida esta, segundo Siedentop (1991), como os comportamentos de ensino, verbais ou não verbais, que constam no repertório de professores ou treinadores para comunicar informação substantiva.

More & Franks (1996) referem que uma instrução efectiva é um factor importante na busca de uma performance desportiva otimizada, e que, quanto mais efectiva for esta instrução, mais beneficiará a performance dos atletas.

Rosado e Mesquita (2007, p.4) afirmam, por outro lado, que os modelos de formação de treinadores em Portugal têm seguido uma orientação transmissiva e tecnicista, exigindo uma assimilação de conhecimentos práticos e, a partir desta abordagem tecnicista, desenvolvem competências de ordem técnica e metodológica:

...deixando de lado, muito significativamente, a formação em matéria relacional e deontológica, o desenvolvimento de posturas profissionais reflexivas e críticas, a aquisição de uma consciencialização de si enquanto pessoa e enquanto profissional, e a possibilidade de desenvolver competências de investigação e criatividade (p.4).

Os autores alertam para o facto de que a formação profissional dos treinadores através dos cursos existentes, é muito reduzida no tempo e os treinadores não recebem toda a formação que precisam para o desempenho da sua actividade profissional.

Da mesma forma, Lemyre, Trudel e Durand-Bush (2007) advogam que a aquisição de conhecimentos por parte dos treinadores desportivos dos mais jovens é, em parte, assegurada pela certificação obtida através de programas formais de formação de treinadores e que esta aquisição de conhecimento não garante a competência no terreno.

Jones (2007) alerta para que a ciência do treino não mude totalmente o seu foco mas que haja uma mudança no sentido de incluir um foco mais pedagógico, dando ênfase às interações entre treinadores e atletas, podendo acrescentar desta maneira contribuições valiosas para melhor definir sua natureza.

Sendo assim, novas estratégias de formação com a utilização de formas de aprendizagem diferentes das habituais são fundamentais, pois segundo Rosado & Mesquita (2007), repensar a formação dos treinadores envolve, necessariamente, embora não exclusivamente, a utilização dos conhecimentos científicos mais actuais nesta matéria.

O comportamento pedagógico do treinador, entendido como as práticas e as estratégias de ensino presentes nos cenários de treino, nomeadamente, no que diz respeito à relação inter-pessoal entre o treinador e o atleta, são de importância fundamental, pois segundo Reinboth, Duda e Ntoumanis (2004), os diferentes contextos sociais manifestados e, em particular, os comportamentos e

estilos interpessoais de treino, podem ter um papel fundamental em moldar os potenciais efeitos psicológicos, emocionais e físicos (tanto negativos como positivos) do envolvimento desportivo.

Martens, Christina, Harvey e Sharkey (1981) referem que ser um treinador de sucesso é algo mais do que ser um treinador vitorioso. Os treinadores de sucesso ensinam novas destrezas e exercícios, ajudam os jovens na aquisição e consolidação das aprendizagens, ensinam-lhes a terem satisfação na actividade desportiva, a terem prazer na competição, a desenvolverem a sua auto-estima e preocupam-se com o seu futuro na sociedade.

Sarmiento (1991a) defende que os treinadores devem dominar instrumentos suficientes para modificar certos conhecimentos indesejáveis dos atletas, alertando para a necessidade de abordar, na formação, as técnicas de intervenção pedagógica, nos aspectos da gestão e controlo, nas estratégias de observação, instrução, informação e na avaliação.

O treinador tem de dominar, nomeadamente, técnicas de intervenção pedagógica que lhe permitam evitar comportamentos indesejáveis por parte dos atletas e alcançar a tão desejada performance dos mesmos (Sarmiento, 1991b; Crespo & Balguer, 1994; Cruz & Gomes, 1996; Lopes, 2003).

Segundo Wooden (1972), durante o jogo, o treinador necessita de estar alerta no sentido de corrigir, se necessário for, quer aspectos individuais quer algo de natureza colectiva. Convém que encoraje e incite constantemente os seus jogadores.

Rushal (1979), por seu lado, enumera três classes de comportamento que, na sua perspectiva, o treinador deve gerir para facilitar a adaptação psicológica do atleta à competição. Assim, o técnico deve constituir-se como um modelo de referência, manifestando uma atitude séria e positiva perante a competição. Ao mesmo tempo, deve transmitir controlo emocional bem como confiança na capacidade de lidar com a situação, já que as variações na reacção do treinador à situação serão elementos de distração para o atleta, em resultado da inerente exigência de adaptação a tais comportamentos do seu técnico.

Cratty (1984) chama a atenção para as mudanças de tipo de relação, ao longo do tempo, entre técnico e praticante, que acompanharão o processo de maturação pessoal e desportiva do atleta. Ligado a este aspecto, foca a difícil situação com que, por vezes, os desportistas são confrontados, ao constatarem que a evolução que tiveram, ao longo da qual foram acompanhados pelo seu treinador de muitos anos, ultrapassou as capacidades deste, o que determina um conflito psicológico inerente à decisão de mudar de treinador, cortando, desta forma, uma relação de profundo significado afectivo.

Como podemos observar a partir da literatura consultada, a efectividade dos programas de formação é considerada como um factor fulcral no desenvolvimento de treinadores de qualidade. O facto de os treinadores possuírem várias funções, que os obriga a tomar diversas decisões pedagógicas, leva a que possuam uma instrução efectiva, apesar de estes programas não garantirem competência no

terreno. Os diferentes contextos pessoais existentes levam a que os treinadores tenham um papel fundamental no moldar dos potenciais efeitos psicológicos, emocionais e físicos do envolvimento desportivo. Devem também não excluir o desenvolvimento da auto-estima dos atletas e devem dominar instrumentos e técnicas de intervenção pedagógica de forma a modificar comportamentos indesejáveis dos atletas e preocuparem-se com o papel futuro que os mesmos irão ter na sociedade.

2.2.1- Comportamento Pedagógico do Treinador em Treino

Verifica-se, hoje, um interesse crescente e pertinente em se caracterizar a actividade pedagógica do treinador, identificando e analisando variáveis que lhe são inerentes (Piéron, 1986; Seagrave & Ciancio, 1990; Rosado, 1997; Gallimore & Tharpe, 2004; Gilbert & Trudel, 2004; Smith & Cushion, 2006).

Na área do treino existem inúmeros estudos utilizando a observação do comportamento. Estes estudos incorporam técnicas de observação sistemática, tendo-se assistido, durante os anos 80, a uma proliferação de instrumentos de observação criados especificamente para o treino (Lacy & Darst, 1984; Crossman, 1985; Hastie, 1999). Piéron e Carreiro da Costa (1995) salientam que o conhecimento pedagógico acerca dos conteúdos a ensinar deve ser complementado com a habilidade pedagógica, entre outros aspectos, para observar quer os comportamentos e as prestações motoras dos executantes, quer os acontecimentos ocorridos na sessão.

De Marco, Mancini e Wuest (1997) defendem que a melhoria na intervenção ao nível do treino passa por uma observação sistemática das sessões de treino efectuadas pelos próprios treinadores, ou seja, aconselham os treinadores a gravarem e observarem as suas próprias sessões de treino. Esta situação já tinha sido referida anteriormente por Mancini, Wuest e Vand der Mars (1985); Mancini, Clark e Wuest (1987); Gordon (1992) (a investigação deste autor foi efectuada no basquetebol).

Tharp e Gallimore (1976) efectuaram um estudo, que pode ser considerado pioneiro, acerca dos treinadores de sucesso e dos comportamentos evidenciados por estes. Os autores referidos, segundo Ferreira (1998), analisaram o caso específico de John Wooden, treinador de basquetebol da UCLA/EUA; com este estudo, conseguiram identificar as principais funções pedagógicas do treinador e atender ao respectivo perfil comportamental (após observação sistemática durante 15 sessões do comportamento do treinador em causa, sobressaem os comportamentos de re-instrução e de pressão). Wooden praticamente em todas as sessões aproveitava para ensinar, 75% dos actos de ensino deste treinador possuíam alguma intervenção pedagógica.

A avaliação dos comportamentos, de acordo com este modelo, baseou-se no Sistema de Avaliação do Comportamento de *Coaching* (*Coaching Behavior Assessment System – C.B.A.S.*), que utiliza a observação sistemática (Smith, Smoll & Hunt, 1977). Este instrumento deu um grande impulso no estudo do comportamento dos treinadores (Senne, 1989; Perkins, 1990; Hastie, 1999).

Outros desenvolvimentos considerados notáveis nesta área incluem a criação do *Arizona State University Observation Instrument* – ASUOI (Lacy & Darst, 1984), que tem sido utilizado para comparar o comportamento dos treinadores em inúmeros contextos e do *Coaching Behaviors Observational Recording System* – CBORS (Tannehill & Burton, 1989).

O estudo de Tharp e Gallimore (1976) inspirou outros que, recorrendo à observação sistemática, analisaram o comportamento dos treinadores em treino e em competição.

Smith, Smoll e Curtis (1978) estudaram os treinadores da liga de basebol americana quanto à relação entre os treinadores e os jogadores, estudo este frequentemente citado (Piéron, 1988; Trudel, Côté & Donohue, 1993). Surge o Modelo Multidimensional de Liderança, modelo que foi desenvolvido por Smith, Smoll e vários colaboradores a partir de 1978 (e, posteriormente, num artigo de 1989), tendo por objectivo conceptualizar e examinar a influência dos comportamentos do treinador no desporto juvenil. Os autores concluem que as características individuais do treinador e dos atletas influenciam a percepção daquele sobre as atitudes destes e determinam o comportamento do treinador, assim como as reacções avaliadoras dos atletas e a sua percepção e recordação do mesmo (Smith, Smoll & Curtis, 1979).

A observação sistemática do comportamento do treinador permite a obtenção de dados para traçar o perfil comportamental dos treinadores, tanto na situação de treino como em competição. Este tipo de análise também nos permitirá, caso seja necessário e possível, intervir junto dos treinadores no sentido de melhorar a sua intervenção ou influenciar programas de formação de treinadores. Gonçalves (1987) refere que, se desejarmos compreender um fenómeno e eventualmente influenciá-lo ou modificá-lo, é indispensável que tenhamos uma descrição clara do seu funcionamento.

Claxton (1988) analisou o comportamento dos treinadores com e sem sucesso na modalidade de ténis. Os resultados demonstraram que os treinadores passam muito tempo em observação silenciosa, gestão e outros comportamentos.

Ferreira (1998) refere-se ao trabalho de Piéron e Renson (1988), mais concretamente a um estudo sobre três treinadores belgas de futebol, cujo objectivo consistia na caracterização do comportamento destes e dos atletas. Atendendo aos objectivos das situações de treino seleccionadas pelos treinadores, verificaram que a observação era a categoria dominante, seguido por instrução, orientação, feedback, outro e afectividade. Este estudo permitiu aos autores concluir que o comportamento do treinador apresenta diferenças em função dos seus objectivos em relação à situação de treino (técnica, táctica e competição simulada no treino).

Rupert e Buschner (1989) utilizaram o A.S.U.O.I. num estudo com 9 treinadores de basebol e verificaram que estes treinadores passam em instrução 22% do total de tempo observado e dão elogios em 3.7% do tempo; no entanto, o valor mais elevado (47.8%) foi para “silêncio”.

Segrave e Ciancio (1990) estudaram os comportamentos de um treinador de jovens. Os resultados indicaram que a categoria “elogios” era uma das mais observadas. Ao comparar-se os comportamentos deste treinador com outros dois treinadores de sucesso com atletas seniores, verificou-se que os comportamentos utilizados não eram os mesmos. Assim, estes resultados parecem indicar que os comportamentos afectivo-relacionais dos treinadores variam com a idade e o nível dos atletas envolvidos.

Diagrou, Gauvin e Halliwell (1991) verificaram, num estudo realizado com 45 atletas de vários desportos da Costa do Marfim, que o principal pensamento dos atletas, depois de um mau resultado, é a preocupação com o que dirão deles os treinadores, ao mesmo nível da opinião dos dirigentes e adeptos.

Douge e Hastie (1993) efectuaram uma revisão à literatura existente relativa à observação do comportamento do treinador e identificaram os treinadores como efectuando predominantemente: feedback, altos níveis de correcção ou reinstrução, questionando, dando instrução e organização do processo de treino.

Liukkonen, Salminen e Telama (1993) observaram o comportamento de 92 treinadores finlandeses durante uma sessão de treino. Concluíram que estes promoviam poucos valores humanistas, centrando-se muito no treino específico. Com o aumento do nível competitivo dos praticantes havia um significativo decréscimo no comportamento humanista do técnico. Por outro lado, em relação às características dos treinadores, os mais novos e com habilitações profissionais para o desporto adoptaram princípios mais humanistas e afectivos no seu comportamento em treino. Estas conclusões foram posteriormente confirmadas por Liukkonen e Salminen (1995).

Rodrigues, Rosado, Sarmento, Ferreira e Veiga (1993) citados por Ferreira (1998), compararam o comportamento de treinadores de Natação e de Voleibol utilizando o S.O.T.A. – Sistema de Observação do Comportamento do Treinador, onde o comportamento de observação se destaca com valores para a natação entre os 57,6% a 76,5% e para o voleibol entre os 62,4% a 66,3%; o mesmo autor (Ferreira, 1998), refere que Lacy e Martin (1994), ao estudarem o comportamento de oito treinadores na modalidade de voleibol feminino escolar, verificaram que a categoria de observação era a dominante em situações de treino e em situações de jogo.

Leitão, Serpa e Bártolo (1994) utilizaram as versões portuguesas do *Inventário de Interação Treinador – Atleta* (I.I.T.A.) e a *Escala de Liderança no Desporto* em atletas de futebol com idades entre os 14 e 15 anos e verificaram como comportamentos predominantes os de treino / instrução e reforço, sendo o autocrático o menos percebido, enquanto o I.I.T.A. mostrava em geral uma percepção positiva do treinador. Por seu lado, o técnico percepcionava-se com comportamentos de treino – instrução e reforço, mas adoptando um estilo de decisão autocrático. Comparando as

percepções dos atletas e do treinador, verificámos uma igualdade nos comportamentos de liderança mais percebidos e diferenças no estilo de decisão.

Alves, Ferreira, Veiga e Rodrigues (1994) são citados por Ferreira (1998), referindo um estudo por aqueles efectuado, onde pretendiam caracterizar o comportamento dos treinadores de ginástica rítmica desportiva, considerando o treino imediatamente antes da competição. Estudaram seis treinadores utilizando o S.O.T.A. e constataram que a observação silenciosa era a categoria dominante (44% a 57%), enquanto que, por exemplo, a correcção ficava entre os 7% a 22%. Rodrigues e Ferreira (1995), num trabalho de caracterização idêntico ao anterior, analisaram nove treinadores de ginástica de trampolins de várias nacionalidades, incidindo novamente no treino anterior à competição, tendo constatado que a categoria observação era dominante (40% a 70%), enquanto a correcção era de 6% a 29%, no treino anterior à competição.

Num estudo efectuado por Fonseca e Rocha (1995), pretendeu-se aceder à percepção do treinador sobre o estilo de liderança preferido pelos jogadores, estudando 30 atletas da equipa nacional júnior de rugby e os seus 2 técnicos. As preferências dos jogadores, segundo os seus técnicos, vão para os comportamentos de treino / instrução e reforço e um estilo de decisão autocrático, mas, na realidade, os jogadores preferem um comportamento de treino e instrução e suporte social aliado a um estilo de decisão muito mais democrático. Verifica-se concordância ao nível dos comportamentos desejados mas diferenças quanto ao estilo de decisão. Os autores concluem que estas diferenças poderão constituir-se como fonte geradora de conflitos entre treinadores e atletas, dado que os técnicos não são conscientes das preferências dos praticantes.

No estudo efectuado por Rodrigues (1995), este tem como uma das suas preocupações a procura de eventuais diferenças de comportamento de acordo com os objectivos dos treinos em diferentes momentos da época desportiva. Foram observados 10 treinadores num total de 91 treinos, distribuídos equilibradamente por quatro períodos correspondentes a cada objectivo (preparatório, pré-competição, após vitória e após derrota). O instrumento de análise foi o S.O.T.A. e o estudo revelou que existem diferenças significativas nas categorias Correcção (entre os treinos de preparação 5,3% e os treinos após vitória 2,6% e após derrota 1,7%), Afectividade Positiva (entre os treinos após vitória 0,1% e após derrota 1,7%), Pressão (entre os treinos pré-competição 3,3% e após derrota 4,7%) e Outros Comportamentos (entre os treinos pré-competição 0,3% e após derrota 3,7%). O autor conclui que, em função dos resultados, o treinador apresenta estratégias de intervenção pedagógica diferentes. Na comparação entre os treinos de preparação, pré-competição e após vitória não foram encontradas diferenças significativas.

Riemer e Chelladurai (1995) referem que, num estudo efectuado com 201 atletas de futebol americano, a satisfação dos atletas é maior quando existe maior congruência entre as percepções e preferências na dimensão dos comportamentos de suporte social. Os mesmos autores revelam, ainda,

que as percepções dos comportamentos de treino e instrução, assim como dos comportamentos de reforço, eram muito valorizados.

Num estudo efectuado de forma a estudarem a relação entre a percepção do estilo de liderança e coesão em 307 jovens jogadores de basebol e softbol, Gardner, Shields, Bredmeier e Bostrom (1996) concluíram que treinadores percepcionados com comportamentos de treino / instrução, comportamentos democráticos, apoio social e feedback positivo e poucos comportamentos autocráticos, tinham equipas mais coesas.

Ao estudar os comportamentos de entusiasmo em Voleibol, Pereira (1996) investigou tais comportamentos analisando sessões de treino em escalões de formação, de modo a verificar a influência de variáveis como formação profissional, a experiência profissional, o currículo dos treinadores, o nível de prática (escalões de formação), o sexo dos atletas e a influência dos resultados das competições nesses mesmos comportamentos. Os resultados revelaram que, em termos de comportamentos de entusiasmo, existe uma predominância dos comportamentos de Identificação do Atleta (41,5%), Encorajamento e Pressão (19%), de Feedback Positivo (15%) e de Rir, Sorrir e Gracejar (5,5%). Nos comportamentos de Não Entusiasmo, existia uma predominância dos comportamentos de Frustração e Irritabilidade (5%), Afectividade Negativa (2%), Desinteresse e Distanciação (1,7%) e de Feedback Negativo (1,5%). Quando comparados os comportamentos entusiastas e não entusiastas dos vários grupos de treinadores verificou-se que não existem diferenças significativas entre treinadores: (1) com formação, experiência e currículos diferenciados; (2) com atletas de diferentes escalões; (3) com diferentes resultados na competição ocorrida entre os dois tipos de treino.

Ao investigarem 139 atletas e respectivos treinadores e adjuntos em equipas de futebol juniores, procurando saber qual a percepção que jogadores e técnicos tinham sobre os comportamentos de liderança, Fonseca e Fonseca (1997) referem que, em relação à interacção, a dimensão treino / instrução surge em primeiro lugar, em ambos os grupos, surgindo diferenças nas outras duas dimensões. Enquanto que os futebolistas e os treinadores adjuntos percepcionam mais o reforço, os treinadores principais dirigem-se mais para o suporte social. Em relação ao estilo de decisão, a opinião dos atletas e técnicos-adjuntos é semelhante, percepcionam o autocrático, no entanto divergem dos treinadores principais, que referem os comportamentos democráticos. Concluindo, os técnicos-adjuntos estão mais perto dos praticantes que os seus líderes.

Jones, Housner e Kornspan (1997) efectuaram um estudo sobre o comportamento e as decisões interactivas em treino de treinadores de basquetebol experientes (10) e inexperientes (10), utilizando o C.B.A.S., chegando à conclusão de que os treinadores experientes deram mais instruções técnicas (90.2%) do que os inexperientes (78.4%), precisamente por terem mais experiência a analisar gestos técnicos. Realça-se também, que os treinadores inexperientes exibiram taxas elevadas de observação silenciosa (12%, três vezes mais do que os experientes).

Givens (1998), utilizando o A.S.U.O.I. em treinadores de basebol, refere que o valor mais elevado observado foi “silêncio” com 22,8% nos treinadores profissionais, 37% nos treinadores universitários e 23,1% nos treinadores das escolas secundárias. Mcgaha (2000) refere que os treinadores acreditam que o “silêncio” é de facto um comportamento efectivo e tem um papel muito importante no processo de treino.

Curtner-Smith, Wallace e Wang (1999), ao estudarem 323 atletas na modalidade de basquetebol, referem que os atletas sentem maior satisfação com os seus treinadores quanto maiores forem os níveis de suporte social.

Bloom, Crumpton e Anderson (1999), efectuaram um estudo com treinadores canadianos de alto nível em basquetebol e verificaram que quando os treinadores usam grandes percentagens de estratégias instrucionais, enfatizando as performances dos atletas, em oposição a altos níveis de comportamentos democráticos, desenvolvem atletas mais bem adaptados e equilibrados.

Kenow e Williams (1999) efectuaram um estudo em basquetebol utilizando o C.B.Q. (*Coaching Behavior Questionnaire*) e referem que os atletas que se sentem mais compatíveis com os seus treinadores e mais apoiados por estes percebem a sua habilidade para a comunicação de uma forma mais favorável. Estes autores referem, ainda, que se os objectivos dos atletas, a sua personalidade e as suas crenças são compatíveis com os dos seus treinadores, a interacção entre eles é positiva. Se o contrário acontece, leva à frustração e à perda de autoconfiança por parte dos atletas.

Sherman, Fuller e Speed (2000) efectuaram um estudo na Austrália a 317 atletas e verificaram que o feedback positivo, treino / instrução e comportamento democrático são os preferidos pelos atletas; já o suporte social e o comportamento autocrático são os menos preferidos.

Tsutsumi (2000) efectuou um estudo com 32 equipas da “*Women’s 2000 NCAA Basketball Tournament*”, tendo chegado à conclusão que os treinadores de topo utilizam mais treino / instrução e mais feedback positivo que os outros e que as suas atletas têm percepção desse facto. As conclusões revelaram, também, que a maior parte das atletas prefere feedback positivo e treino / instrução. O referido estudo mostra, ainda, a existência de uma correlação entre as percepções das atletas e as suas preferências, mas não houve correlação entre o estilo de liderança usado pelo treinador e o percebido pelas atletas e também pelo estilo utilizado pelos treinadores e o preferido pelas atletas.

Ao efectuarem um estudo num campo de verão para voleibolistas, Stewart e Bengier (2001) indicam que os atletas passam a maior parte do tempo em prática (62,2%), o resto do tempo é passado em instrução (22,9%) e gestão (14,8%). Em sessões de treino com o máximo de 74 minutos e mínimo de 55 minutos, os treinadores realizaram 122,6 feedbacks gerais positivos e 118,6 feedbacks correctivos, resultados que foram considerados pelos autores como sendo bastante altos quando comparados com o estudo anterior (Rupert & Buschner, 1989). Os feedbacks gerais negativos foram bastante baixos (1,7) por treino e os feedbacks específicos negativos foram 3.8 em média por sessão, o

que, segundo os autores, reflecte um envolvimento positivo. Os treinadores usaram os nomes dos atletas uma média de 24,1 vezes por treino e efectuaram questões individuais aos atletas uma média de 10 vezes por treino e 7,4 vezes ao grupo.

Cushion e Jones (2001) observaram 3 treinadores de futebol, durante 135 minutos cada treinador, utilizando o A.S.U.O.I. e chegaram aos seguintes resultados: após 1080 minutos de observação, a categoria que apresentou um valor mais elevado foi a instrução com 29.7%, seguindo-se dos elogios com 14.76% e o “silêncio” (observando a prática com 10.45%). Os treinadores, segundo Miller (1992, pp.42), não necessitam de estar envolvidos activamente no processo de treino, os atletas necessitam de algum tempo “*to play and not feel the tension of coach’s remarks*”. O reforço positivo apresentou-se com 3.2% e o reforço negativo obteve 0.21% dos comportamentos.

Ao estudarem 10 treinadores de futebol de equipas seniores profissional e amador, filmando 20 treinos, 2 por cada treinador, de forma a efectuarem a caracterização do comportamento funcional dos treinadores em situação de treino, Palma, Rosado, Mesquita e Calvo (2004), utilizando o S.O.T.A., referem que o estudo demonstrou só existirem diferenças significativas na categoria demonstração. Os autores concluem, então, que o comportamento funcional dos treinadores varia em função do nível de prática apenas na demonstração, o que revela, de uma forma geral, que os treinadores profissionais possuem um perfil comportamental muito semelhante aos treinadores amadores. De acordo com Williams e Hodges (2005) a demonstração é o método mais comum usado pelos treinadores para transmitir informação para os atletas, sendo essencial para informar a melhor maneira de praticar uma habilidade. Os mesmos autores referem que os treinadores, tradicionalmente, tendem a fornecer grandes quantidades de *feedback* com a crença de que quanto mais, melhor. Entretanto, uma óptima frequência do *feedback* extrínseco parece ser dependente do estágio de aprendizagem dos atletas bem como da complexidade ou dificuldade da tarefa. Portanto, assim que as habilidades sejam desenvolvidas a frequência do fornecimento de *feedback* pode ser reduzida, para encorajar os atletas a detectar e corrigir os seus próprios erros.

Graça e Mesquita (2006), referem, a este propósito, que a emissão de *feedback* após cada repetição pode ser nefasta, pois não permite ao aluno a realização de uma auto-análise em relação à performance.

Rosa, Mesquita e Rosado (2004) efectuaram um estudo no voleibol e concluíram que os treinadores dão mais importância nas suas intervenções à informação táctica, principalmente, à táctica colectiva defensiva quando se refere à sua própria equipa e na táctica individual ofensiva quando se referem à equipa adversária. Os treinadores tendem a dirigir a sua intervenção oral à equipa no geral e menos aos jogadores que estão a jogar e aos atletas individualmente. Os treinadores preferem transmitir a informação de forma descritiva (40,9%), seguido do encorajamento/pressão (25%) e da forma prescritiva (20,1%).

Horton, Baker e Deakin (2005) com o intuito de examinar o comportamento do treino de cinco treinadores nacionais canadenses, entre três desportos de equipa (basquetebol, futebol e basquetebol de cadeirantes), utilizaram o *Revised Coaching Behavior Recording Form* (RCBRF) – Formulário Revisto de Registo dos Comportamentos de Treino de Bloom et al. (1999). Encontraram como resultados, a confirmação de que a instrução constitui a maioria do comportamento dos treinadores. Mais importante, a instrução táctica foi encontrada como a forma dominante de instrução. Diferenças notáveis entre as medidas de frequência e duração foram evidentes para instrução táctica e a taxa de elogio/encorajamento. A instrução táctica foi classificada em terceiro na frequência do comportamento (25%) e em primeiro ao ser medida pela duração do comportamento (47%), representando quase metade de todo o tempo em que o treinador estava a falar com os seus atletas. Em contraste, a taxa de elogio/encorajamento, quando medida por frequência, foi o segundo comportamento mais frequente (26%); entretanto, quando medida por duração, contou apenas para 7% do tempo que os treinadores passam interagindo verbalmente com os atletas. Os resultados apoiam a noção de que treinadores experientes constroem práticas de maneira a maximizar a transferência de informação para seus atletas.

No que se refere, ainda, aos “treinadores experientes”, Schempp, Webster, McCullick, Busch e Mason (2007) referem que a investigação tem demonstrado que treinadores experientes: planeiam de forma mais apropriada do que os principiantes; possuem um conhecimento de base mais rico e extensivo; são organizados; constroem um conhecimento a partir de fontes baseadas na disciplina e experiências práticas; têm mais rituais na emissão de instrução do que os principiantes; têm domínio de uma variedade de técnicas instrucionais; possuem capacidades analíticas e de raciocínio e demonstram uma capacidade perceptiva mais apurada do que os principiantes.

Da mesma forma, Rosado, Mesquita, Januário e Breia (2007) defendem que quando o treinador dá informação, principalmente acerca do conteúdo da prática, ele precisa controlar a ambiguidade. Ambiguidade esta que pode ser diminuída utilizando uma maior clareza, resultando numa maior compreensão da tarefa e maior aderência, melhorando desta forma, o processo de ensino-aprendizagem.

Potrac, Jones e Cushion (2007) realizaram um estudo no futebol profissional inglês, de forma a analisarem o comportamento dos treinadores. Utilizando o A.S.U.O.I., os resultados mostraram que os treinadores ocupam 54,45 % em instrução. Os autores realçam o facto de os treinadores utilizarem 15,44% em “elogios” e apenas 0,67% em desaprovação e 14,54% “silêncio”. O “silêncio” foi encontrado como a quarta categoria mais utilizada pelos treinadores. Pode-se notar que o *silêncio* geralmente ocorria quando os treinadores estavam observando aspectos relacionados com o treino e, apesar de não manterem um comportamento interactivo com seus atletas, os autores discutem que o silêncio não é um comportamento negativo, já que seria irreal esperar dos treinadores um

envolvimento constantemente activo durante o período de pratica. Os autores enfatizaram na sua conclusão a relevância deste estudo no alargamento do conhecimento sobre as intervenções pedagógicas de treinadores ingleses de futebol. Contudo muito trabalho precisa ainda ser feito para que se possa ter uma configuração definitiva de tais acções.

Sobrinho (2007) efectuou um estudo que teve por objectivo analisar os comportamentos pedagógicos de treinadores de Voleibol no contexto do treino de crianças e jovens. Participaram no estudo 11 treinadores de equipas masculinas e femininas dos escalões de iniciados e juniores. A recolha de dados foi realizada a partir do A.S.U.O.I. e de um questionário para obter dados acerca das características pessoais e profissionais de cada sujeito. Numa análise descritiva dos resultados pode-se observar a predominância da categoria “silêncio” com 33.89% de todos os comportamentos codificados. A seguir, aparecem as categorias “pós-instrução” com quase 17% de utilização, “pré-instrução”, “instrução simultânea” e “reforço” com respectivamente 9.72, 9.26 e 9.17% de utilização pelos treinadores. Com menores percentagens de utilização aparecem, em ordem decrescente, as categorias Elogio (5.5%), Gestão (4.98%), Questionamento (3.39%), Não-codificáveis (2.89%), Reprimenda (1.87%), Demonstração Positiva (1.31%), Demonstração Negativa (1.06%) e por último, sem nenhum comportamento registado, aparece a categoria Assistência Física. Na análise comparativa realizada, nomeadamente em relação ao comportamento pedagógico utilizados pelos treinadores durante o treino em função da experiência, escalão de treino e formação académica e federativa, o autor chegou às seguintes conclusões: o comportamento pedagógico dos treinadores durante o período de treino não se diferencia em função da sua experiência, os treinadores licenciados em Educação Física apenas registaram valores de utilização significativamente mais elevados na categoria utilização do 1.º nome no fim da frase, entretanto nas outras categorias não houve diferenças significativas. Os treinadores dos escalões dos iniciados apresentaram valores significativamente mais elevados na categoria “uso do 1.º nome” no meio da frase, contudo nas demais categorias não existiram diferenças estatisticamente significativas; o comportamento pedagógico dos treinadores durante o período de treino não se diferenciou em função da sua formação federativa.

Uma outra problemática do comportamento do treinador diz respeito à gestão dos comportamentos disruptivos dos seus atletas. A caracterização dos problemas, de índole disciplinar ou conflituais, verificados em situações de treino desportivo, a descrição da sua intensidade, as suas formas de manifestação e as estratégias adoptadas na sua regulação e controlo são uma das linhas de investigação no âmbito da Pedagogia do Desporto (Costa, Almeida, Moreira & Rosado, 1997; Francisco, 2001).

No que se refere ao conceito de disciplina, aquilo que para um profissional é um comportamento indisciplinado, para outro pode não o ser, ou então é apenas um comportamento inadequado, mas sem gravidade (Fontana, 1986; Francisco, 2001).

Siedentop (1983, 1998) refere que qualquer que seja o meio ambiente pedagógico, uma boa disciplina assenta sobre um sistema organizacional de prevenção que o treinador desenvolve e mantém ao longo de ciclos de trabalho. Colocar em prática um sistema eficaz de organização é a melhor garantia face aos problemas de disciplina.

Luxbacher (1986) efectuou um estudo no futebol e refere que as atitudes do treinador estão relacionadas com o nível de agressividade mostradas pelos atletas. Especificamente, refere que jogadores que percebem os seus treinadores com atitudes relacionadas com o facto de “terem que ganhar, custe o que custar” são mais propensos a situações de indisciplina, grandes níveis de agressividade e táticas ilegais. Esta situação foi confirmada por Stephens e Brendemeier (1996). Posteriormente, contudo, Loughhead e Leith (2001) acrescentaram que o comportamento dos pais, colegas de equipa, espectadores e a comunicação social, são fontes igualmente geradoras de comportamentos indisciplinados.

Stornes (2001) refere, após ter efectuado um estudo com jogadores de andebol de alto nível, que no que se refere à falta de fair-play e a comportamentos mais indisciplinados, a maior fonte de influência para os atletas, nomeadamente para os mais novos ou para os mais inexperientes, é o treinador.

2.2.2- Comportamento Pedagógico do Treinador em Competição

A investigação efectuada sugere que existem diferentes modelos e comportamentos dos treinadores, dependendo do desporto, dos níveis de competição (Borrie, 1996), dos campeonatos (Vangucci, Potrac & Jones, 1997; Potrac, Jones, & Armour, 1997) e também podem ser determinados pela filosofia de treino de cada treinador (Smoll & Smith, 1984; Lacy & Goldston, 1990; Cushion & Jones, 2001).

No que se refere ao comportamento do treinador em função do resultado, Cloes, Delhaes e Piéron (1993) desenvolveram um estudo de forma a verificar as diferenças entre equipas vitoriosas e derrotadas em Voleibol, baseado na observação do comportamento dos treinadores durante os tempos de repouso. Foram observados cinco treinadores de equipas masculinas e cinco treinadores de equipas femininas da 1.^a e 2.^a divisão belgas, tendo sido utilizado um sistema de análise dos comportamentos verbais do treinador, que engloba cinco dimensões: Objectivo, Referencial, Direcção, Origem e Tempo. Foram analisados os descontos de tempo, sendo os aspectos técnico-tácticos (41,8%) o objectivo principal das intervenções dos treinadores, como o momento em que são fornecidos mais instruções aos atletas com o intuito de melhorar o rendimento. Os resultados mostram, ainda, que quanto ao objectivo das intervenções dos treinadores, existe uma dominância de comportamentos socio-afectivos, como a Incitação à Acção (27,2%) e os Elogios (24,6%).

Trudel, Côté e Bernard (1996) realizaram um estudo com o objectivo de traçar o perfil comportamental do treinador de hóquei no gelo em competição utilizando o C.O.S.G. (*Coaches*

Observation System for Games), cujos resultados mostram que mais de metade do tempo de jogo é passado pelo treinador em observação silenciosa (51,2%).

Hvatskaya e Stambulova (1997), ao investigarem a percepção da primeira competição de 147 atletas russos de várias modalidades, verificaram que o feedback do treinador relativamente à prestação competitiva assumia lugar de destaque na procura de opinião por parte dos desportistas. Koka e Hein (2003) referem que o feedback pode ser um factor vital na aprendizagem, dado que este funciona como uma forma importante de motivação. O seu fornecimento aparece como uma das responsabilidades essenciais do treinador, visto que sem a informação ao atleta acerca do que está a ser realizado, se de uma forma certa ou errada, sua prestação não pode ser melhorada.

Rodrigues (1997), ao observar treinadores de voleibol após vitória na competição, não estranha o valor de 15,4% para a informação dos conteúdos, pois, segundo o autor, podem envolver a apresentação de análises sobre a competição passada. Refere, ainda, os valores de 2,6% de correcção das execuções dos atletas e 1,6% nas pressões, admitindo que “...após uma vitória o treinador não insiste demasiadamente sobre as correcções e sobre a pressão aliviando um pouco os atletas reflectindo também um certo entusiasmo pelo objectivo alcançado” (Rodrigues, 1997, pp.95). O mesmo autor refere que nestes treinos a intervenção do treinador é mais reduzida, aumentando a observação (56,2%); os comportamentos de gestão situam-se nos 6,8% (permitindo assegurar a continuidade e a realização dos diversos exercícios) e as conversas situam-se nos 10,6%, o que leva o autor a pensar que o treinador, após uma vitória, se descontraí e aproveita para conversar sobre o jogo/competição com a equipa de trabalho (técnicos e jogadores). O autor salienta o valor de 0,3% de atenção às intervenções verbais como sendo muito baixo. No que concerne aos treinos após a derrota na competição, o estudo revela o valor de 16,4% no tempo gasto em informação (tratando da análise da competição passada e da informação dos conteúdos). O valor de 1,7% de correcção das execuções dos atletas é considerado pelo autor como muito baixo, justificando, assim, o aumento da avaliação positiva (2,6%), o que talvez possa traduzir “...a incapacidade de intervir sobre a especificidade do conteúdo devido às consequências da derrota passada.” (Rodrigues, 1997, pp.97). As pressões com valores relativamente elevados (4,7%) são admitidas como possibilidade da existência de um novo enfoque no esforço e empenhamento dos atletas; a intervenção dos atletas é mais elevada (3,4%) do que em outros treinos; a observação situa-se nos 45,8% e os outros comportamentos obtêm valores de 3,7%. O autor conclui que os treinadores, nos treinos após derrota, apresentam valores médios mais baixos de correcção e mais altos de afectividade positiva e pressões, evidenciando mais comportamentos marginais ao processo de treino. O facto de, apesar de os treinadores não divergirem muito do seu perfil, apresentarem diferenças significativas em categorias que influenciam o desenrolar do processo de treino, leva o autor a sugerir a utilização de estratégias de intervenção pedagógica diferentes quando a sua equipa perde.

Gilbert, Trudel, Gaumond e Larocque (1999) procuraram com o desenvolvimento e a aplicação de um instrumento, analisar o conteúdo pedagógico das intervenções verbais de treinadores de hóquei. Através da utilização do *Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions* (SAPCI), registaram dados em quatro componentes das intervenções de conteúdo pedagógico dos treinadores: O quê (é o conteúdo), Quando (é transmitida), Como (é transmitida) e Quem (é o recebedor). Para o seu desenvolvimento, foram observados 15 treinadores de hóquei no gelo durante 85 eventos (55 jogos e 30 treinos), ao longo de três anos de projecto. Com a aplicação do SAPCI os autores chegaram aos seguintes resultados: o número de intervenções de conteúdo pedagógico transmitido pelos treinadores, durante o jogo e o treino, foi muito baixo (60 por treino e 101 por jogo); apesar dos treinadores parecerem ser mais activos durante o jogo, os resultados mostraram que suas intervenções ocorreram, na maioria das vezes, quando os jogadores estavam em acção, o que provavelmente será perdido ou distorcido devido ao contexto do jogo; o conteúdo pedagógico transmitido pelos treinadores foi predominantemente relacionado com a tática de equipa e, sobretudo com a tática ofensiva; apesar do conteúdo pedagógico relacionado com a tática defensiva de equipa ser quase não existente nos treinos, compreendeu uma média de 23,2% das intervenções de conteúdo pedagógico durante os jogos; para além disso, foi atribuído ênfase especial nas técnicas individuais durante os treinos, ascendendo ao valor de 42% comparado com os 12,1% registrados nos jogos. Estas divergências indicam que os treinadores incidem mais em aspectos directamente ligados ao resultado do jogo (vencer); finalmente, os treinadores pareceram limitar o ensino de técnicas individuais aos treinos.

Wuerth, Saborowski e Alfermann (1999) referem que os treinadores vão adaptando o seu tipo de comportamento em função do estádio dos atletas, de forma a proporcionarem uma base positiva na interacção treinador – atleta.

O facto de a maioria dos autores consultados considerar que a melhoria na intervenção ao nível do treino passa por uma observação sistemática das sessões de treino, tanto pelos próprios treinadores como por outros elementos levou a que se assistisse ultimamente a uma proliferação de instrumentos de observação criados especificamente para o treino. Este aspecto permite traçar um perfil comportamental dos treinadores, intervir junto dos mesmos no sentido de melhorarem a sua intervenção e também de melhorar e influenciar os programas de formação dos mesmos, como já tínhamos defendido anteriormente. A categoria dominante na revisão de literatura efectuada é a observação, realçando a pouca importância dada aos comportamentos humanistas que apesar de estarem dependentes do nível de experiência dos treinadores não podem nem devem ser descurados.

No que se refere ao comportamento dos treinadores em competição a literatura consultada sugere diferentes modelos e comportamentos dos treinadores, dependendo do desporto, do nível das competições, dos campeonatos e como é óbvio da filosofia de cada treinador, apesar de tudo denota-se uma maior intervenção de conteúdo pedagógico durante as competições.

2.3. A Problemática do Suplente

Como não podia deixar de ser, a relação treinador – atleta, em todas as dimensões atrás abordadas, está patente na problemática do suplente. Geralmente, os jogadores efectivos ou titulares são aqueles que, numa época, intervêm pelo menos em metade dos jogos. Pelo contrário, os suplentes são aqueles que, frequentemente e durante largos períodos de tempo, estão sentados no banco e que, globalmente, jogam menos de metade dos jogos durante uma época completa (Mahlo, s/d; Tripel & Brocks, 1985; Garland & Barry, 1990; Raposo, 1994; Rolla, 1998).

Bergman (1978), citado por Tripel e Brocks (1985), distingue três tipos de jogadores suplentes ou reservas: os mais jovens, sem experiência intensiva no jogo; os que perderam a forma devido a lesão, doença e razões pessoais ou de carácter profissional; os mais antigos, depois do auge das suas carreiras. Estes três tipos caracterizam-se por diferentes condições físicas, técnicas, tácticas e de motivação.

2.3.1- O Suplente e o Abandono

Gould (1984), salientando diferentes estudos efectuados nos Estados Unidos, procurando determinar as principais razões do abandono da prática desportiva de uma percentagem significativa de jovens norte-americanos, aponta o pouco tempo de participação nos jogos (ser suplente) ou em provas como a principal razão apontada a par de o não gostar do treinador; problemas com o treinador, seguida da falta de progresso no desempenho individual e da demasiada importância concedida à competição pelos treinadores e pelos pais.

Gould e Horn (1984), ao avaliarem as razões para o abandono, referem: 1-o interesse (por) e/ou conflito por outras actividades; 2- a falta de tempo de jogo (ser suplente); 3- o baixo nível de melhorias das capacidades; 4- a falta de sucesso, 5- o “stress” competitivo, 6- falta de apoio, 7- problemas com o treinador, 8- lesões e falta de divertimento. Também Green (1986), num estudo efectuado no hóquei sobre relva, refere que o estatuto do jogador é um factor importante para o abandono da modalidade.

Cruz e Costa (1997), ao reverem a investigação efectuada no domínio do abandono da prática desportiva, apontam como principais razões que levam os jovens a deixar e a abandonar o desporto: 1- o facto de não jogarem tempo suficiente (também referido por Martens, 1980; Dunn, 1984; Fox & Biddle, 1988); 2- o reforço negativo e a crítica constante por parte dos treinadores (Dunn & Nielsen, 1993 referem que os atletas que são criticados pelos treinadores podem experimentar elevados níveis de ansiedade e podem afectar o rendimento); 3- as diferenças individuais na maturação física; 4- o “stress” psicológico da competição; 5- fracasso constante.

Cruz, Costa, Rodrigues e Ribeiro (1988) efectuaram um estudo com ex-atletas de andebol portugueses e concluíram que a elevada importância dada por um grande número deles à falta de

oportunidades, à falta de capacidades físicas e ao facto de jogarem pouco tempo, parece sugerir a importância que poderá ter para o abandono da modalidade a percepção de ameaça à competência e à capacidade pessoal.

Lázaro, Villamarín e Limonero (1993) referem, por seu lado, que uma das principais causas de abandono dos jovens no desporto é o facto de jogarem pouco.

No que se refere especificamente ao treino de jovens, Petlichkoff (1993b) refere que os factores que influenciam o processo motivacional dos mesmos são: o estatuto do jogador, o feedback do treinador e a estrutura do desporto, referindo, ainda, que estes factores são primordiais quando se refere ao abandono da prática desportiva por parte dos jovens.

Gonçalves (1996) cita, num estudo por ele efectuado em 1992 no Concelho de Oeiras, junto a ex-desportistas, o facto de não gostar do treinador; problemas com o treinador como a 4.^a razão mais importante apontada para justificar a decisão de abandonar a prática desportiva. Por outro lado, no que se refere aos desportos colectivos, o pouco tempo de participação nas competições e o não gostar do treinador são referidas como as principais causas da mesma decisão.

Num estudo efectuado por Cruz e Costa (1997) na modalidade de voleibol, o motivo de “dificuldade de relação com o treinador” aparece na 6.^a posição, enquanto o “ser suplente” só aparece na 14.^a posição, num total de 23 motivos.

Trepode (2001), ao referir as causas de abandono do desporto por parte dos jovens, refere três causas: causas psicológicas (falta de diversão, aborrecimento, má relação com o treinador, stress competitivo), causas físicas (por não ser “suficientemente bom”, por não sentir melhorias nas suas destrezas) e causas de situação – (nunca jogou), ênfase no programa (demasiado sério), organização deficiente, pouco sentido de pertinência, falta de apoio social (pais e professores), estilo de liderança do treinador (autoritário).

A revisão de literatura efectuada por Cruz (1995) permitiu a Ramos, Velez e Montes (2001) sintetizar as causas do abandono em duas grandes categorias: conflito de interesses entre a prática desportiva e outras actividades de distinta natureza (estudos, outras aprendizagens) e factores negativos que estão debaixo do controlo dos treinadores, como o stress competitivo, o estar muito tempo como suplente, treinos aborrecidos, treinadores dos quais não se gosta.

Butcher, Lindner, e Johns (2002) realizaram um estudo com 1387 jovens atletas de vários desportos. Das 12 causas de abandono apontadas pelos autores, o facto de não desfrutarem surge em 1.º lugar; demasiada pressão para uma performance perfeita, surge em 5.º; devido ao treinador surge em 8.º; e em 9.º lugar surge o facto de terem poucas oportunidades de jogar.

2.3.2- *Relações Afectivas dos Treinadores em Função do Estatuto*

Ueberle (1971), referido por Tripel e Brocks (1985), afirma que o treinador deve tratar cuidadosamente dos jogadores suplentes e tentar estimulá-los, para que se convertam em membros válidos da equipa.

Essing (1977) e Allmer (1978), citados por Tripel e Brocks (1985), efectuaram investigações pormenorizadas sobre as relações entre jogadores efectivos e suplentes. Essing (1977) estudou as relações entre 121 jogadores efectivos e 62 suplentes, com base em questões sóciométricas relativas ao rendimento e ao domínio emocional. Os jogadores suplentes foram definidos como aqueles que intervêm em menos de metade dos jogos durante uma época e que os seus treinadores designaram como reservas. Os efectivos obtiveram categorias mais elevadas do que os suplentes, tanto quanto à hierarquia segundo o rendimento, como quanto à hierarquia no plano sócio-emocional. De um modo geral, os jogadores efectivos, para a actuação e a interacção emocional, elegeram outros jogadores efectivos em vez de suplentes. Por outro lado, os suplentes tinham tendência para elegerem jogadores efectivos no que se refere à interacção de rendimento. Isso não aconteceu quanto à interacção emocional. Os objectivos parecem ser, também, mais atractivos para os efectivos, dado que são estes que recebem maior reconhecimento quando os mesmos são atingidos. O estudo revelou, ainda, que os efectivos praticam as situações mais com os efectivos do que com os suplentes. Contudo, em termos de coesão social, os níveis atingidos pelos efectivos e pelos suplentes são similares, o que, segundo os autores, se deve ao facto das relações sociais nada terem a ver com o atleta jogar ou não.

Wuest, Mancini, Mars e Terrillion (1986), comparando vários estudos, concluíram que os melhores atletas da equipa são os que têm mais tempo e melhores condições de prática e são, ainda, os que recebem um maior encorajamento e informação dos seus treinadores.

Segundo Wang, Callahan e Goldfine (2001), historicamente, os suplentes têm tendência para ser tratados de forma diferente dos titulares. Estes autores defendem a ideia de que se os jogadores forem todos tratados de uma maneira similar, isto não só vai aumentar a autoconfiança dos suplentes como vai, também, melhorar a da equipa.

2.3.3- *A Relação entre o Estatuto, a Coesão e a Satisfação*

Widmeyer, Carron e Brawley (1993), referem que 83% dos estudos efectuados indicam uma relação entre coesão e performance. Referem, ainda, que a maioria dos estudos concluem que os atletas em equipas de sucesso percebem as suas equipas como mais coesas, ao contrário dos atletas em equipas com menos sucesso. Bandura (1986, 1990, 1995) salienta a importância da eficácia colectiva, que reflecte as expectativas de sucesso colectivo de um grupo. Na realidade, uma coisa é construir um sentido de eficácia nos atletas, outra é promover e gerar um sentido de eficácia colectiva e mantê-la em face de derrotas e fracassos. Como exemplo, Prussia e Kinick, (1996) referem que a eficácia colectiva se relaciona de forma positiva com a efectividade do grupo. Este aspecto está

claramente relacionado com a problemática do suplente, como podemos verificar nos parágrafos seguintes.

Westre e Weiss (1991) efectuaram um estudo em equipas universitárias americanas de futebol e concluíram que os jogadores efectivos possuem níveis de atracção mais elevados em relação a tarefas realizadas em grupo do que os suplentes e não encontraram diferenças significativas para comportamentos de liderança. Estes resultados foram similares aos obtidos por Robinson e Carron (1982), que efectuaram um estudo para determinar a relação entre o estatuto do jogador em equipas de futebol americano e a motivação de participação. Entre as variáveis examinadas estavam a percepção da coesão de grupo e as percepções de comportamentos de líder. Eles descobriram que os efectivos e os suplentes não diferem nas suas percepções de comportamentos de liderança, mas que os efectivos tinham percepções mais elevadas de coesão de tarefas do que os suplentes.

Spink (1992) efectuou um estudo com equipas de alta competição de voleibol, onde examinou a relação entre os níveis de coesão e o facto de o jogador ser titular ou suplente. Os resultados demonstraram que os níveis de coesão estavam relacionados com a variável sucesso, ou seja, os níveis de coesão entre titulares e suplentes eram bastante baixos em equipas de nível mais baixo, enquanto que em equipas com sucesso os níveis de coesão eram maiores.

Widmeyer, Carron e Brawley (1993), baseados na investigação já realizada no domínio da coesão, demonstraram que esta se relaciona com vários factores, tais como o rendimento, a satisfação, as interacções sociais e de tarefa e a comunicação dentro da própria equipa, os esforços do treinador para reforçar a coesão, a importância do objectivo da equipa, a estabilidade do grupo, a aceitação de papéis e a conformidade com as normas do grupo, a eficácia colectiva e as percepções do estilo e comportamentos de liderança. Foi demonstrado que certas relações de coesão são moderadas pelo estatuto de titular dos membros, pelas suas percepções do sucesso individual e colectivo e pelo nível competitivo.

Williams e Hacker (1982) e Alzate, Lázaro, Ramirez e Valencia (1997) referem a existência de uma relação de carácter positivo entre a coesão e a satisfação. Rainey e Schweickert (1991) efectuaram um estudo onde tinham como objectivo investigar a relação entre a satisfação, o tempo de jogo e a coesão da equipa no baseball e concluíram que os jogadores que estavam mais satisfeitos com o seu tempo de jogo estavam mais comprometidos com os objectivos da equipa. Eichas (1994) confirmou os estudos anteriores ao efectuar um estudo onde examinou os aspectos multidimensionais da satisfação dos membros (satisfação social e satisfação relacionada com a tarefa), de maneira a criar uma compreensão mais específica do seu papel como um potencial predador da coesão no basquetebol. Uma das conclusões a que chegou refere que os efectivos percepcionaram maiores níveis de satisfação relacionados com as tarefas e coesão de tarefas do que os suplentes, conclusão que já tinha sido tirada por Bolger (1984). Apple (1994) refere que o estatuto do jogador reveste-se de grande importância quando nos referimos aos aspectos multidimensionais da coesão.

2.3.4- Diferenças de Comportamento em Função do Estatuto

Segundo Santos (1997), na relação treinador – atleta deve também ser considerado o efeito Pigmalião, também referido por Martinek, Crowe e Rejeski (1982) e Davies (1989), isto é, a tendência que o indivíduo tem em agir de acordo com os resultados previstos. Quando a imagem que os outros têm de um indivíduo manifestar uma expectativa elevada positiva e concreta sobre o seu progresso futuro poderá acontecer aquilo a que se dá o nome de efeito de Pigmalião. Os visados ver-se-ão no estádio esperado e mobilizarão todas as suas energias para o conseguirem.

Smith (1984) efectuou um estudo tendo por base 159 jogadores de basquetebol universitários. O propósito era investigar de que forma reagiam os treinadores quando as regras de treino eram quebradas (faltar, chegar atrasado, ser mal educado para um colega,...) e chegou à conclusão de que os treinadores reagem de forma diferente se o atleta que cometeu a infracção for um titular ou um suplente. Situação idêntica apontou Turman (2003), num trabalho efectuado com equipas de vários desportos, tanto masculinas como femininas, apontando o resultado do seu estudo para diferenças de comportamento entre titulares e suplentes por parte dos treinadores quando os titulares se esforçavam menos, faltavam às reuniões das equipas ou aos treinos. Este facto levou-nos a incluir, na análise, o estudo dos comportamentos de indisciplina.

Horn (1992), em função da análise da literatura que realizou, concluiu que os treinadores não têm um comportamento igual com todos os elementos da equipa, diferenciando em função das suas capacidades de jogo.

Piéron e Bozzi (1988) pretenderam verificar o perfil de intervenção pedagógica de treinadores de basquetebol da Liga Belga junto de três grupos diferentes, em termos de performances (jogadores titulares, jogadores americanos e jogadores suplentes). Concluíram que a relação pedagógica sofria variações em função do tipo de grupo a que o atleta pertencia, sendo o grupo dos jogadores de segundo plano ou suplentes os que receberam um menor número de intervenções por parte dos treinadores, com diferenças significativas quando comparados com os outros dois grupos.

Rejeski, Darracott e Hutslar (1979), utilizando o C.B.A.S. (*Coaching Behavior Assessment System*) num trabalho realizado com 14 treinadores de basquetebol de atletas entre os 8 e os 15 anos, verificaram que os atletas cujos treinadores tinham baixas expectativas relativamente ao seu desempenho recebiam mais informação técnica geral e que os atletas cujos treinadores tinham altas expectativas relativamente ao seu desempenho, tinham níveis superiores de reforço. Com base nos resultados obtidos, estes autores concluíram que, mais do que intencionalmente ignorar os atletas de baixa expectativa, os treinadores simplesmente olham para as respostas correctas, não ajustando as suas reacções às capacidades de cada um. Esta situação levanta-nos a possibilidade de que como para os titulares as expectativas são superiores então, eventualmente, os comportamentos podem ser diferenciados em função do estatuto.

Solomon e Kosmitzki (1996) efectuaram um estudo em basquetebol e verificaram que os atletas cujos treinadores os percebiam como possuindo poucas capacidades para melhorarem recebiam mais feedback de organização. Por outro lado, os atletas que eram percebidos pelos seus treinadores como possuidores de capacidades para melhorarem recebiam mais instrução, nomeadamente mais correcção técnica e mais reforço positivo.

Solomon, Golden, Ciapponi e Martin (1998) efectuaram um estudo utilizando o A.S.U.O.I. (*Arizona State University Observation Instrument*) de Lacy e Darst (1984) em 49 jogadores e 4 treinadores de basquetebol e concluíram que as percepções dos treinadores no que se refere às expectativas para com os atletas não se alteravam no decorrer de uma época.

Solomon, DiMarco, Ohlson e Reece (1998) utilizando o C.B.A.S. em 102 atletas e 12 treinadores de Basquetebol, revelaram que os atletas cujas expectativas eram mais elevadas por parte dos treinadores recebiam mais elogios e instruções do que os atletas cujas expectativas eram mais baixas. E concluíram, também, que os atletas cujas expectativas eram mais baixas preferiam os treinadores mais experientes.

Cardinal (1998) utilizou o T.E.O.S.Q. (*Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*) e o C.B.A.S. em 25 atletas (14 titulares e 11 suplentes) e um treinador de futebol e concluiu que o treinador fornecia mais interações positivas aos titulares do que aos suplentes (61,67% motivação com os titulares e 38,33% com os suplentes).

Teipel (1989) efectuou um estudo exploratório da relação entre efectivos e suplentes com os respectivos treinadores em futebol. Com a utilização de um questionário específico, foram analisados 71 atletas (36 efectivos e 35 suplentes) no meio da época. Como conclusões, refere que, entre efectivos e suplentes, existem diferenças no que se refere à sua autoavaliação, aquilo que os treinadores pensam deles e aquilo que eles pensam dos treinadores. Os jogadores efectivos têm um grande auto-conceito no que se refere às suas capacidades, um alto grau de concordância com aquilo que os treinadores pensam deles e uma mais próxima relação com os treinadores que os jogadores suplentes. O autor conclui que os treinadores devem tomar consciência dos diferentes tipos de liderança a utilizar na relação com os efectivos e suplentes.

Mandell (1995) efectuou um estudo onde relacionou o estatuto dos jogadores, o auto-conceito e a *performance* numa amostra de 156 jogadores de futebol de ambos os sexos. Os resultados do estudo referem, tal como no estudo anterior, que os titulares possuem maiores níveis de auto-conceito que os suplentes, não existindo diferenças entre sexos. E quanto maiores os níveis de auto-conceito maiores os níveis de *performance*. Estes estudos divergem dos resultados de Denby (1977), que, no estudo que efectuou, verificou que o auto-conceito não estava relacionado com o estatuto do jogador.

Garland e Barry (1990) verificaram que os jogadores de futebol com maior capacidade, em comparação com os menos capazes, percepcionavam os treinadores com comportamentos mais do tipo treino – instrução, reforço e suporte social.

Liukkonen e Salminen (1990) concluíram, após estudarem 399 atletas, que os atletas de grau superior percepcionavam o treinador com menos comportamentos do tipo suporte social e reforço, relativamente à percepção de grau inferior.

Por outro lado, Schoen (1995) efectuou um estudo onde pretendia identificar se existiriam diferenças ao nível da orientação competitiva no basquetebol entre titulares e suplentes de diferentes idades. A amostra, constituída por 131 jogadores, foi questionada em função de situações hipotéticas de competição envolvendo vários níveis de exigência. Os resultados demonstraram que não existiam diferenças significativas entre titulares e suplentes a nenhum nível, apesar dos suplentes terem uns níveis ligeiramente superiores de orientação competitiva que os titulares.

No estudo de Trudel, Côté e Bernard (1996), no hóquei em gelo, os autores referem que as categorias que obtêm valores elevados são as comportamentais: organização, direcção de jogo, estimulação e fornecimento de informação. Foi possível verificar, igualmente, que os comportamentos dos treinadores são dirigidos mais aos atletas em campo (40,9%) do que aos suplentes (30,4%).

Por outro lado, Santos (1997) estudou, na relação treinador – atleta, se a titularidade era determinante na percepção dos comportamentos do treinador em andebol. Concluiu que o estatuto do atleta não era determinante na percepção dos comportamentos do treinador e que os atletas percepcionaram um comportamento diferenciado do treinador para com os atletas da equipa base e os suplentes. Ou seja, verificou que as percepções dos atletas diferiam significativamente, consoante se referissem aos comportamentos para com a equipa base ou os suplentes, em qualquer dos comportamentos do treinador definidos no seu estudo, sendo os valores médios da equipa base, com excepção da afectividade positiva, superiores aos dos suplentes. Pretendeu, ainda, conhecer a percepção dos jovens atletas face a vários comportamentos do treinador, em treino, para com atletas da equipa base e os suplentes, em função do seu escalão etário, sexo, estatuto (base ou suplente), tempo de prática e nível competitivo. Os resultados relativos à percepção dos comportamentos do treinador pela totalidade dos atletas permitiram concluir que o comportamento de Incentivo e Controlo da Participação apresentava valores mais elevados no que respeita aos atletas da equipa base (27,13%) do que relativamente aos suplentes (25,94%).

Rolla (1998) efectuou um estudo no basquetebol, com 297 atletas distribuídos pelos vários escalões (liga profissional, seniores, juniores A, juniores B e cadetes) e 41 treinadores, tendo concluído que, em função tanto do estatuto como do escalão, o perfil da imagem do treinador é sempre considerado positivo, só existindo diferenças entre os titulares e os não convocáveis, apresentando os titulares um valor superior. Tanto os titulares, como os suplentes, como os não convocáveis, percepcionaram os comportamentos de liderança dos treinadores de uma forma diferente. Não

existiram diferenças entre a imagem que o treinador percebe a de si próprio e a imagem percebida pelos atletas. Não existiu correlação entre a percepção dos comportamentos do treinador e a imagem percebida pelos atletas em nenhum dos três estatutos considerados. Os treinadores apresentaram uma percepção dos seus comportamentos em relação aos titulares, suplentes e não convocáveis diferente da que foi percebida pelos atletas.

Por outro lado, Jubenville (1999) efectuou um estudo em 127 atletas durante três anos no futebol americano, utilizando o C.E.Q. (*Coaching Evaluation Questionnaire*), que consiste em 36 questões indicativas das características desejadas nos treinadores e que avalia a performance do treinador sob o ponto de vista do atleta. Os resultados não mostraram diferenças significativas entre as variáveis: grau académico, titulares e suplentes e posições no campo. O único dado que o autor realça é o facto das percepções dos atletas serem mais positivas no primeiro ano do que no segundo e terceiro.

Smith (1983) efectuou um estudo com 80 rapazes e 79 raparigas, em várias modalidades, onde concluiu que, no que se refere aos níveis de ansiedade, não existem diferenças em relação à idade, sexo e raça. Mas os atletas titulares apresentam níveis de ansiedade significativamente menores que os suplentes, o que contraria os resultados alcançados por Thompson, Fort e Rice (1988), num estudo incidindo na prática do basquetebol, onde referem que os titulares apresentam maiores níveis de ansiedade que os suplentes.

Considerando-se o estatuto do atleta na equipa, ou seja, as posições de titular e de suplente, Stefanello (1990) efectuou um estudo no voleibol, no qual não encontrou diferenças significativas entre os níveis de ansiedade desses atletas. Esse facto contraria a tendência dos estudos sobre o nível de habilidade do atleta, para os quais a posição do atleta na equipa ou o seu nível de habilidade, é factor de influência sobre os níveis de ansiedade dos mesmos para a competição desportiva (Dowd & Innes, 1981; Fisher & Zwart, 1982). Costa (1990) refere, no estudo realizado no voleibol, que os mais hábeis são mais capazes de lidar com a sua actividade mental, controlar o stress e os níveis de ansiedade, ao contrário dos menos hábeis, que são vítimas de reacções de ansiedade que absorvem as suas energias e condicionam substancialmente a sua performance.

Stefanello (1990) refere, ainda, que a posição ocupada pelos atletas na equipa (titular ou suplente) parece não exercer influência sobre os níveis de ansiedade dos atletas de ambos os sexos.

Craighead, Privette, Vallianos e Byrkit (1986), ao pretender estudar as características de personalidade nos jogadores de basquetebol e após aplicar o Questionário P.O.M.S. (*Profile of Mood State*), chegaram à conclusão que existiam diferenças significativas entre titulares e suplentes. Havia diferenciação entre os dois grupos no que se referia ao sexo, raça e nível cultural.

Stefanello (1990) refere que os atletas titulares do sexo masculino, apresentam alguns factores de personalidade (fraqueza do ego, susceptibilidade à ameaça, tendência a ser desconfiado, mais

tensos, angústia e extroversão) que os diferenciam dos atletas reservas. Por outro lado, os atletas titulares, independentemente dos sexos, parecem apresentar factores de personalidade (tendência ao sentimento de culpa e angústia) que os diferenciam dos atletas reservas. Jackson, Tatem, Larry e Kirby (1984), por outro lado, concluíram num estudo efectuado que os titulares apresentam menores níveis de tensão, depressão, fúria, fadiga e confusão que os suplentes.

Garland e Barry (1990), baseando-se na teoria multidimensional de Chelladurai e Carron (1978), realizaram um estudo com atletas de futebol americano para investigar se a personalidade dos atletas e as percepções que estes tinham dos comportamentos do seu treinador (visto como líder) eram predicativas do seu rendimento. O resultado mostrou que os atletas com melhor rendimento, segundo o critério do treinador, (os definidos como titulares - jogar mais de 50% dos jogos) eram mais extrovertidos, mais estáveis emocionalmente, com maior dureza mental e menos dependentes do grupo (mais auto-suficientes) que os desportistas com menor rendimento (os definidos como suplentes - jogar menos de 50% dos jogos - ou não convocáveis). Este estudo vem confirmar um outro que os mesmos autores realizaram em 1988, onde utilizaram o *Cattell's Sixteen Personality Factor Questionnaire* e o *“Leadership Scale for Sports”* (L.S.S.), com 272 jogadores de futebol americano, e concluíram que os traços de personalidade e os comportamentos de liderança contribuem significativamente para a predição da *performance* e que os jogadores que são mais dependentes do grupo, mais concentrados, extrovertidos e mais estáveis emocionalmente, são os titulares. No que se refere ao comportamento do treinador, os autores nomeiam como as variáveis mais importantes apontadas pelos atletas: a) comportamento de instrução/formação; b) comportamento democrático; c) comportamento de apoio social e d) comportamento de reforço. Estes resultados foram confirmados, posteriormente, por Westre e Weiss (1991), no futebol, Gardner, Shields, Bredemeier e Bostrom (1996), no basebol e softball e por Turman (2003), desportos colectivos. Referindo-se aos estudos centrados nos antecedentes da liderança, Weinberg e Gould (1995) referem que os atletas de níveis de rendimento mais elevado, quando comparados com os de rendimento mais baixo, parecem preferir comportamentos de treino – instrução e reforço e um estilo mais democrático.

Escudero, Servera, Pizá e García-Mas (1993) efectuaram um estudo numa população de 30 jogadores de basquetebol, de idades compreendidas entre os 14 e 16 anos e concluíram que os atletas titulares aparecem com um tipo de personalidade mais adaptável que os suplentes. No que se refere às dimensões que medem a percepção dos comportamentos do treinador por parte dos atletas, os dados referem que os atletas titulares não se apercebem de receber por parte do treinador maiores instruções e recomendações, um comportamento mais democrático ou um maior reforço social.

Allmer (1979), citado por Tripel e Brocks (1985), analisou a satisfação e a perspectiva de rendimento em 19 jogadores titulares e outros 19 suplentes de nível profissional e nível amador elevado. Referiu que os titulares da sua amostra, com uma excepção, estavam satisfeitos com a sua actuação. Porém, os suplentes dividiam-se em dois grupos mais equilibrados, um de jogadores

satisfeitos e outro de descontentes. Na base da diferenciação entre jogadores satisfeitos e insatisfeitos, computadorizaram-se e classificaram-se as análises de grupo, podendo-se distinguir 4 grupos diferentes, compostos tanto por jogadores titulares como suplentes, embora em números diferentes. Em função desta classificação, não ficou demonstrado que a diferenciação formal entre jogadores titulares e suplentes seja suficientemente selectiva no que se refere aos níveis de satisfação e perspectiva de rendimento.

Em conformidade parcial com as conclusões de Essing (1977), sobre as diferenças de rendimento e orientação sócio-emocional entre jogadores titulares e suplentes e os resultados de Almer (1979), acerca das distinções quanto à satisfação de actuação entre titulares e suplentes, Tripel e Brocks (1985) efectuaram um estudo de pesquisa no futebol, sobre as relações entre treinadores e jogadores titulares e suplentes, resumindo as suas conclusões no seguinte aspecto de análise: existe uma distribuição significativa de jogadores titulares e suplentes dependentes da sua última liga. À excepção de um, todos os jogadores provenientes de equipas juvenis passaram a ser suplentes. Os jogadores provenientes de ligas inferiores ou iguais distribuem-se, quase uniformemente, em jogadores titulares e suplentes. Aqueles que provêm de ligas mais elevadas têm mais probabilidade de passar a jogadores titulares. Aparentemente, os diferentes graus de experiência são a causa desta tendência distributiva. Os autores, concordando com Gruber e Gray (1982), (estudo efectuado no basquetebol), referem que os jogadores titulares estão significativamente mais satisfeitos com a frequência dos seus jogos, a sua situação, o seu rendimento e os seus resultados do que os segundos. Têm um relacionamento muito mais estreito e positivo com o treinador do que os suplentes. Têm, também, um conceito mais positivo das suas capacidades e perspectivas próprias do que os suplentes. Por outro lado, os suplentes criticam o treinador de uma maneira mais categórica no que respeita à avaliação de rendimento tendenciosa e à organização inadequada da equipa do que os jogadores titulares. Paralelamente, os suplentes, mais do que os titulares, apresentam mais desejos enérgicos de que a equipa jogue mal. Evidentemente, nesta amostragem podem concluir-se diferenças claras de avaliação das relações entre o treinador e os seus jogadores titulares e suplentes. Estes resultados confirmam as conclusões de Allmer (1979) de diferentes avaliações de satisfação de rendimento e perspectiva. Além disso, manifestam um alto grau de concordância com os resultados de Essing (1977) quanto às diferenças na valorização do rendimento e dos aspectos sócio-emocionais entre jogadores titulares e suplentes.

Considerando estes resultados, parece necessário que os treinadores sejam mais sensíveis aos processos dinâmicos das suas equipas, com vista a reconhecer os atletas com problemas o mais depressa possível e a antecipar e conduzir adequadamente os conflitos. Isto também significa que sejam mais conscientes do seu tipo de chefia e do seu efeito sobre os jogadores, individualmente e sobre toda a equipa (Tripel & Brocks, 1985).

Petlichkoff (1993a) examinou se existiam diferenças entre os titulares e suplentes na capacidade para alcançar os objectivos, capacidade percepcionada e níveis de satisfação. Os resultados do estudo revelaram que os titulares atingiram níveis significativamente superiores na capacidade percepcionada do que os suplentes. O estatuto dos jogadores mostrou ser importante e revelou diferenças na capacidade de alcançar os objectivos.

Raposo e Carvalho (1992), referidos por Raposo (1994), abordaram a temática do suplente no futebol, seguindo três grandes linhas orientadoras: o papel do suplente, as circunstâncias de utilização do suplente e a manutenção da motivação do suplente.

No que se refere à primeira linha orientadora – o papel do suplente – verificaram que apenas um caso foi referido em que o suplente foi apresentado, de um modo perfeitamente assumido, com um carácter de subalternidade em relação ao jogador titular, sendo a sua presença encarada com o intuito de beneficiar a prestação desse mesmo jogador titular. Nos demais casos, o jogador suplente é mais um jogador da equipa, pronto a entrar em jogo em qualquer momento e desempenhando um papel tão importante como o de qualquer outro.

Relativamente ao segundo aspecto – circunstâncias de utilização do suplente – apuraram que o grau de subjectividade nos critérios e na apreciação desses mesmos critérios é uma constante que prevalece sobre a objectividade da tomada de decisão, onde a experiência e a leitura do jogo por parte dos responsáveis são preponderantes. Assim, concluíram que a maioria dos inquiridos apontam para questões que se prendem com as situações decorrentes do próprio jogo, sendo tomadas em consideração as características dos jogadores:

- Os lugares que ocupam e funções que desempenham;
- As próprias condições físicas e comportamentais dos jogadores da equipa de que são responsáveis;
- As características da equipa adversária, quer individual quer colectivamente, tomando a opção táctica que tentará modificar algo que não estará tão bem quanto o inicialmente previsto, de acordo com os pressupostos mencionados.

De qualquer maneira, os autores referem que a tomada de decisão reporta-se a uma melhoria da performance da equipa como tónica dominante, ressaltando a situação de oportunidades a dar ao jogador suplente, a experiência a proporcionar e a experimentar também, assim como o castigo de uma falta de participação e motivação durante a semana de treinos. Um aspecto focado por todos os inquiridos prende-se com a eventualidade de uma lesão, que obrigatoriamente é um dos critérios levados em linha de conta.

Ainda no mesmo estudo, a manutenção da motivação do suplente passa por uma atitude actuante por parte do treinador, atitude esta que tira partido das próprias situações de jogo, uma vez que as mesmas são encaradas, muitas vezes, como oportunidades dadas aos jogadores para mostrarem

o que valem. Um dos sentimentos que, segundo os inquiridos, é pretendido incutir-se no jogador suplente é que ele não se considere um jogador de segundo plano e há que incentivá-lo a acreditar que não há lugares cativos na equipa nem se deve acomodar à sua situação de suplente.

Raposo (1994) refere, ainda, que há quem frise que a motivação passa também pela própria necessidade que o suplente tem de entrar para a equipa principal, para o que, e tendo em vista a melhoria técnica e a motivação do suplente, ele é confrontado, durante os treinos, propositadamente e de um modo directo, com o jogador que joga na mesma posição, a fim de se galvanizar e tentar suplantar o titular.

Raposo (1994) admite que um jogador não motivado pode dar origem a uma afectação no rendimento da equipa através da proliferação, no seio desta, de uma atitude perante a competição nada condizente com os índices esperados de motivação para o alcançar dos objectivos inicialmente propostos. A definição de objectivos pessoais é uma das formas possíveis de ultrapassar este problema.

No que se refere ainda à motivação, Weiss e Frazer (1995) efectuaram um estudo onde investigaram o que motivava a participação de 141 jogadoras de basquetebol. Todas as atletas foram unânimes em referir que o fazer amigos, o clima de equipa e o exercício físico eram as suas principais razões para a participação na modalidade. Apesar do referido, as efectivas apresentaram maiores índices que as suplentes: na percepção para o sucesso, competência para o jogo, divertimento a meio da temporada e competência para o jogo no final da temporada.

Case (1998) efectuou um estudo com 178 jogadores de basquetebol de um campo de verão e constatou que os resultados obtidos pelos efectivos eram significativamente superiores que os resultados dos suplentes na escala de liderança.

Num estudo realizado por Caetano (2004), que pretendia analisar o comportamento de liderança dos treinadores em seis equipas de hóquei em patins feminino, escalão sénior, tendo como total 60 atletas, realçamos a seguinte conclusão: nas dimensões treino – instrução, democrático, reforço, autocrático, os valores percentuais percebidos pelas atletas titulares em relação aos seus treinadores foram mais positivos do que nas suplentes.

Também a unidade, que muitos consideram como fundamental e presente dentro de uma equipa desportiva, surge-nos como aparente, uma vez que são por demais evidentes as manifestações das subunidades dos titulares e as subunidades dos suplentes. A existência destas subunidades reflecte-se na defesa que os próprios jogadores suplentes fazem de si, pondo em causa, inclusivamente, decisões do treinador quanto à correcta avaliação do rendimento da equipa, contrastando esta atitude com a dos titulares, que consideram as mesmas decisões como as mais indicadas (Kunze, 1987).

Em relação à utilização do suplente, Raposo (1994), num estudo efectuado em futebol, conclui que ela está extremamente dependente da experiência do treinador que, de acordo com as suas

vivências, procede à leitura do jogo de um modo mais ou menos benéfico para o suplente. Por outro lado, proporcionar ao suplente a possibilidade de mostrar o que vale ou de alterar algo que não está bem, segundo o estudo efectuado, não parece ser o processo mais correcto de dar uma oportunidade ao praticante, demonstrando, segundo o autor, uma certa falta de confiança no atleta em causa. O mesmo autor critica tal atitude, ao referir que a grande maioria das soluções de substituição estão associadas a situações menos conseguidas e decorrentes do desenvolvimento do jogo.

Rundio (1975) efectuou um estudo onde concluiu que o estatuto do jogador numa equipa de basquetebol, de crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos, não influenciava a forma como os atletas seguiam as instruções dos treinadores.

Batalha, Candeias, Martins, Ribeiro e Costa (1992) estudaram as reacções dos atletas de desportos colectivos perante a situação de suplente em 317 indivíduos distribuídos por diferentes modalidades. Como conclusão geral, os autores afirmam que o comportamento agressivo é rejeitado como forma de reagir à situação de suplente. Por outro lado, Nation e Leunes (1983) efectuaram um estudo em 108 jogadores de futebol americano e concluíram que os suplentes demonstram mais sintomas de agressividade do que os efectivos. Shields, Bredemeier, Gardner e Bostrom (1995) confirmam estes dados com o estudo que efectuaram e acrescentam que “a batota” atinge também maiores níveis entre os suplentes do que entre os titulares.

Ainda segundo Batalha, Candeias, Martins, Ribeiro e Sousa (1992), são os atletas suplentes que atribuem igual nível ou pouca importância à prática desportiva comparativamente com outros aspectos da sua vida. Os atletas pertencentes aos escalões de formação e também os atletas seniores cujo número de épocas no escalão sénior é menor ou igual a três apresentam compensação/sublimação como formas de reagir à situação de suplente quando comparados com os restantes indivíduos.

A racionalização que, referindo Stern (1981), é uma forma de justificação à posteriori, no sentido de que sentimentos de inferioridade que possam pôr em causa a auto-estima de um indivíduo sejam evitados, é tida como forma de reacção à situação de suplente pelos atletas dos escalões de formação, entre as diferentes modalidades, particularmente no futebol e no basquetebol e também nos atletas suplentes (Batalha, Candeias, Martins, Ribeiro & Sousa, 1992).

O empenhamento, segundo Batalha, Candeias, Martins, Ribeiro e Sousa (1992), é a forma de reagir à situação de suplente mais encontrada nas variáveis estudadas, à excepção da variável escalão competitivo e número de épocas no escalão sénior. Smoll e Smith (1989) destacavam já a importância da qualidade da relação treinador – atleta nos níveis de empenhamento e motivação dos atletas, com especial relevo para os praticantes de menor nível de prestação e para os mais jovens.

Hickey (1995) efectuou um estudo no futebol americano onde tentou determinar o efeito de uma época no progresso académico dos estudantes – atletas. Os resultados revelaram que os atletas, em geral, obtêm melhores resultados académicos fora da época desportiva e especificamente os

efectivos têm piores resultados durante a época do que os restantes jogadores, onde as diferenças entre os semestres não são significativas. Este estudo vem contrariar um outro efectuado por DellaSerra (1988), no basquetebol, onde o autor concluiu que o estatuto do jogador não influencia a prestação académica dos jogadores.

Lacy e Martin (1994) efectuaram um estudo no voleibol, onde analisaram as diferenças entre titulares e suplentes na aprendizagem das habilidades perceptivo – motoras, concluindo que não existiam diferenças na aprendizagem entre os dois grupos.

No basquetebol a titularidade é muito relativa, que se pode ter um ano e perder no seguinte; também pode-se ser titular mas jogar menos que quem não o é, porque se efectuam muitas substituições. A titularidade tem que ser ganha treino após treino, porque o que fazes a meio da época não serve se se sofre uma lesão ou se atravessa por uma fase de baixa forma. San Epifanio e Velasco (1999, pp. 172).

Em síntese, a revisão de literatura efectuada permite-nos concluir que, apesar de existirem alguns estudos sobre a problemática do suplente, quer na perspectiva da análise do seu comportamento relativamente aos efectivos, como na perspectiva de análise do comportamento dos treinadores em função do estatuto ou na perspectiva das suas percepções pessoais, existem algumas questões que permanecem sem uma resposta nítida.

A nossa primeira hipótese é verificar se a imagem que os atletas possuem dos seus treinadores, nomeadamente, a percepção da qualidade da relação interpessoal, é influenciada pelo escalão competitivo e pelo estatuto. Na realidade, poucos estudos foram efectuados nesse sentido. A nossa hipótese é de que os jogadores titulares têm um alto grau de concordância com aquilo que os treinadores pensam deles e uma melhor ideia da qualidade da relação interpessoal com os treinadores do que os jogadores suplentes, não sendo essa regularidade afectada pelo escalão.

No que se refere à percepção da qualidade da relação treinador – atleta, esperamos que existam diferenças entre a forma como os atletas percebem essa relação. Esta segunda hipótese sustenta-se na seguinte argumentação: pensamos que o facto de certos jogadores serem menos utilizados determina a construção de uma imagem do seu treinador diferente da dos jogadores que jogam mais tempo.

Considerando o desempenho das principais funções de condução do treino por parte do treinador, a nossa terceira hipótese pretende verificar que o comportamento funcional do treinador varia em função do escalão, do estatuto e do resultado atingido pelas equipas (treinos efectuados após vitória e após derrota). Baseamos esta hipótese no estudo efectuado no Voleibol por Rodrigues (1997), onde o autor refere que encontrou, nos treinos após derrota, valores médios mais baixos de correcção e mais altos de afectividade positiva e pressões. Nestes treinos evidenciam-se, também, mais

comportamentos marginais. Consideramos que estas diferenças de comportamento também se verificam consoante o escalão e o estatuto, tal como nos indicam os estudos de Wang, Callahan e Goldfine (2001), ao referirem que, historicamente, os suplentes têm tendência para ser tratados de forma diferente dos titulares. Os vários estudos que abordámos anteriormente, como os de Garland e Barry (1990), Liukkonen e Salminen (1990) vão no mesmo sentido. Esperamos, também, que exista interacção entre o estatuto, o escalão e o resultado.

Consideramos, ainda, que as diferenças no perfil de concretização das principais funções de ensino se estenderá ao perfil de comportamentos afectivos do treinador. Apoiados em Martinek, Crowe e Rejeski (1982), Davies (1989) e Santos (1997), na relação treinador – atleta também deve ser considerado o efeito Pigmalião. Baseados no que refere Piéron (1993), de que a acção do treinador, relativamente aos seus atletas, reflecte, de forma diferenciada, o tipo ou o nível de prestação que o treinador espera de um dado atleta, apresentamos a nossa quarta hipótese, considerando que os comportamentos afectivos dos treinadores variam em função do resultado, do estatuto e do escalão e a sua interacção. Esta hipótese é igualmente apoiada em vários autores no que se refere ao abandono da actividade desportiva. O facto de se ser suplente, não gostar do treinador, problemas com o treinador, demasiada importância concedida à competição pelos treinadores, são algumas razões apontadas pelos atletas (Martens, 1980; Dunn, 1984; Gould, 1984; Gould & Horn, 1984; Green, 1986; Cruz, Costa, Rodrigues & Ribeiro, 1988; Fox & Biddle, 1988; Dunn & Nielsen, 1993; Lázaro, Villamarin & Limonero, 1993; Petlichkoff, 1993b; Gonçalves, 1996; Cruz & Costa, 1997; Ramos, Velez & Montes, 2001 e Trepode, 2001).

Após nos termos referido aos treinadores, não quisemos deixar de fazer uma abordagem ao ponto de vista dos atletas em termos de comportamento e, assim, surge a nossa quinta hipótese, onde consideramos que os comportamentos dos atletas variam em função do seu estatuto, do seu escalão, do resultado da competição e da interacção entre eles. Sustentamos esta hipótese no facto de considerarmos que o atleta tem diferenças de comportamento por ser mais ou menos utilizado pelo treinador. Também consideramos, que ao pertencer-se a um escalão mais baixo, logo ser-se mais jovem, irá reflectir-se no seu comportamento. Um resultado positivo ou negativo também irá influenciar o comportamento dos atletas nas sessões de treino após as competições (Rundio, 1975; Gruber & Gray, 1982; Nation & Leunes, 1983; Jackson, Taten, Larry & Kirby, 1984; Garland & Barry, 1990; Weiss & Frazer, 1995).

Ainda no âmbito de comportamento do atleta mas referindo-nos, em particular, aos comportamentos disruptivos e depois de lermos o que nos diz Smith (1984), determinou-se a construção de uma sexta hipótese referente a uma expectativa de que os comportamentos perturbadores dos atletas variem em função do resultado da competição, do escalão, do seu estatuto e da interacção entre eles.

3. MÉTODO

Neste estudo pretende-se, descrever os perfis relacionais e comportamentais dos treinadores e as percepções da qualidade da relação treinador – atleta bem como explicar as relações entre as diversas variáveis independentes (fixas ou categóricas) e as diversas variáveis dependentes (comportamentos e percepções) através de um modelo de pesquisa causal-comparativo.

3.1. Participantes

Na definição da amostra tivemos algumas preocupações, de forma a esta responder aos objectivos do estudo. Esta é constituída por jogadores de basquetebol do escalão júnior e sénior e treinadores em situação de vitória e derrota (não fazem parte da nossa amostra as equipas pertencentes à Liga Profissional de Basquetebol).

A amostra foi composta por 22 equipas masculinas de basquetebol, pertencentes à CNB1 (7 equipas), CNB2 (9 equipas), sendo 16 equipas sénior e 6 equipas júnior.

Ao longo de 3 épocas foram filmadas 92 sessões de treino (70, após vitória e 22, após derrota), conforme pode ser observado no quadro seguinte:

Quadro 1 – Sessões de treino observadas

VITÓRIA		DERROTA	
JÚNIORES	SENIORES	JÚNIORES	SENIORES
35	35	11	11

Foram inquiridos 199 indivíduos, todos do sexo masculino, que foram divididos conforme pode ser constatado no quadro seguinte:

Quadro 2 – Divisão de atletas observados e inquiridos

TITULARES		SUPLENTES		TREINADORES	
JÚNIORES	SENIORES	JÚNIORES	SENIORES	JÚNIORES	SENIORES
26	62	27	62	6	16

3.2. Variáveis

Como variáveis independentes considerámos: o estatuto dos jogadores (titulares, suplentes), os escalões (juniores e seniores) e a situação de vitória/derrota. No que se refere ao estatuto, baseando-nos na bibliografia existente e através de trocas de impressões com vários treinadores dos vários escalões, os jogadores foram agrupados da seguinte forma: os que jogam mais de 50% do tempo de jogo (titulares) e os que jogam menos de 50% do tempo de jogo (suplentes).

Como variáveis dependentes são consideradas a percepção da natureza da relação treinador – atleta (medida através do questionário - I.I.T.A.), os comportamentos dos treinadores e dos atletas (utilizando um sistema de observação designado por S.O.T.A), os comportamentos inapropriados (S.O.C.I.) e os comportamentos de afectividade (S.O.C.A.).

De modo a podermos analisar os dados de uma forma mais clara e objectiva assumimos a divisão do S.O.T.A., ou seja, denominámos S.O.T.A. às cinco dimensões de análise do comportamento do treinador e S.O.T.A.-OBEL às cinco dimensões de análise do comportamento dos atletas; esta situação aconteceu só para a melhor compreensão dos dados, uma vez que a recolha foi feita baseada no S.O.T.A. original.

3.3. Instrumentos

Para a concretização do nosso estudo utilizámos vários instrumentos de observação que passamos a descrever:

3.3.1. Inventário de Interação Treinador – Atleta

O Inventário de Interação Treinador – Atleta (I.I.T.A.), (apresentado no anexo 7.6), é utilizado de forma a avaliar a imagem que os atletas têm do treinador. Utilizámos a versão portuguesa (Leitão, 1992; Leitão, Serpa & Bártolo, 1994) do *Player-Coach Interaction Inventory*, de Medford (Medford & Thorpe, 1986), que em português tomou o nome de Inventário de Interação Treinador – Atleta (I.I.T.A.) (Serpa, 1995).

O Inventário de Interação Treinador – Atleta (I.I.T.A.) avalia a imagem que os atletas têm do treinador, o que é feito a partir de questões relacionadas com a interação treinador – atleta. Este inventário é constituído por 23 adjectivos que pretendem caracterizar o treinador numa escala tipo Lickert de sete pontos, com valor crescente relativamente à favorabilidade da imagem do treinador.

Utilizámos também o I.I.T.A. de forma a ser preenchido pelos treinadores, de maneira a que eles nos proporcionassem uma auto-caracterização, ou seja, os treinadores responderam ao I.I.T.A. de

maneira a construirmos uma ideia do que pensam que os atletas pensam deles, no fundo, que efectuassem uma auto-percepção da sua imagem pelos outros. A pontuação no questionário é obtida pelo somatório dos itens, situando-se entre 23 e 161.

De forma a confirmarmos a consistência interna do I.I.T.A., testámos o alpha de cronbach numa amostra de 732 atletas, tendo-se verificado um valor 0,949, que segundo Pestana e Gageiro (2003) é considerado “Muito Boa”.

No que se refere à nossa amostra voltámos a realizar a análise de consistência interna realizando o alfa cronbach (consistência interna), tendo-se verificado um valor de 0,956, que novamente, segundo Pestana e Gageiro (2003), é considerada “Muito Boa”.

3.3.2. Sistema de Observação do Comportamento do Treinador

O Sistema de Observação do Comportamento do Treinador (S.O.T.A.), tem como objectivo estudar o comportamento do treinador em ambientes desportivos. Estuda as funções desempenhadas pelos treinadores na condução das sessões de treino. São estudadas 16 categorias de análise representando cinco dimensões em que podemos enquadrar os mais variados comportamentos. Existem cinco dimensões: instrução; organização; interacção; controlo e actividade.

O quadro n.º 3 procura sistematizar e apresentar de uma forma estruturada as Dimensões e Categorias do sistema utilizado.

Quadro 3 – Dimensões e categorias do S.O.T.A.

INSTRUÇÃO	ORGANIZAÇÃO	INTERACÇÃO	CONTROLO	ACTIVIDADE
Informação; Correcção; Avaliação Positiva; Avaliação Negativa; Demonstração; Questionamento	Gestão	Afectividade Positiva; Afectividade Negativa; Pressão; Conversas	Observação; Atenção Intervenções Verbais	Actividade Motora; Actividade Não Motora

De seguida, passaremos a descrever com maior precisão as mesmas Dimensões e Categorias segundo Rodrigues, Rosado, Sarmiento, Ferreira e Leça-Veiga, (1993), autores deste sistema.

INSTRUÇÃO:

- Informação: O treinador introduz informação nova ou explica e sumaria informação já transmitida. Incluem-se, também, os comentários dos jogos ou competições passados ou a realizar, horários ou outras informações relevantes para o processo de treino. Regista-se também a informação respeitante à organização das tarefas e situações de exercício.

-
- Correção: O treinador, reagindo à prestação do atleta ou da equipa, fornece informação ao atleta ou ao grupo, afirmando que o seu desempenho é ou não satisfatório, descrevendo ou afirmando o que fez ou o que deve alterar na sua execução. Pode ou não dizer respeito a comportamentos motores. Consideramos também correção quando o treinador está a ajudar o atleta (feedback quinesfésico).
 - Avaliação Positiva: O treinador avalia a prestação do atleta de uma forma simples, não especificando pormenores sobre a avaliação. A expressão utilizada é positiva e reflecte uma aprovação.
 - Avaliação Negativa: O treinador avalia a prestação do atleta de uma forma simples, não especificando pormenores sobre a avaliação. A expressão utilizada é negativa e reflecte uma desaprovação.
 - Demonstração: Acções motoras do treinador, acompanhadas ou não por verbalização, que visam demonstrar como se deve ou não realizar determinado gesto técnico ou exercício.
 - Questionamento: O treinador formula uma questão relacionada com a natureza dos objectivos do treino.

ORGANIZAÇÃO:

- Gestão: O treinador envolve-se em comportamentos que não estão directamente relacionados com a situação de ensino ou com a matéria. Tarefas organizativas como organização de grupos, manipulação de materiais, início e fim de tarefa, regulação dos tempos de repouso, comportamentos de manutenção da segurança (ajudas).

INTERACÇÃO:

- Afectividade Positiva: O treinador demonstra, abertamente, prazer com o comportamento do atleta, cumprimenta-o ou elogia-o, transmitindo um sentimento positivo, verbal ou não, acerca desse comportamento, não contendo qualquer informação.
- Afectividade Negativa: O treinador disciplina e mostra desprazer para com um indivíduo ou grupo cujo comportamento ou desempenho é inaceitável ou inapropriado. Pode ser verbal ou não verbal. A intervenção não contém qualquer informação.
- Pressão: O treinador encoraja os seus jogadores ou atletas, levando-os a intensificar os seus esforços e empenhamento em determinada acção. Pode assumir a forma de marcação de ritmo.
- Conversas: Interações verbais do treinador com os atletas, dirigentes, pais, treinador adjunto, roupeiro ou outras personagens não relacionadas directamente com a sessão de treino.

CONTROLO:

- Observação: O treinador está atento ao que um indivíduo ou grupo estão a fazer, monitorizando a actividade.

- Atenção às Intervenções Verbais: O treinador está atento às intervenções verbais que os atletas lhe dirigem.

ACTIVIDADE:

- Actividade motora: O treinador, assim como os atletas, encontram-se a executar actividades motoras.
- Não Actividade Motora: O treinador não está a executar nenhuma actividade motora proposta para os atletas, nem se encontra a desempenhar qualquer outra função.

OUTROS COMPORTAMENTOS

- Esta categoria engloba todos os outros comportamentos, não enquadrados nas categorias anteriores ou os momentos em que o treinador não é visualizado no filme.

O sistema assenta os seus fundamentos nos trabalhos de Tharp e Gallimore (1976); Rushall (1989, in Darst, Zakrajsek & Mancini, 1989). Permite, assim, a definição de um perfil geral dos comportamentos do treinador mais frequentes em treino.

Estudos realizados utilizando este sistema de observação comprovaram a sua validade para aceder a este tipo de informação (Rodrigues, Rosado, Sarmiento, Ferreira & Leça-Veiga, 1993).

No que se refere à fidelidade da nossa utilização do sistema de observação e dado o facto de existirem observações efectuadas pelo mesmo observador em momentos diferentes, poderá levar a que os mesmos comportamentos sejam codificados de forma diferente. É pois necessário garantir que tal não aconteça através de uma análise dos “erros de codificação”. Neste sentido utilizámos o Índice de Acordos de Bellack ($\% \text{Acordo} = \text{Valor Mínimo} / \text{Valor Máximo} \times 100$), (Siedentop, 1983). A fidelidade foi estudada com base em observações de 10 sessões de treino e voltámos a repeti-las passados dez dias após termos efectuado a primeira observação.

No quadro que se segue apresentamos os valores da fidelidade intra-observador e o respectivo valor médio nas 10 sessões de treino.

Quadro 4 – Fidelidade Intra-Observador

Categorias do S.O.T.A.	% Fidelidade
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	98,41
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	91,08
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	97,33
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA	100
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	99,47
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	99,57
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	100
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	---
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA	---

INTERACÇÃO-PRESSÃO	98,81
INTERACÇÃO-CONVERSA	---
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	99,59
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	98,89
ACTIVIDADE MOTORA	---
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	99,86
OUTROS COMPORTAMENTOS	100

Aplicámos o índice categoria a categoria, nas 10 sessões de treino, e obtivemos uma elevada consistência. Tal como se pode observar no quadro anterior, o nível de acordos situa-se entre os 91,08% e 100%, o que permite considerar que o observador, independentemente do momento, observa e codifica sempre da mesma forma, ou seja, com elevada fidelidade.

Estudámos, ainda, fidelidade inter-observador para que os dados obtidos a partir do sistema de observação sejam mais consistentes. Considerámos que era necessário garantir que as diferentes categorias que compõem o sistema de observação utilizado são entendidas e observadas por outros observadores, da mesma forma, para que exista objectividade e padronização. Posto isto, a fidelidade inter-observador foi verificada com o mesmo teste.

Quadro 5 – Fidelidade Inter-Observador

Categorias do S.O.T.A.	% Fidelidade
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	97,30
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	97,48
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	96,20
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA	96,25
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	99,06
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	99,20
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	100
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	---
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA	---
INTERACÇÃO-PRESSÃO	98,49
INTERACÇÃO-CONVERSA	---
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	99,60
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	99,29
ACTIVIDADE MOTORA	---
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	99,73
OUTROS COMPORTAMENTOS	---

Como podemos observar no quadro anterior, obtivemos uma elevada consistência entre os dois observadores nas várias categorias. Tivemos a preocupação de os dois observadores apresentarem níveis de formação académica e profissional idênticas, sendo ambos especialistas na modalidade de basquetebol. Os observadores realizaram um período de prática onde foram discutidas as dúvidas

levantadas ao observar 4 sessões de treino. Tivemos a necessidade de ministrar formação relativa ao sistema de observação utilizado. De forma a que o segundo observador procedesse à codificação, realizámos, após treino das categorias, uma prova oral, onde nos certificámos que o observador conhecia a definição das categorias. O processo de treino realizado para o observador foi baseado na metodologia utilizada por Carreiro da Costa (1988) e Rodrigues (1995).

Dado que o nível de acordos se situa no intervalo 96,25% e 100%, podemos considerar que ambos os observadores observaram e codificaram da mesma forma, com elevada fidelidade inter-observadores.

Todos estes procedimentos foram efectuados em todos os sistemas de observação que foram utilizados para a realização deste estudo, como poderemos verificar seguidamente quando da descrição de cada um deles.

O registo das observações neste sistema de observação foi realizado através do método de registo de duração, sendo este interpretado como sendo o método para registo da quantidade de tempo que o treinador leva a desempenhar determinada função (é utilizado o tempo como medida do comportamento). A informação foi expressa em minutos e segundos, sendo posteriormente convertido em percentagens de forma a permitir comparações com outras observações.

3.3.3. Sistema de Observação do Comportamento do Atleta

O Sistema de Observação do Comportamento do Atleta (S.O.T.A.-OBEL), baseado no O.B.E.L.-Ulg (*Observation de Élève – Université Liège*), tem como objectivo estudar o comportamento do atleta em ambientes desportivos. Estuda os comportamentos dos atletas nas sessões de treino. São estudadas 15 categorias de análise representando cinco dimensões em que podemos enquadrar os mais variados comportamentos.

O quadro n.º 6 procura sistematizar e apresentar, de uma forma estruturada, as Dimensões e Categorias do sistema utilizado.

Quadro 6 – Dimensões e categorias do S.O.T.A. – OBEL

ACTIVIDADE	INSTRUÇÃO
Actividade Motora	Atenção à Informação; Questionamento; Demonstração; Ajuda
Esforço da Tarefa: Máximo; Adequado; Inadequado	ORGANIZAÇÃO
Participação na Tarefa: Adequado; Inadequado; Inactividade Ocasional; Inactividade de Pausa; Espera	Manipulação de Materiais; Deslocamentos
INTERACÇÃO	DISCIPLINA
Interacção com o Treinador; Interacção entre Atletas; Conversas	Comportamentos Inapropriados
OUTROS COMPORTAMENTOS	

De seguida, passaremos a descrever com maior precisão as mesmas Dimensões e Categorias segundo Rodrigues, Rosado, Sarmento, Ferreira e Leça-Veiga, (1993), autores deste sistema.

ACTIVIDADE:

- Actividade Motora: O atleta realiza uma actividade física relacionada com a matéria a ensinar ou treinar, sendo realizados dois níveis de análise do envolvimento do atleta nessa actividade;

1.º Nível: Esforço da tarefa: o observador, através de sinais exteriores e evidentes, considera o desempenho do atleta num dos três níveis seguintes:

1. Máximo – o nível de esforço é máximo ou muito elevado.
2. Adequado – o nível de esforço é adequado.
3. Inadequado – o nível de esforço é inaceitável.

2.º Nível: Participação na tarefa: o observador, através dos sinais exteriores e evidentes, considera o empenhamento do atleta num dos dois níveis seguintes:

4. Adequado – a execução técnica da tarefa é adequada.
5. Inadequado – a execução está a ser inapropriada.

Inactividade Ocasional: o atleta está envolvido em actividade verbal ou não – verbal relevante; Ex.: olhar por uma janela.

Inactividade de Pausa: o atleta não está envolvido em actividade verbal ou não – verbal, correspondente à recuperação de esforços.

Espera: O atleta encontra-se à espera para realizar a sua tarefa, evidenciando interesse pela actividade.

INSTRUÇÃO:

- Atenção à Informação: O atleta escuta ou toma atenção ao que o treinador ou um colega está a dizer ou fazer.
- Questionamento: O atleta coloca questões ao treinador ou a outro colega directamente relacionadas com a actividade. Ex.: Qual é o exercício seguinte?
- Demonstração: Acções motoras do atleta, pedidas ou não pelo treinador, que visam demonstrar a colegas como se deve ou não realizar determinado gesto técnico ou exercício.
- Ajuda: O atleta ajuda um outro colega, quer através de ajuda manual, de controlo da segurança, da participação como agente de ensino.

ORGANIZAÇÃO:

- Manipulação de Materiais: o atleta envolve-se em comportamentos organizativos, como a montagem de materiais ou a mudança do equipamento.

- Deslocamentos: O atleta encontra-se em deslocamento entre grupos ou tarefas, de modo a iniciar a sua actividade.

INTERACÇÃO:

- Interacção com o treinador: O atleta está em comunicação com o treinador. Responde a questões, informa sobre o que fez, etc., ...
- Interacção entre atletas: O atleta entra em comunicação com outros atletas sobre assuntos relacionados com a matéria da sessão.
- Conversas: Interações verbais do atleta com outros atletas ou personagens não relacionadas directamente com a sessão em momentos de inactividade.

DISCIPLINA:

- Comportamentos Inapropriados: Comportamentos desviantes, centrando-se numa actividade que não a proposta ao grupo ou comportamentos de indisciplina.

OUTROS COMPORTAMENTOS

- Esta categoria engloba todos os outros comportamentos, não enquadrados nas categorias anteriores ou os momentos em que o treinador não é visualizado no filme.

A fidelidade intra-observador voltou a ser efectuada através de uma análise de codificações segundo o Índice de Bellack (Siedentop, 1983). O registo das observações neste sistema de observação foi realizado através do método de registo por intervalos (de 5 minutos). Em intervalos de 5 minutos foram observados um atleta titular e um suplente (observámos um atleta titular e posteriormente observávamos, no mesmo período, um atleta suplente). A informação foi expressa em minutos e segundos, sendo posteriormente convertido em percentagens de forma a permitir comparações com outras observações. Apresentamos, seguidamente, os valores da fidelidade intra-observador, registados para as categorias deste sistema.

Quadro 7 – Fidelidade Intra-Observador

Categorias do S.O.T.A. - OBEL	% Fidelidade
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO	---
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO	99,87
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO	99,67
ACTIVIDADE MOTORA -PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO	99,86
ACTIVIDADE MOTORA -PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	99,79
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE OCASIONAL	---
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE PAUSA	99,34
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE ESPERA	98,96
INSTRUÇÃO-ATENÇÃO À INFORMAÇÃO	99,68
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	---
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	---
INSTRUÇÃO-AJUDA	---

ORGANIZAÇÃO-MANIPULAÇÃO MATERIAL	---
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	---
INTERACÇÃO TREINADOR	99,91
INTERACÇÃO ATLETAS	99,78
INTERACÇÃO CONVERSAS	99,68
DISCIPLINA-COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS	---
OUTROS COMPORTAMENTOS	---

Conseguimos obter uma elevada consistência nas várias categorias do sistema, como pode ser observado no quadro anterior. Com os valores encontrados, podemos considerar que o observador, independentemente do momento, observa e codifica sempre da mesma forma, com elevada fidelidade.

A fidelidade inter-observador é apresentada no quadro seguinte.

Quadro 8 – Fidelidade Inter-Observador

Categorias do S.O.T.A. – OBEL	% Fidelidade
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO	---
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO	99,91
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO	99,78
ACTIVIDADE MOTORA -PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO	99,91
ACTIVIDADE MOTORA -PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	99,89
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE OCASIONAL	---
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE PAUSA	98,60
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE ESPERA	98,98
INSTRUÇÃO-ATENÇÃO À INFORMAÇÃO	99,67
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	---
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	---
INSTRUÇÃO-AJUDA	---
ORGANIZAÇÃO-MANIPULAÇÃO MATERIAL	---
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	98,26
INTERACÇÃO TREINADOR	---
INTERACÇÃO ATLETAS	---
INTERACÇÃO CONVERSAS	99,44
DISCIPLINA-COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS	---
OUTROS COMPORTAMENTOS	---

3.3.4. Sistema de Observação de Comportamentos Inapropriados

O Sistema de Observação de Comportamentos Inapropriados (S.O.C.I.) é baseado numa adaptação de Paula Brito (1986), Piéron, (1988), Piéron e Emonts (1988), Costa, Almeida, Moreira e Rosado (1997) e Francisco, 2001). A utilização deste sistema prevê a maior parte das dimensões e categorias usadas nessas pesquisas.

A adaptação, mínima, do protocolo de análise adoptado, visa possibilitar o enquadramento adequado à especificidade do processo de treino. Essa particularidade foi diagnosticada e adaptada no trabalho de Costa, Almeida, Moreira e Rosado (1997) e Francisco (2001).

Tal como Francisco (2001), substituímos as palavras professor e aluno pelas palavras treinador e atleta; classe/turma por equipa e aula por treino. A dimensão “comportamento da assistência”, referenciada por Costa, Almeida, Moreira e Rosado (1997), não justifica a sua inclusão no protocolo de investigação (Francisco, 2001), dado não existir assistência aos treinos.

A sistematização observacional do atleta ou grupo de atletas prevê o agrupamento de comportamentos inapropriados em quatro dimensões: comportamentos dirigidos à actividade, comportamentos dirigidos ao treinador, comportamentos dirigidos aos colegas e comportamentos dos atletas dispensados.

O quadro n.º 9 procura sistematizar e apresentar de uma forma estruturada as dimensões e categorias do sistema utilizado.

Quadro 9 – Dimensões e categorias do S.O.C.I.

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE
Interacção entre atletas; Conversas intempestivas; Parar a acção sem perturbação; Desrespeito pelo material; Deixar o treino; Barulho das bolas; Modificação da actividade; Atrasos; Falta de empenhamento.
COMPORTAMENTO DOS ATLETAS DISPENSADOS
Conversas intempestivas; Perturbação diversa; Deixar o Espaço de treino.
COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR
Recusa de obediência; Grosseria
COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS
Grosseria; Golpe ou Pancada; Conduta Perigosa

De seguida, passaremos a definir com maior precisão as mesmas dimensões e categorias.

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS PARA A ACTIVIDADE:

- Interacção entre atletas: O atleta entra em comunicação com outros atletas sobre assuntos relacionados com a matéria da sessão.
- Conversas Intempestivas: O atleta conversa de forma perturbadora no decorrer da sessão de treino, com um ou mais colegas.
- Parar a Acção sem Perturbação: O atleta deixa de desenvolver os exercícios, tarefas ou actividades propostas pelo treinador; no entanto, não perturba a sessão de treino.

- Desrespeito pelo Material: O atleta manipula ou usa o material sem qualquer preocupação no sentido da sua correcta utilização e consequente manutenção e conservação.
- Deixar o Espaço de Treino: O atleta sai do espaço de treino sem autorização prévia do treinador.
- Modificação da Actividade: O atleta desenvolve exercícios, tarefas ou actividades à margem do contexto da sessão de treino.

COMPORTAMENTOS DOS ATLETAS DISPENSADOS:

- Conversas Intempestivas: Os atletas conversam de forma perturbadora para a sessão de treino.
- Perturbação Diversa: Os atletas perturbam a sessão com acções diversas. Ex.: pegam em material pertencente ao grupo de trabalho, invadem, mesmo que momentaneamente, o espaço de treino, riem da execução dos colegas em actividade, mandam “bocas”, etc.
- Deixar o Espaço de Treino: O atleta sai do espaço de treino sem autorização prévia do treinador.

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR:

- Recusa de Obediência: O atleta não cumpre o que lhe é pedido ou prescrito, numa clara desobediência às ordens do treinador.
- Grosseria: O atleta dirige-se ao treinador de forma desajustada ou inapropriada e insultuosa.
- Outros: Outros comportamentos.

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS:

- Grosseria: O atleta dirige-se ao colega de modo impróprio e insultuoso.
- Golpe ou Pancada: O atleta ameaça fisicamente ou bate mesmo no (s) parceiro (s).
- Conduta perigosa: o atleta assume atitudes que colocam em causa ou em risco a segurança da actividade desportiva.

Podemos observar no quadro que se segue, a fidelidade intra-observador segundo o Índice de Bellack. O registo das observações neste sistema de observação foi realizado através do método de registo de ocorrências, sendo este interpretado como sendo o método para registo do número de vezes que o treinador desempenha determinada função.

Quadro 10 – Fidelidade Intra-Observador

Categorias do S.O.C.I.	% Fidelidade
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	---
COMP. DIRIGI. ACTIVIDADE-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	98,15
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DESRESPEITO PELO MATERIAL	94,57
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	90
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-FALTA DE EMPENHO	86,33
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-ATRASOS	100
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI. -MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	93,15
ATLETAS DISPENSADOS-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	80

ATLETAS DISPENSADOS-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	80
ATLETAS DISPENSADOS-PERTURBAÇÃO DIVERSA	80
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-RECUSA DE OBEDIÊNCIA	---
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-GROSSERIA	90
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-OUTROS	---
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GROSSERIA	---
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	90
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	90
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-OUTROS	100

No que se refere ao S.O.C.I., voltamos a obter uma elevada consistência das várias categorias. Os níveis de acordos situam-se entre os 80% e 100%, obtendo-se uma média acima dos 90%, o que permite afirmar que existe uma elevada fidelidade intra-observador.

Os valores referentes à fidelidade inter-observador são descritos no quadro seguinte.

Quadro 11 – Fidelidade Inter-Observador

Categorias do S.O.C.I.	% Fidelidade
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	100
COMP. DIRIGI. ACTIVIDADE-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	100
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DESRESPEITO PELO MATERIAL	98,33
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	90
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-FALTA DE EMPENHO	98,33
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-ATRASOS	95
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	96,25
ATLETAS DISPENSADOS-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	80,42
ATLETAS DISPENSADOS-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	90
ATLETAS DISPENSADOS-PERTURBAÇÃO DIVERSA	85,33
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-RECUSA DE OBEDIÊNCIA	---
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-GROSSERIA	---
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-OUTROS	---
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GROSSERIA	---
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	---
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	---
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-OUTROS	---

Os valores situam-se entre os 80,42% e 100% de acordos, o que significa uma elevada fidelidade inter-observador.

3.3.5. Sistema de Observação dos Comportamentos de Afectividade

O Sistema de Observação dos Comportamentos de Afectividade (S.O.C.A) foi adaptado a partir das referências existentes em estudos sobre esta temática, no âmbito da Educação Física (Costa, 1988; Cloes & Piéron, 1989; Shigunov, 1991) e no âmbito do treino desportivo (Rosado, Campos & Aparício, 1993; Pereira, 1996; Palma, 2002).

O quadro n.º 12 procura sistematizar e apresentar de uma forma estruturada o sistema utilizado.

Quadro 12 – Dimensões e categorias do S.O.C.A.

AFFECTIVIDADE POSITIVA	AFFECTIVIDADE NEGATIVA
Rir, Sorrir e Gracejar; Identificação do Atleta; Comunicação não Verbal; Contactos Físicos; Encorajamento e Pressão; Demonstração e Participação; Feedback Positivo; Elogiar; Inflexões de Voz; Movimentação; Aceitação e utilização de ideias dos atletas; Amabilidades; Interação extra-conteúdo	Desinteresse; Feedback Negativo; Frustração e Irritabilidade; Criticar; Punir; Agredir.

De seguida, passaremos a definir com maior precisão as mesmas Dimensões e Categorias.

COMPORTAMENTOS DE AFFECTIVIDADE POSITIVA:

- Rir, Sorrir e Gracejar: O treinador expressa de modo verbal ou não verbal a sua atitude positiva face à matéria e/ou prazer em reacção a uma prestação. Ex.: Graças, piadas, tiques de linguagem, risos, sorrisos, etc.
- Identificação do Atleta: O treinador, quando interage com o atleta, utiliza o nome próprio do mesmo (ou por vezes o sobrenome).
- Comunicação não Verbal: O treinador emite, simultaneamente ou não, com as mensagens verbais, sinais gestuais, expressões faciais e outras expressões não verbais. Ex.: Polegar levantado, bater palmas, assobios, etc.
- Contactos Físicos: O treinador toca no atleta em manifestação de aproximação relacional. Ex.: Palmadinhas, abraços, etc.
- Encorajamento e Pressão: O treinador, de modo verbal, solicita, estimula e inspira a actividade dos atletas. Ex.: “Vai, vai...!”, “Força...!”. “Mais...!”, etc.
- Demonstração e Participação: O treinador envolve-se activamente na prática com os atletas. Ex.: Demonstrando, jogando, efectuando um exercício com um atleta sem par, etc.
- *Feedback* Positivo: O treinador utiliza expressões avaliativas positivas simples como reacção à prestação motora do atleta, exaltando, elogiando, encorajamento e realçando essa mesma prestação. Ex.: “Bem!”, “Gostei, João!”, “Foi Bom!”, etc.
- Elogiar: Toda a intervenção do treinador, verbal ou não, manifestada para louvar, incentivar e gabar as manifestações do atleta.

-
- Inflexões de voz: O treinador altera significativamente o tom de voz relativamente àquele que estava a ser utilizado anteriormente, evidenciando-se por um tom mais elevado. Ex.: O treinador grita, incitando os seus atletas ao melhoramento das realizações.
 - Movimentação: O treinador percorre todo o espaço do treino, de atleta a atleta, grupo em grupo, de uma forma acelerada. Ex.: Verificação de exercícios em estações, correcções individuais, etc.
 - Aceitação e utilização das ideias dos atletas: O treinador aceita sugestões de alteração da actividade, desenvolve ideias dos atletas, integra essas ideias nas suas informações.
 - Amabilidades: Quando o treinador interage com o (s) atleta (s), o treinador utiliza conotações de amabilidade que dizem respeito a diferentes formas de manifestação de interacções civilizadas, respeitadoras e positivas. Ex.: “Por favor!”, “Obrigado!”, “Desculpe!”, etc.
 - Interações extra-treino: O treinador interage com os atletas sobre assuntos que não estejam directamente relacionados com os conteúdos do treino. Ex.: “Viste o filme de ontem?”, “Então, as notas são boas?”, etc.

COMPORTAMENTOS DE AFECTIVIDADE NEGATIVA:

- Desinteresse: O treinador mostra-se lento, pouco dinâmico, pouco persistente, pouco interventivo, tomando posições de afastamento da actividade do treino, interagindo com elementos estranhos ao treino durante algum tempo. Ex.: Não responde ao apelo de um atleta, não olha as prestações dos atletas, abandona momentaneamente o local, fala com um dirigente durante algum tempo, etc.
- *Feedback* Negativo: O treinador utiliza expressões avaliativas simples como reacção à prestação do atleta, denegando essa mesma prestação. Ex.: “Não, não é nada disso!”, “Não faças isso!”, etc.
- Frustração e Irritabilidade: O treinador mostra-se emocionalmente perturbado, manifestando agressividade e mau humor.
- Criticar: Toda a intervenção do treinador, verbal ou não, para ajuizar, ironizar, comentar ou censurar qualquer manifestação do (s) atleta (s).
- Punir: Toda a intervenção do treinador, verbal ou não, com um intuito de castigar, reprimir ou penalizar todas as manifestações, julgadas infractoras, do (s) atleta (s).
- Agredir: o treinador sanciona o atleta, de forma verbal ou não, para menosprezar, admoestar, ameaçar, intimidar, ferir e ofender.

No quadro seguinte, podemos observar os valores encontrados ao aplicarmos o Índice de Bellack, de forma a avaliarmos a fidelidade intra-observador. O registo das observações neste sistema de observação foi realizado através do método de registo de ocorrências, sendo este interpretado como sendo o método para registo do número de vezes que o treinador desempenha determinada função.

Quadro 13 – Fidelidade Intra-Observador

Categorias do S.O.C.A.	% Fidelidade
RIR, SORRIR, GRACEJAR	100
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	87,39
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	100
CONTACTOS FÍSICOS	95,34
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	96,03
FEEDBACK POSITIVO	100
ELOGIAR	100
INFLEXÃO DE VOZ	96,28
MOVIMENTOS	99,09
ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO IDEIAS DOS ATLETAS	100
AMABILIDADES	96,67
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	100
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	99,09
DESINTERESSE	100
FEEDBACK NEGATIVO	97,5
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	100
CRITICAR	100
PUNIR	95
AGREDIR	---

Os valores encontrados ao ser realizado o processo de fidelidade intra-observador permitem afirmar que conseguimos obter uma elevada consistência. Os níveis de acordos situam-se no intervalo entre 87,39% e 100%.

Também no que se refere à fidelidade inter-observador se produzem índices de fidelidade aceitáveis.

Quadro 14 – Fidelidade Inter-Observador

Categorias do S.O.C.A.	% Fidelidade
RIR, SORRIR, GRACEJAR	100
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	95,14
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	100
CONTACTOS FÍSICOS	98,09
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	96,07
FEEDBACK POSITIVO	97,22
ELOGIAR	98,33
INFLEXÃO DE VOZ	95,20
MOVIMENTOS	98,09
ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO IDEIAS DOS ATLETAS	100
AMABILIDADES	90
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	100
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	94,33
DESINTERESSE	---
FEEDBACK NEGATIVO	95
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	100
CRITICAR	90
PUNIR	90
AGREDIR	---

3.4. Procedimentos

Efectuámos um primeiro contacto com os treinadores, no qual realizámos uma breve descrição do objectivo e dos procedimentos do estudo que pretendíamos desenvolver. Após termos obtido a autorização para a recolha dos dados, realizámos com todas as equipas uma sessão de treino onde utilizámos a câmara e o sistema de som. Esta sessão não só serviu para diminuir o efeito que a presença da câmara exerce nos observados, como também para testarmos o material e escolhermos o melhor ângulo para captação das imagens, dadas as diferentes características que os pavilhões possuem.

Os atletas e os treinadores foram informados que a investigação se destinava a estudar o comportamento dos mesmos. Todos demonstraram consentimento em participar no estudo e nunca efectuámos nada que pudesse alterar a situação normal de treino.

Utilizámos uma câmara de vídeo, sistema de som (emissor-receptor sem fios) e várias cassetes. Cada microciclo foi composto por 3 a 4 sessões de treino com a duração média de 90 minutos cada, as quais foram filmadas após vitória e após derrota. Antes de cada microciclo, os treinadores indicavam quais os jogadores pertencentes ao grupo dos titulares e suplentes. Assim, foram considerados como titulares os atletas que jogam mais de 50% do tempo de jogo e como

suplentes os que costumam jogar menos de 50% do tempo de jogo. Distribuíamos dois tipos de fitas pelos grupos de jogadores, de forma a identificá-los no tratamento dos dados. As fitas possuíam uma cor forte e distinta para que pudéssemos distinguir os atletas dos vários grupos, mesmo quando estes utilizavam os coletes normais na situação de treino.

A recolha dos dados começou a ser feita logo a seguir ao fim da 1.^a volta dos Campeonatos, onde já todos os treinadores têm uma ideia de quem são normalmente os titulares e quem são os suplentes. Após a gravação do primeiro microciclo, em função dos resultados das equipas, escolhíamos a equipa na qual recolhíamos os dados da semana (estando na posse dos vários calendários, contactávamos os treinadores telefonicamente, que nos transmitiam o resultado da sua equipa e, em função de já termos gravado o microciclo após vitória ou após derrota, aguardávamos pelo microciclo que nos faltasse).

Cada sessão de treino foi composta por um tempo médio de 90 minutos, sendo os intervalos de observação de 5 minutos, o que totalizou 45 minutos em cada treino. Observávamos os primeiros 5 minutos, não observávamos os segundos 5 minutos, voltávamos a observar os terceiros 5 minutos e assim sucessivamente. Existiu também a preocupação de alternar o início das observações, ou seja, se no primeiro treino do microciclo começávamos por observar os primeiros 5 minutos do treino, na segunda sessão de treino começávamos por observar os segundos 5 minutos e assim sucessivamente. Foram observados 828 períodos de treino por 8 vezes (utilizando o S.O.T.A., o S.O.T.A.-OBEL, o S.O.C.A. e o S.O.C.I., para os titulares e para os suplentes. Em cada período observávamos sempre o mesmo atleta para cada sistema de observação). No total foram efectuadas 6624 observações.

O número de atletas observados foi escolhido de forma aleatória, de maneira a não repetir o mesmo. Quando ainda não tinha chegado ao fim da sessão e ainda tínhamos períodos de 5 minutos para observar voltávamos ao 1.^o atleta.

No que se refere ao Inventário de Interação – Atleta, aplicámos o questionário a vinte e seis jogadores juniores e a sessenta e dois seniores titulares, a vinte e sete juniores e sessenta e dois seniores suplentes e a seis treinadores juniores e a dezasseis seniores. Posteriormente, fez-se a divisão das vinte e três características em factores. Atribuímos um nome aos vários grupos de características, da forma que melhor os personifique.

3.5. Procedimentos estatísticos

Para o tratamento dos dados utilizámos o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* versão 12.0 (S.P.S.S.). Numa primeira fase, procedemos ao cálculo da fidelidade dos instrumentos utilizando-se, para os sistemas de observação, o Índice de Bellack e para o questionário,

I.I.T.A., foi, ainda, realizado uma análise factorial de componentes principais, com Rotação Varimax e procedendo-se ao estudo da fidelidade pelo alpha de Cronbach.

Procedemos, depois, a uma análise descritiva dos dados, nomeadamente quanto aos seus valores médios, desvio padrão, mínimos e máximos, em função das diferentes variáveis definidas para os atletas e treinadores.

Seguiu-se os testes de normalidade através da prova de Kolmogorov-Smirnov com correcção de de Lilliefors e homogeneidade das variâncias através do Teste de Levene, para verificar os pré-requisitos de normalidade e homogeneidade das variâncias.

Realizaram-se análises multivariadas (Manova *two way* e *three way*) para comparação dos grupos nas diversas variáveis dependentes e as respectivas comparações posteriores.

4. RESULTADOS

Neste capítulo procederemos à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos no nosso estudo.¹

4.1. Análise do comportamento do treinador

Pretendemos perceber se os comportamentos dos treinadores se diferenciam em função das variáveis em estudo. Iniciaremos esta parte por observar, de forma resumida, quais os valores médios do perfil de comportamentos do treinador em relação ao estatuto, ao escalão e ao resultado.

4.1.1. Perfil do comportamento dos treinadores em função do estatuto, do escalão e do resultado

Seguidamente, podemos observar os valores médios do perfil de comportamentos dos treinadores, em função do estatuto que possuem na equipa (a negrito encontramos os valores médios mais elevados).

Quadro 15 – Valores médios do S.O.T.A. em relação ao Estatuto

	TITULARES	SUPLENTEs
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	0:00:28	0:00:17
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	0:02:22	0:01:45
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	0:00:05	0:00:01
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA	0:00:00	0:00:00
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:00:12	0:00:15
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0:00:00	0:00:01
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	0:00:05	0:00:09
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	0:00:00	0:00:02
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA	0:00:00	0:00:00
INTERACÇÃO-PRESSÃO	0:00:11	0:00:19
INTERACÇÃO-CONVERSA	0:00:01	0:00:06
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	0:00:55	0:00:12
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0:00:03	0:00:01
ACTIVIDADE MOTORA	0:00:00	0:00:00
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	0:00:00	0:00:00
OUTROS COMPORTAMENTOS	0:00:00	0:00:00

No que se refere ao escalão, nomeadamente aos juniores e seniores, descrevemos, no quadro seguinte, o perfil comportamental dos treinadores.

¹ Para convergir a atenção sobre os resultados mais expressivos, remetemos para anexos os resultados de menor significado na discussão e todos aqueles cuja representação é inequivocamente de carácter consultivo.

Quadro 16 – Valores médios do S.O.T.A., em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	0:02:28	0:03:34
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	0:03:51	0:3:11
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	0:00:09	0:0:03
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA	0:00:01	0:00:00
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:01:08	0:00:07
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0:00:06	0:00:02
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	0:02:20	0:1:27
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	0:00:00	0:00:02
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA	0:00:00	0:00:00
INTERACÇÃO-PRESSÃO	0:00:40	0:01:22
INTERACÇÃO-CONVERSA	0:00:05	0:00:10
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	0:18:15	0:18:45
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0:00:03	0:00:00
ACTIVIDADE MOTORA	0:00:06	0:00:00
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	0:00:25	0:00:08
OUTROS COMPORTAMENTOS	0:00:11	0:00:02

No que se refere aos Resultados² procedemos da mesma forma.

Quadro 17 – Valores médios do S.O.T.A., em relação ao Resultado

	VITÓRIA	DERROTA
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	0:03:01	0:03:35
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	0:02:27	0:04:14
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	0:00:04	0:00:05
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA	0:00:00	0:00:01
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:00:19	0:00:24
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0:00:02	0:00:03
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	0:1:28	0:01:51
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	0:00:01	0:00:01
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA	0:00:00	0:00:00
INTERACÇÃO-PRESSÃO	0:00:42	0:01:41
INTERACÇÃO-CONVERSA	0:00:10	0:00:08
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	0:18:11	0:19:04
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0:00:01	0:00:01
ACTIVIDADE MOTORA	0:00:01	0:00:01
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	0:00:12	0:00:13
OUTROS COMPORTAMENTOS	0:00:05	0:00:04

² Quando nos referimos ao resultado (vitória e derrota), temos de ter em conta que estamos a referirmo-nos a sessões de treino que foram observadas após a competição, ou seja, falaremos de “vitória” nas situações das sessões de treino após o jogo ter sido ganho e falaremos de “derrota” nas situações das sessões de treino após o jogo ter sido perdido.

Nos quadros seguintes, e de forma a podermos efectuar uma leitura mais facilitada, podemos ver os valores descritivos que surgiram em função do resultado.

Quadro 18 – Valores médios do S.O.T.A., em função da Vitória

	VITÓRIA			
	TITULARES		SUPLENTES	
	JUNL.	SENI.	JUNL.	SENI.
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	0:00:30	0:00:26	0:00:07	0:00:20
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	0:03:43	0:01:22	0:01:41	00:01:09
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	0:00:11	0:00:00	0:00:02	0:00:01
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:00:53	0:00:00	0:00:51	0:00:02
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0:00:00	0:00:00	0:00:01	0:00:01
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	0:00:00	0:00:07	0:00:07	0:00:09
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:01
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00
INTERACÇÃO-PRESSÃO	0:00:02	0:00:08	0:00:00	0:00:04
INTERACÇÃO-CONVERSA	0:00:00	0:00:02	0:00:00	0:00:05
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	0:01:14	0:00:45	0:00:14	0:00:15
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0:00:08	0:00:01	0:00:00	0:00:01
ACTIVIDADE MOTORA	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	0:00:06	0:00:00	0:00:00	0:00:00
OUTROS COMPORTAMENTOS	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00

Quadro 19 – Valores médios do S.O.T.A., em função da Derrota

	DERROTA			
	TITULARES		SUPLENTES	
	JUNL.	SENI.	JUNL.	SENI.
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	0:00:35	0:00:28	0:00:09	0:00:21
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	0:04:23	0:02:18	0:01:59	0:02:17
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	0:00:36	0:00:00	0:00:03	0:00:00
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:00:54	0:00:00	0:00:49	0:00:07
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0:00:02	0:00:00	0:00:01	0:00:01
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	0:00:00	0:00:07	0:00:10	0:00:08
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:03
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00
INTERACÇÃO-PRESSÃO	0:00:03	0:00:19	0:00:02	0:00:45
INTERACÇÃO-CONVERSA	0:00:00	0:00:02	0:00:00	0:00:10
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	0:01:32	0:00:49	0:00:24	0:00:05
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0:00:10	0:00:01	0:00:00	0:00:01
ACTIVIDADE MOTORA	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00
OUTROS COMPORTAMENTOS	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00

De forma a podermos observar os dados de uma forma mais compacta, foi efectuada uma sobreposição dos valores médios.³

Quadro 20 – Sobreposição dos valores médios do S.O.T.A., em função do Resultado

	VITÓRIA – DERROTA			
	TITULARES		SUPLENTEs	
	JUNL.	SENI.	JUNL.	SENI.
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	0:00:35			0:00:21
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	0:04:23			0:02:17
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	0:00:36		0:00:03	
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA				
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:00:54		0:00:51	
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0:00:02		0:00:01	0:00:01
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO			0:00:10	0:00:09
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA				0:00:03
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA				
INTERACÇÃO-PRESSÃO		0:00:19		0:00:45
INTERACÇÃO-CONVERSA				0:00:10
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	0:01:32		0:00:24	0:00:15
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0:00:10			
ACTIVIDADE MOTORA				
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	0:00:06			
OUTROS COMPORTAMENTOS				

Repare-se que, no que se refere à informação que é dada aos atletas, os titulares juniores recebem valores médios de informação mais elevados do que os seniores e, por outro lado, os suplentes seniores recebem valores de informação mais elevados do que os juniores. Após a situação de derrota, os treinadores sentem, eventualmente, a necessidade de rever o que pode ter ocasionado a derrota no jogo, os erros cometidos e o que deve ser alterado em função do próximo jogo.

No que se refere à “instrução – correcção”, ou seja, aos comportamentos de *feedback*, os titulares juniores têm os valores médios mais altos, após derrota. Nos suplentes, os valores médios mais altos referem-se aos seniores, também após derrota.

Na “instrução – avaliação positiva”, ou seja, na avaliação da prestação dos atletas e sempre no sentido de aprovação, os valores médios mais altos pertencem aos titulares e aos suplentes juniores na derrota.

³ Os valores mais altos no que se refere às observações efectuadas após vitória a negrito sublinhado e para as observações após derrota a negrito em itálico. A terceira forma de apresentação corresponde aos valores médios iguais para ambas situações.

Os valores médios mais altos proporcionados pelos treinadores, no que se refere à demonstração, são observados nos titulares juniores na derrota, sendo os valores médios mais altos dos suplentes juniores, após vitória. O facto de ser um escalão mais jovem (juniores), leva a que o treinador tenha a necessidade de efectuar mais acções motoras que visem demonstrar como se deve ou não realizar determinado gesto técnico ou exercício. No escalão sénior o nível dos atletas é mais elevado e a demonstração por parte dos treinadores já não é tão necessária, bastando uma explicação oral do que se pretende.

No que refere às questões formuladas pelos treinadores relacionadas com a natureza dos objectivos do treino, registam-se valores médios mais altos para os titulares juniores, após derrota e os valores são coincidentes tanto para os suplentes juniores como seniores.

Em termos de balanço acerca da dimensão instrução, podemos observar que, em termos do comportamento dos treinadores em relação aos seus atletas, estes possuem valores médios mais altos para os titulares juniores a seguir a situações de derrota em 5 das 6 categorias e as equipas seniores não possuem em nenhuma categoria os valores médios mais altos.

No que se refere aos comportamentos de carácter organizativo, avaliados na “organização – gestão”, os suplentes seniores possuem um valor médio mais alto, após as vitórias e os suplentes juniores um valor médio mais alto, após a derrota.

Na “interacção – afectividade positiva”, os valores médios mais altos pertencem às equipas seniores, obtendo os suplentes seniores os valores médios mais altos na derrota. No que se refere à afectividade negativa, não se registaram observações.

Os valores médios mais altos na “interacção – pressão” são todos registados após derrota e todos para o escalão sénior, tanto para os titulares como para os suplentes. Estes dados podem ser interpretados pelo facto de nas situações após derrota, nos treinos dos seniores, a pressão para o trabalho aumentar significativamente, dado existir maior responsabilidade em relação aos resultados.

No que se refere à “interacção – conversa”, no que se refere aos titulares, os valores médios são coincidentes tanto após vitória como após derrota e os suplentes seniores apresentam valores médios mais altos, após derrota.

No “controlo – observação”, no que se refere aos titulares, é no escalão júnior que estes são mais observados após derrota. Os suplentes juniores são mais observados pelos treinadores após derrota e os suplentes seniores após vitória.

Os titulares juniores, no “controlo – atenção intervenções verbais”, possuem um valor médio mais alto, após derrota, sendo o valor médio mais alto coincidente nos suplentes seniores.

Na “actividade não motora”, os titulares juniores têm um valor médio mais alto, após vitórias, não se observando valores para os suplentes.

4.1.2. Categorias do comportamento do treinador com diferenças significativas

Na tabela seguinte, e após termos efectuado o Teste de Wilks' Lambda, podemos observar que tanto o resultado, como a interacção do resultado com o estatuto, a interacção do resultado com o escalão e a interacção do resultado com o estatuto e com o escalão, não afectam significativamente os comportamentos dos treinadores, pois não existem diferenças significativas. O Wilks' Lambda para o estatuto dá um resultado de 0,0779 para um $F(15;162) = 3,065$, $p < 0,00$; para o escalão dá um resultado de 0,615 para um $F(15;162) = 6,752$, $p < 0,00$ e para a interacção do estatuto com o escalão, dá um resultado de 0,768 para um $F(15;162) = 3,254$, $p < 0,00$.

Quadro 21 – Teste de Wilks' Lambda para o S.O.T.A.

	VALOR	F	GRAU LIB.	SIGNIFI.
RESULTADO	0,916	0,986	15;162	0,472
ESTATUTO	0,779	3,065	15;162	0,000
ESCALÃO	0,615	6,752	15;162	0,000
RESULTADO*ESTATUTO	0,933	0,779	15;162	0,699
RESULTADO*ESCALÃO	0,911	1,051	15;162	0,406
ESTATUTO*ESCALÃO	0,768	3,254	15;162	0,000
RESULTADO*ESTATUTO*ESCALÃO	0,945	0,635	15;162	0,843

Do quadro anterior resulta que o comportamento do treinador é influenciado significativamente pelas variáveis estatuto e escalão, bem como pela interacção entre estas duas variáveis. Tal confirma, na generalidade, algumas das suposições básicas deste estudo (a terceira hipótese), onde referíamos que o comportamento funcional do treinador variava consoante o estatuto, o escalão e a sua interacção.

Nos quadros seguintes, podemos ver em quais das categorias observadas no S.O.T.A., em relação às várias variáveis e suas interacções, existem diferenças significativas. O facto de, como iremos ver, em algumas variáveis não existirem diferenças significativas globais, leva a que as análises das diferenças encontradas nesses quadros apresentem sérias reservas.

Quadro 22 – Diferenças significativas do S.O.T.A., em relação ao Estatuto (Valores F da Manova)

ESTATUTO	F	Sig.
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	2,663	0,105
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	9,614	0,002
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	16,459	0,000
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0,016	0,900
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0,702	0,403
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	1,580	0,210
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	0,966	0,327
INTERACÇÃO-PRESSÃO	0,082	0,774
INTERACÇÃO-CONVERSA	0,538	0,464
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	7,829	0,006
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	8,802	0,003

Repare-se que, no que se refere ao comportamento dos treinadores, este é algo condicionado pelo estatuto dos atletas.

No quadro seguinte, podemos observar as categorias do S.O.T.A. nas quais existem diferenças significativas em relação ao estatuto e os valores médios das mesmas.

Quadro 23 – Valores médios das categorias do S.O.T.A. com diferenças significativas em relação ao Estatuto.

	TITULARES	SUPLENTES
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	0:02:22	0:01:45
INSTRUÇÃO – AVALIAÇÃO POSITIVA	0:00:05	0:00:01
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	0:00:55	0:00:12
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0:00:03	0:00:01

Legenda: - A negrito os valores médios mais altos

Tal como pudemos observar no quadro anterior, nas quatro categorias onde existem diferenças significativas, o valor médio é sempre superior nos titulares. Os treinadores observam mais tempo os jogadores titulares, logo, corrigem-nos mais, avaliam-nos mais positivamente e trocam mais impressões com eles, do que com os suplentes.

No quadro seguinte podemos observar as categorias do S.O.T.A. onde existem diferenças significativas em função do estatuto em valores percentuais.

Quadro 24 – Valores percentuais do S.O.T.A., em função do Estatuto

	TITULARES	SUPLENTES
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	54,83%	56,15%
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	1,93%	0,53%
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	21,24%	6,42%
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	1,16%	0,53%

Legenda – A negrito os valores percentuais mais elevados.

Da observação do quadro anterior podemos retirar o facto de, nas quatro categorias onde existem diferenças significativas, só nas correcções efectuadas aos jogadores é que o valor é superior para os suplentes (provavelmente por serem jogadores de um nível inferior). Apesar disso, os titulares possuem um valor superior de tempo de observação, de avaliação positiva e de atenção às intervenções verbais, o que nos leva a pensar que o treinador observa mais tempo os jogadores que têm mais importância na equipa. Talvez devido à maior qualidade técnico – tática dos atletas, tenha tendência a mostrar um nível de aprovação maior do que aos suplentes e esteja mais atento às intervenções verbais que os titulares lhes dirigem do que os suplentes. Wuest, Mancini, Mars e Terrillion (1986), comparando vários estudos, referem que os melhores atletas da equipa são os que têm mais tempo e melhores condições de prática e são, ainda, os que recebem maior encorajamento e informação dos treinadores.

No quadro seguinte encontramos as categorias onde existiram diferenças significativas tendo em conta o escalão.

Quadro 25 – Diferenças significativas do S.O.T.A., em relação ao Escalão (Valores F da Manova)

ESCALÃO	F	Sig.
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	0,119	0,731
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	9,618	0,002
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	27,558	0,000
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA	0,022	0,883
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	66,383	0,000
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0,134	0,715
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	0,844	0,359
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	1,155	0,284
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA	0,619	0,433
INTERACÇÃO-PRESSÃO	1,048	0,307
INTERACÇÃO-CONVERSA	1,920	0,168
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	1,543	0,216
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	5,272	0,023
ACTIVIDADE MOTORA		
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	3,348	0,069
OUTROS COMPORTAMENTOS	0,619	0,433

No quadro seguinte podemos observar as categorias do S.O.T.A. nas quais existem diferenças significativas em relação ao escalão e os valores médios das mesmas.

Quadro 26 – Valores Médios das categorias do S.O.T.A., com diferenças significativas em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	0:03:51	0:03:11
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	0:00:09	0:00:03
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:01:08	0:00:07
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0:00:03	0:00:00

Legenda – A negrito os valores médios mais altos

No quadro seguinte encontramos as quatro categorias onde existem diferenças significativas em relação ao escalão em valores percentuais.

Quadro 27 – Valores percentuais do S.O.T.A., nas categorias com diferenças significativas, em função do Escalão

	JUNIORES	SENIORES
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	12,94%	11,02%
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	0,50%	0,17%
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	3,81%	0,40%
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0,17%	0%

Legenda – A negrito o valor percentual mais elevado

Em relação ao escalão, podemos referir que, quanto aos treinadores, nas quatro categorias onde encontrámos diferenças significativas, o valor mais elevado pertence aos que treinam equipas juniores. Os jogadores juniores necessitam de mais correcção e os treinadores demonstram mais nos treinos dos juniores do que nos treinos dos seniores. Pensamos que a maior experiência e

conhecimentos técnico – táticos dos jogadores seniores provocam esta situação no domínio da instrução, o que, em nada, nos surpreende. Salientamos, também, que nos seniores existe um maior conhecimento da organização dos treinos, dado o seu maior tempo de prática da modalidade. O facto de estarem mais familiarizados com os códigos utilizados pelos treinadores, e que são mais facilmente aprendidos pelos jogadores mais velhos, pode determinar que a demonstração incida com maior frequência nos escalões mais novos. Acresce que o facto de que só a explicação verbal não ser, muitas vezes, suficiente origina a necessidade de os treinadores demonstrarem aquilo que pretendem. Os treinadores dos jogadores mais jovens também sentem a necessidade de avaliarem de uma forma positiva, apesar de simples e sem especificar, a prestação dos seus jogadores. Os treinadores dos seniores já não o fazem tanto.

Na categoria “atenção às intervenções verbais” da dimensão “controlo”, os treinadores dos juniores estão muito mais atentos às intervenções verbais que os atletas lhes dirigem. Pensamos que o que provoca esta situação, muito mais habitual numa sessão de treino dos juniores do que dos seniores, possa ser o facto de surgirem dúvidas na realização dos exercícios e na compreensão das situações táticas.

O facto de, na generalidade, a interacção entre o estatuto e o escalão influenciarem o comportamento do treinador leva-nos ao quadro seguinte, onde podemos observar em que categorias acontecem.

Quadro 28 – Diferenças significativas do S.O.T.A., em relação à intercepção do Estatuto com o Escalão (Valores F da Manova)

ESTATUTO*ESCALÃO	F	Sig.
INSTRUÇÃO-INFORMAÇÃO	0,846	0,359
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	7,771	0,006
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	19,274	0,000
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO NEGATIVA	0,157	0,692
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0,500	0,480
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0,473	0,493
ORGANIZAÇÃO-GESTÃO	0,764	0,383
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE POSITIVA	0,966	0,327
INTERACÇÃO-AFECTIVIDADE NEGATIVA	0,619	0,433
INTERACÇÃO-PRESSÃO	0,135	0,713
INTERACÇÃO-CONVERSA	0,538	0,464
CONTROLO-OBSERVAÇÃO	0,565	0,453
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	11,403	0,001
ACTIVIDADE MOTORA	0	0
ACTIVIDADE NÃO MOTORA	3,348	0,069
OUTROS COMPORTAMENTOS	0,619	0,433

No quadro seguinte, podemos observar as categorias do S.O.T.A. nas quais existem diferenças significativas em relação à interacção do estatuto com o escalão e os valores médios das mesmas.

Quadro 29 – Valores Médios das categorias do S.O.T.A. com diferenças significativas, em relação à intercepção do Estatuto com o Escalão

	TITULARES		SUPLENTES	
	JU	SE	JU	SE
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	0:04:03	0:01:50	0:01:50	0:01:43
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	0:00:24	0:00:00	0:00:03	0:00:01
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	0:00:09	0:00:01	0:00:00	0:00:01

Legenda – A negrito os valores médios mais altos em cada escalão, de cada estatuto.

Da observação do quadro anterior, retiramos que os valores médios mais elevados, quando efectuamos a interacção entre o estatuto e o escalão, pertencem aos juniores (sempre nos titulares) e em duas das três categorias aos suplentes.

No quadro seguinte podemos observar as categorias do S.O.T.A. com diferenças significativas na interacção do estatuto com o escalão, em valores percentuais.

Quadro 30 – Valores percentuais das categorias do S.O.T.A., com diferenças significativas, em relação à interacção do Estatuto com o Escalão

	TITULARES		SUPLENTES	
	JU	SE	JU	SE
INSTRUÇÃO-CORRECÇÃO	53,96%	52,25%	55,01%	55,73%
INSTRUÇÃO-AVALIAÇÃO POSITIVA	4,98%	0%	1,23%	0,39%
CONTROLO-ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS	1,99%	0,49%	0%	0,6%

Legenda – A negrito os valores percentuais mais elevados em cada categoria

Como podemos observar, das três categorias onde existem diferenças significativas, no que se refere às correcções efectuadas, os valores percentuais mais elevados pertencem aos suplentes seniores, significando mais correcção para os seniores, em particular os seniores mais fracos (tendencialmente os suplentes). Nas outras duas categorias (avaliação positiva e atenção às intervenções verbais), os valores mais elevados pertencem aos titulares juniores. Se o nível é bom e ainda são juniores, elevadas doses de encorajamento podem ser necessárias e adequadas.

Em termos gerais, no que se refere ao comportamento do treinador em função do escalão, das dezasseis categorias do S.O.T.A., em quatro existem diferenças entre os juniores e os seniores. Os juniores apresentam nas quatro categorias valores superiores aos seniores. Aceitamos, assim, o facto do comportamento do treinador variar parcialmente consoante o escalão.

No comportamento dos treinadores, em função do estatuto, existem quatro categorias onde o treinador se comporta de forma diferente com os titulares e com os suplentes, pelo que se pode concluir que o comportamento dos treinadores varia, também, em função do estatuto.

Horn (1992), em função da análise da literatura que realizou, concluiu que os treinadores não têm um comportamento igual com todos os elementos da equipa, diferindo em função das suas capacidades de jogo. Os autores Wang, Callahan e Goldfine (2001) referem que os suplentes,

historicamente, têm tendência para ser tratados de forma diferente que os titulares. Estes autores defendem a ideia, com a qual concordamos, de que se os jogadores forem todos tratados de uma maneira similar, isto não só vai aumentar a autoconfiança dos suplentes como vai também melhorar toda a equipa.

Considerando o resultado da competição, onde são escassas as diferenças significativas, parece-nos normal que um treinador efectue mais correcções e enfatize comportamentos que reforcem o empenho e a dedicação dos seus atletas após uma derrota, logo o comportamento modifica-se nestas duas categorias comportamentais; pensamos que é positivo e essencial que isto aconteça. Se o comportamento não se modificasse, podia-se considerar que o treinador era insensível aos resultados ou não conseguiria ter soluções para contrariar esta situação, tendo em conta os escalões que foram observados, onde o resultado já é considerado importante.

Em função do escalão, e dado o número de categorias onde foram encontradas diferenças significativas, o comportamento do treinador modifica-se de uma forma ligeiramente mais concreta em função desta variável. O mesmo acontece em relação ao estatuto, onde o número de categorias onde foram encontradas diferenças significativas no comportamento do treinador é igual.

Em síntese, no que se refere aos comportamentos dos treinadores, em função do resultado, das dezasseis categorias do Sistema de Observação do Treinador – Atleta (S.O.T.A.), só em duas foram encontradas diferenças significativas (“instrução - correcção” e “instrução – avaliação positiva”). Os valores médios mais elevados nessas duas categorias pertenceram às sessões de treino após derrota.

Concluimos então que o comportamento funcional do treinador varia em função do estatuto e do escalão.

4.2. Análise do comportamento do atleta

No sistema de observação que se segue (S.O.T.A. – OBEL) pretendemos estudar o comportamento dos atletas, após o termos feito com os treinadores. Nos quadros seguintes podemos observar, de uma forma resumida, quais os valores médios mais altos dos comportamentos dos atletas e a que estatuto, escalão e resultado pertencem.

4.2.1. Perfil do comportamento dos atletas em função do estatuto, do escalão e do resultado

No quadro 32 podemos observar o perfil comportamental referente aos jogadores, tomando o estatuto como referência.

Quadro 31 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em relação ao Estatuto

	TITULARES	SUPLENTE
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO	0:00:01	0:00:05
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO	0:33:38	0:32:56
ACTIV. MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO	0:00:07	0:00:07
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO	0:33:43	0:32:39
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	0:00:05	0:00:09
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE OCASIONAL	0	0
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE PAUSA	0:00:43	0:00:40
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE ESPERA	0:01:26	0:02:43
INSTRUÇÃO-ATENÇÃO À INFORMAÇÃO	0:08:34	0:08:13
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:00:04	0:00:09
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0	0
INSTRUÇÃO-AJUDA	0	0
ORGANIZAÇÃO-MANIPULAÇÃO MATERIAL	0:00:02	0:00:00
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	0:00:16	0:00:15
INTERACÇÃO TREINADOR	0:00:01	0:00:01
INTERACÇÃO ATLETAS	0:00:02	0:00:00
INTERACÇÃO CONVERSAS	0:00:13	0:00:07
DISCIPLINA-COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS	0:00:03	0:00:01
OUTROS COMPORTAMENTOS	0	0

Segue-se no quadro 33 o perfil comportamental referente aos jogadores, tomando o escalão como referência.

Quadro 32 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO	0:00:00	0:00:04
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO	0:34:03	0:33:02
ACTIV. MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO	0:00:13	0:00:05
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO	0:34:03	0:32:54
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	0:00:16	0:00:04
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE OCASIONAL	0	0
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE PAUSA	0:01:31	0:00:26
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE ESPERA	0:02:31	0:01:57
INSTRUÇÃO-ATENÇÃO À INFORMAÇÃO	0:08:22	0:08:24
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:00:00	0:00:09
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0	0
INSTRUÇÃO-AJUDA	0	0
ORGANIZAÇÃO-MANIPULAÇÃO MATERIAL	0:00:00	0:00:01
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	0:00:26	0:00:12
INTERACÇÃO TREINADOR	0:00:00	0:00:01
INTERACÇÃO ATLETAS	0:00:00	0:00:01
INTERACÇÃO CONVERSAS	0:00:07	0:00:11
DISCIPLINA-COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS	0:00:00	0:00:03
OUTROS COMPORTAMENTOS		

No que se refere ao resultado procedemos da mesma maneira.

Quadro 33 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em relação ao Resultado

	VITÓRIA	DERROTA
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO	0:00:03	0:00:03
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO	0:32:49	0:33:45
ACTIV. MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO	0:00:07	0:00:08
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO	0:32:44	0:33:38
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	0:00:07	0:00:07
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE OCASIONAL	0	0
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE PAUSA	0:00:40	0:00:44
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE ESPERA	0:02:05	0:02:05
INSTRUÇÃO-ATENÇÃO À INFORMAÇÃO	0:07:44	0:09:03
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0:00:09	0:00:05
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0	0
INSTRUÇÃO-AJUDA	0	0
ORGANIZAÇÃO-MANIPULAÇÃO MATERIAL	0:00:01	0:00:01
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	0:00:14	0:00:18
INTERACÇÃO TREINADOR	0:00:01	0:00:01
INTERACÇÃO ATLETAS	0:00:01	0:00:00
INTERACÇÃO CONVERSAS	0:00:18	0:00:02
DISCIPLINA-COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS	0:00:02	0:00:02
OUTROS COMPORTAMENTOS	0	0

Nos quadros 35 e 36, e de forma a podermos efectuar uma leitura mais facilitada, podemos ver os valores descritivos que surgiram em função do estatuto.

Quadro 34 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em função dos titulares

	TITULARES			
	JUNIORES		SENIORES	
	VITÓ.	DERR.	VITÓ.	DERR.
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO	0:00:00	0:00:00	0:00:01	0:00:02
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO	0:34:38	0:35:42	0:32:40	0:33:37
ACTIV. MOTO.-ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO	0:00:08	0:00:17	0:00:05	0:00:05
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO	0:34:38	0:35:42	0:32:49	0:33:42
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	0:00:08	0:00:09	0:00:05	0:00:04
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE OCASIONAL	0	0	0	0
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE PAUSA	0:01:32	0:01:42	0:00:25	0:00:27
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE ESPERA	0:01:19	0:01:17	0:01:27	0:01:31
INSTRUÇÃO-ATENÇÃO À INFORMAÇÃO	0:07:46	0:10:09	0:07:59	0:08:55
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0	0	0:00:07	0:00:04
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0	0	0	0
INSTRUÇÃO-AJUDA	0	0	0	0
ORGANIZAÇÃO-MANIPULAÇÃO MATERIAL	0	0	0:00:03	0:00:03
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	0:00:17	0:00:36	0:00:14	0:00:12
INTERACÇÃO TREINADOR	0	0	0:00:01	0:00:01
INTERACÇÃO ATLETAS	0	0	0:00:03	0:00:02
INTERACÇÃO CONVERSAS	0:00:20	0:00:10	0:00:21	0:00:04
DISCIPLINA-COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS	0	0	0:00:04	0:00:03
OUTROS COMPORTAMENTOS	0	0	0	0

Quadro 35 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em função dos suplentes

	SUPLENTE			
	JUNIORES		SENIORES	
	VITÓ.	DERR.	VITÓ.	DERR.
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO	0	0	0:00:07	0:00:07
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO	0:32:19	0:33:33	0:32:34	0:33:19
ACTIV. MOTO.-ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO	0:00:14	0:00:14	0:00:05	0:00:05
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO	0:32:19	0:33:33	0:32:10	0:32:57
ACTIV. MOTO.-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	0:00:21	0:00:25	0:00:05	0:00:03
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE OCASIONAL	0	0	0	0
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE PAUSA	0:01:20	0:01:32	0:00:25	0:00:27
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE ESPERA	0:03:48	0:03:39	0:02:25	0:02:24
INSTRUÇÃO-ATENÇÃO À INFORMAÇÃO	0:06:44	0:08:51	0:07:47	0:08:55
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	0	0	0:00:17	0:00:08
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO	0	0	0	0
INSTRUÇÃO-AJUDA	0	0	0	0
ORGANIZAÇÃO-MANIPULAÇÃO MATERIAL	0	0	0	0
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	0:00:17	0:00:36	0:00:12	0:00:12
INTERACÇÃO TREINADOR	0	0	0:00:02	0
INTERACÇÃO ATLETAS	0	0	0	0
INTERACÇÃO CONVERSAS	0	0	0:00:20	0
DISCIPLINA-COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS	0	0	0:00:02	0:00:02

No quadro seguinte, temos uma sobreposição dos valores médios mais altos no que se refere às observações efectuadas aos titulares (a negrito sublinhado) e aos suplentes (a negrito em itálico) e os valores médios iguais.

Quadro 36 – Sobreposição dos valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em função do Estatuto

	TITULARES – SUPLENTE			
	JUNIORES		SENIORES	
	VI.	DER.	VI.	DER.
ACTIV. MOT.-ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO			0:00:07	0:00:07
ACTIV. MOT.-ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO		0:35:42		0:33:37
ACTIV. MOT.-ESFOR./EMPENHO INADEQUADO	0:00:14	0:00:17	0:00:05	0:00:05
ACTIV. MOT.-PARTIC./EFICÁCIA ADEQUADO		0:35:42		0:33:42
ACTIV. MOT.-PARTIC./EFICÁCIA INADEQUADO		0:00:25	0:00:05	
ACTIV. MOTORA-INACTIVIDADE OCASIONAL				
ACTIV. MOTORA-INACTIVIDADE PAUSA		0:01:42		0:00:27
ACTIVIDADE MOTO.-INACTIVIDADE ESPERA	0:03:48		0:02:25	0:01:31
INSTRUÇÃO-ATENÇÃO À INFORMAÇÃO		0:10:09		0:08:55
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO			0:00:17	
INSTRUÇÃO-QUESTIONAMENTO				
INSTRUÇÃO-AJUDA				
ORGANIZAÇÃO-MANIPULAÇÃO MATERIAL			0:00:03	0:00:03
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO		0:00:36	0:00:14	
INTERACÇÃO TREINADOR			0:00:02	0:00:01
INTERACÇÃO ATLETAS			0:00:03	
INTERACÇÃO CONVERSAS	0:00:20		0:00:21	
DISCIPLINA-COMPORT. INAPROPRIADOS			0:00:04	0:00:02

Após sobreposmos os valores médios do S.O.T.A. – OBEL, em função do estatuto, verificamos que os suplentes juniores, após uma vitória, só possuem um valor médio superior nas categorias “actividade motora – esforço/empenho inadequado” e “actividade motora – inactividade espera”. Possuem, ainda, um valor médio mais alto após a derrota na categoria “actividade motora – participação eficácia inadequado”.

Os titulares juniores, após a vitória, possuem um valor médio mais alto na categoria “interacção – conversas”. No que se refere à derrota, estes jogadores apresentam um valor médio mais elevado nas categorias “actividade motora – esforço/empenho adequado”, “actividade motora – esforço/empenho inadequado”, “actividade motora – participação/eficácia adequado”, “actividade motora – inactividade pausa” e “instrução – atenção à informação”.

Os jogadores juniores, tanto titulares como suplentes, apresentam ainda um valor médio igual na categoria “organização – deslocamento”.

No que se refere ao escalão sénior, os jogadores titulares apresentam um valor médio superior após a vitória nas categorias “organização – manipulação material”, “organização – deslocamento”, “interacção atletas”, “interacção conversas” e “disciplina – comportamentos inapropriados”.

Após a derrota, os jogadores titulares seniores apresentam valores superiores nas categorias “actividade motora – esforço/empenho adequado”, “actividade motora – participação/eficácia adequado”, “actividade motora – inactividade de pausa”, “organização – manipulação material” e “interacção treinador”.

No que se refere aos jogadores suplentes do escalão sénior, após vitória, estes apresentam um valor médio superior nas categorias “actividade motora – esforço/empenho máximo”, “actividade motora – inactividade espera”, “instrução – demonstração” e “interacção treinador”. Os mesmos jogadores, no que se refere à derrota, apresentam uns valores médios mais elevados nas categorias “actividade motora – esforço/empenho máximo” e “disciplina – comportamentos inapropriados”.

Tanto os titulares como os suplentes do escalão sénior, possuem o mesmo valor médio após a vitória nas categorias “actividade motora – esforço/empenho inadequado” e “actividade motora – participação/eficácia inadequado”. No que se refere à derrota, estes jogadores possuem o mesmo valor médio nas variáveis “actividade motora – esforço/empenho inadequado”, “actividade motora – inactividade pausa” e “instrução – atenção à informação”.

4.2.2. Categorias do comportamento dos atletas com diferenças significativas

No quadro seguinte, e após termos efectuado o Teste de Wilks' Lambda, podemos observar que só no escalão é que existem diferenças significativas, dando um resultado de 0,664 para um $F(15;162) = 0,664, p < 0,000$

Quadro 37 – Teste de Wilks' Lambda, do S.O.T.A. – OBEL

	VALOR	F	GRAU LIBE.	SIGNIF.
RESULTADO	0,933	0,780	15;162	0,698
ESTATUTO	0,863	1,714	15;162	0,053
ESCALÃO	0,664	5,476	15;162	0,000
RESULTADO*ESTATUTO	0,990	0,113	15;162	1,000
RESULTADO*ESCALÃO	0,966	0,383	15;162	0,982
ESTATUTO*ESCALÃO	0,891	1,325	15;162	0,193
RESULTADO*ESTATUTO*ESCALÃO	0,990	0,114	15;162	1,000

Da observação do quadro anterior podemos retirar que o perfil comportamental dos atletas só é afectado pela variável estatuto. Esta situação não vem confirmar a nossa hipótese, onde consideramos que os comportamentos dos atletas variam em função do seu estatuto, do seu escalão, do resultado da competição e da interacção entre eles.

No quadro seguinte podemos observar como, para a variável escalão, existem algumas diferenças significativas.

Quadro 38 – Diferenças significativas do S.O.T.A. – OBEL, em relação ao Escalão (Valores F da Manova)

ESCALÃO	F	Sig.
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO	1,888	0,171
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO	1,176	0,280
ACTIVIDADE MOTORA-ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO	3,049	0,083
ACTIVIDADE MOTORA-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO	1,280	0,259
ACTIV. MOTORA-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	6,989	0,009
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE PAUSA	55,976	0,000
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE ESPERA	1,068	0,303
INSTRUÇÃO-ATENÇÃO À INFORMAÇÃO	0,001	0,974
INSTRUÇÃO-DEMONSTRAÇÃO	1,836	0,177
ORGANIZAÇÃO-MANIPULAÇÃO MATERIAL	1,620	0,205
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	6,356	0,013
INTERACÇÃO TREINADOR	1,809	0,180
INTERACÇÃO ATLETAS	1,972	0,162
INTERACÇÃO CONVERSAS	0,072	0,789
DISCIPLINA-COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS	3,042	0,083

No quadro seguinte podemos observar as categorias, do S.O.T.A. – O.B.E.L., nas quais existem diferenças significativas em relação ao escalão e os valores médios das mesmas.

Quadro 39 – Valores médios do S.O.T.A. – OBEL, com diferenças significativas, em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
ACTIV. MOTORA-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	0:00:16	0:00:04
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE DE ESPERA	0:02:31	0:01:57
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	0:00:26	0:00:12

No quadro anterior verificamos como o comportamento dos atletas tem alguma diferença em função do escalão a que os jogadores pertencem. Todos os valores médios são superiores nos juniores, situação que não nos surpreende dadas as categorias a que nos estamos a referir. Os jogadores mais jovens têm tendência a executar as tarefas pretendidas de forma mais inapropriada do que os seniores. O facto de o número de jogadores das equipas pertencentes ao escalão júnior ser superior pode levar a que estes jogadores tenham que se encontrar mais tempo em espera para realizar a sua actividade, assim como em deslocamento.

No quadro seguinte podemos ver os valores percentuais das categorias onde existem diferenças significativas.

Quadro 40 – Valores percentuais do S.O.T.A. – OBEL, com diferenças significativas, em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
ACTIV. MOTORA-PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO	0,165%	0,09%
ACTIVIDADE MOTORA-INACTIVIDADE DE ESPERA	1,545%	1,26%
ORGANIZAÇÃO-DESLOCAMENTO	0,27%	0,2%

Nas duas categorias da dimensão actividade (“participação/eficácia inadequado” e inactividade de espera”), os juniores possuem um valor percentual superior.

No que se refere ao nível de participação e eficácia ser inadequado, pensamos que o facto de serem jogadores mais novos e com menos experiência, leva a que o nível de execução das tarefas pelos juniores tenha um nível mais inapropriado do que nos seniores.

Sendo os seniores uma equipa na maior parte das vezes construída pelos treinadores e directores, onde o número de atletas que são escolhidos para fazerem parte delas é regular em todas as sessões de treino e não há jogadores “a mais”, leva a que o tempo de espera para realizar determinada tarefa seja mínimo.

Nas equipas juniores, onde muitas vezes o número de atletas que assiste aos treinos é um número muito superior ao que o treinador poderia preferir e o facto de muitos treinadores juniores das equipas observadas não fazerem uma “selecção”, com medo muitas vezes que a assiduidade nos treinos não seja constante (não esquecer que estamos a falar de atletas em idade escolar, dependentes dos pais, que são castigados pelos pais, que tem exames escolares, etc.), leva a que nas sessões de

treino onde o número de atletas é grande, o tempo de espera para realizar a tarefa se torne mais elevado.

Em suma, no que se refere aos comportamentos dos atletas, verificámos que existem diferenças no comportamento dos mesmos em função do estatuto. Dado que encontrámos diferenças em uma categoria, os comportamentos dos atletas variam em função do seu estatuto. No comportamento dos atletas em função do estatuto e do resultado, não encontrámos, logo, os comportamentos dos atletas não variam em função do estatuto e do resultado.

Em função do escalão, encontrámos diferenças em três categorias (“participação/eficácia inadequado”, “inactividade de espera” e “deslocamento”), logo os comportamentos dos atletas variam parcialmente em função do seu escalão.

4.3. Análise dos comportamentos inapropriados dos atletas

Depois de estudarmos os comportamentos dos atletas, em termos gerais, analisaremos agora os comportamentos inapropriados dos atletas e como estes se diferenciam em função das variáveis em estudo.

4.3.1. Comportamentos inapropriados dos atletas em função do estatuto, do escalão e do resultado

Nos quadros seguintes podemos observar, de uma forma resumida, quais os valores médios mais altos e a que estatuto, escalão e resultado pertencem (a negrito os valores médios mais elevados).

Quadro 41 – Valores médios do S.O.C.I., em relação ao Estatuto

	TITUL.	SUPLE.
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0,10	0,11
COMP. DIRIGI. ACTIVIDADE-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	3,55	2,10
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DESRESPEITO PELO MATERIAL	2,93	1,05
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0,18	0,11
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-FALTA DE EMPENHO	3,98	1,65
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-ATRASOS	1,07	0,61
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	3,84	2,20
ATLETAS DISPENSADOS-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-PERTURBAÇÃO DIVERSA	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-RECUSA DE OBEDIÊNCIA	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-GROSSERIA	0,01	0,02
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-OUTROS	0,02	0
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GROSSERIA	0,40	0,22
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	0	0,03
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,07	0,02
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-OUTROS	0	0

No que se refere ao escalão, descrevemos no quadro 42 os valores médios referentes aos comportamentos inapropriados (a negrito o valor médio mais elevado).

Quadro 42 – Valores médios do S.O.C.I., em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0	0,14
COMP. DIRIGI. ACTIVI.-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	2,77	2,84
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	3,27	1,59
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0	0,18
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-FALTA DE EMPENHO	2,36	2,96
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-ATRASOS	0,61	0,91
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	3,91	2,74
ATLETAS DISPENSADOS-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-PERTURBAÇÃO DIVERSA	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-RECUSA DE OBEDIÊNCIA	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-GROSSERIA	0,05	0,01
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-OUTROS	0	0,01
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GROSSERIA	0,27	0,32
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	0	0,02
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,18	0
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-OUTROS	0	0

Procedemos da mesma maneira, no que se refere ao resultado.

Quadro 43 – Valores médios do S.O.C.I., em relação ao Resultado

	VITÓRIA	DERROTA
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0,09	0,12
COMP. DIRIGI. ACTIVI.-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	2,85	2,80
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	1,88	2,11
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0,12	0,15
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-FALTA DE EMPENHO	2,82	2,82
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-ATRASOS	0,78	0,89
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	3,05	2,98
ATLETAS DISPENSADOS-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-PERTURBAÇÃO DIVERSA	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-RECUSA DE OBEDIÊNCIA	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-GROSSERIA	0,03	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-OUTROS	0	0,02
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GROSSERIA	0,40	0,22
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	0,01	0,02
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,02	0,07
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-OUTROS	0	0

Nos quadros seguintes, e de forma a podermos efectuar uma leitura mais facilitada, temos os valores descritivos que surgiram em função do estatuto (a negrito os valores mais elevados).

Quadro 44 – Valores médios do S.O.C.I., em função dos Titulares

	TITULARES			
	JUNIORES		SENIORES	
	VITÓ.	DERR.	VITÓ.	DERR.
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0	0	0,09	0,17
COMP. DIRIGI. ACTIVL.-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	3	3,82	3,89	3,31
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	4,18	6,00	2,31	2,20
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0	0	0,23	0,26
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-FALTA DE EMPENHO	2,55	4,45	4,46	3,80
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-ATRASOS	0,73	0,91	1,03	1,26
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-MODIFICAÇÃO DA ACTIVID.	4,18	5,82	3,66	3,29
ATLETAS DISPENSADOS-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0	0	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0	0	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-PERTURBAÇÃO DIVERSA	0	0	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-RECUSA DE OBEDIÊNCIA	0	0	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-GROSSERIA	0	0	0,03	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-OUTROS	0	0	0	0,06
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GROSSERIA	0,18	0,55	0,57	0,26
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	0	0	0	0
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,18	0,36	0	0
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-OUTROS	0	0	0	0

Quadro 45 – Valores médios do S.O.C.I., em função do Suplentes

	SUPLENTE			
	JUNIORES		SENIORES	
	VITÓ.	DERR.	VITÓ.	DERR.
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0	0	0,14	0,14
COMP. DIRIGI. ACTIVL.-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	1,73	2,55	2,11	2,06
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	1,09	1,82	0,97	0,89
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0	0	0,9	0,14
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-FALTA DE EMPENHO	0,64	1,82	1,94	1,63
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-ATRASOS	0,27	0,55	0,71	0,63
COMPORT. DIRIGI. ACTIVL.-MODIFICAÇÃO DA ACTIVL.	2,45	3,18	2,29	1,71
ATLETAS DISPENSADOS-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0	0	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0	0	0	0
ATLETAS DISPENSADOS-PERTURBAÇÃO DIVERSA	0	0	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-RECUSA DE OBEDIÊNCIA	0	0	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-GROSSERIA	0,18	0	0	0
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-OUTROS	0	0	0	0
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GROSSERIA	0,18	0,18	0,37	0,09
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	0	0	0,03	0,06
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0	0,18	0	0
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-OUTROS	0	0	0	0

No quadro seguinte temos uma sobreposição dos valores médios mais altos, no que se refere às observações efectuadas aos titulares (a negrito sublinhado) e aos suplentes (a negrito em itálico) e os valores médios iguais.

Quadro 46 – Sobreposição dos valores médios do S.O.C.I., em função do Estatuto

	TITULARES – SUPLENTE			
	JUNIORES		SENIORES	
	VITÓ.	DERR.	VITÓ.	DERR.
COMP. DIRIGI. ACTI.-CONVERSAS INTEMPESTI.			<i>0,14</i>	<i>0,17</i>
COMP. DIRIGI. ACTI.-PARAR ACÇÃO S/ PERTUR.		<u>3,82</u>	<u>3,89</u>	
COMP. DIRIGI. ACTI.-DESRESP. P/ MATERIAL		<u>6,00</u>	<u>2,31</u>	
COMP. DIRIGI. ACTI.-DEIXAR ESPAÇO TREINO				<u>0,26</u>
COMPORT. DIRI. ACTIVI.-FALTA DE EMPENHO		<u>4,45</u>	<u>4,46</u>	
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-ATRASOS		<u>0,91</u>		<u>1,26</u>
COMP. DIRIGI. ACTI.-MODIFI. ACTIVIDADE		<u>5,82</u>	<u>3,66</u>	
ATLE. DISPEN.-CONVERSAS INTEMPESTIVAS				
ATLE. DISPEN.-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO				
ATLE. DISPEN.-PERTURBAÇÃO DIVERSA				
COMP. DIRI. TREINADOR-RECUSA OBEDIÊNCIA				
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-GROSSERIA	<i>0,18</i>		<u>0,03</u>	
COMPORT. DIRIGI. TREINADOR-OUTROS				<u>0,06</u>
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-GROSSERIA		<u>0,55</u>	<u>0,57</u>	
COMP. DIRIGI. COLEGAS-GOLPE OU PANCADA				<i>0,06</i>
COMP. DIRIGI. COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA		<u>0,36</u>		
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-OUTROS				

Ao olhar de uma forma genérica para o quadro anterior, podemos observar que são os titulares que recebem os valores médios mais elevados. Esta informação pode ser interpretada pelo facto de os titulares se julgarem como indispensáveis para a equipa e, desta forma, tenham um maior número de comportamentos inapropriados do que os suplentes, pois estes trabalham para que os treinadores contem com eles e não querem que um mau comportamento sirva de desculpa para que os treinadores não os utilizem mais tempo. No que se refere aos juniores, a maior parte dos comportamentos inapropriados dá-se nas derrotas, provavelmente a pressão do resultado terá influência nesta situação. No que se refere aos seniores, os valores médios mais elevados encontram-se distribuídos por ambos os resultados, apesar de serem em maior número para as situações de vitória; um ambiente mais relaxado nas sessões de treino pode provocar estas situações.

4.3.2. Categorias dos comportamentos inapropriados dos atletas com diferenças significativas

No quadro seguinte, e após termos efectuado o Teste de Wilks' Lambda, podemos observar que só na variável resultado e na interacção do resultado com o estatuto e com o escalão é que não existem diferenças significativas.

Quadro 47 – Teste de Wilks' Lambda para o S.O.C.I.

	VALOR	F	GRAU LIBE.	SIGNIF.
RESULTADO	0,898	1,559	12;165	0,108
ESTATUTO	0,550	11,228	12;165	0,000
ESCALÃO	0,558	10,901	12;165	0,000
ESTATUTO*RESULTADO	0,968	0,460	12;165	0,935
ESCALÃO*RESULTADO	0,871	2,039	12.165	0,024
ESCALÃO*ESTATUTO	0,816	3,105	12;165	0,001
RESULTADO*ESTATUTO*ESCALÃO	0,968	0,453	12.165	0,939

Da análise do quadro anterior podemos verificar que os comportamentos inapropriados dos atletas são influenciados significativamente pelas variáveis estatuto, escalão e pela interacção do escalão com o resultado e do escalão com o estatuto. Estas diferenças significativas confirmam parcialmente algumas das suposições deste estudo (a sexta hipótese), onde referíamos que os comportamentos inapropriados dos atletas variavam em função do estatuto, do escalão e da interacção entre escalão e resultado e escalão e estatuto.

No quadro seguinte podemos verificar em quais das categorias do S.O.C.I. existem diferenças significativas em relação às várias variáveis e suas interacções.

Quadro 48 – Diferenças significativas do S.O.C.I. em relação ao Estatuto (Valores F da Manova)

ESTATUTO	F	Sig.
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0,003	0,955
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	13,702	0,000
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DESRESPEITO PELO MATERIAL	69,318	0,000
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0,436	0,510
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-FALTA DE EMPENHO	56,040	0,000
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-ATRASOS	6,923	0,009
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	17,022	0,000
COMPORT. DIRIGIDOS AO TREINADOR-GROSSERIA	1,877	0,172
COMPORT. DIRIGIDOS AO TREINADOR-OUTROS	0,309	0,579
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-GROSSERIA	2,266	0,134
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	0,947	0,332
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	4,960	0,027

Como pudemos verificar, os comportamentos inapropriados dos atletas são algo condicionados pelo estatuto dos atletas.

No quadro seguinte podemos observar as categorias do S.O.C.I. onde existem diferenças significativas em função do estatuto e os valores médios das mesmas.

Quadro 49 – Valores médios do S.O.C.I., com diferenças significativas em relação ao Estatuto

	TITULARES	SUPLENTE
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBA.	3,55	2,10
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	2,93	1,05
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-FALTA DE EMPENHO	3,98	1,65
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-ATRASOS	1,07	0,61
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	3,84	2,20
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,07	0,02

No que se refere ao estatuto, e após a observação do quadro anterior, verificamos que são os titulares que obtêm um valor médio de ocorrências superior aos suplentes em todas as categorias. Em cinco das sete categorias onde se analisaram os comportamentos dirigidos à actividade, os titulares obtêm o valor médio de ocorrências mais elevado do que os suplentes. Tal situação poderá dever-se, como já referido, ao facto de sentirem a confiança de que o estatuto que possuem no seio da equipa é inalterável e que algum desrespeito para com a actividade não o irá afectar. No que se refere à conduta perigosa para com os colegas, julgamos que se possa dever a uma atitude mais agressiva por parte destes jogadores.

No quadro seguinte encontramos as categorias onde existem diferenças significativas em relação ao estatuto, em valores percentuais.

Quadro 50 – Valores percentuais do S.O.C.I., com diferenças significativas, em relação ao Estatuto

	TITULARES	SUPLENTE
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBA.	14,66%	8,65%
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	12,10%	4,35%
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-FALTA DE EMPENHO	16,41%	6,81%
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-ATRASOS	4,39%	2,51%
COMPORT. DIRIGI. ACTIV.-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	15,82%	9,05%
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,27%	0,09%

Das oitos categorias da dimensão “comportamentos dirigidos à actividade”, existem cinco onde os titulares apresentam valores significativamente superiores aos suplentes. Pensamos que o facto de serem jogadores cuja percepção é de que têm a posição na equipa solidificada, leva a que o número de comportamentos inapropriados seja superior. É algo a que os treinadores devem estar mais atentos e com o qual se devem preocupar. A noção de “já sei tudo”, por parte dos titulares, leva muitas vezes os mesmos a estarem na brincadeira, desatentos à informação que lhes é proporcionada e com comportamentos fora da tarefa durante os exercícios. Mais rigor e disciplina por parte dos treinadores, um tratamento que não seja diferenciado, independentemente da posição que o jogador ocupa na equipa, pode ajudar a diminuir estes comportamentos.

Os treinadores devem dominar as técnicas de intervenção pedagógica que lhes permitam evitar comportamentos indesejáveis por parte dos seus atletas e alcançar a melhor performance possível por parte destes, situação referida por Sarmento, 1991b; Crespo e Balguer, 1994; Cruz e Gomes, 1996 e por Lopes, 2003, com a qual concordamos plenamente.

No quadro seguinte encontramos as categorias onde existem diferenças significativas em relação ao escalão.

Quadro 51 – Diferenças significativas do S.O.C.I., em relação ao Escalão (Valores F da Manova)

ESCALÃO	F	Sig.
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	1,176	0,280
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	0,035	0,852
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DESRESPEITO PELO MATERIAL	31,742	0,000
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	3,362	0,068
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-FALTA DE EMPENHO	3,706	0,056
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-ATRASOS	3,077	0,081
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	7,024	0,009
COMPORT. DIRIGIDOS AO TREINADOR-GROSSERIA	1,877	0,172
COMPORT. DIRIGIDOS AO TREINADOR-OUTROS	0,309	0,579
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-GROSSERIA	0,159	0,690
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	0,947	0,332
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	19,839	0,000
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-OUTROS		

As três categorias de comportamentos inapropriados dos atletas em relação ao escalão, podemos encontrá-las no quadro seguinte, assim como os seus valores médios.

Quadro 52 – Valores médios do S.O.C.I., com diferenças significativas, em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	3,27	1,59
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	3,91	2,74
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,18	0

Não nos surpreende o facto de os valores médios de ocorrências serem maiores nos juniores; pensamos que factor idade está associado a esta situação.

No quadro seguinte encontramos as categorias onde existem diferenças significativas em relação ao escalão, em valores percentuais.

Quadro 53 – Valores percentuais do S.O.C.I., com diferenças significativas, em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	12,18%	6,795%
COMPORT. DIRIGI. ACTIVI.-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	14,55%	11,68%
COMPORT. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,68%	0

Nas três categorias onde existem diferenças significativas, os valores mais elevados pertencem aos juniores. Os jogadores mais novos possuem um número de comportamentos inapropriados superior aos mais velhos. A juventude e a brincadeira características dos mais jovens e um nível de seriedade na competição mais elevado perante as situações pelos seniores, podem levar a que isto aconteça, que poderá ser atenuado com um nível de rigor superior por parte dos treinadores do escalão júnior.

Segue-se o quadro com as categorias onde existem diferenças significativas na interacção do escalão com o resultado.

Quadro 54 – Diferenças significativas do S.O.C.I., em relação à interacção do Escalão com o Resultado (Valores F da Manova)

ESCALÃO*RESULTADO	F	Sig.
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0,029	0,864
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	2,262	0,134
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DESRESPEITO PELO MATERIAL	5,299	0,023
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0,048	0,826
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-FALTA DE EMPENHO	10,853	0,001
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-ATRASOS	0,217	0,642
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	3,486	0,064
COMPORT. DIRIGIDOS AO TREINADOR-GROSSERIA	1,877	0,172
COMPORT. DIRIGIDOS AO TREINADOR-OUTROS	0,309	0,579
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-GROSSERIA	3,894	0,050
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	0,105	0,746
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	4,960	0,027

No que se refere à interacção do escalão com o resultado, podemos observar, no quadro que se segue, as categorias onde existem diferenças significativas, assim como os seus valores médios.

Quadro 55 – Valores médios do S.O.C.I., com diferenças significativas em relação à interacção do Escalão com o Resultado

	JUNIORES		SENIORES	
	VITÓ.	DERR.	VITÓ.	DERR.
COMP. DIRIGI. ACTIVI.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	2,64	3,91	1,64	1,54
COMP. DIRIGI. ACTIVI.-FALTA DE EMPENHO	1,59	3,14	3,20	2,71
COMP. DIRIGI. AOS COLEGAS-GROSSERIA	0,18	0,36	0,47	0,17
COMP. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,09	0,27	0	0

Ao analisarmos o quadro anterior, verificamos que no que se refere ao desrespeito pelo material, falta de empenho e grosseria, os juniores possuem um valor médio de ocorrências mais elevado na derrota e os seniores apresentam um valor mais elevado na vitória.

No que se refere à conduta perigosa são os juniores, após derrota, que possuem um valor de ocorrências mais elevado, não se registando valores nos seniores

Quadro 56 – Valor percentual do S.O.C.I., com diferenças significativas, em relação à interacção do Escalão com o Resultado

	JUNIORES		SENIORES	
	VITÓ.	DERR.	VITÓ.	DERR.
COMP. DIRIG. ACTIVL-DESRESPEITO PELO MATERIAL	12,23%	12,14%	6,59%	7,03%
COMP. DIRIG. ACTIVL-FALTA DE EMPENHO	7,38%	9,74%	12,84%	12,37%
COMP. DIRIG. AOS COLEGAS-GROSSERIA	0,84%	1,12%	1,89%	0,78%
COMP. DIRIG. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,42%	0,84%	0	0

Na dimensão “comportamentos dirigidos à actividade”, temos duas categorias com diferenças significativas. No que respeita ao desrespeito pelo material, os juniores apresentam valores superiores na vitória, pertencendo aos seniores o valor mais baixo na vitória. No que se refere à falta de empenho, os seniores possuem na vitória o valor mais alto e os juniores o mais baixo na vitória.

Na dimensão “comportamentos dirigidos aos colegas” temos, também, duas categorias. Na grosseria, são os seniores na vitória a possuir um valor mais alto e são também os seniores a possuírem um valor mais baixo na derrota.

Na “conduta perigosa”, só possuímos valores para os juniores, apresentando estes um valor mais elevado na derrota do que na vitória.

No quadro seguinte podemos observar em que categorias existem as diferenças significativas na interacção entre o estatuto e o escalão.

Quadro 57 – Diferenças significativas do S.O.C.I., em relação à interacção do Estatuto com o Escalão (Valores F da Manova)

ESTATUTO*ESCALÃO	F	Sig.
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-CONVERSAS INTEMPESTIVAS	0,003	0,955
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO	0,103	0,749
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DESRESPEITO PELO MATERIAL	14,977	0,000
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-DEIXAR ESPAÇO DE TREINO	0,436	0,510
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-FALTA DE EMPENHO	0,013	0,910
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-ATRASOS	0,035	0,852
COMPORT. DIRIGI. ACTIVIDADE-MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE	0,644	0,423
COMPORT. DIRIGIDOS AO TREINADOR-GROSSERIA	3,538	0,062
COMPORT. DIRIGIDOS AO TREINADOR-OUTROS	0,309	0,579
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-GROSSERIA	0,000	0,987
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-GOLPE OU PANCADA	0,947	0,332
COMPORT. DIRIGIDOS AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	4,960	0,027

De seguida podemos observar as categorias onde existem diferenças significativas e os seus valores médios.

Quadro 58 – Valores médios do S.O.C.I. com diferenças significativas em relação à interacção do Estatuto com o Escalão

	TITULARES		SUPLENTES	
	JUN.	SEN.	JUN.	SEN.
COMP. DIRIGI. ACTIVL.-DESRESPEITO PELO MATERIAL	5,09	2,26	1,45	0,93
COMP. DIRIGI. AOS COLEGAS-CONDUTA PERIGOSA	0,27	0	0,09	0

Da análise do quadro anterior, podemos verificar que são os juniores, tanto os titulares como os suplentes, que apresentam o valor de ocorrências mais elevado no que se refere às duas categorias onde existem diferenças significativas.

Sintetizando, verificámos que, no que se refere aos comportamentos inapropriados dos atletas em função do resultado, das dezassete categorias, só numa encontrámos diferenças significativas, (conduta perigosa) indicando que os comportamentos inapropriados dos atletas variam apenas parcialmente em função do resultado da competição.

Nos comportamentos inapropriados dos atletas em função do estatuto, encontrámos diferenças em seis das dezassete categorias, apresentando os titulares um valor superior em todas elas o que significa que os comportamentos inapropriados dos atletas variam parcialmente em função do seu estatuto. No que se refere a este facto, realçamos o referido por vários autores (Fontana, 1986; Francisco, 2001), com os quais concordamos, que referem que, no que se refere ao conceito de disciplina, aquilo que para um treinador é um comportamento indisciplinado para outro não o é ou, então, é apenas um comportamento inadequado, mas sem gravidade. Pensamos que o número de comportamentos inapropriados é elevado, o que nos leva a referir que, em termos gerais, os comportamentos inapropriados variam em função do estatuto. Stornes (2001) ao referir-se à falta de fair-play e a comportamentos mais indisciplinados aponta o treinador como a maior fonte de influência, no nosso estudo, e baseados em toda a observação efectuada permite-nos não concordar com este autor dado que não nos apercebemos de serem os treinadores a influenciar este tipo de comportamentos, aliás, estes comportamentos verificaram-se na sua maioria quando os treinadores não estavam a observar os atletas.

Em função do escalão, encontrámos diferenças em três categorias (“desrespeito pelo material”, “modificação da actividade” e “conduta perigosa”). Os comportamentos inapropriados dos atletas variam parcialmente em função do seu escalão. Quando relacionámos o estatuto com o escalão, encontrámos diferenças em duas categorias (“desrespeito pelo material” e “conduta perigosa”). Os comportamentos inapropriados dos atletas variam parcialmente em função do seu estatuto e do seu escalão. Após a interacção do escalão e do resultado, encontrámos diferenças em quatro categorias. Aceitamos, pois, o facto de os comportamentos inapropriados dos atletas variarem parcialmente em função do estatuto, do escalão e do resultado da competição.

Concordamos inteiramente com Siedentop (1983, 1998) quando este autor refere que uma boa disciplina assenta sobre a prevenção que o treinador desenvolve e que quanto melhor for a organização melhor é a disciplina. Após toda a observação efectuada notámos isso mesmo, quanto melhor organizados e mais controladas estavam as sessões de treino menor eram os comportamentos inapropriados. Partilhamos a opinião de Smith (2003) quando este refere que os atletas actualmente não estão motivados para comportamentos agressivos e violentos por parte dos atletas.

4.4. Análise dos comportamentos de afectividade

Após estudados os comportamentos inapropriados, dispomo-nos agora a analisar se os comportamentos afectivos dos treinadores se diferenciam em função das variáveis em estudo. Nos quadros seguintes, podemos observar de uma forma mais resumida quais os valores médios mais altos e a que estatuto, escalão e resultado pertencem.

4.4.1. Comportamentos de afectividade dos atletas em função do estatuto, do escalão e do resultado

No quadro seguinte podemos observar os valores médios do perfil de comportamentos afectivos dos treinadores em função do estatuto (a negrito encontramos os valores médios mais elevados).

Quadro 59 – Valores médios do S.O.C.A, em relação ao Estatuto

	TITULARES	SUPLENTEs
RIR, SORRIR, GRACEJAR	1,35	0,77
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	15,30	13,76
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	0	0
CONTACTOS FÍSICOS	4,35	3,86
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	0	0
FEEDBACK POSITIVO	7,93	7,35
ELOGIAR	0,91	0,66
INFLEXÃO DE VOZ	4,21	3,45
MOVIMENTOS	1,07	1,08
ACEITAÇÃO E UTILIZ. IDEIAS DOS ATLETAS	0,26	0,08
AMABILIDADES	0,16	0,23
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,11	0,05
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	5,61	5,13
DESINTERESSE	0	0
FEEDBACK NEGATIVO	0,95	0,61
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	0,85	0,65
CRITICAR	0,11	0,05
PUNIR	0,04	0,01
AGREDIR	0	0

No quadro seguinte podemos observar o perfil de comportamentos afectivos dos treinadores em função do escalão (a negrito os valores médios mais elevados).

Quadro 60 – Valores médios do S.O.C.A, em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
RIR, SORRIR, GRACEJAR	1,36	0,96
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	14,23	14,63
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	3,91	4,03
CONTACTOS FÍSICOS	4,36	4,02
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	8,59	5,79
FEEDBACK POSITIVO	3,50	7,35
ELOGIAR	1,41	0,59
INFLEXÃO DE VOZ	6,14	3,10
MOVIMENTOS	3,27	0,38
ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO IDEIAS DOS ATLETAS	0,20	0,16
AMABILIDADES	0,77	0,01
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,20	0,04
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	3,73	5,89
DESINTERESSE	0	0
FEEDBACK NEGATIVO	0,70	0,80
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	0,95	0,69
CRITICAR	0,09	0,08
PUNIR	0,11	0
AGREDIR	0	0

Procedemos da mesma forma no que se refere aos resultados.

Quadro 61 – Valores médios do S.O.C.A, em relação ao Resultado

	VITÓRIA	DERROTA
RIR, SORRIR, GRACEJAR	1,51	0,61
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	13,96	15,11
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	3,51	4,50
CONTACTOS FÍSICOS	3,84	4,37
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	6,15	6,77
FEEDBACK POSITIVO	6,15	6,71
ELOGIAR	0,83	0,75
INFLEXÃO DE VOZ	3,58	4,08
MOVIMENTOS	0,98	1,16
ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO IDEIAS DOS ATLETAS	0,21	0,13
AMABILIDADES	0,22	0,17
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,09	0,08
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	5,03	5,71
DESINTERESSE	0	0
FEEDBACK NEGATIVO	0,57	0,99
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	0,71	0,79
CRITICAR	0,09	0,08
PUNIR	0,02	0,03
AGREDIR	0	0

Nos quadros seguintes, e de forma a podermos efectuar uma leitura mais fácil, podemos ver os valores descritivos que surgiram em função do resultado (a negrito os valores mais elevados).

Quadro 62 – Valores médios do S.O.C.A, em função da Vitória

	VITÓRIA			
	TITULARES		SUPLENTE	
	JU.	SE.	JU.	SE.
RIR, SORRIR, GRACEJAR	1,55	2,17	1,09	0,97
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	16,27	14,11	12,27	13,60
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	4,36	3,63	3,09	3,26
CONTACTOS FÍSICOS	4,45	3,86	4,36	3,46
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	9,18	3,71	7,09	7,34
FEEDBACK POSITIVO	4,09	8,74	1,91	5,54
ELOGIAR	1,73	0,74	1	0,57
INFLEXÃO DE VOZ	7,36	2,94	4,45	2,74
MOVIMENTOS	3,18	0,29	2,73	0,43
ACEITAÇÃO UTILIZAÇÃO IDEIAS ATLETAS	0,36	0,31	0,18	0,06
AMABILIDADES	0,55	0	1,18	0,03
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,36	0	0,09	0,09
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	3,64	5,63	2,91	5,54
DESINTERESSE	0	0	0	0
FEEDBACK NEGATIVO	0,82	0,54	0,27	0,60
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	0,91	0,63	0,27	0,86
CRITICAR	0,09	0,14	0	0,06
PUNIR	0,18	0	0	0
AGREDIR	0	0	0	0

Quadro 63 – Valores médios do S.O.C.A, em função da Derrota

	DERROTA			
	TITULARES		SUPLENTE	
	JU.	SE.	JU.	SE.
RIR, SORRIR, GRACEJAR	1,55	0,40	1,27	0,31
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	16,55	15,80	11,82	15
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	3,64	5,06	4,55	4,20
CONTACTOS FÍSICOS	4,27	4,83	4,36	3,94
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	10,27	4,57	7,82	7,54
FEEDBACK POSITIVO	5,18	9,20	2,82	5,91
ELOGIAR	2	0,49	1	0,57
INFLEXÃO DE VOZ	7,91	3,31	4,82	3,40
MOVIMENTOS	3,64	0,37	3,55	0,43
ACEITAÇÃO UTILIZAÇÃO IDEIAS ATLETAS	0,18	0,20	0,09	0,06
AMABILIDADES	0,73	0,03	0,64	0
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,36	0,06	0	0,03
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	4,64	6,51	3,73	5,86
DESINTERESSE	0	0	0	0
FEEDBACK NEGATIVO	1,27	1,29	0,45	0,7
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	2,09	0,66	0,55	0,60
CRITICAR	0,27	0,03	0	0,09
PUNIR	0,18	0	0,09	0
AGREDIR	0	0	0	0

No quadro seguinte temos uma sobreposição dos valores médios de ocorrências mais altos, no que se refere às observações efectuadas nas sessões de treino após vitória (a negrito sublinhado) e após derrota (a negrito em itálico) e os valores médios iguais para ambas situações.

Quadro 64 – Sobreposição dos valores médios do S.O.C.A, em função ao resultado

	<u>VITÓRIA</u> – <u>DERROTA</u>			
	TITULARES		SUPLENTE	
	JU.	SE.	JU.	SE.
RIR, SORRIR, GRACEJAR		<u>2,17</u>	<u>1,27</u>	
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	<u>16,55</u>			<u>15</u>
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL		<u>5,06</u>	<u>4,55</u>	
CONTACTOS FÍSICOS		<u>4,83</u>	<u>4,36</u>	
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	<u>10,27</u>		<u>7,82</u>	
FEEDBACK POSITIVO		<u>9,20</u>		<u>5,91</u>
ELOGIAR	<u>2</u>		<u>1</u>	
INFLEXÃO DE VOZ	<u>7,91</u>		<u>4,82</u>	
MOVIMENTOS	<u>3,64</u>		<u>3,55</u>	
ACEITAÇÃO UTILIZAÇÃO IDEIAS ATLETAS	<u>0,36</u>		<u>0,18</u>	
AMABILIDADES	<u>0,73</u>		<u>1,18</u>	
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	<u>0,36</u>		<u>0,09</u>	<u>0,09</u>
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO		<u>6,51</u>		<u>5,86</u>
DESINTERESSE				
FEEDBACK NEGATIVO		<u>1,29</u>		<u>0,7</u>
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	<u>2,09</u>			<u>0,86</u>
CRITICAR	<u>0,27</u>			<u>0,09</u>
PUNIR	<u>0,18</u>		<u>0,09</u>	
AGREDIR				

Ao visualizarmos o quadro anterior, verificamos que a maioria dos valores de ocorrências médios mais elevados, no que se refere aos comportamentos afectivos por parte dos treinadores, surge na derrota, tanto para titulares como para os suplentes, sendo nos juniores onde esta situação ocorre num número mais elevado.

Realçamos, após um resultado positivo, que é com os titulares seniores que os treinadores expressam de modo verbal ou não verbal a sua atitude positiva face às prestações dos atletas (“Rir, sorrir, gracejar”). No que se refere ainda às vitórias, é com juniores que os treinadores, independentemente do seu estatuto, têm um nível de aceitação e utilização das ideias dos atletas.

No que se refere à utilização de conotações de amabilidade, o valor médio de ocorrências mais elevado surge nos suplentes júnior após a vitória. Sendo com os suplentes sénior que os treinadores demonstram frustração e irritabilidade, ainda após a vitória.

4.4.2. Categorias dos comportamentos de afectividade dos treinadores com diferenças significativas

No quadro seguinte e após termos efectuado o Teste de Wilks' Lambda, podemos observar que existem diferenças significativas, nas variáveis: estatuto, com um resultado de 0,745 para um $F(17;160) = 3,217$ $p < 0,000$; escalão, com um resultado de 0,537 para um $F(17;160) = 8,099$ $p < 0,000$ e para a interacção do estatuto com o escalão, com um resultado de 0,813 para um $F(17;160) = 2,170$ $p < 0,007$.

Quadro 65 – Teste de Wilks' Lambda, para o S.O.C.A.

	VALOR	F	GRAU LIBE.	SIGNIF.
RESULTADO	0,921	0,810	17;160	0,680
ESTATUTO	0,745	3,217	17;160	0,000
ESCALÃO	0,537	8,099	17;160	0,000
RESULTADO*ESTATUTO	0,936	0,647	17;160	0,850
RESULTADO*ESCALÃO	0,922	0,795	17;160	0,697
ESTATUTO*ESCALÃO	0,813	2,170	17;160	0,007
RESULTADO*ESTATUTO*ESCALÃO	0,945	0,545	17;160	0,926

Do quadro anterior retiramos que o comportamento afectivo do treinador é influenciado significativamente pelas variáveis estatuto e escalão e também pela sua interacção. Esta situação confirma, na generalidade, algumas das suposições básicas do nosso estudo (a quarta hipótese), onde referíamos que os comportamentos afectivos dos treinadores variavam em função do estatuto, do escalão e a sua interacção.

No que se refere à variável estatuto, encontramos, como podemos ver no quadro seguinte, cinco categorias onde existem diferenças significativas.

Quadro 66 – Diferenças significativas do S.O.C.A., em relação ao Estatuto (Valores F da Manova)

ESTATUTO	Valor F	Sig.
RIR, SORRIR, GRACEJAR	3,583	0,060
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	7,391	0,007
CONTACTOS FÍSICOS	0,342	0,560
FEEDBACK POSITIVO	5,809	0,017
ELOGIAR	3,092	0,080
INFLEXÃO DE VOZ	6,475	0,012
MOVIMENTOS	0,063	0,802
ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO DAS IDEIAS DOS ATLETAS	2,704	0,102
AMABILIDADES	1,634	0,203
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	7,020	0,009
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	0,388	0,534
FEEDBACK NEGATIVO	3,924	0,049
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	3,211	0,075
CRITICAR	1,620	0,205
PUNIR	3,348	0,609

O comportamento afectivo dos treinadores é algo condicionado pelo estatuto dos atletas.

No quadro seguinte, podemos observar as categorias do S.O.C.A. onde existem diferenças significativas em relação ao estatuto e os valores médios das mesmas.

Quadro 67 – Valores médios do S.O.C.A., com diferenças significativas, em relação ao Estatuto

	TITULARES	SUPLENTES
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	15,30	13,76
FEEDBACK POSITIVO	7,93	7,35
INFLEXÃO DE VOZ	4,21	3,45
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,11	0,05
FEEDBACK NEGATIVO	0,04	0,01

No quadro anterior podemos verificar que são os titulares os que possuem todos os valores médios de ocorrências mais elevados. Os treinadores utilizam mais os nomes dos titulares ao interagir com os atletas, avaliam positivamente mais os titulares, os titulares são mais incitados com mudanças de tom de voz, é com os titulares que os treinadores interagem sobre assuntos que não estão directamente relacionados com a sessão de treino. Mas, no que se refere à afectividade negativa, é também com os titulares que os treinadores utilizam expressões avaliativas simples, denegando a prestação dos atletas.

No quadro seguinte podemos observar as categorias onde existem diferenças significativas em função do estatuto, em valores percentuais.

Quadro 68 – Valores percentuais do S.O.C.A., nas categorias com diferenças significativas, em função do Estatuto

	TITULARES	SUPLENTES
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	36,46%	35,41%
FEEDBACK POSITIVO	18,35%	17,48%
INFLEXÃO DE VOZ	9,74%	9,14%
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,25%	0,13%
FEEDBACK NEGATIVO	2,20%	1,62%

Nas diferenças significativas existentes em função do estatuto em termos percentuais, relativamente aos comportamentos de afectividade, o valor é sempre superior nos titulares. Piéron e Bozzi (1988) efectuaram um estudo também em basquetebol e referiram que os suplentes recebiam um menor número de intervenções por parte dos treinadores do que os titulares, o que vem a ser confirmado no nosso estudo.

No quadro seguinte encontramos as categorias nas quais existem diferenças significativas em função do escalão.

Quadro 69 – Diferenças significativas do S.O.C.A., em relação ao Escalão (Valores F da Manova)

ESCALÃO	F	Sig.
RIR, SORRIR, GRACEJAR	2,257	0,135
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	0,189	0,664
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	0,059	0,808
CONTACTOS FÍSICOS	0,387	0,535
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	8,974	0,003
FEEDBACK POSITIVO	11,321	0,001
ELOGIAR	9,094	0,003
INFLEXÃO DE VOZ	25,548	0,000
MOVIMENTOS	71,161	0,000
ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO DAS IDEIAS DOS ATLETAS	0,215	0,644
AMABILIDADES	50,562	0,000
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	8,752	0,004
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	5,108	0,025
FEEDBACK NEGATIVO	0,173	0,678
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	0,919	0,339
CRITICAR	0,026	0,873
PUNIR	9,300	0,003

No quadro seguinte encontramos as categorias do S.O.C.A. nas quais existem diferenças significativas em relação ao escalão, assim como os valores médios das mesmas.

Quadro 70 – Valores médios do S.O.C.A., com diferenças significativas, em relação ao Escalão

	JUNIORES	SENIORES
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	8,59	5,79
FEEDBACK POSITIVO	3,50	7,35
ELOGIAR	1,41	0,59
INFLEXÃO DE VOZ	6,14	3,10
MOVIMENTOS	3,27	0,38
AMABILIDADES	0,77	0,01
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,20	0,04
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	3,73	5,89
PUNIR	0,11	0

Da observação do quadro anterior, retiramos que é no escalão júnior onde se dão a quase totalidade dos comportamentos de afectividade, com excepção do feedback positivo e do encorajamento/pressão.

No quadro seguinte temos as diferenças significativas em função do escalão, em valores percentuais.

Quadro 71 – Valores percentuais do S.O.C.A., nas categorias com diferenças significativas, em função do Escalão

	JUNIORES	SENIORES
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	16,05%	11,93%
FEEDBACK POSITIVO	6,54%	15,15%
ELOGIAR	2,63%	1,22%
INFLEXÃO DE VOZ	11,47%	6,39%
MOVIMENTOS	6,11%	0,78%
AMABILIDADES	1,44%	0,02%
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,37%	0,08%
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	6,97%	12,14%
PUNIR	0,21%	0%

Os treinadores de juniores possuem um maior nível de afectividade do que os treinadores das equipas seniores, em quase todas as categorias do sistema, onde existem diferenças significativas. Pensamos que esta situação se deve ao facto dos jogadores mais jovens necessitarem de um nível afectivo maior.

As equipas seniores possuem, muitas vezes, atletas que têm uma diferença de idade muito pequena em relação aos seus treinadores. Inclusivamente, chegámos a treinar equipas sénior, com algum sucesso, em que existiam jogadores mais velhos do que nós, situação algumas vezes complicada em termos de liderança. Levou-nos (e pensamos que leva em geral a todos os treinadores que queiram conseguir liderar um grupo nestas condições) a ter um tipo de relacionamento algo distante em termos afectivos, provavelmente por temermos que um excesso de confiança levasse os atletas a colocar em causa certas e determinadas instruções. Independentemente do nível de formação do treinador, pensamos que diferenças de idade muito curtas levam a que o nível de afectividade diminua, pois pode por em causa a liderança do grupo. Apesar de tudo o atrás referido, a opinião de Luthans (2000), afirmando que o líder, ao demonstrar o seu reconhecimento sincero e simples, acerca do nível do rendimento desportivo alcançado pelos seus subordinados, faz com que seja um instrumento potente, com implicações e influência na eficácia da liderança. Provavelmente, será o factor “medo” (de perder a liderança) que leva a que os treinadores actuem dessa maneira. Tal como referiu Araújo (2001), os treinadores devem desempenhar as suas funções com uma autoridade reconhecida e não imposta.

Em termos específicos, pensamos que as três categorias onde os seniores apresentam um nível de afectividade superior que os juniores, se devem, essencialmente, ao maior nível de conhecimentos que os seniores possuem, o que leva os treinadores a efectuarem uma maior comunicação não verbal, pois basta fazer ao jogador um gesto para que ele perceba o que pretendemos, a limitarem-se a utilizar expressões avaliativas simples em relação à prestação do atleta e a estimular os atletas.

No quadro 105 podemos observar quais as categorias onde existem diferenças significativas em função da interacção do estatuto com os escalão.

Quadro 72 – Diferenças significativas do S.O.C.A., em relação à interacção do Estatuto e com o Escalão
(Valores F da Manova)

ESTATUTO*ESCALÃO	F	Sig.
RIR, SORRIR, GRACEJAR	0,276	0,600
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	4,028	0,046
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	0,172	0,679
CONTACTOS FÍSICOS	0,342	0,560
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	8,899	0,003
FEEDBACK POSITIVO	0,180	0,672
ELOGIAR	2,561	0,111
INFLEXÃO DE VOZ	6	0,015
MOVIMENTOS	0,295	0,588
ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO DAS IDEIAS DOS ATLETAS	0,097	0,756
AMABILIDADES	1,634	0,203
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	10,063	0,002
ENCORAJAMENTO/PRESSÃO	0,055	0,815
FEEDBACK NEGATIVO	0,973	0,325
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	4,400	0,037
CRITICAR	1,182	0,278
PUNIR	3,348	0,069

No quadro seguinte podemos observar as categorias do S.O.C.A. nas quais existem diferenças significativas na interacção do estatuto com o escalão e os valores médios das mesmas.

Quadro 73 – Valores médios do S.O.C.A., com diferenças significativas em relação à interacção do Estatuto e com o Escalão

	TITULARES		SUPLENTE	
	JU.	SE.	JU.	SE.
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	16,41	14,96	12,05	14,30
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	9,73	4,14	7,45	7,44
INFLEXÃO DE VOZ	7,64	3,13	3,07	3,45
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,36	0,03	0,05	0,06
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	1,50	0,64	0,41	0,73

Ao observarmos o quadro anterior verificamos que, das categorias do S.O.C.A. onde foram detectadas diferenças significativas na interacção do estatuto com o escalão no que se refere aos titulares, é nos juniores onde os valores médios são sempre superiores. No que se refere aos suplentes, os valores médios são sempre superiores para os seniores, com a excepção da categoria “demonstração/participação”, onde o valor médio de ocorrências é também superior nos juniores.

Quadro 74 – Valores percentuais do S.O.C.A., na categoria com diferenças significativas, na interacção do Estatuto com o Escalão

	TITULARES		SUPLENTE	
	JU.	SE.	JU.	SE.
IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA	23,67%	29,83%	26,73%	30,48%
DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO	13,91%	8,23%	16,48%	15,88%
INFLEXÃO DE VOZ	10,96%	6,23%	10,25%	6,53%
INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS	0,52%	0,05%	0,10%	0,13%
FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE	13,28%	1,29%	0,89%	1,56%

Em relação à interacção do estatuto com o escalão, e de uma forma geral, os treinadores dirigem comportamentos de afectividade positiva mais elevado aos juniores. Pensamos que a tendência dos treinadores de equipas mais jovens é proporcionarem ao grupo o mesmo tipo de comportamentos, provavelmente porque nas equipas juniores o suplente possa ser visto como um elemento que ainda pode evoluir na equipa. Partilhamos, sem sombra de dúvida, a opinião de Araújo (1995), que refere que para além do seu saber e saber estar na relação com atletas, os treinadores devem ser capazes de criar nos atletas a motivação de quem se sente a participar e contribuir de modo efectivo para o progresso colectivo.

De uma forma mais específica, podemos ver que, no que se refere à identificação dos atletas, o valor é sempre mais alto nos seniores. Provavelmente, esta situação deve-se a que, tal como vimos na análise do comportamento do treinador, é também aos seniores que é prestada mais informação e mais pressão. Esta situação pode estar ligada ao facto de os atletas serem mais vezes identificados para que tanto a informação como a pressão sejam direccionadas.

No que se refere à demonstração /participação e à inflexão de voz ser sempre superior para os juniores, também não nos surpreende. O facto de ser um escalão mais numeroso e de o nível ser mais baixo provoca que o treinador tenha de envolver-se activamente na prática com os atletas, tendo de alterar significativamente o seu tom de voz.

No que se refere aos comportamentos de afectividade negativa, os valores percentuais mais elevados quanto às equipas na categoria “frustração/irritabilidade” são proporcionados aos juniores. A eventual menor responsabilidade leva a que isto aconteça (como já tivemos oportunidade de referir anteriormente). Os comportamentos de frustração e irritabilidade surgem quando as coisas não correm bem; o treinador pára a sessão de treino e normalmente demonstra este comportamento. Consideramos que poucas ocorrências de afectividade negativa, em geral, é positivo pois demonstra, com o qual concordamos, as conclusões alcançadas por Shigunov, Pereira e Manzotti (1993), ao referirem que os atletas sentem insegurança, preocupação e perda de concentração em reacção aos comportamentos afectivos negativos do treinador. Por outro lado, os comportamentos afectivos positivos geram nos atletas sentimentos de auto-valorização, incentivo e satisfação.

Em suma, das dezanove categorias que se referem aos comportamentos afectivos dos treinadores em função do resultado, só encontrámos diferenças numa categoria. Logo, os comportamentos afectivos dos treinadores não variam, substancialmente, em função do resultado da competição.

Nos comportamentos de afectividade dos treinadores em função do estatuto, em cinco categorias foram encontradas diferenças entre o comportamento do treinador e os titulares e entre o comportamento dos treinadores e os suplentes. Os treinadores possuem comportamentos de afectividade para com os titulares em maior número do que com os suplentes. Podemos afirmar que, parcialmente, os comportamentos afectivos dos treinadores se modificam em função do estatuto.

Nos comportamentos de afectividade dos treinadores em função do escalão, encontrámos diferenças em nove das dezanove categorias, possuindo os juniores um maior número de comportamentos afectivos por parte dos treinadores em relação aos seniores. Os comportamentos afectivos dos treinadores variam parcialmente em função do escalão e o número de categorias onde existem diferenças é elevado.

Nos comportamentos de afectividade dos treinadores em função do resultado e do escalão, só existem diferenças numa categoria. Os comportamentos afectivos dos treinadores variam parcialmente em função do escalão e do resultado da competição e só no que se refere à inflexão de voz. O treinador não modifica em termos gerais o seu comportamento de afectividade em função do resultado tendo em conta o escalão.

Nos comportamentos de afectividade dos treinadores em função do estatuto e do escalão, foram encontradas cinco categorias com diferenças significativas. Os comportamentos afectivos dos treinadores variam parcialmente em função do estatuto e do escalão. Em função do resultado, do estatuto e do escalão, os comportamentos dos treinadores não sofreram variação. Em função do referido anteriormente, podemos dizer que a nossa hipótese inicial é aceite.

4.5. Perfil da imagem do treinador

4.5.1. Perfil da imagem do treinador e do atleta em relação ao estatuto e escalão

Tal como já referimos na metodologia, aplicámos o questionário I.I.T.A. a vinte e seis jogadores juniores e a sessenta e dois seniores titulares, a vinte e sete juniores e sessenta e dois seniores suplentes e a seis treinadores juniores e a dezasseis seniores.

Para este questionário, começaremos por fazer referência aos seus valores médios em relação ao estatuto⁴ e ao escalão. No quadro 75 apresentamos uma visão global dos valores médios mais elevados para cada uma das vinte e três características que compõem o I.I.T.A., assim como, a negrito, os estatutos e os escalões que têm o valor médio mais elevado e o respectivo desvio-padrão.

Quadro 75 – Valores médios do I.I.T.A. em relação ao Estatuto e Escalão

CARACTERÍSTICAS	ESTATUTO	ESCALÃO	VALOR MÉDIO	DESVIO PADRÃO
AMIGÁVEL	TITULAR	JUNIORES	5,69	1,320
	SUPLENTE	SENIORES	5,11	1,559
	TREINADOR	JUNIORES	5,67	1,033
BOM DESPORTISTA	TITULAR	JUNIORES	5,12	1,558
	SUPLENTE	SENIORES	4,84	1,671
	TREINADOR	JUNIORES	5,17	1,472
CLARO	TITULAR	SENIORES	5,74	1,214
	SUPLENTE	SENIORES	5,13	1,664
	TREINADOR	JUNIORES	5,83	1,329
COM CAPACIDADES VARIADAS	TITULAR	JUNIORES	5,58	1,391
	SUPLENTE	SENIORES	5,06	1,447
	TREINADOR	JUNIORES	5,33	0,816
COM COMPORTAMENTO CONSTANTE	TITULAR	JUNIORES	5,31	1,761
	SUPLENTE	SENIORES	4,76	1,512
	TREINADOR	SENIORES	5,56	1,459
COM QUALIDADES DE CHEFIA	TITULAR	SENIORES	5,92	1,463
	SUPLENTE	JUNIORES	5,33	1,664
	TREINADOR	JUNIORES	6,33	0,816
COMPREENSIVO	TITULAR	JUNIORES	5,23	1,657
	SUPLENTE	SENIORES	4,73	1,874
	TREINADOR	JUNIORES	6,17	0,983
COMUNICATIVO	TITULAR	JUNIORES	5,62	1,299
	SUPLENTE	SENIORES	5,21	1,651
	TREINADOR	JUNIORES	5,83	0,753
CONSCIENCIOSO	TITULAR	JUNIORES	5,50	1,208
	SUPLENTE	SENIORES	5,19	1,329
	TREINADOR	SENIORES	5,88	0,957
CONSTRUTIVO	TITULAR	SENIORES	5,69	1,154
	SUPLENTE	SENIORES	5,40	1,420
	TREINADOR	JUNIORES	6,33	0,816
CUIDADOSO	TITULAR	JUNIORES	5,54	1,303
	SUPLENTE	SENIORES	5,15	1,412

⁴ O estatuto, no que se refere a este questionário, é composto pelos titulares, suplentes e treinadores.

	TREINADOR	JUNIORES	5,83	1,169
DINÂMICO	TITULAR	JUNIORES	5,62	1,329
	SUPLENTE	SENIORES	5,40	1,324
	TREINADOR	JUNIORES	6,00	0,894
ESPERTO	TITULAR	JUNIORES	5,96	1,248
	SUPLENTE	SENIORES	5,48	1,479
	TREINADOR	JUNIORES	5,67	1,211
EXEMPLAR	TITULAR	JUNIORES	5,54	1,174
	SUPLENTE	SENIORES	4,94	1,819
	TREINADOR	JUNIORES	6,17	1,169
EXPERIENTE	TITULAR	SENIORES	6,00	1,086
	SUPLENTE	SENIORES	5,87	1,166
	TREINADOR	SENIORES	5,25	0,775
FIRME	TITULAR	SENIORES	6,05	0,982
	SUPLENTE	SENIORES	5,74	1,342
	TREINADOR	SENIORES	6,25	0,931
HONESTO	TITULAR	JUNIORES	6,08	0,977
	SUPLENTE	SENIORES	5,53	1,772
	TREINADOR	SENIORES	6,50	0,966
IMAGINATIVO	TITULAR	JUNIORES	5,42	1,474
	SUPLENTE	SENIORES	5,23	1,419
	TREINADOR	SENIORES	5,94	0,680
INTELIGENTE	TITULAR	JUNIORES	6,08	1,129
	SUPLENTE	SENIORES	5,39	1,603
	TREINADOR	SENIORES	5,88	0,719
JUSTO	TITULAR	JUNIORES	5,27	1,313
	SUPLENTE	SENIORES	4,98	1,954
	TREINADOR	JUNIORES	6,17	1,169
MOTIVADOR	TITULAR	JUNIORES	5,38	1,525
	SUPLENTE	SENIORES	5,29	1,987
	TREINADOR	JUNIORES	6,33	0,816
SEGURO DE SI	TITULAR	JUNIORES	6,04	1,216
	SUPLENTE	SENIORES	5,56	1,564
	TREINADOR	SENIORES	6,06	0,772
SINCERO	TITULAR	JUNIORES	6,19	0,939
	SUPLENTE	SENIORES	5,21	1,934
	TREINADOR	SENIORES	6,44	0,727

Salienta-se o facto de, em dezoito das vinte e três características, os treinadores apontarem valores médios mais elevados, do que os atletas titulares e suplentes, ou seja, a percepção que os treinadores possuem acerca da imagem que os atletas têm deles só não é superior em cinco características. Esta situação pode significar que os treinadores se vêem de uma maneira diferente com que são vistos pelos seus atletas.

Das dezoito características cujo valor médio é superior nos treinadores, em onze esse valor refere-se ao escalão júnior e sete ao escalão sénior. No que se refere às outras cinco características, os titulares juniores apresentam um valor médio mais elevado em quatro características e só numa característica o valor médio mais elevado apresentado refere-se aos seniores. Salienta-se o facto de em nenhuma característica os valores médios mais elevados pertencerem aos suplentes. Resumindo, os treinadores revelam uma auto-imagem mais positiva do que aquela que os atletas lhe reconhecem. Esta análise mais qualitativa foi complementada com uma comparação de médias entre os grupos de modo a confirmar a significância das diferenças encontradas.

Em anexo (quadros 1 ao 23), podemos observar a análise descritiva dos vinte e três itens do I.I.T.A., onde realçamos a negrito os valores tanto do escalão como do estatuto, cujo valor médio é maior.

Procurando descrever a percepção dos atletas relativamente às características que o treinador exhibe e a auto-percepção dos treinadores das suas próprias características de relação interpessoal, começamos por comparar a média de respostas ao I.I.T.A. dos titulares, dos suplentes e dos treinadores.

Quadro 76 – Média e Desvio-Padrão do questionário I.I.T.A. referente ao Estatuto

ESTATUTO	N	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
TITULARES	88	5,5603	0,87421
SUPLENTES	89	5,1417	1,23793
TREINADORES	22	5,6917	0,52551

Verificou-se que são os treinadores que possuem a maior média nas respostas do I.I.T.A., o que significa que a sua percepção da qualidade da relação treinador – atleta é superior à qualidade percebida pelos atletas, quer sejam suplentes quer sejam titulares. Na realidade, apesar desta diferença, os valores absolutos são muito elevados, o que significa que a percepção da qualidade da relação é muito alta.

Podemos observar no quadro seguinte a média de respostas em função do escalão (juniores e seniores).

Quadro 77 – Média, Desvio-Padrão do questionário I.I.T.A. referente ao Escalão

ESCALÃO	N	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
JUNIORES	53	5,3301	1,13530
SENIORES	124	5,4118	1,01128

Verificamos que são os seniores que possuem uma média mais elevada nas respostas ao I.I.T.A., apresentando, assim, uma percepção mais elevada da qualidade da relação interpessoal na relação com o treinador.

4.5.2. Características com diferenças significativas no perfil da imagem do treinador e dos atletas

No quadro seguinte, e após termos efectuado o Teste de Wilks' Lambda, resultado de uma Manova, podemos observar que só no que se refere ao estatuto é que as características do I.I.T.A. têm um peso significativo, pois é onde existem diferenças significativas. O Wilks' Lambda dá um resultado de 0,25 para um $F(46;342) = 1,967$, $p < 0,000$.

Quadro 78 – Teste de Wilks' Lambda do I.I.T.A.

	VALOR	F	GRAU LIBERDADE	SIGNIFICÂNCIA
ESTATUTO	0,25	1,967	46;342	0,000
ESCALÃO	0,845	1,360	23;171	0,137
ESTATUTO*ESCALÃO	0,766	1,060	46;342	0,374

Temos, então, em dezasseis das vinte e três características do I.I.T.A., diferenças significativas no que se refere ao estatuto.

Quadro 79 – Diferenças significativas do I.I.T.A. em relação ao Estatuto (Valores F da Manova).

ESTATUTO	F	Sig.
AMIGÁVEL	1,242	0,291
BOM DESPORTISTA	0,345	0,709
CLARO	5,148	0,007
COM CAPACIDADES VARIADAS	3,341	0,037
COM COMPORTAMENTO CONSTANTE	3,143	0,045
COM QUALIDADES DE CHEFIA	4,396	0,014
COMPREENSIVO	5,439	0,005
COMUNICATIVO	3,084	0,048
CONSCIENCIOSO	2,486	0,086
CONSTRUTIVO	3,653	0,028
CUIDADOSO	1,099	0,335
DINÂMICO	2,437	0,090
ESPERTO	4,808	0,009
EXEMPLAR	3,607	0,029
EXPERIENTE	7,308	0,001
FIRME	2,589	0,078
HONESTO	4,946	0,008
IMAGINATIVO	2,512	0,084
INTELIGENTE	4,721	0,010
JUSTO	7,773	0,001
MOTIVADOR	5,048	0,007
SEGURO DE SI	5,074	0,007
SINCERO	6,495	0,002

Legenda – A negrito encontram-se as diferenças significativas.

O facto de não existirem diferenças significativas na percepção da relação treinador – atleta considerando o escalão e a interacção escalão-estatuto revela que o escalão não funciona como variável influenciadora da percepção da qualidade da relação, sendo esta influenciada, no essencial, apenas pela variável Estatuto.

Por outro lado, o facto de existirem três estados para a variável independente “estatuto” (titulares, suplentes e treinadores), exigiu-nos a realização do Teste de Bonferroni, para verificarmos entre que níveis existem diferenças significativas.

De uma forma mais específica, podemos observar no quadro seguinte as características onde existem diferenças significativas no que se refere ao estatuto, assim como os valores médios de cada uma dessas características. Dados complementares (desvio-padrão, valores da estatística do teste e grau de probabilidade de erro) são apresentados no anexo n.º 1.

Quadro 80 – Valores médios das características do I.I.T.A. com diferenças significativas em relação ao Estatuto

	TITULARES	SUPLENTE	TREINADOR
CLARO	5,69*	5,04*	5,77
COM CAPACIDADES VARIADAS	5,57*	5,02*	5,32
COM COMPORTAMENTO CONSTANTE	5,19	4,70	5,50
COM QUALIDADES DE CHEFIA	5,91*	5,25*	6,09
COMPREENSIVO	5,20	4,67*b	5,91*b
COMUNICATIVO	5,56	5,08	5,41
CONSTRUTIVO	5,64	5,30*b	6*b
ESPERTO	5,90*	5,35*	5,32
EXEMPLAR	5,38	4,88	5,45
EXPERIENTE	5,99*a	5,82*b	5*a *b
HONESTO	5,94	5,45*b	6,45*b
INTELIGENTE	5,95*	5,34*	5,82
JUSTO	5,15	4,67*b	6,14*b
MOTIVADOR	5,25	4,97*b	6,09*b
SEGURO DE SI	5,99*	5,4*	6,05
SINCERO	5,78*	5,18* *b	6,41 *b

Legenda – A negrito os valores médios mais elevados; *- Diferenças significativas entre titulares e suplentes; *a- Diferenças significativas entre titulares e treinadores; *b- Diferenças significativas entre suplentes e treinadores.

Tendo como referência o estudo realizado por Rolla (1998), salienta-se o facto que cinco características se repetem como obtendo diferenças significativas em função do estatuto, são elas: “claro”, “compreensivo”, “inteligente”, “motivador” e “comunicativo”.

Das características que se repetem desse estudo, a característica “claro”, obteve o mesmo tipo de diferenças do actual estudo, ou seja, entre o titular e o suplente, obtendo o titular um valor médio superior. Os titulares continuam a considerar o treinador como proporcionador da informação de uma forma mais clara que o suplente. Esta situação poderá dever-se a que os titulares percebem melhor a clareza e coerência do discurso utilizado pelos treinadores, pensamos que derivado ao seu melhor conhecimento das situações técnico – táticas do que os seus colegas suplentes.

No que se refere à característica “compreensivo”, as diferenças são entre o treinador e o suplente, tal como no estudo realizado por Rolla (1998), obtendo, também, os treinadores um valor médio superior aos suplentes. O nível de compreensão que os treinadores pensam que têm é superior ao que os suplentes percebem por parte dos seus treinadores. Esta situação está um pouco relacionada com a discussão anterior: se os suplentes considerarem que os seus treinadores são pouco claros, o seu nível de compreensão em relação às situações também é menor. Os treinadores têm a percepção de que são melhor compreendidos do que realmente são, tendo os suplentes um nível de compreensão menor que os titulares. De forma a se resolver esta situação socorremo-nos de Scott (1984), que refere que a habilidade de um treinador pode ser medida com base na capacidade de compreender o seu atleta e de modificar o seu comportamento. O autor refere, ainda, que os

treinadores devem adaptar-se ao tipo de atletas que estão preparando, ideia com a qual concordamos plenamente, apesar de pensarmos que os treinadores têm que possuir a capacidade de ajustarem a linguagem aos níveis de compreensão linguísticos e aos estádios de desenvolvimento dos seus atletas. Devem, também, ter em consideração que existem sempre alguns desfasamentos e perdas de informação entre o que se quer dizer, o que se diz e o que os outros entendem daquilo que se disse (afunilamento instrucional). Esta perda de informação não é, muitas vezes, percepcionada, tanto por parte do emissor como do receptor.

Quanto à característica “inteligente”, tanto no estudo actual como no realizado anteriormente, as diferenças são entre o titular e o suplente, possuindo os suplentes um valor médio inferior aos titulares. Os treinadores são vistos pelos titulares como possuidores de um nível de inteligência superior ao que os suplentes consideram. Esta questão poderá ter a seguinte interpretação: como os titulares são mais solicitados que os suplentes para várias tarefas na sessão de treino e na competição têm uma interpretação mais positiva do acerto das decisões que são tomadas pelo treinador.

No que se refere à característica “motivador” a situação repete-se. Em ambos os estudos as diferenças são entre os suplentes e os treinadores, possuindo os treinadores um valor médio superior. Os treinadores consideram que motivam os seus atletas com um nível superior àquele que os atletas suplentes percepcionam e que os titulares percepcionam. Mais uma vez parece existir um desfasamento entre interpretações quando consideramos os diversos intervenientes. Saber que estes desfasamentos existem é, aliás, uma condição fundamental para os treinadores optimizarem o processo de treino e, neste caso concreto, os processos de gestão da motivação.

Serpa (1999), a este propósito, defende que o processo de treino deve ser gerido no sentido de desenvolver a motivação intrínseca. Biddle (1999) defende que os treinadores devem efectuar orientações voltadas para a tarefa em similitude ou em combinação com orientações para o ego dos atletas, pois estas situações estão associadas a emoções positivas e provocam respostas motivantes por parte dos atletas.

Quanto à característica “comunicativo”, os titulares apresentam um valor médio superior aos suplentes. Pensamos que os treinadores tendem a relacionar-se mais frequentemente e com melhor qualidade com aqueles jogadores que são mais influentes na equipa, pois em competição é por eles que passa a maior responsabilidade. Muitas vezes, os treinadores não se apercebem desse facto, mas é normal que os suplentes, ao passarem menos tempo em jogo, sintam que os treinadores não comunicam tanto com eles.

No que se refere às outras características não possuímos estudos comparativos, mas tentaremos discutir os resultados seguindo um raciocínio idêntico.

Os jogadores titulares consideram que os seus treinadores possuem um nível de capacidades variadas superior aos jogadores suplentes. Pensamos que isto se deve a que os suplentes, ao serem

menos solicitados, são mais críticos com os seus treinadores. Como defende Marques (2001), os treinadores devem ser versados nos domínios da organização, da administração, da economia e devem ser gestores de recursos e estratégias. Para Lima (1993) e para Simão e Rosado (2004), os treinadores devem ser conhecedores de “tudo” o que diz respeito à modalidade. O que se espera do treinador é que tome as decisões apropriadas às situações e que estas sejam claras, objectivas e atempadas. Rosado (1995) e Palma (2001) referem, ainda, que os treinadores têm de ser concebidos como profissionais activos, onde a definição de objectivos e a busca de informação no contexto dos objectivos faça parte da sua actividade.

Na característica “com qualidades de chefia”, relativamente às percepções de liderança, as diferenças existentes são entre os titulares e os suplentes, considerando os titulares que os seus treinadores têm mais qualidades de liderança do que os suplentes. O líder, normalmente, é sempre menos considerado pelos que ocupam uma situação inferior ao nível da equipa do que os que ocupam uma posição superior. Julgamos, ainda, que a maior satisfação que resulta de ser titular legitima a posição do líder, na medida em que o jogador vê cumpridos os seus próprios objectivos.

Na característica “construtivo” as diferenças são entre os suplentes e os treinadores. Os treinadores consideram-se com um nível de “construtivismo” superior aos suplentes. O facto de muitas vezes não se querer arriscar, em situações de jogo, poderá levar a que os atletas pensem que os treinadores seguem um padrão comportamental muito regular.

Também o nível de “esperteza” dos treinadores é diferente quando considerado pelos titulares e pelos suplentes. Os suplentes consideram os seus treinadores como sendo menos espertos do que os titulares. Consideramos, mais uma vez, que a posição pouco cómoda de se ser suplente leva a que isso aconteça: o treinador não tem esperteza suficiente para reparar em certas alterações a realizar, segundo a perspectiva do suplente. Temos de referir, também, que o treinador, muitas vezes, ao intervir no jogo não o faz somente baseado na sua experiência mas baseado numa análise quantitativa, ou seja, baseado na estatística que possui e à qual os atletas não têm acesso e também baseado no *scouting* efectuado.

Na característica “exemplar” sabemos, o que não nos surpreende, que os treinadores consideram o seu comportamento como sendo mais exemplar do que os titulares e do que os suplentes, respectivamente. Consideramos que o treinador tenta comportar-se da forma mais exemplar que lhe é possível e é disso seguro, mas os atletas não conseguem aperceber-se dessa situação, há sempre algo que não lhes agrada ou consideram que o treinador deveria ter-se comportado de maneira diferente.

Consideramos que o facto de todos os treinadores inquiridos possuírem uma média de idade superior à dos seus atletas, logo, mais anos ligados à actividade, influenciou na característica “experiente”, pois tanto os titulares como os suplentes consideram os seus treinadores como sendo mais experientes, do que aquilo que os seus treinadores se consideram. De uma maneira geral, os treinadores são vistos como profissionais experientes.

No que se refere à característica “honesto”, os jogadores suplentes consideram os seus treinadores como sendo menos honestos do que os treinadores se consideram. Pormenores que, muitas vezes, os treinadores realizam nos treinos, como colocar os suplentes em posições de maior destaque, o facto de durante a semana lhes dar mais atenção do que o normal, poderá, para os suplentes, significar que, na competição que se aproxima, estes irão ter um papel mais preponderante, o que por vezes não acontece, pois podem ser meros testes que o treinador efectua. Esta situação pode ser considerada como menos honesta por parte dos jogadores suplentes dado, eventualmente, se sentirem injustiçados por não jogarem, por serem colocados em segundo plano, não concordando com essa situação ou por se acharem subavaliados. Ou, ainda, por acharem que existe favoritismo ou arbitrariedade de critérios relacionais pode levar a este posicionamento. Os treinadores, na nossa opinião, deverão colocar objectivos aos suplentes e dialogar mais com eles, procurando reduzir o desfasamento que existe entre as percepções de ambos.

A característica “justo” está relacionada com o que referimos no parágrafo anterior. Os treinadores consideram-se mais justos do que os suplentes os consideram. Muitas vezes não é considerado justo, por parte dos suplentes, o não ser colocado a jogar, quando sente que treinou bem durante a semana ou que um colega não está a render e não é justo o treinador não lhe dar uma oportunidade. Outra situação que pode muitas vezes acontecer, é os atletas confundirem o facto do treinador estar a ser exigente com o estar a ser injusto (tal como refere Araújo, 1998). O facto do treinador ser mais exigente com os atletas suplentes não pode ser considerado como ser menos justo para com estes. Quando não possuem um *staff* organizado os treinadores, ao terem tantos aspectos em que se concentrar, só teriam, no nosso ponto de vista, a ganhar se comunicassem melhor com o “banco”. Com algum sucesso, é frequentemente utilizado o “capitão – suplente”, ou seja, os jogadores dão a sua visão do que está a acontecer a um determinado atleta que está encarregue de comunicar a opinião dos sete jogadores que estão no banco. Desta forma, o treinador não é “bombardeado” com muita informação oriunda de vários atletas e, assim que existe uma oportunidade, o atleta tem a oportunidade de comunicar o que é que os restantes atletas estão a pensar.

A sinceridade, por outro lado, é vista, tanto pelos titulares como pelos suplentes, de uma forma bastante inferior àquela que os treinadores pensam que possuem e consideramos que está um pouco relacionada com o que atrás referimos para a honestidade.

No que se refere à imagem do treinador, consideramos que existem diferenças significativas em função do estatuto.

Apesar de nas dezasseis características onde encontrámos diferenças significativas, só existir uma na qual a percepção dos titulares é diferente da dos treinadores (“experiente”), existem seis características (“compreensivo”, “construtivo”, “experiente”, “justo”, “motivador” e “sincero”) onde a percepção da imagem dos suplentes pelos treinadores é significativamente diferente e existem sete características onde a percepção da imagem dos treinadores pelos titulares difere significativamente da

percepção dos suplentes (“claro”, “com capacidades variadas”, “com qualidades de chefia”, “esperto”, “inteligente” “seguro de si” e “sincero”).

Em função do escalão, das vinte e três características do questionário, só em duas encontramos diferenças significativas (“amigável” e “firme”). O perfil da imagem dos treinadores não varia consoante o escalão. Em termos de estatuto, a abordagem é muito mais específica e foca posições diferenciadas numa equipa; no que se refere ao escalão, esta abordagem é muito mais lata, sendo diferenciada apenas na idade dos atletas.

No que se refere à auto-percepção dos treinadores em relação à imagem que os atletas possuem deles, existem, parcialmente, diferenças significativas entre a percepção que os atletas têm dos seus treinadores e a sua auto-percepção. Das vinte e três características do I.I.T.A., em sete encontramos essas diferenças entre os treinadores e os suplentes e em uma as diferenças surgem entre os treinadores e os titulares.

Nos suplentes, o número de características onde existem diferenças é superior aos titulares. Tendo a nossa hipótese inicial colocado os atletas como um todo, sem diferenciar se eram titulares e suplentes, podemos dizer que existem diferenças, mas estas só se verificam para os suplentes. Colocando titulares e suplentes no mesmo grupo, a auto-percepção dos treinadores é diferente da percepção dos atletas. Este facto não coincide com o estudo efectuado por Rolla (1998), onde é referido que não existem diferenças entre a imagem que o treinador percebe de si próprio e a imagem percebida pelos atletas. Não conseguindo, neste caso, diferenciar os titulares dos suplentes não nos é possível referir, de uma forma geral, que existem diferenças.

4.5.3. Factores da qualidade da relação treinador – atleta

O facto de estarmos a lidar com muitos itens (23) num mesmo questionário, eventualmente muito interdependentes e com diversas correlações entre si, levou-nos a considerar a hipótese de existirem factores latentes que, de algum modo, reduzissem a um número mais restrito de variáveis a análise da qualidade da relação treinador – atleta. Procedemos, assim, a uma análise da estrutura factorial subjacente utilizando, como referimos no capítulo dos Procedimentos Estatísticos, uma análise factorial de componentes principais.

O nosso estudo revelou-nos um K.M.O. de 0,931, que segundo Kaiser (citado por Pestana & Gageiro, 2003) é considerada “Muito Boa”. O teste permite, então, o prosseguimento da análise factorial.

Foram criados quatro factores, explicando 67,115% da variância.

Quadro 81 – Total da Variância explicada (Factores extraídos do I.I.T.A.)

FACTOR	<i>Initial Eigenvalues</i>		
	Total	% Variância	Cumulative %
1	11,913	51,797	51,797
2	1,333	5,794	57,59
3	1,151	5,002	62,593
4	1.040	4,522	67,115

Ao efectuarmos a Rotação Varimax, agrupamos as características em quatro factores, considerando como critério de inclusão um valor da correlação item-factor superior ou igual a 0,5 (Maroco, 2003).

Quadro 82 – Rotação Varimax

CATEGORIAS DE ANÁLISE	FACTOR			
	1	2	3	4
CONSCIENCIOSO	0,678	0,281	0,306	0,211
CONSTRUTIVO	0,623	0,205	0,333	0,277
DINÂMICO	0,712	0,323	0,061	0,163
HONESTO	0,527	0,337	0,351	0,397
IMAGINATIVO	0,778	0,083	0,095	0,287
JUSTO	0,701	0,318	0,325	0,252
MOTIVADOR	0,629	0,418	0,418	0,093
SEGURO DE SI	0,48	0,302	0,46	0,321
AMIGÁVEL	0,323	0,735	0,015	0,053
BOM DESPORTISTA	0,12	0,691	0,075	0,287
COMPREENSIVO	0,494	0,509	0,477	-0,213
COMUNICATIVO	0,512	0,538	0,356	-0,27
ESPERTO	0,337	0,637	0,294	0,298
EXEMPLAR	0,22	0,488	0,426	0,398
INTELIGENTE	0,386	0,563	0,317	0,319
SINCERO	0,457	0,522	0,422	0,264
CLARO	0,272	0,444	0,598	0,136
COM CAPACIDADES VARIADAS	0,068	0,489	0,568	0,313
COM COMPORTAMENTO CONSTANTE	0,164	-0,019	0,767	0,197
COM QUALIDADES DE CHEFIA	0,329	0,159	0,676	0,228
CUIDADOSO	0,234	0,452	0,217	0,484
EXPERIENTE	0,208	0,186	0,218	0,729
FIRME	0,439	0,129	0,234	0,643

Temos, então, no Factor 1, ao qual chamámos, à falta de melhor designação, “Características Intrínsecas da Personalidade” com as características: “consciencioso”, “construtivo”, “dinâmico”, “honesto”, “imaginativo”, “justo”, “motivador” e “seguro de si”.

O Factor 2, a que atribuímos o nome de “Características Relacionais”, é constituído pelas características: “amigável”, “bom desportista”, “compreensivo”, “comunicativo”, “esperto”, “exemplar”, “inteligente” e “sincero”.

Ao Factor 3, constituído pelas características: “claro”, “com capacidades variadas”, “com comportamento constante” e “com qualidades de chefia”, atribuímos a designação “Características de Liderança”.

Por fim, ao Factor 4, constituído pelas características: “cuidadoso”, “experiente” e “firme”, atribuímos o nome de “Características de Experiência”.

Nos quadros seguintes podemos observar, em função do estatuto e do escalão, onde existem os valores médios superiores, em relação aos 4 factores.

Quadro 83 – Valores médios das “Características Intrínsecas da Personalidade” do I.I.T.A. em relação ao Estatuto e ao Escalão (Manova)

CARACTERÍSTICAS INTRÍNECAS DA PERSONALIDADE			
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO
Titulares	Juniores	5,6010	1,06126
	Seniores	5,4819	1,09602
	Total	5,5170	1,08115
Suplentes	Juniores	4,7685	1,37836
	Seniores	5,3246	1,30483
	Total	5,1559	1,34448
Treinadores	Juniores	6,0000	0,75000
	Seniores	6,0156	0,52614
	Total	6,0114	0,57594
Total	Juniores	5,2606	1,26761
	Seniores	5,4732	1,16102
	Total	5,4102	1,19435

A explicação que se foi dando às diferenças no comportamento e no rendimento dos atletas, baseou-se, em certas ocasiões, no factor personalidade. No quadro anterior, podemos observar que só nos titulares juniores os valores são superiores aos seniores e aos treinadores, no que se refere às “Características Intrínsecas da Personalidade”, pertencendo, no total, aos seniores o valor médio superior.

Quadro 84 – Valores médios das “Características Relacionais” do I.I.T.A. em relação ao Estatuto e ao Escalão (Manova)

CARACTERÍSTICAS RELACIONAIS			
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO
Titulares	Juniores	5,6779	0,99572
	Seniores	5,4234	0,84820
	Total	5,4986	0,89609
Suplentes	Juniores	4,9120	1,46342
	Seniores	5,1129	1,41416
	Total	5,0520	1,42395
Treinadores	Juniores	5,8333	0,65986
	Seniores	5,4063	0,61492
	Total	5,5227	0,64161
Total	Juniores	5,3432	1,25957
	Seniores	5,2839	1,12143
	Total	5,3015	1,16118

Consideramos que os treinadores não devem só agir como “manuais de treino”, é também importante que promovam um ambiente que estimule os atletas a interagirem com ele e entre eles. No que se refere às “Características Relacionais”, os suplentes seniores possuem os valores médios mais altos, apresentando os juniores os valores mais altos nos restantes estatutos. Os juniores apresentam um valor total médio superior aos seniores. Esta situação pode ser interpretada pelo facto de no escalão mais baixo (juniores), os treinadores interagirem mais com os jogadores por estes serem mais novos. Os jogadores titulares juniores apresentam um valor médio superior aos seniores; provavelmente, pelo facto de serem mais importantes para a equipa os treinadores lhes dedicam mais tempo. Nos seniores, o facto de fazerem parte de um grupo mais pequeno e onde todos devem ser considerados importantes, os suplentes apresentam um valor médio superior; provavelmente porque os treinadores sabem que precisam deles, principalmente para as sessões de treino e tentam que exista um bom relacionamento entre eles.

Quadro 85 – Valores médios das “Características de Liderança” do I.I.T.A. em relação ao Estatuto e ao Escalão (Manova)

CARACTERÍSTICAS DE LIDERANÇA			
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO
Titulares	Juniões	5,5865	1,10667
	Seniores	5,5927	1,12373
	Total	5,5909	1,11235
Suplentes	Juniões	4,9167	1,28602
	Seniores	5,0403	1,21651
	Total	5,0028	1,23197
Treinadores	Juniões	5,7083	0,96717
	Seniores	5,6563	0,54677
	Total	5,6705	0,66093
Total	Juniões	5,2924	1,21339
	Seniores	5,3554	1,14704
	Total	5,3367	1,16437

No âmbito do desporto, a figura do líder costuma surgir de forma natural e quando isso não acontece a sensação é que, no grupo, falta uma “peça” necessária. O treinador, por um lado, tem de se transformar, em muitas situações, num autêntico líder, por outro, tem de reconhecer qual ou quais são os líderes do grupo que treina. Gardner (1995) refere-se ao líder como a pessoa que tem a capacidade de influenciar os pensamentos, os comportamentos e os sentimentos dos outros. Nas “Características de Liderança”, no que se refere aos treinadores de equipas juniores, estes apresentam um valor médio superior aos restantes, pertencendo aos titulares e aos suplentes um valor médio superior nos seniores. O valor médio total mais alto pertence, também, ao escalão sénior. Os treinadores juniores, provavelmente, pela diferença de idade que existe para com os jogadores, consideram-se mais líderes do que os seniores. Por outro lado, os jogadores seniores, sendo mais velhos e com alguma experiência acumulada dos anos de prática da modalidade, reconhecem valor no seu treinador e capacidade para liderar o grupo onde se encontram inseridos.

Quadro 86 – Valores médios do Factor 4 do I.I.T.A. relação ao Estatuto e ao Escalão (Manova)

CARACTERÍSTICAS DE EXPERIÊNCIA			
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO
Titular	Juniões	5,8077	1,14377
	Seniores	5,7957	0,84792
	Total	5,7992	0,93811
Suplente	Juniões	5,3951	1,25418
	Seniores	5,5860	1,05700
	Total	5,5281	1,11669
Treinador	Juniões	4,9444	0,99815
	Seniores	5,4583	0,64262
	Total	5,3182	0,76620
Total	Juniões	5,5311	1,19725
	Seniores	5,6643	0,93043
	Total	5,6248	1,01555

Partindo do pressuposto que os treinadores devem possuir a capacidade de proporcionar aos atletas segurança e confiança em si mesmos, nas “Características de Segurança”, e tal como aconteceu para as “Características Intrínsecas da Personalidade”, os suplentes e os treinadores de equipas sénior apresentam um valor médio superior, apresentando os titulares júnior um único valor médio superior. O valor médio total mais alto também pertence aos seniores.

4.5.4. Factores com diferenças significativas na análise da qualidade da relação treinador – atleta

No quadro seguinte, e tal como aconteceu quando efectuámos a análise multivariada (Manova) para as vinte e três características do I.I.T.A. (Teste Wilks’ Lambda), podemos observar que o estatuto é a única variável com peso significativo para explicar a variação nos quatro factores considerados. O Wilks’ Lambda dá um resultado de 0,795 para $F(8;380) = 5,768$, $p < 0,000$. Esta situação vem demonstrar que, ao nível dos factores encontrados, a diferença de idades e os anos de prática da modalidade não influenciam a imagem que os atletas possuem do seu treinador e a autopercepção dos treinadores e, sim, o facto de serem titulares ou suplentes.

Quadro 87 – Wilks’ Lambda dos 4 factores do I.I.T.A.

	VALOR	F	GRAU LIBERDADE	SIGNIFICÂNCIA
ESTATUTO	0,795	5,768	8,380	0,000
ESCALÃO	0,962	1,870	4,190	0,117
ESTATUTO*ESCALÃO	0,954	1,141	8,380	0,334

Procedemos, de seguida, à comparação dos valores médios relativamente aos 4 factores encontrados, em função do estatuto, escalão e a auto-percepção dos treinadores. Como podemos observar no quadro seguinte, existem diferenças significativas para os quatro factores em relação ao estatuto.

Quadro 88 – Diferenças significativas dos factores do I.I.T.A. em relação ao Estatuto (Valores F da Manova).

ESTATUTO	F	Sig.
CARACTERISTICAS INTRINSECAS DA PERSONALIDADE	6,315	0,002
CARACTERISTICAS RELACIONAIS	4,774	0,009
CARACTERISTICAS DE LIDERANÇA	6,325	0,002
CARACTERISTICAS DE EXPERIÊNCIA	3,263	0,040

O facto de o estatuto apresentar três níveis categóricos (titulares, suplentes e treinadores) exigiu a realização do Teste de Bonferroni (em anexo, no quadro n.º 25) para verificarmos entre que estatuto é que existem diferenças significativas.

Podemos, no quadro seguinte, observar nos quatro factores onde é que existem as diferenças significativas em função do estatuto e quais os valores médios que estes apresentam (a negrito encontramos o valor médio mais elevado e com asterisco as variáveis onde existem diferenças significativas).

Quadro 89 – Valores médios dos 4 factores do I.T.T.A., com diferenças significativas em relação ao Estatuto

	TITULARES	SUPLENTEs	TREINADOR
CARACT. INTRINSECAS DA PERSONALIDADE	5,5170	5,1559*a	6,0114*a
CARACTERISTICAS RELACIONAIS	5,4986*	5,0520*	5,5227
CARACTERISTICAS DE LIDERANÇA	5,5909*	5,0028* *a	5,6705*a
CARACTERISTICAS DE EXPERIÊNCIA	5,7992*b	5,5281	5,3182*b

Legenda: *- Diferenças significativas entre titulares e suplentes; *a- Diferenças significativas entre suplentes e treinadores; *b- Diferenças significativas entre titulares e treinadores

Tal como observamos no quadro anterior, ao nível do que considerámos como factores relacionados com a personalidade, ou seja, nas Características Intrínsecas da Personalidade, existem diferenças significativas entre os suplentes e os treinadores, apresentando os treinadores um valor médio superior. De facto, os treinadores têm uma auto-percepção da sua personalidade significativamente diferente da percepção que os suplentes têm dos seus treinadores. Aqui poderá estar patente o auto-conceito que os suplentes têm do seu valor, como possuindo uma noção das suas potencialidades e capacidades diferente das que são observadas pelos seus treinadores (desacordo com o facto de jogarem pouco), ou eventualmente não concordando com a forma como a equipa é conduzida.

No que se refere às Características Relacionais, surgem diferenças significativas entre os titulares e os suplentes. O valor médio mais elevado pertence aos treinadores (os treinadores percebem-se a si próprios como possuindo um nível de relacionamento mais elevado do que os jogadores percebem), seguido do valor médio dos titulares e, por último, o dos suplentes. A diferença entre titulares e suplentes pode ser interpretada pelo facto de os titulares, ao terem mais tempo de participação na competição, interagirem mais com os treinadores. Ou seja, os treinadores durante a competição e, eventualmente, durante as sessões de treino dão mais atenção aos seus jogadores mais influentes ao contrário dos suplentes.

Do ponto de vista da liderança, os valores entre os titulares e suplentes são significativamente diferentes, possuindo os titulares um valor médio superior. Essa situação também se verifica entre os suplentes e os treinadores, possuindo estes um valor médio superior. A auto-percepção dos treinadores é, aliás, superior em termos das características de liderança em relação aos jogadores. Os treinadores julgam que praticam técnicas de liderança semelhantes, independentemente do estatuto dos seus jogadores, mas os jogadores suplentes não partilham dessa opinião e possuem o valor médio mais baixo, inclusivamente quando comparados com os titulares. O facto de serem menos utilizados pelo

técnico poderá estar na origem desse valor tão baixo quando comparados com a percepção dos titulares e com a auto-percepção dos treinadores. Provavelmente não reconhecem no treinador uma pessoa com um carisma especial, pelo qual toda a equipa deveria estar em sintonia e com a qual todos os elementos da equipa o deveriam ter como referência.

Nas Características de Segurança existem diferenças entre os titulares e os treinadores, apresentando os titulares um valor médio superior.

Com a utilização deste questionário verificámos que a percepção da qualidade da relação treinador – atleta é superior nos treinadores em relação à qualidade percebida pelos atletas. No que se refere ao escalão, são os seniores que apresentam uma percepção mais elevada da qualidade da relação interpessoal na relação com o treinador.

Verificámos que só o estatuto funciona como variável influenciadora da percepção da qualidade da relação treinador – atleta, tanto quando analisámos os 23 itens do questionário, como quando efectuámos uma análise factorial dos mesmos, de maneira a reduzirmos para um número mais restrito de variáveis a análise da qualidade treinador – atleta.

No que se refere aos factores que encontrámos, baseados nas características do inventário de interacção treinador atleta, e no que se refere ao que denominámos características da personalidade, encontrámos diferenças significativas entre os suplentes e os treinadores. Estes resultados vêm contrariar os vários estudos consultados (Jackson, Tatem, Larry & Kirby, 1984; Craighead, Privette, Vallianos & Byrkit, 1986; Garland & Barry, 1990 e Stefanello, 1990), onde todos os resultados apontaram para a existência de diferenças significativas entre titulares e suplentes. Pensamos que, no nosso estudo, e analisando as características incluídas neste factor, a diferença existente entre suplentes e treinadores deve-se, essencialmente, à falta de credibilidade que os treinadores depositam nos atletas suplentes, nomeadamente ao nível do rendimento que estes possam vir a dar.

No que se refere às características relacionais, encontrámos diferenças significativas entre os titulares e os suplentes. Tal como Gruber e Gray (1982) e Tripel e Brocks (1985), consideramos que os jogadores titulares têm um relacionamento muito mais estreito e positivo com os treinadores do que os suplentes e têm um conceito mais positivo das suas capacidades e perspectivas próprias do que os suplentes.

Nas características de liderança encontrámos diferenças entre os titulares e os suplentes e entre os suplentes e os treinadores. Consideramos que a diferença existente entre os titulares e suplentes e avaliando de uma forma global as características inerentes a este factor, os titulares estão mais satisfeitos com a frequência aos jogos, a sua situação, o seu rendimento, encontrando-se os suplentes descontentes. Entre os suplentes e os treinadores, as diferenças centram-se no facto de os jogadores suplentes não darem muita credibilidade à forma e ao método utilizado pelos treinadores na condução das equipas. As situações referidas são coincidentes com os estudos de Gruber e Gray (1982), Garland

e Barry (1990), Westre e Weiss (1991), Gardner, Shields, Bredmeier e Bostrom (1996) e Thuram (2003).

No que se refere às características de experiência, as diferenças significativas encontradas foram entre os titulares e os treinadores. Baseados nas características que compõem este factor, o facto dos treinadores possuírem um sentido de responsabilidade elevado e a necessidade de serem possuidores de um grande auto-controlo emocional, leva-os a considerarem-se menos experientes do que eventualmente são, aproximando a sua autopercepção dos jogadores suplentes e afastando-se da percepção dos titulares.

5. DISCUSSÃO GERAL

Apesar de ser do interesse geral, incluindo da comunicação social, pouco, ainda, se sabe acerca dos comportamentos e práticas de trabalho dos treinadores, nomeadamente dos de elite. Podemos, até, sugerir que existe uma certa mística à volta destes, bem como dos meios e métodos por eles utilizados, tendo em consideração que muito do nosso conhecimento acerca dos treinadores é autobiográfico, anedótico e/ou de intervenções jornalísticas.

Salvo excepções (já referidas na revisão de literatura), pouca investigação sistemática e académica acerca das práticas pedagógicas dos treinadores tem sido realizada. Uma causa possível é o restritivo acesso aos treinos e aos treinadores que, tradicionalmente, tem desencorajado ou impedido a investigação científica. No entanto, reconhece-se que o treino em geral e o treino do basquetebol em particular, precisa de alargar as suas fronteiras através da investigação e estudo sistemático, como condição do melhoramento da performance dos atletas.

O objectivo desta investigação foi conseguir uma forma de combater esta falha, fornecendo uma descrição quantitativa e uma interpretação (sugerida) do comportamento dos treinadores em treino no que se refere às problemáticas em análise.

Este trabalho baseia-se na crença de que é somente através de investigações detalhadas que podemos descobrir o que realmente fazem os treinadores, o que torna desta forma possível teorizar as limitações actuais dos processos de treino (Abraham & Collins, 1998).

Este ponto de vista foi recentemente reforçado por Gilbert e Trudel (2004, p.235) que, depois de uma revisão extensiva da bibliografia das ciências do treino, concluíram que campos temáticos “como a ciência do treino, estão a desenvolver-se e, pela sua natureza, requerem estudos descritivos para o seu entendimento básico”.

Olhando para o trabalho de Anderson (1990) na educação, este refere que a investigação descritiva sendo frequentemente considerada a mais elementar das pesquisas, é essencial para desenvolver uma área de estudo e proporcionar as bases dos mais altos níveis de investigação.

De facto, refere Lyle (2002), as teorias actuais, no que concerne ao treino desportivo, não têm sido suficientemente cimentadas pela investigação empírica que, por sua vez, consubstancia o desenvolvimento conceptual da área.

No entanto, é importante notar, antes que qualquer inferência significativa resulte destas conclusões, que a informação aqui reunida é só uma linha, de base informativa, acerca de uma situação pouco investigada e que devemos considerar este trabalho de investigação como “preliminar”, dado o facto de que muito poucas investigações foram encontradas neste contexto, tal como pudemos observar na revisão de literatura. Reflexão semelhante pode ser feita a propósito da fase de

interpretação, que deve ser vista como mais virada para a especulação cautelosa do que para a construção de uma teoria definitiva.

Apesar disto tudo e na sequência de toda a investigação recente relativamente às formas de treino, a informação apresentada neste trabalho foi referenciada e interpretada tendo por base estudos anteriores.

Assim, foi feita referência particular ao comportamento do treinador em relação aos jogadores titulares e suplentes no basquetebol. Não obstante ser do conhecimento geral que a análise podia ter sido feita a partir de um diversificado número de perspectivas teóricas, realizá-lo desta forma representou uma tentativa de localização, dentro de uma linha de investigação do treino desportivo (Jones, Armour & Potrac, 2002).

Apesar do reconhecimento que o treino é complexo e de envolvimento social dinâmico, ainda permanecem muitos lapsos no entendimento da dinâmica social e pessoal da equipa, o que influencia e interfere nas relações entre o treinador e o jogador. Como tal, a análise aqui apresentada também responde ao pedido de Lyle (1999) para colocar mais informação empírica sobre o treino, dentro de interpretações específicas de determinados comportamentos, para se perceber melhor o processo.

Os resultados obtidos no nosso estudo confirmam orientações gerais expressas e suspeitas na literatura sobre o comportamento dos treinadores, relativamente aos jogadores efectivos e suplentes, quer considerando o domínio das percepções quer o domínio dos comportamentos de ambos os intervenientes.

O nosso estudo confirma, por exemplo, os resultados de Horn (1992), que concluiu que os treinadores não têm um comportamento igual com todos os jogadores da equipa, diferenciando-os em função das suas capacidades de jogo.

Também Piéron e Bozzi (1988), ao estudarem o perfil de intervenção pedagógica de treinadores de basquetebol da Liga Belga, concluíram que a relação pedagógica sofria variações em função do tipo de grupo a que o atleta pertencia, sendo o grupo dos jogadores de segundo plano ou suplentes, os que receberam um menor número de intervenções por parte dos treinadores. Rejeski, Darracott e Hutsler (1979), no mesmo sentido, verificaram que os atletas cujos treinadores tinham baixas expectativas relativamente ao seu desempenho recebiam mais informação técnica geral e que os atletas cujos treinadores tinham altas expectativas relativamente ao seu desempenho tinham níveis superiores de reforço.

Considerando o desempenho das principais funções de condução do treino por parte do treinador, o nosso estudo pretendia verificar que o comportamento funcional do treinador variava em função do escalão, do estatuto e do resultado atingido pelas equipas (treinos efectuados após vitória e após derrota). Baseámos esta situação no estudo efectuado por Rodrigues (1997), onde o autor refere que encontrou, nos treinos após derrota, valores médios mais baixos de correcção e mais altos de afectividade positiva e pressões. Os resultados do nosso estudo apontam para diferenças só ao nível do

estatuto e do escalão (o que nos leva a confirmar a nossa hipótese). Considerando o facto de as épocas serem longas e de que nos desportos colectivos acontecem, de forma normal, vitórias e derrotas ao longo das mesmas, os treinadores têm um comportamento significativamente constante para com os seus atletas, independentemente do resultado.

Como já tivemos oportunidade de referir, a possibilidade de considerar, futuramente, a relação entre expectativas e comportamentos confirmando ou não, o efeito Pigmalião, também referido por Martinek, Crowe e Rejeski (1982) e Davies (1989), isto é, a tendência que o indivíduo tem em agir de acordo com os resultados previstos não pode nem deve ser ignorada.

Naturalmente, estatutos diferenciados pressupõem expectativas diferenciadas e o estudo das expectativas dos treinadores e dos jogadores deve merecer especial atenção em investigações futuras. Nesta área, Solomon, Golden, Ciapponi e Martin (1998) efectuaram um estudo onde concluíram que as percepções dos treinadores no que se refere às expectativas para com os atletas não se alteravam no decorrer de uma época. Na realidade, importa, também, verificar como evolui, no tempo, a dinâmica da relação entre o treinador e os atletas efectivos e suplentes, como evoluem as expectativas e aspirações de ambos, bem como o modo como isso se traduz nos comportamentos de todos os protagonistas no treino.

Cardinal (1998) concluiu que o treinador fornecia mais interações positivas aos titulares do que aos suplentes, situação que também aconteceu no nosso estudo. A análise das motivações dos treinadores relativamente aos jogadores suplentes e efectivos deve merecer particular atenção. Fomentar as motivações, nomeadamente as intrínsecas, passa pela construção de uma boa relação treinador-atleta, assente em feedbacks positivos, em elogios e em instrução personalizada. O estudo da interacção treinador-atleta, nomeadamente através do IITA, relacionando-a com as motivações deve ser realizado em estudos futuros. Será que para além da motivação intrínseca os atletas necessitam do recurso a recompensas externas (medalhas, troféus, dinheiro, pressão social, punição) para modificar o seu comportamento?

Existem muitos factores de ordem emocional e motivacional que estão directamente relacionados com as condições impostas ao atleta no treino, na competição e no ambiente que o rodeia (arbitragem, público, local da competição, adversários, entre muitos outros). Consideramos que, tanto para os atletas como para os treinadores, a motivação depende de uma interacção entre aspectos da personalidade, expectativas, necessidades, interesses, factores ambientais, desafios, influências sociais, facilidades e possibilidades que lhes são proporcionados para atingirem algum sucesso futuro. Se os treinadores proporcionarem as mesmas possibilidades ao nível do treino a todos os atletas em variados momentos da sessão de treino e o atleta sentir estabilidade ao efectuar tais atribuições, provavelmente esperará que esta situação aconteça novamente no futuro e estará mais confiante e motivado. Concordamos, também, com Raposo (1994) quando este refere que a motivação passa, simultaneamente, pela própria necessidade que o suplente tem de entrar para a equipa principal, para o

que, e tendo em vista a melhoria técnica e a motivação do suplente, ele é confrontado, durante os treinos, propositadamente e de um modo directo, com o jogador que joga na mesma posição, a fim de se galvanizar e tentar suplantar o titular.

O nosso estudo, olhando para a interacção treinador-atleta e estabelecendo a percepção que os jogadores possuem da qualidade da relação, apresenta resultados que se aproximam dos de Teipel (1989) que verificou, entre efectivos e suplentes, diferenças no que se refere à sua auto-avaliação, aquilo que os treinadores pensam deles e aquilo que eles pensam dos treinadores. Na realidade, se os comportamentos são determinados pelas percepções, o estudo destas últimas pode ser decisivo para compreender os seus comportamentos.

Teipel (1989) conclui, ainda, que os jogadores efectivos têm um auto-conceito elevado no que se refere às suas capacidades, um alto grau de concordância com aquilo que os treinadores pensam deles e uma mais próxima relação com os treinadores que os jogadores suplentes. O autor conclui que os treinadores devem tomar consciência dos diferentes tipos de liderança a utilizar na relação com os efectivos e suplentes. De facto, a vivência como suplente ou como efectivo pode ser mediada por variáveis como a auto-imagem, a auto-estima, a percepção da qualidade da relação com o treinador e estas variáveis não podem deixar de estar presentes em modelos explicativos do modo como os atletas percebem o seu estatuto na equipa, a forma como vivenciam as mudanças de estatuto e como percebem os comportamentos dos seus colegas e do próprio treinador para consigo. As questões do género dos jogadores não devem deixar de ser consideradas, já que o sexo feminino apresenta especificidades sistemáticas no mundo do desporto que, de uma maneira geral, não foram, ainda, estudadas.

No estudo de Trudel, Côté e Bernard (1996), os autores referem que as categorias que obtêm valores elevados são: organização, direcção de jogo, estimulação e fornecimento de informação. Foi possível verificar, igualmente, que os comportamentos dos treinadores são dirigidos mais aos atletas em campo. No nosso estudo, em função do estatuto, das quatro categorias onde surgiram diferenças significativas, em três (avaliação positiva, observação e atenção às intervenções verbais) os titulares possuem um valor superior; mas, no que se refere às correcções, são os suplentes que possuem um valor superior. Tal só vem demonstrar que os suplentes necessitam de melhorar mais e que os treinadores se preocupam com essa possível melhoria. Esta situação não deixa de ser positiva do ponto de vista de que é corrigindo que se melhora.

Por outro lado, Santos (1997) verificou que as percepções dos atletas relativamente aos comportamentos dos treinadores diferiam significativamente consoante se referissem à equipa titular ou suplente. No nosso estudo esta situação também se verifica, o que nos leva a considerar que este dado deve ser lido como um aviso; os atletas conseguem aperceber-se de que são tratados de forma diferente em função do seu estatuto na equipa e este facto poderá trazer consequências negativas para a mesma. A gestão dos comportamentos dentro de uma equipa é possível a partir do momento em que

conhecemos bem os atletas. O estudo das percepções dos atletas, nomeadamente, o estudo das suas percepções de justiça em ambientes de treino desportivo deve ser, em particular, uma área a investigar e a associar à percepção da qualidade da relação treinador-atleta.

No estudo efectuado por Rolla (1998) chegou-se à conclusão que, tanto os titulares, como os suplentes, como os não convocáveis, perceberam os comportamentos dos treinadores de uma forma diferente. Por outro lado, não existiram diferenças entre a imagem que o treinador percepcionava de si próprio e a imagem percepcionada pelos atletas. Refira-se, ainda, que os treinadores apresentaram uma percepção dos seus comportamentos em relação aos titulares, suplentes e não convocáveis diferente da que foi percepcionada pelos atletas. No actual estudo a relação interpessoal é influenciada pelo estatuto, assim como não existem diferenças entre a forma como os treinadores e os atletas, em geral, percepcionam essa relação.

Efectuando uma análise mais cuidada, verificámos que os suplentes percepcionam uma diferença na relação treinador-atleta. Apesar de, no geral, a percepção da imagem do treinador não apresentar diferenças (situação que acontece muitas vezes, dado que os atletas são inquiridos como um todo, independentemente do seu papel ou grau de importância nas equipas), quando inquiridos em função do estatuto na equipa, existiram diferenças. Na nossa investigação era objectivo verificar se a imagem que os atletas possuem dos seus treinadores, nomeadamente, a percepção da qualidade da relação interpessoal, era influenciada pelo escalão competitivo e pelo estatuto. Verificámos que, quanto ao escalão, a imagem não é influenciada, sendo-o, no entanto, relativamente ao estatuto. Este contexto justifica a necessidade de alertar os treinadores para a consciência de que a imagem que os atletas possuem deles pode ser diferente da sua própria percepção.

A necessidade de estudar as emoções e sentimentos envolvidos como resultado das vivências subjectivas de estatuto, devem ser equacionadas. Detectar vivências particularmente negativas e saber intervir no sentido de delimitar as suas consequências é fundamental em treino desportivo. Os nossos resultados evidenciam, no entanto, climas relacionais tendencialmente positivos.

O nosso estudo envolveu, também, uma preocupação em estudar os comportamentos conflituosos, nomeadamente, de indisciplina Shields, Bredemeier, Gardner e Bostrom (1995) com o estudo que efectuaram referem que os comportamentos indisciplinados dos suplentes são superiores do que os titulares e que “a batota” atinge, também, maiores níveis entre os suplentes do que entre os titulares. Os nossos resultados são, no entanto, diferentes dos anteriores. Em todos os casos onde nos comportamentos inapropriados existiram diferenças significativas, os valores foram superiores nos titulares. Consideramos que alguns comportamentos são adquiridos através de recompensas e/ou castigos, as aprendizagens que são fruto deste método, julgamos, que são pouco consistentes, defendemos que a forma mais eficaz de desenvolver atitudes e comportamentos mais apropriados para o processo de ensino-aprendizagem no basquetebol é através da compreensão e do convencimento. Deverão os treinadores fazer ver aos atletas mais influentes das equipas que todos têm o mesmo peso

ao nível da importância como membros do grupo e que os mais influentes realizem mais comportamentos inapropriados, só não é um bom exemplo para os outros como também prejudica a evolução e progressão do grupo de trabalho. Socorrendo-nos do que afirma Brunelle (2000, p. 232) o ensino das actividades físicas e desportivas é a disciplina onde existem maior quantidade de regras a respeitar pelos atletas, pelo que uma sessão de treino de basquetebol oferece ao jogador uma grande quantidade de ocasiões nas quais se podem cometer comportamentos inapropriados, se os treinadores através do convencimento e da compreensão conseguirem que os seus atletas percebam este facto e que o evitem, a margem de progressão da equipa será substancialmente superior. A questão da gestão dos comportamentos de indisciplina em treino deve ser melhor estudada.

Parece, pois, necessário que os treinadores sejam mais sensíveis aos processos dinâmicos das suas equipas, com vista a reconhecer os atletas com problemas (Ogilvie & Tutko, 1966) o mais depressa possível e a antecipar e conduzir adequadamente os conflitos. Isto também significa que os treinadores devem ser mais conscientes do seu tipo de chefia e do seu efeito sobre os jogadores, individualmente e sobre toda a equipa. Devem os treinadores estar muito atentos, quer a todas as atitudes e comportamentos dos jogadores das suas equipas, quer a todos os sinais corporais que os atletas realizam (um gesto ou uma reacção é muitas vezes mais significativa do que uma frase).

Durante as deslocações devem estar atentos aos sub-grupos que se formam; devem realizar conversas informais com os seus jogadores por igual (é uma boa forma de, sem que o atleta se aperceba, os treinadores conseguirem decifrar alguns comportamentos que desconheciam ou que julgavam não ter explicação). No fundo, quanto melhor os treinadores conhecerem o grupo com que trabalham melhor conseguirão lidar com os seus atletas, independentemente do nível de importância que tenham no seio da equipa.

Constatámos, ainda, que as diferenças no perfil de concretização das principais funções de ensino se estende ao perfil de comportamentos afectivos do treinador e que os comportamentos afectivos dos treinadores podem variar em função do resultado, do estatuto e do escalão, bem como a sua interacção. Se, no que se refere ao estatuto, consideramos a situação importante e passível de atenção por parte dos treinadores, julgamos que, quanto ao escalão e ao resultado, a situação é algo menos gravosa e deve ser entendida como uma forma de o treinador demonstrar o seu desagrado em função de um resultado menos positivo e/ou como o excesso de confiança muitas vezes é aproveitado pelos jogadores mais jovens para ultrapassarem certos limites pré-estabelecidos.

A investigação sobre os perfis emocionais dos jogadores deve ser aprofundada para explicar os comportamentos dos efectivos e suplentes. Craighead, Privette, Vallianos e Byrkit (1986), ao pretender estudar as características de personalidade nos jogadores de basquetebol, chegaram à conclusão que existiam diferenças significativas entre titulares e suplentes. Stefanello (1990) refere que os atletas titulares apresentam alguns factores de personalidade (fraqueza do ego, susceptibilidade à ameaça, tendência a ser desconfiado, mais tensos, angústia e extroversão) que os diferenciam dos

atletas reservas. Por outro lado, os atletas titulares, independentemente dos sexos, parecem apresentar factores de personalidade (tendência ao sentimento de culpa e angústia) que os diferenciam dos atletas reservas. Jackson, Tatem, Larry e Kirby (1984), por outro lado, concluíram num estudo efectuado que os titulares apresentam menores níveis de tensão, depressão, fúria, fadiga e confusão que os suplentes. Smith (1983) concluiu que, no que se refere aos níveis de ansiedade, não existem diferenças em relação à idade, sexo e raça. Mas os atletas titulares apresentam níveis de ansiedade significativamente menores que os suplentes, o que contraria os resultados alcançados por Thompson, Fort e Rice (1988), que referem que os titulares apresentam maiores níveis de ansiedade que os suplentes.

Ligado a esta temática encontramos, ainda, a problemática dos climas motivacionais. No nosso entender, no que se refere ao objectivo traçado, quando os atletas estão orientados para a tarefa, percebem um ambiente orientado ou se aplicam na mesma, obtêm padrões de comportamento e comportamentos mais adaptativos, melhorando em muitas variáveis importantes no basquetebol. Os treinadores devem saber isto e provocar que aconteça. Apesar de deverem modificar alguns comportamentos e algumas estratégias, dado que ganhar um jogo ou uma competição é importante em ambientes de rendimento, é necessária a existência conjunta de orientação para a tarefa e para o ego (predominando sempre a primeira). Desta forma, conseguiremos que o jogador tenha uma grande dedicação para a tarefa nos treinos, com os benefícios que isto provoca, e que na competição tenha um grande empenho tanto para o ego como para a tarefa, desejando que seja melhor que os adversários e que se supere a ele próprio. Pensamos que é essencial, para um bom entendimento desta problemática do titular e do suplente, determinar a existência de diferenças em diversos traços de personalidade entre os atletas titulares e os dos suplentes de maneira a percebermos o modo de dirigir o processo de treino de uma forma, desejavelmente, personalizada, com benefício para todos os elementos de uma equipa.

Não basta, no entanto, estudar as percepções dos suplentes acerca da sua posição na equipa, importa que os treinadores dominem técnicas de intervenção pedagógica adequadas a esta situação, ou seja, a tomada de decisão e a atitude dos treinadores tem de estar intimamente ligado com as circunstâncias do momento e com a necessidade de uma ou outra forma de intervenção. O estilo apropriado da direcção de uma equipa, depende na maioria das vezes dos factores situacionais e das características dos atletas. No essencial, trata-se de dar oportunidades ao jogador suplente e de, independentemente do resultado final de um jogo, promover o diálogo com os atletas esclarecendo o critério de utilização de um jogador em detrimento de outro. Não nos podemos esquecer que são os atletas que estão dentro do campo, as sensações e as informações que eles podem proporcionar são, no nosso ponto de vista, essenciais para que a avaliação do jogo seja feita de uma forma mais séria e mais credível. A experiência de um jogador dentro do campo pode proporcionar ao treinador muita informação.

Um aspecto importante prende-se com a eventualidade de uma lesão que, obrigatoriamente, é um dos critérios levados em linha de conta e que deve estar patente na relação de um treinador com os seus atletas. O diálogo é fundamental e o conhecimento da personalidade do atleta lesionado, assim como do atleta que o vai substituir, é de extrema importância para que exista um espírito de ajuda e de entreajuda entre os vários elementos da equipa na realização de exercícios de recuperação ou de trabalho específico.

No basquetebol a titularidade é muito relativa, algo que se pode ter num ano e perder no seguinte; também pode-se ser titular mas jogar menos que quem não o é, porque se efectuam muitas substituições. A titularidade tem que ser ganha treino após treino, porque não interessa o que se faz a meio da época se se sofre uma lesão ou se atravessa por uma fase de baixa forma.

O estudo efectuado permite-nos concluir que, apesar de existirem alguns estudos sobre a problemática do suplente, quer na perspectiva da análise do seu comportamento relativamente aos efectivos, como na perspectiva de análise do comportamento dos treinadores em função do estatuto ou na perspectiva das suas percepções pessoais, existem algumas questões que permanecem sem uma resposta nítida. Algumas já as procurámos assinalar acima.

No contexto desportivo tem de existir alguém que estabeleça metas comuns, que indique o caminho e os métodos a seguir, defina os papéis correspondentes a cada um dos elementos da equipa e active emocionalmente os atletas para que as metas especificadas sejam atingidas e que elimine problemas que possam surgir. Este papel cabe ao treinador. O grau de expertise do treinador é, na nossa opinião, muito importante; a experiência na área do treino e o saber gerir grupos humanos mantendo uma boa relação inter e intra-grupo, ajuda a que a diferença entre titulares e suplentes não seja tão evidente. O treino, como processo social, exige competências sociais, inteligência emocional e social e não só uma grande quantidade de conhecimentos técnico-táticos. Mediante tanto factor para atingir a excelência, a definição de treinador expert parece essencial. Os estudos sobre a expertise em desporto são fundamentais.

Após nos termos referido aos treinadores, não queremos deixar de fazer uma abordagem ao ponto de vista dos atletas em termos de comportamento, considerando que os comportamentos dos atletas variam em função do seu estatuto, do seu escalão, do resultado da competição e da interacção entre eles. Os resultados do nosso estudo apontaram para a existência única e exclusivamente de diferenças no que se refere ao escalão. Consideramos que o factor idade é fundamental nesta explicação. A menor maturidade dos juniores implica que certos comportamentos se acentuem (actividade motora – participação/eficácia inadequada e inactividade de espera e organização – deslocamento. Os treinadores têm uma palavra a dizer no facto de mostrar aos atletas mais jovens a seriedade e dedicação que deve existir quando um jogador se compromete com uma determinada equipa.

Julgamos que os resultados desta nossa investigação permitiram um esclarecimento de como o treino decorre no ambiente prático e de como algumas percepções da qualidade da relação se associam a determinados comportamentos. No entanto, não é pretendido que os resultados e as suas interpretações devam ser tidos como prescrições correctas e explicações de uma “boa prática de treino”. De facto, muito mais trabalho é necessário antes de reclamar tal imagem definitiva destas práticas.

Em relação ao método da observação sistemática, que tem sido alvo de críticas recentes, salientando-se a sua fragilidade em favor de outros métodos (frequentemente abordagens mais qualitativas, (D’Arripe-Longueville, Fournier & Dubois, 1998), importa reafirmar a sua validade e actualidade: quando aplicado de forma rigorosa pode ter um papel muito importante para desenvolver linhas orientadoras baseadas em evidências representativas de uma boa prática (Bloom, Crumpton & Anderson, 1999). Desta forma, uma mais orientada apreciação do comportamento do treinador pode aparecer. Mais ainda, a aplicação das teorias e conceitos psicológicos associando a sua avaliação com medidas de observação comportamental podem servir para aumentar o nosso entendimento do treino como uma actividade psico-social complexa (Potrac, Jones & Armour, 2002).

Cremos que este estudo é capaz de proporcionar uma contribuição considerável para o trabalho a desenvolver no contexto do treino, dando um esclarecimento mais crítico da complexidade psico-social desse processo no basquetebol.

6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Neste capítulo propomo-nos fazer uma síntese dos principais resultados a que chegámos na investigação efectuada. As reflexões referem-se tanto aos resultados mais importantes como às implicações, consequências e sugestões que se podem extrair deste trabalho.

6.1. Conclusões Gerais

A imagem que os atletas possuem dos seus treinadores, nomeadamente a percepção da qualidade da relação interpessoal é influenciada pelo estatuto do atleta mas não pelo escalão. Deste modo, confirmamos a nossa primeira hipótese, evidenciando que o facto de ser efectivo ou suplente determina diferenças na percepção da qualidade da relação interpessoal.

No que se refere à percepção da qualidade da relação treinador – atleta, esperávamos que existissem diferenças entre a forma como os treinadores e os atletas percebem essa relação. Estas diferenças só se verificam nos suplentes, o que confirma, apenas, alguns aspectos da hipótese formulada. Sendo a nossa hipótese inicial formulada sobre a totalidade dos atletas, sem diferenciar se eram titulares e suplentes, podemos dizer que existem diferenças globais. No entanto, numa análise mais fina, estas só se verificam para os suplentes.

Pretendíamos, também, verificar se a relação entre o comportamento funcional do treinador varia em função do estatuto, do escalão, e do resultado. Esta hipótese verifica-se na sua quase totalidade, pois, o comportamento funcional do treinador varia em função do estatuto e do escalão. Não varia, no entanto, em função do resultado.

Numa outra hipótese, procurou-se provar que os comportamentos afectivos dos treinadores também variavam em função do resultado, do estatuto e do escalão (e a sua interacção). Na realidade, assim acontece uma vez que os comportamentos afectivos dos treinadores modificam-se em função do estatuto, do escalão e da sua interacção, só não variando em função do resultado. O resultado das competições não parece, de facto, afectar o comportamento do treinador.

No que diz respeito aos comportamentos dos atletas formulámos a expectativa de que variariam em função do seu estatuto, do seu escalão do resultado de competição e da interacção entre eles. Mais uma vez, confirmamos, no essencial, esta hipótese, dado que os comportamentos dos atletas variam em função do estatuto e do escalão.

Também pretendíamos verificar se os comportamentos perturbadores dos atletas variavam em função do resultado da competição, do escalão, do seu estatuto e da interacção entre estas variáveis. Esta nossa hipótese é, também, confirmada, visto que os comportamentos perturbadores dos atletas variam em função do estatuto, do escalão, do resultado e das suas interacções.

O trabalho que nos dispomos a concluir tem, a nosso ver, implicações em várias direcções. No que se refere ao perfil da imagem dos treinadores e dos atletas importa reconhecer que o estatuto tem importância. Em função desta situação julgamos conveniente que exista, por parte dos treinadores, uma reflexão sobre o impacto do seu comportamento na percepção que os atletas têm de si, devendo chamar-se a atenção para o cuidado a ter na construção da sua imagem pessoal. Provavelmente, uma maior abertura para com os atletas, maior franqueza e a promoção da comunicação entre todos os intervenientes da equipa poderá moderar ou até equilibrar diferenças de percepção em termos da imagem que o treinador tem com impacto negativo na relação e em aspectos decisivos do treino.

Ao conhecer o tipo de relacionamento do treinador em função do estatuto, verificámos que existem diferenças no comportamento do treinador em função do facto dos atletas serem titulares ou suplentes. Esperamos que esta situação, reflectida na nossa amostra e segundo a nossa perspectiva, sirva a todos os treinadores de basquetebol e a todos os treinadores que, semanalmente, se dedicam tanto profissionalmente como com carácter amador, à direcção de tantos atletas das várias categorias. Consideramos que este dado deve servir de referência e de tema de reflexão, para que facilite a adopção de comportamentos mais inclusivos e não se deixem pressionar por factores externos que, como todos sabemos, existem e existirão sempre no nosso contexto desportivo.

Os treinadores, em geral, não modificaram o seu comportamento com os atletas, sejam estes titulares ou suplentes, em função do resultado atingido pelas equipas, ou seja, não existiu modificação no perfil comportamental dos treinadores após uma vitória ou uma derrota. Esta situação parece-nos positiva; sendo a derrota ou vitória parte do processo de treino e particularmente contingencial, variações significativas do comportamento do treinador em função deste contexto, parecem-nos pouco consistentes e desfavoráveis à boa condução do processo de treino.

Os treinadores têm um comportamento algo diferenciado em função de serem treinadores de equipas juniores ou seniores, isto é, existem diferenças de comportamento dos treinadores em função do escalão. No processo de treino, de uma perspectiva pedagógica e inclusivamente psicológica, consideramos que esta conclusão é positiva e é sinónimo que os treinadores estão conscientes que existem diferenças etárias que, algumas vezes, são sinónimo de diferentes anos de ligação dos atletas à modalidade, que têm forçosamente de ser encarados pelos treinadores de uma forma diferenciada.

Temos que enfatizar como um resultado que consideramos negativo, o facto de os treinadores possuírem comportamentos de afectividade diferenciados em função do estatuto, mostrando estes resultados que o nível de afectividade é algo superior para os atletas titulares. Estas diferenças de comportamento para com os suplentes devem ser modificadas, pois podem ter consequências negativas para o ambiente dos grupos de trabalho.

No que se refere aos comportamentos dos atletas, estes não alteram o seu comportamento em função do estatuto a que pertencem. De uma forma mais específica, podemos referir que, em termos de comportamentos inapropriados, os jogadores titulares apresentam um maior número de ocorrências

em relação aos suplentes. Julgamos que este facto acontece devido a alguma permissividade por parte dos treinadores, que não devem deixar que isto aconteça, independentemente do valor dos atletas.

6.2. Perspectivas de Investigação

A partir dos resultados e experiências que retirámos da elaboração deste trabalho propomos algumas sugestões para outros estudos. Pensamos que devem existir estudos sistemáticos que monitorizem a qualidade da relação interpessoal entre treinadores e atletas, considerando a diversidade de variáveis que as determinam, em primeiro lugar, e procurando, num segundo momento, perceber o seu impacto na dinâmica da equipa, na coesão do grupo, no empenhamento individual e colectivo e nos desempenhos das equipas. Pensamos que seria importante a realização deste trabalho, por exemplo, ao nível da Liga Profissional, na medida em que os diferentes contextos de prática colocam problemas diferenciados aos treinadores e aos jogadores. A existência de jogadores estrangeiros, a existência de salários (bastante díspares em alguns casos), a presença de jogadores mais jovens recém – incorporados ao escalão sénior, que, na maior parte dos casos, passam a maioria dos jogos sentados no banco ou só são utilizados quando os resultados já estão bastante desequilibrados, julgamos serem razões suficientes para que, com a utilização dos mesmos instrumentos nestas equipas, possamos confrontar melhor a relação treinador – atleta neste contexto. Outras variáveis preditoras dos comportamentos dos treinadores devem ser sistematicamente consideradas, por exemplo, os estilos de liderança, a mestria profissional, as concepções de jogo, entre outras. Importa, também, prestar mais atenção aos efeitos sobre os atletas e sobre as suas carreiras, de diversos níveis de participação desportiva, olhando em especial para fenómenos como o esgotamento, a intenção de abandono e o próprio abandono.

Durante a competição, é ao treinador que cabe a responsabilidade de conduzir a direcção e o rumo para o qual os atletas se dirigem e, por esse motivo, a observação e análise do seu comportamento em termos de relação pedagógica é de extrema importância para a Pedagogia do Desporto (Ferreira, 1994; Pina, 1998).

As conclusões de vários autores (Horn, 1985; Chaumont & Duda, 1988; Wandzilak, Ansorge & Potter, 1988), referem que existem diferenças no comportamento dos treinadores em função do contexto (treino e competição). Tendo sido o nosso estudo realizado num contexto de treino, urge a necessidade de realizá-lo no contexto da competição. Em plena competição, que tipo de relacionamento utilizam os treinadores para com os jogadores mais e menos utilizados, no aquecimento, na palestra inicial, no intervalo, nos descontos de tempo ou antes de um jogador entrar em campo ao substituir um companheiro? Será que o jogador, ao ser substituído, recebe um tratamento diferenciado pelo facto de ser mais ou menos utilizado, no cômputo geral do jogo? Em todas estas situações existe um relacionamento latente entre o treinador e o (s) jogador (es). Por outro lado,

variáveis mediadoras dos comportamentos dos treinadores e dos atletas, como os seus pensamentos, as suas crenças, os seus valores e atitudes, devem ser incluídas nos modelos explicativos da qualidade da relação treinador-atleta. O estudo das percepções dos jogadores acerca do que é ser titular ou suplente, o estudo dos estados emocionais experienciados, das diversas fontes de stress vivenciadas e os seus impactos sobre os seus comportamentos devem, também, ser exploradas para se conhecer melhor este fenómeno.

Outro aspecto que seria interessante estudar são os modelos instrucionais, os métodos, as técnicas e procedimentos pedagógicos em uso durante o processo de treino e de competição, em função do estatuto. A consideração da forma como os treinadores gere os conteúdos do treino em função de diversas variáveis como é o caso do estatuto dos jogadores deve ser, também, considerado. A natureza das tarefas, a natureza dos conteúdos envolvidos nessas tarefas, determinará comportamentos diferenciados dos treinadores para os diferentes tipos de atletas. Ora, os conteúdos tem sido os aspectos menos considerados da investigação em treino desportivo.

A direcção da equipa em competição é outro aspecto que pode revelar algum interesse. Verificar as causas mais frequentes pelas quais os jogadores são substituídos: será por cansaço, estarão as substituições planificadas, serão as substituições efectuadas por erros frequentes, por alterações tácticas, por serem mais jovens ou mais velhos, considerados mais ou menos experientes? E quais os pensamentos dos jogadores acerca dessas decisões? Qual a percepção de justiça das decisões tomadas?

Os aspectos que acabámos de referir são, naturalmente, só alguns, conscientes de que inúmeras perguntas sem resposta vagueiam neste momento pela mente de variadíssimos treinadores, que, ao concluírem uma sessão de treino ou uma competição e ao reflectirem sobre o trabalho realizado, não encontram soluções para inúmeros aspectos de todo o processo inerente ao Treino Desportivo. Este é mais um contributo nesse sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, A. & COLLINS, D. (1998). Examining and extending research in coach development. *Quest*, 50, 59-79.
- ADELINO, J.; VIEIRA, J. & COELHO, O. (1999). O treino da técnica nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed) Horizontes e Órbitas no Treino dos Jogos Desportivos. Porto- CEJC – UP – FCDEF. 91-110.
- ALSÓ, P. (2001). *Bases educativas de la actividad física y el deporte. Enseñanza y Bases Educativas*. Editorial Síntesis. 373-374.
- ALVES, E.; FERREIRA, V.; VEIGA, A. & RODRIGUES, J. (1994). *Coach Behaviour in Competition on Rhythmic Gymnastics*. Comunicação apresentada no World Congress AIESEP- Physical Education and Sport' 94. Changes and Challenges. Berlín.
- ALZATE, R.; LÁZARO, M.; RAMIREZ, A. & VALENCIA, J. (1997). Analices del impacto del estilo de comunicación del entrenador en el desarrollo de la cohesión grupal, la eficacia colectiva y la satisfacción. *Revista de Psicología del Deporte*, n.º12, Dec. 7-25.
- AMES, C. (1984). Achievement attributions and self-instructions under competitive and individualistic goal structures. *Journal of Educational Psychology*, 76, 478-487.
- AMES, C. (1992). Classrooms: Goals, structures, and student motivation. *Journal of Educational Psychology*, 84, 261-271.
- ANSHEL, M. (1991). Cognitive-Behavioural strategies for combating drug abuse in sport: implications for coaches and sport psychology consultants. *The Sport Psychologist*, 5. 152-166.
- ANTONELLI, F. & SALVINI, A. (1978). *Psicologia del Deporte*. Tomo I. Editorial Ninon.
- APPLE, K. (1994). *The antecedents and consequences of multi-dimensional cohesion throughout an intercollegiate baseball season*. Thesis. Microform Publications, Int'l Institute for Sport and Human Performance, Univ. of Oregon, Eugene, Ore.
- ARAÚJO, J. (1987). O treino do Treinador. *Horizonte*, IV, 22. 114-119.
- ARAÚJO, J. (1994). *Ser Treinador*, Editorial Caminho, Coleção Desporto e Tempos Livres.
- ARAÚJO, J. (1995). *Ser Treinador*. *Horizonte*, Vol. XII, n.º 70.139-143.
- ARAÚJO, J. (1997). A atitude profissional do treinador. *Treino Desportivo*. Edições CEFD.3-10.
- ARAÚJO, J. (1998). *Treinador, Saber Estar, Saber Ser*. Editorial Caminho. Coleção Desporto e Tempos Livres. Lisboa
- ARAÚJO, J. (2001). Liderar equipas de alto rendimento. *Revista Horizonte*. Vol. XVII, n.º100.
- ARAÚJO, J. & HENRIQUES, M. (1999). *O treinador na empresa*. Teamwork Edições.
- BANDURA, A. (1986). *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice- Hall.

- BANDURA, A. (1990). Perceived self-efficacy in the exercise of personal agency. *Journal of Applied Sport Psychology*, 2,128-163.
- BANDURA, A. (1995). Self-efficacy in changing societies. NY: Cambridge University Press.
- BATALHA, N.; CANDEIAS, L.; MARTINS, E.; RIBEIRO, J.; SOUSA, I. (1992). *Estudo das reacções dos atletas de desportos colectivos perante a situação de suplente*. Psicologia do Desporto, F.M.H. – U.T.L., Não publicado.
- BENTO, J. (1995). *O outro lado do Desporto*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A. 7.
- BIDDLE, S. (1999). Sport emotion and the role of the coach. *Motricidade Humana/ Portuguese Journal of Human performance studies*. Lisboa 12(1), Jan. /Jun 1999. 53-65.
- BLOOM, G.; CRUMPTON, J. & ANDERSON, J. (1999). A systematyc observation study of the teaching behaviours of an expert basketball coach. *The Sport Psychologist*, 13,157-170.
- BLOOM, G.; SCHINKE, R. & SALMELA J. (1997). The development of skills by elite basketball coaches. *Coaching and sport science journal*. Rome 2(3).3-10.
- BOLGER, P. (1984). *The relationship of task and social cohesion to sex, starting status, participation level, and performance of high school and university basketball teams*. Thesis. Microform Publications, Int'l Institute for Sport and Human Performance, Univ. of Oregon, Eugene, Ore.
- BORRIE, A. (1996). Coachin Science, in T. Rielly (Ed.), *Science and Soccer*, E & F.N. Sport. 243-258.
- BORTOLI, L.; MALIGNAGGI, G. & ROBAZZA, C. (1995). Perception du comportement de leur entraîneur, réel et idéal, par de jeunes athlètes, *Sport*, 151, 3.º trim. 52-57.
- BOTTERILL, C. (1983). *Retirement and detraining foreword: what endings tell us about beginnings?* In Orlick, T. Partington, J. & Salmela, J. Mental training coaches and athletes. Ottawa, Canada. Coaching Association of Canada. 164-166.
- BRUNELLE, J. (2000). *"Vivir una intervención educativa mediante la gestión de la Clase"*. En: FLORENCE, J., BRUNELLE, J. y CARLIER, G. Enseñar Educación Física en Secundaria. pp. 215-261. Barcelona, Inde.
- BUTCHER, J.; LINDNER, K. & JOHNS, D. (2002). Withdrawal from competitive youth sport: A retrospective tem-year study. *Journal of Sport Behavior*, 25, 2. 145.
- BURKE, K. & PETERSON, D. (1995). The effects of the coache's use humor on female volleyball player's evaluation of their coaches. *Journal of Sport Behavior*, 18. 83-90.
- CAETANO, S. (2004). *Análise do comportamento de liderança do treinador de Hóquei em Patins*. Monografia. Não Publicada. ISMAI. Castelo da Maia.
- CARDINAL, J. (1998). *Effects of coach interactions on college soccer players behavior and perception*. Unpublished Master Thesis. The Faculty of the Department of Human Performance. San Jose State University. UMI - 1392722

- CARLLING, W. & HELLER, R. (1995). *The way to win, Strategies for succes in Business and Sport*. Little, Brown and Company.
- CARREIRO DA COSTA, F. (1986). No clube também se ensina... e se aprende. *Horizonte*, III, 16. 119-123.
- CARREIRO DA COSTA (1988). *O sucesso pedagógico em Educação Física: estudo das condições e factores de ensino aprendizagem associados ao êxito de uma unidade didáctica*. Tese de Doutoramento. Não Publicada. ISEFL
- CARR, T. & PROSSER, S. (1997). *Youth soccer coaching: A complete guide to building successful teams*. London: Ward Lock.
- CASE, R. (1998). Leader member exchange theory and sport: possible aplications. *Journal of Sport Behaviour*. 21 (4), Dec. 1998. 387-395.
- CHASKIELBERG, H. (2001). Liderazgo deportivo: Interviniendo en los estados de ánimo y las emociones del deportista. *Revista Digital*. Buenos Aires. Año 7, 34, Abril 2001
- CHELLADURAI, P. & CARRON, A. V. (1978). *Leadership*. Ottawa: Sociology of Sport Monograph Series, Canadian Association for Health, Physical Education and Recreation.
- CLAXTON, D. (1988). A systematic observation of more and less successful high school tennis coaches. *Journal of Teaching in Physical Education*. 7(4). 302-310
- CLOES, M.; DELHAES, J. & PIÉRON, M. (1993). Analyse des comportements d'entraîneurs de volley-ball pendant des rencontres officielles. *Sport*. n.º141. 16-25.
- CONROY, D. & COATSWORTH, D. (2006). Coach training as a strategy for promoting youth social development. *The Sport Psychologist*. 20(2). 128-144.
- COSTA, A. (1990). Stile attento e ansia nella pallavolo. *Scuola dello Sport – Rivista di Cultura Sportiva*. 9(20). 22-26.
- COSTA, A.; ALMEIDA, R.; MOREIRA, F. & ROSADO, A. (1997). Perfis Comportamentais e Padrões Relacionais entre Treinador e Atleta em Situações de Comportamento Inapropriado. In Sarmiento et all (Eds.). *Pedagogia do Desporto: Estudos 1-2-3*. Lisboa: Edições FMH. 85-101.
- CRAIGHEAD, D.; PRIVETTE, G.; VALLIANOS, F. & BYRKIT, D. (1986). Personality characteristics of basketball players, starters and non-starters. *International Journal of Sport Psychology* 17(2). 110-119.
- CRATTY, B. (1984). *Psychological preparation and athletic excellence*. Ithaca: Movement Publications.
- CREVOISIER, J. (1985). *Football et psychologie. La dynamique de l'équipe*. Paris: Chiron Sports.
- CRESPO, M. & BALAGUER, I. (1994). *Las relaciones entre el deportista y el entrenador*. In Balaguer (Ed), *Entrenamiento psicologico en el deporte: Principios e aplicaciones*. Valencia: Albatros-Educación.
- CROSS, N. (1995). Coaching effectivness and coaching process. *Swimming Times*, LXXII(2), pp. 23-25.
- CROSSMAN, J. (1985). The objective and systematic categorization of athlete and coach behavior using two observation codes. *Journal of Sport Behavior*, 8. 195-207.

- CRUZ, J. (1995). *Psicología y deporte de iniciación*. Textos del Master en Psicología de la Actividad Física y el Deporte. Madrid. UNED
- CRUZ & COSTA (1997). Motivação para a competição desportiva e razões para o abandono: um estudo no Voleibol. In: Fundação Calouste Gulbenkian (Eds.). *Actas do I Encontro Internacional de Psicologia Aplicada ao Desporto e à Actividade Física*. Universidade do Minho. Braga
- CRUZ, J. & GOMES, A. (1996). *Liderança de equipas desportivas e comportamentos do treinador*. J.F. Cruz (Ed), Manual de Psicologia do Desporto. Braga: SHO – Sistemas Humanos e Organizacionais. 389-409.
- CRUZ, J. F.; COSTA, F.S.; RODRIGUES, R.M., & RIBEIRO, F.M. (1988). Motivação para a prática e competição desportiva. *Revista Portuguesa de Educação*, 1.113-124.
- CSABA, N. (1995). A study of agreement between coach and athletes. In R. Vantrachen-Raway & J.V. Auweele (Eds.) *Proceedings of the IX European Congress on Sport Psychology*. Brussels. 574-581
- CUNHA, A., GASPAR, A.; COSTA, C.; CARVALHOS, F. & FONSECA, J. (2000). O “Bom Treinador”. Representações das características dos treinadores segundo atletas da modalidade desportiva colectiva – Futebol. *Revista Horizonte*, vol. XVI, n.º 91, Jan./Fev. 2000
- CURTNER-SMITH, M.; WALLACE, S. & WANG, M. (1999). Relationship of coach and player behaviors during practice to team performance in high school girls basketball. *Journal of Sport Behavior*, 22, pp. 203-220.
- CUSHION, J. & JONES, R. (2001). A systematic observation of top-level youth soccer coaches. *Journal of Sport Behavior*, 24 (4). 354-378.
- DALE, G. A., & WRISBERG, C. A. (1996). The use of a performance profiling technique in a team setting: Getting the athletes and coach on the "same page". *The Sport Psychologist*, 10. 261-277.
- D'ARRIPPE-LONGUEVILLE, F., J.F. FOURNIER, AND A. DUBOIS. 'The Perceived Effectiveness of Interactions Between Expert French Judo Coaches and Elite Female Athletes'. *The Sport Psychologist* 12 (1998): 317–32.
- DAVIES, D. (1989). *Psychological factors in competitive sport*. London: The Falmer Press.
- DE MARCO G.; MANCINI, V.; WUEST, D. & SCHEMPP, P. (1996). Becoming reacquainted with a once familiar and still valuable tool: systematic observation methodology revised. *International Journal of Physical Education*. 23 (1). 17-26.
- DE MARCO, MANCINI, V. & WUEST, D. (1997). Reflections on change: A qualitative and quantitative analysis of a baseball coach's behavior. *Journal of Sport Behavior*, 20 (2). 135
- DE ROSE JUNIOR, D.; DESCHAMPS, S. & KORSAKAS, P. (1999). Situações causadoras de “stress” no basquetebol de alto rendimento: Factores Competitivos. *Revista Paulista de Educação Física*. 13(2). 217-229.

- DELLASERRA, F. (1988). *A comparison between accumulated playing time and academic performance among female high school basketball players*. Thesis. Microform Publications, Int'l Institute for Sport and Human Performance, Univ. of Oregon, Eugene, Ore.
- DENBY, P. (1977). *Basketball Participation and Self Concept*. D.P.E. Thesis. Springfield College.
- DIAGROU, E.; GAUVIN, L. & HALLIWELL, W. (1991). La préparation mentale des athlètes ivoiriennes. Pratiques courantes et perspectives de recherches. *International Journal of Sport Psychology*, 22. 15-34.
- DOUGE, B. & HASTIE, P. (1993). Coach effectiveness. *Sport Science Review* 2(2). 14-29.
- DOWD, R. & INNES, J. M. (1981). Sport and level of competition. *Perceptual and Motor Skill*. 53. 79-89.
- DUDA, J.L. (1989). Relationship between task and ego orientation and the perceived purpose of sport among high school athletes. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 11, 318-335.
- DUNN, J. & NIELSEN, A. (1993). A between-sport comparison of situational threat perceptions in ice hockey and soccer. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 15. 449-465.
- DUNN, L. (1984). *Junior football in Melbourne: The drop-out phenomenon*. PELOPS, 5. 7-16.
- DWEEK, C. S. & LEGGETT, E. L. (1988). A social-cognitive approach to motivation and personality. *Psychological Review*, 95, 256-273.
- EICHAS, T. (1994). *Relationships among perceived leadership styles, member satisfaction and team cohesion in high school basketball teams*. Thesis. Microform Publications, Int'l Institute for Sport and Human Performance, Univ. of Oregon, Eugene, Ore.
- ESCUDERO, J.; SERVERA, M.; PIZÁ, M.; GARCIA-MAS, A. (1993). La influencia de la percepción de las conductas del entrenador y variables de personalidad en el rendimiento deportivo. In: E. Córdoba; J. Tubio (Eds.). *IV Congreso Nacional y Andaluz de Psicología de la Actividad Física y el Deporte*. Série Deportes.
- FERREIRA, V. (1998). *A observação qualitativa: determinismo de variáveis de presságio na competência de observação de diagnóstico em tarefas desportivas características das actividades gímnicas*. Dissertação de Doutoramento, não publicada. Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana (UTL- FMH)
- FERREIRA, A. (1994). O comportamento do treinador no treino e na competição. *Horizonte* XI, 62.
- FISHER, A. C. & ZWART, E. F. (1982). Psychological analysis of athlete's anxiety responses. *Journal of Sport Psychology*, 4. 139-158
- FONSECA, A. & ROCHA, H. (1995). Coaches perceptions of athlete preferred leadership styles: a study with a rugby national team. In R. Vantracchen- Raway & J.V. Auweele (Eds.). *Proceedings of the IX European Congress on Sport Psychology*. Brussels. 429-435.
- FONSECA, P. & FONSECA, A. (1997) Os comportamentos de liderança no futebol júnior de competição. In: J. Cruz & A. Gomes (Eds.). *Psicologia Aplicada ao Desporto e à Actividade Física – Teoria, Investigação e Intervenção*. Braga: Universidade do Minho. 359-366.

- FONTANA, D. (1986). *La disciplina en el aula: gestión y control*. Madrid: Ed. Santillana.
- FOX, K. & BIDDLE, S. (1988). The child's perspective in physical education. Part 2: Children's participation motives. *The British Journal of Physical Education*, 19 (2). 79-82.
- FRANCISCO, J. (2001). *A indisciplina e a afetividade na díade treinador – atleta em actividades gímnicas*. Tese de Mestrado. Não Publicado. FMH-UTL.
- GALLIMORE, R. & THARPE, R. (2004). What a coach can teach a teacher, 1975-2004: Reflections and reanalyses of John Wooden's teachin practices. *The Sport Psychologists*, 18, pp. 119-137.
- GARDNER, D.; SHIELDS, D.; BREDEMEIER, B. & BOSTROM, A. (1996). The relationship between perceived coaching behaviours and team cohesion among baseball and softball players. *The Sport Psychologist*, 10. 367-381.
- GARLAND, D. J. & BARRY, J. R. (1990). Personality and leader behaviours in collegiate football: a multidimensional approach to performance. *Journal of Research in Personality*, 24. 355-370.
- GILBERT, W. & TRUDEL, P. (2004). Analysis of coaching science research published from-2001. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 75, pp.388-399
- GILBERT, W., TRUDEL, P., GAUMOND, S. & LAROCQUE, L. (1999). Development and application of an instrument to analyze pedagogical content interventions of ice hockey coaches. *Sociology of Sport On-line* [on-line serial] 2, 2. <http://physed.otago.ac.nz/sosol/v2i2/v2i2a2.htm>
- GIVENS, S. (1998). *Expertise in skill instruction*. Unpublished doctoral dissertation. The Florida State University.
- GONÇALVES, C. (1985). *Perfis de comportamento de comunicação e participação em situações de ensino e de treino – um estudo de Basquetebol*. Tese de Mestrado, não publicada, U.T.L. – I.S.E.F. Lisboa.
- GONÇALVES, C. (1987). Formação do treinador no âmbito da pedagogia do desporto, *Horizonte*, IV, 20. 63-69.
- GONÇALVES, C. (1996). *O pensamento dos treinadores sobre o espírito desportivo na formação dos jovens praticantes*, Câmara Municipal de Oeiras.
- GONZÁLEZ, L. (1993). *Deporte y Educación*.
- GONZÁLEZ, M. E. (1996). El aprendizaje de los juegos deportivos. Em J. A. Moreno y P. L. Rodriguez (Eds.), *Aprendizaje deportivo* (pp. 185-204). Murcia: Universidad de Murcia.
- GORDON, A. (1992). A self-assessment of a basketball coach's behaviors. Unpublished master's thesis, Ithaca College, Ithaca, N.Y.
- GORDON, S. (1988). Decision styles and coaching effectiveness in university soccer. *Canadian Journal of Sports Sciences*, 13, 1. 56-65.
- GOULD, D. (1984). Psychological development and children's sport. In J. Thomas (Ed.). *Motor development during childhood and adolescence*. Minneapolis. Burgess.

- GOULD, D.; FELTZ, D.; HORN, T.S.; WEISS, M.R. (1982). Reasons for attrition in competitive youth swimming. *Journal of Sport Behavior*, 5, 155-165.
- GOULD, D. & HORN, T. (1984). Participation motivation in young athletes. In J. M. Silva & R. S. Weinberg (Eds.), *Psychological foundations of sport*. Champaign, Il.: Human Kinetics.
- GRAÇA, A. & MESQUITA, I. (2006) A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 2, n.º 5. 67 – 79.
- GRAÇA, A. & MESQUITA, I. (2006). A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2, 5. 67-79.
- GREEN, W. (1986). *Analysis of selected factors perceived important to continued involvement in adult women's club field hockey*. Thesis. Microform Publications, Int'l Institute for Sport and Human Performance, Univ. of Oregon, Eugene, Ore.
- GREENDORFER, S. & LEWKO, J. (1978). The role of family member in sport socialization of children. *Research Quarterly for Exercise and Sport*. 49. 146-152.
- GRUBER, J. & GRAY, G. (1982). Responses to forces influencing cohesion as a function of players status and level of male varsity basketball competition. *Research Quarterly for Exercise and Sport*. 53 (1). 27-36.
- HANSELWOOD, D.; JOYNER, A.; BURKE, K.; GEYERMAN, C.; CZECH, D.; MUNKASY, B. & ZWALD, A. (2005). Female athlete's perceptions of head coach's communication competence. *Journal of Sport Behavior*, 28 (3).216-230.
- HASTIE, P. (1999). An Instrument for recording coach's comments and instructions during time-outs. *Journal of Sport Behavior*, 22(4).467.
- HICKEY, K. (1995). *A comparison of Division IA football players' grades in season and out of season*. Thesis. Microform Publications, Institute of Sport and Human Performance, University of Oregon, Eugene, Ore, 1995.
- HODGES, N. & FRANKS, I. (2002). Modeling Coaching practice: the role of instruction and demonstration. *Journal of Sports Sciences*. 20.793-819.
- HOGG, J. (2001). A relação confiança/performance: algumas implicações para treinadores e psicólogos desportivos que trabalham com atletas até aos 12 anos. Acta de comunicações do Seminário Internacional Treino de Jovens “ Pensar no futuro – Apostar na qualidade”. Novembro 2000.159-168.
- HORN, T. (1992). Leadership effectiveness in the sport domain. In: T. Horn (Ed.). *Advances in sport psychology*. Champaign: Human Kinetics. 181- 199.
- HORTON, S.; BAKER, J. & DEAKIN, J. (2005). Experts in action: A systematic observation of five national team coaches. *International Journal of Sport Psychology*, 36. 299-319.
- HOTZ, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. *Treino Desportivo*. Edições CEFD, Ano II, n.º 6. 22-36.

- HVATSKAYA, E. & STAMBULOVA, N. (1997). Perception of the first competition: retrospective analyses made by elite athletes. In R. Lider & M. Bar-Eli (Eds.). *Proceedings of the IX World Congress of Sport Psychology*. Israel. 321-323.
- ISBERG, L. (1993). What does it means to be an elite coach in team sport? In S. Serpa; J. Alves, V. Ferreira & A.P. Brito (Eds), *Proceedings VIII World Congress of Sport Psychology: an integrated approach*. ISSP, SPPD, FMH-UTL, Lisboa. 233-236.
- JACKSON, C.; TATEM, J.; LARRY, W. & KIRBY, R. (1984). *Psychological Modeling for Effective Sports Performance*. Olympic Scientific Congress. Eugene, Oregon. Unpublished paper.
- JENSEN, E. (1988). *Super-teaching*. Del Mar, CA: Turning Point.
- JONES, R. (2007). Coaching redefined: an everyday pedagogical endeavour. *Sport Education and Society*. 12:2. 159-173.
- JONES, R. L., ARMOUR, K. M., & POTRAC, P. (2002). Understanding the coaching process: A framework for social analysis. *Quest*, 54, 34-48.
- JONES, D.; HOUSNER, L. & KORNSPAN, A. (1997). Interactive decision making and behaviour of experienced and inexperienced basketball coaches during practice. *Journal of Teaching in Physical Education*, 16, pp. 454-468.
- JUBENVILLE, C. (1999). *Athlete's perceptions of coaching performance among N.C.A.A. Division III and N.A.I.A. head football coaches in the State of Mississippi*. Thesis. Microform Publications, Institute of Sport and Human Performance, University of Oregon, Eugene, Ore, 1999.
- KENOW, L. & WILLIAMS, J. (1999). Coach-athlete compatibility and athlete's perception of coaching behaviors. *Journal of Sport Behavior*, 22(2).251.
- KLINT, K.; WEISS, M. (1986). Dropping in and dropping out: participation motives of current and former youth gymnasts. *Canadian Journal Applied Sport Sciences*, 11, pp. 106-114.
- KNOWLES, Z.; BORRIE, A. & TELFER, H. (2005) Towards the reflective sports coach: issues of context, education and application. *Ergonomics*. 48, 11-14. 1711-1720.
- KOKA, A. & HEIN, V. (2003). Perceptions of teacher's feedback and learning environment as predictors of intrinsic motivation in physical education. *Psychology of Sport and Exercise*, 4. 333-346.
- KUNZE, A. (1987). *Futebol*. Editorial Estampa.
- LACY, A. & DARST, P. (1984). Evolutions of a systematic observation system: The ASUOI observation instrument. *Journal of Teaching in Physical Education*, 3.59-66.
- LACY, A. & GOLDSTON, P. (1990). Behavior analysis of male and female coaches in high school girls basketball. *Journal of Sport Behavior*, 13 (1). 29-39.

- LACY, A. & MARTIN, D. (1994). Analysis of starter/non-starter motor-skill engagement and coaching behaviours in collegiate women's volleyball. *Journal of Teaching in Physical Education*. 13(2) Jan. 1994. 95-107.
- LÁZARO, I.; VILLAMARÍN, F. & LIMONERO, J. (1993). Motivación para participar y auto-eficacia en jóvenes jugadores de baloncesto. In: E. Córdoba; J. Tubio (Eds.). *IV Congreso Nacional y Andaluz de Psicología de la Actividad Física y el Deporte*. 25, 26, 27 Marzo 1993. Série Deportes.
- LEDENT, M.; CLOES, M.; ONOFRE, M.; TELAMA, R.; ALMOND, L. & PIÉRON, M. (1997). Motivation des jeunes à pratique des activités physiques et sportives. *Sport*. 159/160. 72-81.
- LEMYRE, F.; TRUDEL, P. & DURAND-BUSH, N. (2007). How youth sport coaches learn to coach. *The Sport Psychologist*. 21. 191-209.
- LEITÃO, J.C.; SERPA, S. & BÁRTOLO, R. (1994). Liderança em contextos desportivos. A relação treinador – atleta, numa selecção nacional de futebol (juniores b- sub 16) *Psicologia*. 10(1).15 – 29.
- LEITH, M. (1992). Um bom treinador tem de ser um bom gestor. *Treino Desportivo*. 23. 3-13.
- LIMA, T. (1989). A eliminação desportiva precoce. *Treino Desportivo*, n.º14. 25-32.
- LIMA, T. (1993). Como é que o Treinador se prepara para a competição. *Revista Horizonte* 9 (53). 183-186.
- LINDAUER, J. (2000). *A comparison of preferred coaching leadership behaviours of college athletes in individual and team sports*. Microform Publications, Institute for Sport and Human Performance, University of Oregon, Eugene, Ore.
- LIUKKONEN, J. & SALMINEN, S. (1990). The athlete's perceptions of leader behaviour of finish coaches. *Paper presented at the World Congress on Sports for All*. Tampere. Finland
- LIUKKONEN, J. & SALMINEN, S. (1995). Coach-athlete relationship and socialisation. In R. Vantrachen-Raway & J. V. Auweele (Eds.). *Proceedings of the IX European Congress on Sport Psychology*. Brussels. 582-589.
- LIUKKONEN, J.; SALMINEN, S. & TELAMA, R. (1993). Humanism and effectiveness in coaching behaviours of youth sport coaches. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira & A. Paula Brito (Eds). *Proceedings VIII World Congress of Sport Psychology: an integrated approach*, Lisboa: SPPD, FMH-UTL. 248-252.
- LOPES, M. (2003). *Características Pedagógicas em Treino Desportivo. Percepções da intervenção pedagógica do treinador em jogos desportivos colectivos (Andebol, Basquetebol e Futebol)*. Tese de Mestrado. Não publicado. FMH-UTL
- LOUGHEAD, T. & LEITH, L. (2001). Hockey coaches and players perceptions of aggression and the aggressive behaviour of players. *Journal of Sport Behavior*, 24, 4. 394.
- LYLE, J. (1999). Coaching philosophy and coaching behaviour, in N. Cross & J. Lyle (Eds.). *The coaching process: Principles and practice for sport*, Oxford: Butterworth-Heinemann. 25-46.
- LYLE, J. (2002). *Sports coaching concepts: A framework for coaches' behaviour*. London: Routledge.

- LUTHANS, K. W. (2000). Recognition: A Powerful, but Often Overlooked Leadership Tool To Improve Employee Performance. *Journal Of Leadership Studies*, 7 (1), 31-39
- LUXBACHER, J. (1986). Violence in sport. An examination of the theories of aggression, and how the coach can influence the degree of violence in sport. *Coaching Review*, 9. 14-17.
- McPHERSON, B.; MARTENIUK, R.; TIHANYI, J.; CLARK, W. (1980). The social system of age group swimming: the perceptions of swimmers, parents and coaches. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, 5, 142-145.
- MADDEN, C. & EVANS, L. (1993). The aspects of Coaching Communications on Game Outcome in Australian Rules Football. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira & A. Paula Brito (Eds). *Proceedings VIII World Congress of Sport Psychology: an integrated approach*, Lisboa: SPPD, FMH-UTL. 252-256.
- MAHLO, F. (s/d). *O acto tático em jogo*. Editorial Compendium. Lisboa
- MANCINI, V.; CLARK, E. & WUEST, D. (1987). Short and long term effects of supervisory feedback on the interaction patterns of an intercollegiate field hockey coach. *Journal of Teaching in Physical Education*, 6. 404-410.
- MANCINI, V.; WUEST, D. & VAN DER MARS, H. (1985). Use of instruction and supervision in systematic observation in undergraduate professional preparation. *Journal of Teaching in Physical Education*, 5(1). 22-33.
- MANDELL, R. (1995). *The influence of role status, self-efficacy and soccer performance*. Microform Publications, Institute for Sport and Human Performance, University of Oregon, Eugene, Ore.
- MARQUES, A. (1999). Crianças e adolescentes atletas: entre a escola e os centros de treino...entre os centros de treino e a escola! Actas do Seminário Internacional Treino de Jovens 1999. Centro de Estudos e Formação Desportiva. Secretaria de Estado do Desporto.
- MARQUES, A. (2001). As profissões do desporto: O treinador. *Treino Desportivo*, n.º13. Março 2001. Edição do CEFD. 4-8.
- MARTENS, R. (1980). The uniqueness of the young athlete: psychological considerations. *American Journal of Sports Medicine*. 8. 382-385.
- MARTENS, R. (1999). Os grandes treinadores são grandes comunicadores e motivadores. *Actas do Seminário Internacional Treino de Jovens 1999*. Centro de Estudos e Formação Desportiva. Secretaria de Estado do Desporto.
- MARTENS, R.; CHRISTINA, R. HARVEY, J. & SHARKEY, B. (1981). *Coaching Young Athletes*. Human Kinetics, Champaign, Illinois.
- MARTIN, G. (2001). El entrenador como líder en el deporte. *Manual de prácticas de psicología deportiva. Las ciencias de comportamiento deportivo: Prácticas de entrenamiento mental*. Biblioteca Nueva. Serie Deportes. pp.235-241.

- MARTIN, G. & LUMSDEN, J. (1987). *Coaching. An effective behavioural approach*. St. Louis: Times Mirror/Mosby.
- MARTINEK, T.; CROWE, P. & REJESKI, W. (1982). *Pygmalion in the gym: causes and effects of expectations in teaching and coaching*. New York: Leisure Press.
- MATHENSON, H.; MATHES, S. & MURRAY (1997). The effect of winning and losing on female interactive and coactive team cohesion. *Journal of Sport Behavior*, 20. 284-299.
- MCGAHA, P. (2000). *A quantitative and qualitative exploration of coaching behaviors of successful high school baseball coaches*. Unpublished doctoral thesis. The Florida State University. UMI - 9975676
- MESQUITA, I. (2000) *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos colectivos*. Cultura Física. Livros Horizonte.
- MILLER, A. (1992). Systematic observation behaviour similarities of various youth sport soccer coaches. *The Pshysical Educator*, 49(3). 136-143.
- MORE, K. G, & FRANKS, I. M. (1996). Analysis and modification of verbal coaching behaviour: the usefulness of data-driven intervention strategy. *Journal of Sports Sciences*. 14, 523-543.
- MURONI, M. (1995). Atleta: uomo e non robot. *Athlon*. Roma. 14 (1), Jan. 1995. 44-46.
- NASH, C. & COLLINS, D. (2006). Tacit knowledge in expert coaching: science or art?. *Quest*, 58. 465-477.
- NATION & LEUNES (1983). Personality characteristics of intercollegiate football players as determinate by position, classification, and red shirt status. *Journal of Sport Behaviour*. 6 (2).
- NICHOLLS, J. G. (1984). Achievement motivation: Conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. *Psychological Review*, 91, 328-346.
- NICHOLLS, J. G. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge. University Press.
- OGILVIE, B. C. & TUTKO, T. (1966). *Problem athletes and how to handle them*. London: Pelham.
- ORLICK, T. (1975). What do parents wants for the kids, Coach?. *Coaching review*, Maio - Junho.19-21.
- ORLICK, T. (1990). *In pursuit of excellence*. Second Edition. Champaign: Leisure Press.
- OWEN, H. (2000). *In search of leaders*. Ed. John Wiley & Sons. Baffins Lane, Chichester. England.
- PALACIOS, J. (1991). El planteamiento educativo como solución al problema de la violencia en el deporte. *Apunts Educació Física I Esports*, 23. 89-98.
- PALMA, N. (2002). *A relação treinador – atleta. Caracterização da relação treinador – atleta em situação de treino em Futebol*. Tese de Mestrado, não publicada. Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana (UTL-FMH)

- PALMA, N., ROSADO, A., MESQUITA, I. & CALVO, M. (2004). La relación entrenador – atleta en fútbol. Caracterización del comportamiento funcional de los entrenadores en situación de entrenamiento. *Revista Digital*. Buenos Aires. Año 10, n.º70.
- PARTINGTON, J. & SHANGI, G. (1992). Developing and understanding of team psychology. *International Journal of Sport Psychology*. 23. 28-47.
- PATRIKSSON, G. & ERIKSSON, S. (1990). Young athlete's perception of their coaches. *International Journal of Physical Education*, 27, 4. 9-14.
- PAULA BRITO, A. (1994). *Psicologia do Desporto*, Edições Omniserviços.
- PEREIRA, A. (1996). *A relação treinador – atleta. Estudo dos comportamentos de entusiasmo em voleibol*. Tese de Mestrado. Não Publicada. Lisboa U.T.L. / F.M.H.
- PEREIRA, A. & SARMENTO, P. (1997). Comportamentos de entusiasmo em voleibol. Perfis comportamentais de treinadores de jovens. In: *Actas do Simpósio “ O Jovem e a Prática Desportiva ”*. Lamego 1997
- PERKINS, G. (1990). Comparisons of male high school basketball coaches of winning male and female programs through systematic observation. Doctoral Thesis, University of Southern Mississippi.
- PERSONNE, J. (1987). *Nenhuma medalha vale a saúde de uma criança*, Livros Horizonte, Coleção Horizonte de Cultura Física.
- PETLICHKOFF, L. (1993a). Relationship of player status and time season to achievement goals and perceived ability in interscholastic athletes. *Pediatric exercise science*. 5(3). 242-252.
- PETLICHKOFF, L. (1993b). Coaching children: understanding the motivational process. *Sport Science Review*. 2(2). 48-61.
- PIÉRON, M. (1986). *Pedagogie de l'entrainement. La Relation entre l'entraîneur et le sportif*. Maîtrise en Sciences du Sport. Université Technique de Lisbonne.
- PIÉRON, M. (1988)- La relation pédagogique d'entraînement. *Sport*. 121. 12-17.
- PIÉRON, M. (1999)- *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas*. Colección La Educación Física en...Reforma. INDE Publicaciones.
- PIÉRON, M & CARREIRO DA COSTA, F. (1995)- L'expertise dans l'enseignement des activités physiques et sportives. *Revue de l'Education Physique*, 35 (4). 159-171.
- PIÉRON, M. & BOZZI, G. (1988). La relation pédagogique d'entraînement. Etude en Basket-ball. *Sport*, n.º121, 1.º trim. 18-24.
- PIÉRON, M. & RENSON, D. (1988). La relation pédagogique d'entraînement - étude en basket-ball. *Sport*. 31, 1 (121). 18-24.
- PINA, R. (1998). *Análise da instrução do treinador em competição: estudo das tomadas de decisão em voleibol*. Tese de Mestrado. Não Publicada. Lisboa: U.T.L. / F.M.H.

- PING, W. (1993). *The coach's role in coach-athlete relationships. A social psychology perspective*. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira & A. Paula Brito (Eds). *Proceedings VIII World Congress of Sport Psychology: an integrated approach*, Lisboa: SPPD, FMH-UTL. 275-276.
- PIZZI, A.; FIORINESCHI, M.; TORTORELLI, D.; GRIFONI, G. & GIORGI, S. (2002). Indagine sul rapporto allenatore-atleta in età evolutiva. *Medicina dello Sport* (Turin) 55 (4). 299-304.
- POTRAC, P.; JONES, R. & ARMOUR, K. (2002). It's all about getting respect : the coaching behaviors of an expert english soccer coach. *Sport, Education and Society*. (7) 2. 183-202.
- POTRAC, P. ; JONES, R. & ARMOUR, K. (1997). *A comparasion of the earl, and mid season coaching behaviors of top level English soccer coaches*. Comunicação apresentada no AIESEP 97 (International Association of Physical Education in Higher Education) World Conference, 4-6 December, Singapore.
- POTRAC, P.; JONES, R. & CUSHION, C. (2007). Understanding power and the coach's role in professional English soccer: a preliminary investigation of coach behaviour. *Soccer and Society*. (8) 1. 33-49.
- PRUSSIA, G. & KINICK, A. (1996). A motivational Investigation of Group Effectiveness using Social-Cognitive theory. *Journal of Applied Psychology*. 81. 187-198.
- RAMOS, E.; VÉLEZ, D. & MONTES, E. (2001). La motivación en la práctica físico-deportiva. *Revista Digital*. Buenos Aires – Año 7 – n.º 39 – Agosto 2001.
- RAPOSO, V. (1994). *Perfil psicológico de prestação em futebol. Diferenças entre jogadores titulares e suplentes*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- RAYNEY, D. & SCHWEICKERT, G. (1991). Satisfaction with playing time and team cohesion. *Applied research in coaching and athletics annual*. Boston. 195-205.
- REINBOTH, M.; DUDA, J. L. & NTOUMANIS, N. (2004). Dimensions of coaching behavior, need satisfaction and the psychological and physical welfare of young athletes. *Motivation and Emotion*. Vol. 28, 3. 297-313.
- REJESKI, W.; DARRACOTT, C. & HUTSLAR, S. (1979). Pygmalion in youth sports: a field study. *Journal of Sport Psychology*, 1. 311-319.
- RIEMER, A. & CHELLADURAI, P. (1995). Leadership and satisfaction in athletics. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 17. 276-293.
- ROBERTSON, I. (1998). O Treinador e o abandono dos praticantes jovens. *Treino Desportivo*, 5. 23-30.
- ROBINSON, T. T. & CARRON, A. V. (1982). Personal and situational factors associated with dropping out versus maintaining participation in competitive sport. *Journal of Sport Psychology*, 4. 364-378.
- RODRIGUES, J. & FERREIRA, V. (1995). *Coach Behaviour in Competition on Trampoline*. Comunicação apresentada no The 1995 AIESEP World Congress- Windows to the Future: Bridging the gaps between disciplines, curriculum and instruction. Wingate Institute. Wingate

- RODRIGUES, J. (1995). *O comportamento do Treinador. Estudo da influência dos Treinos e do Nível de prática dos Atletas na Actividade Pedagógica do Treinador de Voleibol*. Dissertação de Doutoramento. Não publicada. Lisboa: UTL-FMH.
- RODRIGUES, J. (1997). *Os treinadores de sucesso. Estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol*. UTL-FMH
- RODRIGUES, J.; ROSADO, A.; SARMENTO, P.; FERREIRA, V. & VEIGA, A. (1993). O Sistema de Observação do Treinador e do Atleta (SOTA). Estudo ilustrativo em Natação e Voleibol. *Pedagogia do Desporto – Estudos*, n.º1. 2-17.
- ROLLA, M. (1998). *A Relação Treinador – Atleta. A relação entre o treinador e o jogador suplente em basquetebol*. Tese de Mestrado, não publicada. Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana (UTL-FMH)
- ROSA, G.; MESQUITA, I. & ROSADO, A. (2004). *Analysis of coaches’ oral interventions in the preparation meeting for the volleyball competition*. In O’Donoghue e Hughes (Eds.) “Performance Analysis of Sport VI”. St. Mary’s University College. 227-232.
- ROSADO, A. (1995). *Observação e Reacção à Prestação Motora - Estudo da Competência de Diagnóstico e Prescrição Pedagógica em Tarefas Desportivas Características do Atletismo*. Dissertação de Doutoramento, não publicada. Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana (UTL- FMH)
- ROSADO, A. (2000). Um perfil de competências do Treinador Desportivo. In, *A Formação de Treinadores Desportivos*. Edições ESDRM. ESDRM-IPS. Rio Maior
- ROSADO, A. & MESQUITA, I. (2007). *A formação para ser treinador*. In: Actas do 1.º Congresso Internacional de Jogos Desportivos – Olhares e contextos da performance ao rendimento. Secção conferências, (CD-ROM).
- ROSADO, A.; MESQUITA, I.; JANUÁRIO, N. & BREIA, E. (2007). *Athlete’s retention of coach’s instruction on task presentation and feedback*. No Prelo
- RUNDIO, S. (1975). *Status as a Factor Affecting Decisions of Member of a Youth Basketball Team*. Thesis.
- RUPERT, T. & BUSCHNER, C. (1989). Teaching and coaching: a comparison of instructional behaviors. *Journal of Teaching in Physical Education*. Vol 9, n.º 1. 49-57.
- RUSHAL, B. (1979). *Psyching in sport*. London: Pelham Books.
- SALMELA, J.; DRAPER, S.; LAPLANTE, D. (1993). Development of expert coaches of team sports. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira, A. Paula Brito (Eds.), *Actas do VIII Congresso Mundial de Psicologia do Desporto*. Lisboa. 296-300.
- SALMINEN, S.; LIUKKONEN, J. (1996). Coach-athlete relationship and coaching behaviour in training sessions. *International Journal of Sport Psychology*. 27(1) Jan/Mar 1996. 59-67.
- SAN EPIFANIO, J.A. & VELASCO, A. (1999). *Jugar en Equipo*. 172

- SANTOS, A. (1997). *A relação treinador – atleta. A titularidade como determinante na percepção dos comportamentos do treinador em andebol*. Tese de mestrado não publicada. Lisboa U.T.L. / F.M.H.
- SANTOS, R. & RODRIGUES, J. (2004). A actividade pedagógica do treinador. Diferenças entre treinadores e professores em dois contextos (Escola/clube), no treino de ténis com jovens. In Vitor Ferreira e Pedro Sarmiento Edit. *Formação Desportiva. Perspectivas de estudo nos contextos Escolar e Desportivo*. FMH. 185-206.
- SARMENTO, P. (1991a). A observação na formação em desporto. *Horizonte*. 7(41). 167-177.
- SARMENTO, P. (1991b). Reflexões sobre Pedagogia do Desporto. *Horizonte*. 8(45). 92-97.
- SARMENTO, P.; ROSADO, A. & RODRIGUES, J. (2000). *Formação de Treinadores Desportivos*. Instituto Politécnico de Santarém. Escola Superior de Rio Maior. Coleção Desporto.
- SAURY, J.; DURAND, M. (1995). Etude des connaissances pratiques des entraîneurs experts en voile: de l'analyse des relations entraîneurs-athlètes à une modélisation de la situation d'entraînement. *Sport*. 151. 25-39.
- SCHEMP, P.G.; WEBSTER, C.; McCULLICK, B.; BUSCH, C. & MASON, I.S. (2007). How the best get better: an analysis of the self-monitoring strategies used by expert golf instructors. *Sport, Education and Society*. 12, 2. 175-192.
- SCHOEN, C. (1995). *Competitive orientation of basketball starters and non-starters across different players' levels*. Thesis. Microform Publications, Institute for Sport and Human Performance, University of Oregon, Eugene, Ore.
- SCOOT, R. (1984). L'allenatore, lo psicologo, il ginnasta. *Gymnica*. 3. 52-54.
- SEABORN, P.; TRUDEL, P. & GILBERT, W. (1998). Instructional content provided to female ice hockey players during games. *Applied Research in Coaching & Athletics*. 13. 119-141.
- SEGRAVE, J. & CIANCIO, C. (1990). An observational study of a successful pop warner football coach. *Journal of Teaching in Physical Education*. 9, 4. 294-306.
- SELLER, R.; KEVESLIGETI, C. & VALLEY, E. (1999). Coaches and female athletes: the basis of interaction. *Motricidade Humana- Portuguese Journal of Human Performance Studies*, 12 (1) .67-76.
- SENNE, T. (1989). Relationship among selected coaching behaviors and selected attitudes and self-esteem of girls participating in youth softball. Master's Thesis, University of Illinois at Urbana- Champaign.
- SERPA, S. (1995). *A relação interpessoal na díade treinador – atleta. Desenvolvimento e aplicação de um inventário de comportamentos ansiogénicos do treinador*. Tese de doutoramento não publicada. Lisboa: U.T.L. / F.M.H.
- SERPA, S. (1996) *A relação treinador – atleta*. In J.F. Cruz (Ed.) *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga. S.H.O. 411-424.
- SERPA, S. (1999). *Em pequenino para não ficar Menino*. In Seminário Internacional- Treino de Jovens. IND-SED-CEFD. Lisboa. 34.

- SHELLEY, G. & SHERMAN, C. (1997). Communication in coaching and athletics: Guidelines to promote successful interactions. *Applied Research in Coaching and Athletics Annual*, 12. 109-129.
- SHERMAN, C.; FULLER, R. & SPEED, H. (2000). Gender comparisons of preferred coaching behaviours in Australian sports. *Journal of Sport Behavior*, 23(4). 389-406.
- SHIELDS, D.; BREDEMEIER, B.; GARDNER, D. BOSTROM, A. (1995). Leadership, cohesion and team norms regarding cheating and aggression. *Sociology of Sport Journal*. 12(3). 324-336.
- SHIGUNOV, V.; PEREIRA, V. & MANZOTTI, O. (1993). Percepção de atletas quanto à influência do comportamento de treinadores nos seus sentimentos. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira, A. Paula Brito (Eds.), *Actas do VIII Congresso Mundial de Psicologia do Desporto*. Lisboa. 890-893.
- SIEDENTOP, D. (1976). *Developing Teaching Skills in Physical Education*, Palo Alto, London: Houghton Mifflin Company / Boston.
- SIEDENTOP, D. (1983). *Developing teaching skills in physical education*. 2ª ed., Mayfield Publish. Co., Palo Alto, Ca.
- SIEDENTOP, D. (1991). *Developing teaching skills in physical education* (3ªEd.). Mountain View. California, Mayfield Publishing Company.
- SIEDENTOP, D. (1998). *Aprender a enseñar la Educacion Física*. Coleccion La Educación Física en... Reforma. INDE Publicaciones.
- SIMÃO, J. & ROSADO, A. (2004). *A Formação do Treinador. A análise das representações dos treinadores em relação ao perfil profissional e à sua auto-percepção de competência*. In V. Ferreira e P. Sarmento (Eds.). *Formação Desportiva. Perspectivas de Estudo nos Contextos Escolar E Desportivo*. 293-309.
- SMITH, D. (2003). Motivation tactics for today's athlete. *Coaching Youth Sports*.
- SMITH, M. (1984). *Attribution control process in the coach-player interaction*. Doctoral Thesis. Virginia Polytechnic Institute and State University. 1982.
- SMITH, M. & CUSHION, C. (2006). An investigation of the in-game behaviours of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Sciences*, 24 (4), pp.355-366.
- SMITH, R.; SMOLL, F. & CUMMING (2007). Effects of a motivational climate intervention for coaches on changes in young athlete's achievement goal orientations. *Journal of Clinical Sport Psychology*, 1. 23-46.
- SMITH, R.; SMOLL, F. & CURTIS, B. (1978). Coaching behaviours in Little League Baseball. In F. L. Smoll & R. E. Smith (Eds.) *Psychological perspectives in youth sports*. Washington, DC: Hemisphere.
- SMITH, R.; SMOLL, F. & CURTIS, B. (1979). Coach effectiveness training: A cognitive behavioural approach to enhancing relationship skills in youth sport coaches. *Journal of Sport Psychology*, 1. 59-75.
- SMITH, R.; SMOLL, F. & HUNT, E. (1977). A system for the behavioural assessment of athletic coaches. *The Research Quarterly*, 48. 401-407.

- SMITH, T. (1983). Competition trait anxiety in youth sport: differences according to age, Sex, race and playing status. *Perceptual and motor skills*. 57 (3). 1235-1238.
- SMOLL, F. (1988). *A comunicação do treinador com os pais dos atletas*. Biblioteca do Treinador, n.º 1, Direcção Geral Desportos. Lisboa
- SMOLL, F. & SMITH, R. (1984). Leadership research in youth sports. In J. Silva III & R.E. Smith (Eds.) *Psychological foundations of sport*. Human Kinetics. Champaign, IL. 371-386.
- SMOLL, F. & SMITH, R. (1989). Leadership behaviours in sport: A theoretical model and research paradigm, *Journal of Applied Social Psychology*, 19. 1522-1551.
- SNYDER, E. (1975). Variations in team status and the coach's influence. *Physical educator* 32(3), Oct.124-126.
- SOBRINHO, A. (2007). Estudo do comportamento pedagógico de treinadores de voleibol no contexto de treino de crianças e jovens. Tese de Mestrado. Não Publicada. F.D.U.P.
- SOLOMON, G. & KOSMITZKI (1996). Perceptual flexibility and differential feedback among intercollegiate basketball coaches. *Journal of Sport Behaviour*, 19. 163-177.
- SOLOMON, G.; GOLDEN, A.; CIAPPONI, T. & MARTIN, A. (1998). Coach expectations and differential feedback: Perceptual flexibility revisited. *Journal of Sport Behaviour*, 21 (3). 298.
- SOLOMON, G.; DIMARCO, A. OHLSON, C. & REECE, S. (1998). Expectations and coaching experience: is more better? *Journal of Sport Behaviour*. 21(4). 444-455.
- SPINK, K. (1992). Group cohesion and starting status in successful elite volleyball teams. *Journal of Sports Sciences (London)*. 10(4), Aug. 1992. 379-388.
- STAMBULOVA, N. (1996). Dynamics of the athlete-coach relations in the course of the athlete's sports career. *Simpósio Internacional de Psicologia do Desporto*. Oeiras.
- STEFFANELLO, J. (1990). Ansiedade competitiva e os factores de personalidade de adolescentes que praticam voleibol: um estudo causal comparativo. *Revista Kinesis*, 6 (2). 203-224.
- STEPHENS, D. & BREDEMEIER, B. (1996). Moral atmosphere and judgments about aggression in girl's soccer: Relationship among moral and motivational variables. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 18. 158-173.
- STERN, W. (1981). *Psicologia Geral*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- STEWART, M. & BENIGER, D. (2001). An analysis of volleyball coaches behaviour in a summer volleyball team camp. *Physical Educator*. Indianapolis. 58(2). 86-102.
- STORNES, T. (2001). Sportspersonship in elite sports: on the effects of personal and environmental factors on the display of sportspersonship among elite male handball players. *European physical education review*. London, 7 (3).283-304.

- TANNEHILL, D. & BURTON, D. (1989). Coaching behaviors observational recording system (CBORS). In P. W. Darst, D. B. Zakrajsek & V.H. Mancini (Eds.), *Analyzing physical education and sport instruction* (pp. 379-389). Champaign, IL.: Human Kinetics.
- TEIPEL, D. (1989). Aspects of the relationship between coaches and regular and substitute players in football. *Science & Football*. Barcelona. (1). 17-19.
- THARP, R. & GALLIMORE, R. (1976). What a coach can teach a teacher. *Psychology Today*, 8. 75-78.
- THOMPSON, D.; FORT, I.; RICE, P. (1988). Psychological anxiety of intercollegiate basketball players as measured by psychological instrumentation. *Journal of applied research in coaching and athletics*. 3(1). 48-59.
- TREPODE, N. (2001). *Abandono del deporte en los jóvenes*. Revista Digital – Buenos Aires. Ano 7. 40. 2
- TRIPLE & BROCKS (1985). Relações entre treinadores e jogadores efectivos e suplentes. *Futebol em Revista* n.º 14 – II série. F.P.F.
- TRUDEL, P.; CÔTÉ, J. & BERNARD, D. (1996). Systematic Observation of Youth Ice Hockey Coaches during Games. *Journal of Sport Behaviour*. 19 (1). 50-65.
- TRUDEL, P.; CÔTÉ, J. & DONOHUE, J. (1993). Direct Observation of Coaches Behaviours During Training and Competition: A Literature Review. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira & A. P. Brito (Ed.). *Actas do VIII Congresso Mundial de Psicologia do Desporto*. ISSP, SPPD, FMH-UTL, Lisboa. 316-319.
- TSUSUMI, T. (2000). Players and coaches perceptions about leadership styles of successful women's basketball coaches. *Microform Publications*. University of Oregon, Eugene, Or.
- TURMAN, P. (2003). Coaches and cohesion: The impact of coaching techniques on team cohesion in the small group sport setting. *Journal of sport Behavior*. 26 (1). 86.
- TZU, S. (1993). *A Arte da Guerra*. Europa-América. 2ª Edição.
- VAN LINGEN, B. (1997). *Coaching soccer: The official coaching book of the Dutch soccer association*. Spring City, Pa.: Reedswain.
- VANGUCCI, M. POTRAC, P. & JONES, R. (1997). A systematic observation of elite women's soccer coaches. *Journal of Interdisciplinary Research in Physical Education*, 1(2). 1-17.
- VANYPEREN, N. (1994). Estrés Psicosocial, Apoyo Parental Y Rendimiento en Jóvenes Futbolistas con Talento. *Revista de Psicología del Deporte*. Dossier, 6.119-138.
- VANEK, M. (1989). Psychological problems in major sport events. In C. K. Giam; K. K. Chook & K. C. Teh (Eds.) *Proceedings of the 7th World Congress of Sport Psychology: Sport Psychology and Human Performance*. Singapore. 160-164.
- VASCONCELOS (1998). Abandono da prática desportiva e sucesso na adaptação à vida activa em nadadores portugueses de elite. Tese de Mestrado. Não Publicada. Lisboa U.T.L. – F.M.H.

- WALLING, N. & DUDA, J. (1993). The perceived motivational climate in sport questionnaire: constructive and predictive validity. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 15. 172-183.
- WANG, J.; CALLAHAN, D. & GOLDFINE, B. (2001). *Applied research in coaching and athletics annual*. Boston, 16, 2001. 110-124.
- WANG, J. & RAMSEY, J. (1997). Interpersonal communication – Overcoming barriers and improving coach and athlete relationships. *Journal of the International Council for Health, Physical Education, Recreation, Sport and Dance*. 34. 35-37.
- WEINBERG, R. & GOULD, D. (1995). *Foundations of sport and exercise psychology*. Champaign, Il: Human Kinetics.
- WEISS, M. & FRAZER, K. (1995). Initial, continued, and sustained motivation in adolescent female athletes: a season-long analysis. *Pediatric exercise science*. 7(3), 1995. 314-329
- WEISS, M. & KNOPPERS, A. (1982). The influence of socialization agents on female collegiate volleyball players. *Journal of Sport Psychology*, 4. 267-279.
- WESTRE, K. R. & WEISS, M. (1991). The relationship between perceived coaching behaviours and group cohesion in high school football teams. *The Sport Psychologist*. 5. 41-54
- WIDMEYER, W.; CARRON, A. & BRAWLEY (1993). Group cohesion in sport and exercise. In Singer, R.; Murphey, M. & Tennant, L. (Eds.). *Handbook of Research on Sport Psychology*. 672-692.
- WILLIAMS, J. & HACKER, C. (1982). Casual relationships among cohesion, satisfaction and performance in women's intercollegiate field hockey teams. *Journal of Sport Psychology*, 4.324-337.
- WILLIAMS, A. & HODGES, N. (2005). Practice, instruction, and skill acquisition in soccer: Challenging tradition. *Journal of Sports Sciences*, 23. 637-650.
- WOODEN, J. (1972). *They call me coach*. Waco: Word
- WUEST, D.; MANCINI, V.; MARS, H. TERRILLION, K. (1986). The academic learning time. Physical education of high average and low- skilled female intercollegiate volleyball players. In: M. Piéron, G. Graham (Eds.). *The Olympic Scientific Congress Proceedings*. 6. Champaign: Human Kinetics, Sport Pedagogy. 123-129.
- WUERTH, S.; SABOROWSKI, C. & ALFERMANN, D. (1999). Motivational climate and leadership behaviour as perceived by young athletes and their coaches. *Psychologie und Sport*. Schorndorf, 6(4). 146-157.
- ZEYFANG, C. (1998). As capacidades volitivas no desporto. *Scuola dello Sport*. 17(41-42)

ANEXOS

Inventário interação treinador Atleta (I.I.T.A.)

Manova 23 itens

Quadro 1 - Característica “Amigável”(Manova)

AMIGÁVEL				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniões	5,69	1,320	26
	Seniores	5,15	1,239	62
	Total	5,31	1,281	88
Suplente	Juniões	5,04	1,698	27
	Seniores	5,11	1,559	62
	Total	5,09	1,593	89
Treinador	Juniões	5,67	1,033	6
	Seniores	4,38	1,544	16
	Total	4,73	1,518	22
Total	Juniões	5,39	1,497	59
	Seniores	5,04	1,434	140
	Total	5,15	1,458	199

Quadro 2 - Característica “Bom Desportista”(Manova)

BOM DESPORTISTA				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniões	5,12	1,558	26
	Seniores	4,82	1,443	62
	Total	4,91	1,475	88
Suplente	Juniões	4,81	1,594	27
	Seniores	4,84	1,671	62
	Total	4,83	1,639	89
Treinador	Juniões	5,17	1,472	6
	Seniores	5,13	1,746	16
	Total	5,14	1,642	22
Total	Juniões	4,98	1,548	59
	Seniores	4,86	1,574	140
	Total	4,90	1,563	199

Quadro 3 - Característica “Claro”(Manova)

CLARO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniões	5,58	1,332	26
	Seniores	5,74	1,214	62
	Total	5,69	1,244	88
Suplente	Juniões	4,85	1,433	27
	Seniores	5,13	1,664	62
	Total	5,04	1,595	89
Treinador	Juniões	5,83	1,329	6
	Seniores	5,75	0,856	16
	Total	5,77	0,973	22
Total	Juniões	5,27	1,412	59
	Seniores	5,47	1,427	140
	Total	5,41	1,422	199

Quadro 4 - Característica “Com Capacidades Variadas”(Manova)

COM CAPACIDADES VARIADAS				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,58	1,391	26
	Seniores	5,56	1,276	62
	Total	5,57	1,302	88
Suplente	Juniors	4,93	1,662	27
	Seniores	5,06	1,447	62
	Total	5,02	1,507	89
Treinador	Juniors	5,33	0,816	6
	Seniores	5,31	0,602	16
	Total	5,32	0,646	22
Total	Juniors	5,25	1,492	59
	Seniores	5,31	1,314	140
	Total	5,30	1,366	199

Quadro 5 - Característica “Com Comportamento Constante”(Manova)

COM COMPORTAMENTO CONSTANTE				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,31	1,761	26
	Seniores	5,15	1,628	62
	Total	5,19	1,660	88
Suplente	Juniors	4,56	1,625	27
	Seniores	4,76	1,512	62
	Total	4,70	1,540	89
Treinador	Juniors	5,33	1,751	6
	Seniores	5,56	1,459	16
	Total	5,50	1,504	22
Total	Juniors	4,97	1,712	59
	Seniores	5,02	1,571	140
	Total	5,01	1,610	199

Quadro 6 - Característica “Com Qualidades de Chefia”(Manova)

COM QUALIDADES DE CHEFIA				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,88	1,423	26
	Seniores	5,92	1,463	62
	Total	5,91	1,443	88
Suplente	Juniors	5,33	1,664	27
	Seniores	5,21	1,690	62
	Total	5,25	1,674	89
Treinador	Juniors	6,33	0,816	6
	Seniores	6,00	0,816	16
	Total	6,09	0,811	22
Total	Juniors	5,68	1,514	59
	Seniores	5,61	1,548	140
	Total	5,63	1,534	199

Quadro 7 - Característica “Compreensivo”(Manova)

COMPREENSIVO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniore s	5,23	1,657	26
	Seniores	5,19	1,513	62
	Total	5,20	1,547	88
Suplente	Juniores	4,56	1,826	27
	Seniores	4,73	1,874	62
	Total	4,67	1,851	89
Treinador	Juniore s	6,17	0,983	6
	Seniores	5,81	1,047	16
	Total	5,91	1,019	22
Total	Juniores	5,02	1,737	59
	Seniores	5,06	1,670	140
	Total	5,05	1,686	199

Quadro 8 - Característica “Comunicativo”(Manova)

COMUNICATIVO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniore s	5,62	1,299	26
	Seniores	5,53	1,352	62
	Total	5,56	1,329	88
Suplente	Juniores	4,78	1,761	27
	Seniores	5,21	1,651	62
	Total	5,08	1,687	89
Treinador	Juniore s	5,83	0,753	6
	Seniores	5,25	1,183	16
	Total	5,41	1,098	22
Total	Juniores	5,25	1,538	59
	Seniores	5,36	1,474	140
	Total	5,33	1,490	199

Quadro 9 - – Característica “Conscencioso”(Manova)

CONSCENCIOSO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniore s	5,50	1,208	26
	Seniores	5,27	1,357	62
	Total	5,34	1,312	88
Suplente	Juniores	4,81	1,178	27
	Seniores	5,19	1,329	62
	Total	5,08	1,290	89
Treinador	Juniores	5,33	1,211	6
	Seniores	5,88	0,957	16
	Total	5,73	1,032	22
Total	Juniores	5,17	1,220	59
	Seniores	5,31	1,313	140
	Total	5,27	1,285	199

Quadro 10 - Característica “Construtivo”(Manova)

CONSTRUTIVO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniões	5,50	1,449	26
	Seniores	5,69	1,154	62
	Total	5,64	1,243	88
Suplente	Juniões	5,07	1,299	27
	Seniores	5,40	1,420	62
	Total	5,30	1,385	89
Treinador	Juniões	6,33	0,816	6
	Seniores	5,88	1,088	16
	Total	6,00	1,024	22
Total	Juniões	5,39	1,365	59
	Seniores	5,59	1,275	140
	Total	5,53	1,302	199

Quadro 11 - Característica “Cuidadoso” (Manova)

CUIDADOSO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniões	5,54	1,303	26
	Seniores	5,34	1,227	62
	Total	5,40	1,246	88
Suplente	Juniões	5,11	1,311	27
	Seniores	5,15	1,412	62
	Total	5,13	1,375	89
Treinador	Juniões	5,83	1,169	6
	Seniores	4,88	0,957	16
	Total	5,14	1,082	22
Total	Juniões	5,37	1,299	59
	Seniores	5,20	1,287	140
	Total	5,25	1,290	199

Quadro 12 - Característica “Dinâmico”(Manova)

DINÂMICO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniões	5,62	1,329	26
	Seniores	5,39	1,347	62
	Total	5,45	1,338	88
Suplente	Juniões	4,96	1,427	27
	Seniores	5,40	1,324	62
	Total	5,27	1,363	89
Treinador	Juniões	6,00	0,894	6
	Seniores	5,75	0,683	16
	Total	5,82	0,733	22
Total	Juniões	5,36	1,374	59
	Seniores	5,44	1,276	140
	Total	5,41	1,303	199

Quadro 13 - Característica “Esperto”(Manova)

ESPERTO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,96	1,248	26
	Seniores	5,87	0,949	62
	Total	5,90	1,040	88
Suplente	Juniors	5,04	1,765	27
	Seniores	5,48	1,479	62
	Total	5,35	1,575	89
Treinador	Juniors	5,67	1,211	6
	Seniores	5,19	0,911	16
	Total	5,32	0,995	22
Total	Juniors	5,51	1,547	59
	Seniores	5,62	1,226	140
	Total	5,59	1,326	199

Quadro 14 - Característica “Exemplar” (Manova)

EXEMPLAR				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,54	1,174	26
	Seniores	5,31	1,350	62
	Total	5,38	1,298	88
Suplente	Juniors	4,74	1,789	27
	Seniores	4,94	1,819	62
	Total	4,88	1,802	89
Treinador	Juniors	6,17	1,169	6
	Seniores	5,19	1,377	16
	Total	5,45	1,371	22
Total	Juniors	5,24	1,546	59
	Seniores	5,13	1,577	140
	Total	5,16	1,565	199

Quadro 15 - Característica “Experiente”(Manova)

EXPERIENTE				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,96	1,311	26
	Seniores	6,00	1,086	62
	Total	5,99	1,150	88
Suplente	Juniors	5,70	1,382	27
	Seniores	5,87	1,166	62
	Total	5,82	1,230	89
Treinador	Juniors	4,33	1,211	6
	Seniores	5,25	0,775	16
	Total	5,00	0,976	22
Total	Juniors	5,68	1,395	59
	Seniores	5,86	1,110	140
	Total	5,80	1,200	199

Quadro 16 - Característica “Firme”(Manova)

FIRME				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,92	1,412	26
	Seniores	6,05	0,982	62
	Total	6,01	1,119	88
Suplente	Juniors	5,37	1,668	27
	Seniores	5,74	1,342	62
	Total	5,63	1,449	89
Treinador	Juniors	4,67	1,211	6
	Seniores	6,25	0,931	16
	Total	5,82	1,220	22
Total	Juniors	5,54	1,546	59
	Seniores	5,94	1,158	140
	Total	5,82	1,294	199

Quadro 17 - Característica “Honesto”(Manova)

HONESTO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	6,08	0,977	26
	Seniores	5,89	1,282	62
	Total	5,94	1,197	88
Suplente	Juniors	5,26	1,723	27
	Seniores	5,53	1,772	62
	Total	5,45	1,752	89
Treinador	Juniors	6,33	1,033	6
	Seniores	6,50	0,966	16
	Total	6,45	0,963	22
Total	Juniors	5,73	1,424	59
	Seniores	5,80	1,513	140
	Total	5,78	1,484	199

Quadro 18 - Característica “Imaginativo” (Manova)

IMAGINATIVO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,42	1,474	26
	Seniores	5,35	1,202	62
	Total	5,37	1,280	88
Suplente	Juniors	4,81	1,665	27
	Seniores	5,23	1,419	62
	Total	5,10	1,500	89
Treinador	Juniors	5,50	1,378	6
	Seniores	5,94	0,680	16
	Total	5,82	0,907	22
Total	Juniors	5,15	1,563	59
	Seniores	5,36	1,271	140
	Total	5,30	1,363	199

Quadro 19 - Característica “Inteligente” (Manova)

INTELIGENTE				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	6,08	1,129	26
	Seniores	5,90	1,127	62
	Total	5,95	1,124	88
Suplente	Juniors	5,22	1,805	27
	Seniores	5,39	1,603	62
	Total	5,34	1,658	89
Treinador	Juniors	5,67	0,816	6
	Seniores	5,88	0,719	16
	Total	5,82	0,733	22
Total	Juniors	5,64	1,494	59
	Seniores	5,67	1,343	140
	Total	5,66	1,386	199

Quadro 20 - Característica “Justo”(Manova)

JUSTO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,27	1,313	26
	Seniores	5,10	1,657	62
	Total	5,15	1,558	88
Suplente	Juniors	3,96	2,066	27
	Seniores	4,98	1,954	62
	Total	4,67	2,033	89
Treinador	Juniors	6,17	1,169	6
	Seniores	6,13	0,806	16
	Total	6,14	0,889	22
Total	Juniors	4,76	1,841	59
	Seniores	5,16	1,753	140
	Total	5,05	1,785	199

Quadro 21 - Característica “Motivador”(Manova)

MOTIVADOR				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniors	5,38	1,525	26
	Seniores	5,19	1,566	62
	Total	5,25	1,548	88
Suplente	Juniors	4,22	2,276	27
	Seniores	5,29	1,987	62
	Total	4,97	2,124	89
Treinador	Juniors	6,33	0,816	6
	Seniores	6,00	0,730	16
	Total	6,09	0,750	22
Total	Juniors	4,95	1,978	59
	Seniores	5,33	1,711	140
	Total	5,22	1,797	199

Quadro 22 - Característica “Seguro de Si”(Manova)

SEGURO DE SI				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniões	6,04	1,216	26
	Seniores	5,97	1,280	62
	Total	5,99	1,255	88
Suplente	Juniões	5,04	1,891	27
	Seniores	5,56	1,564	62
	Total	5,40	1,677	89
Treinador	Juniões	6,00	0,894	6
	Seniores	6,06	0,772	16
	Total	6,05	0,785	22
Total	Juniões	5,58	1,600	59
	Seniores	5,80	1,379	140
	Total	5,73	1,448	199

Quadro 23 - Característica “Sincero”(Manova)

SINCERO				
ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titular	Juniões	6,19	0,939	26
	Seniores	5,61	1,359	62
	Total	5,78	1,273	88
Suplente	Juniões	5,11	1,968	27
	Seniores	5,21	1,934	62
	Total	5,18	1,934	89
Treinador	Juniões	6,33	0,816	6
	Seniores	6,44	0,727	16
	Total	6,41	0,734	22
Total	Juniões	5,71	1,576	59
	Seniores	5,53	1,629	140
	Total	5,58	1,612	199

Comparações múltiplas I.I.T.A. para o Estatuto

Quadro 24 - Teste de Bonferroni do I.I.T.A. para o Estatuto

CARACTERÍSTICAS	ESTATUTO		p	TITULAR	SUPLENTE	TREINADOR
CLARO	TITULAR	SUPLENTE	0,007	5,69	5,04	
		TREINADOR	1,000			
	SUPLENTE	TITULAR	0,007	5,69	5,04	
		TREINADOR	0,089			
	TREINADOR	TITULAR	1,000			
		SUPLENTE	0,089			
COM CAPACIDADES VARIADAS	TITULAR	SUPLENTE	0,024	5,57	5,02	
		TREINADOR	1,000			
	SUPLENTE	TITULAR	0,024	5,57	5,02	
		TREINADOR	1,000			
	TREINADOR	TITULAR	1,000			
		SUPLENTE	1,000			
COM QUALIDADES DE CHEFIA	TITULAR	SUPLENTE	0,012	5,91	5,25	
		TREINADOR	1,000			
	SUPLENTE	TITULAR	0,012	5,91	5,25	
		TREINADOR	0,060			
	TREINADOR	TITULAR	1,000			
		SUPLENTE	0,060			
COMPREENSIVO	TITULAR	SUPLENTE	0,104			
		TREINADOR	0,229			
	SUPLENTE	TITULAR	0,104		4,61	
		TREINADOR	0,006			5,91

	TREINADOR	TITULAR	0,229			5,91
		SUPLENTE	0,006		4,61	
ESPERTO	TITULAR	SUPLENTE	0,017	5,90	5,35	
		TREINADOR	0,191			
	SUPLENTE	TITULAR	0,017	5,90	5,35	
		TREINADOR	1,000			
	TREINADOR	TITULAR	0,191			
		SUPLENTE	1,000			
EXPERIENTE	TITULAR	SUPLENTE	1,000	5,99		
		TREINADOR	0,001			5,00
	SUPLENTE	TITULAR	1,000		5,82	
		TREINADOR	0,011			5,00
	TREINADOR	TITULAR	0,001	5,99		5,00
		SUPLENTE	0,011		5,82	
HONESTO	TITULAR	SUPLENTE	0,077			
		TREINADOR	0,431			
	SUPLENTE	TITULAR	0,077		5,45	
		TREINADOR	0,013			6,45
	TREINADOR	TITULAR	0,431			6,45
		SUPLENTE	0,013		5,45	
INTELIGENTE	TITULAR	SUPLENTE	0,009	5,95	5,34	
		TREINADOR	1,000			
	SUPLENTE	TITULAR	0,009	5,95	5,34	
		TREINADOR	0,425			
	TREINADOR	TITULAR	1,000			
		SUPLENTE	0,425			
JUSTO	TITULAR	SUPLENTE	0,206			
		TREINADOR	0,051			
	SUPLENTE	TITULAR	0,206		4,67	
		TREINADOR	0,001			6,14
	TREINADOR	TITULAR	0,051			6,14
		SUPLENTE	0,001		4,67	
MOTIVADOR	TITULAR	SUPLENTE	0,851			
		TREINADOR	0,138			
	SUPLENTE	TITULAR	0,851		4,97	
		TREINADOR	0,023			6,09
	TREINADOR	TITULAR	0,138			6,09
		SUPLENTE	0,023		4,97	
SEGURO DE SI	TITULAR	SUPLENTE	0,021	5,99	5,40	
		TREINADOR	1,000			
	SUPLENTE	TITULAR	0,021	5,99	5,40	
		TREINADOR	0,181			
	TREINADOR	TITULAR	1,000			
		SUPLENTE	0,181			
SINCERO	TITULAR	SUPLENTE	0,033	5,78	5,18	
		TREINADOR	0,289			
	SUPLENTE	TITULAR	0,033	5,78	5,18	
		TREINADOR	0,004			6,41
	TREINADOR	TITULAR	0,289			6,41
		SUPLENTE	0,004		5,18	

Comparações múltiplas para os quatro factores do I.I.T.A. para o Estatuto

Quadro 25 - Teste de Bonferroni para os quatro factores do I.I.T.A. para o Estatuto

CARACTERÍSTICAS	ESTATUTO		p	TITULAR	SUPLENTE	TREINADOR
FACTOR 1	TITULAR	SUPLENTE	0,121			
		TREINADOR	0,229			
	SUPLENTE	TITULAR	0,121		5,1559	
		TREINADOR	0,007			6,0114
	TREINADOR	TITULAR	0,229			6,0114
		SUPLENTE	0,007		5,1559	
FACTOR 2	TITULAR	SUPLENTE	0,031	5,4986	5,0520	
		TREINADOR	1,000			
	SUPLENTE	TITULAR	0,031	5,4986	5,0520	
		TREINADOR	0,260			
	TREINADOR	TITULAR	1,000			
		SUPLENTE	0,260			
FACTOR 3	TITULAR	SUPLENTE	0,002	5,5909	5,0028	
		TREINADOR	1,000			
	SUPLENTE	TITULAR	0,002	5,5909	5,0028	
		TREINADOR	0,044			
	TREINADOR	TITULAR	1,000			
		SUPLENTE	0,044			
FACTOR 4	TITULAR	SUPLENTE	0,227			
		TREINADOR	0,141			
	SUPLENTE	TITULAR	0,227			
		TREINADOR	1,000			
	TREINADOR	TITULAR	0,141			
		SUPLENTE	1,000			

Sistema de observação treinador-atleta (S.O.T.A.)

No que se refere ao S.O.T.A. procedemos nos quadros seguintes a uma descrição das várias categorias do sistema de observação e podemos ver a negrito qual o estatuto, o escalão e o resultado que possuem um valor médio superior.

Estatuto

Quadro 26 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Informação”

	INSTRUÇÃO – INFORMAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:28	0:00:52	0:00:00	0:04:18
SUPLENTE	0:00:17	0:00:55	0:00:00	0:04:47

Quadro 27 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Correção”

	INSTRUÇÃO – CORRECÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:02:22	0:02:37	0:00:00	0:11:03
SUPLENTE	0:01:45	0:01:54	0:00:00	0:07:22

Quadro 28 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Avaliação Positiva”

	INSTRUÇÃO – AVALIAÇÃO POSITIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:05	0:00:22	0:00:00	0:02:50
SUPLENTE	0:00:01	0:00:07	0:00:00	0:01:05

Quadro 29 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Avaliação Negativa”

	INSTRUÇÃO – AVALIAÇÃO NEGATIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:00	0:00:02	0:00:00	0:00:14
SUPLENTE	0:00:00	0:00:04	0:00:00	0:00:33

Quadro 30 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Demonstração”

	INSTRUÇÃO – DEMONSTRAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:12	0:00:44	0:00:00	0:03:05
SUPLENTE	0:00:15	0:00:36	0:00:00	0:02:41

Quadro 31 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Instrução – Questionamento”

	INSTRUÇÃO – QUESTIONAMENTO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:00	0:00:02	0:00:00	0:0:23
SUPLENTE	0:00:01	0:00:09	0:00:00	0:01:07

Quadro 32 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Organização - Gestão”

	ORGANIZAÇÃO – GESTÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:05	0:00:18	0:00:00	0:01:25
SUPLENTES	0:00:09	0:00:26	0:00:00	0:02:09

Quadro 33 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Interacção – Afectividade Positiva”

	INTERACÇÃO – AFECTIVIDADE POSITIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:05
SUPLENTES	0:00:02	0:00:11	0:00:00	0:01:18

Quadro 34 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Interacção – Afectividade Negativa”

	INTERACÇÃO – AFECTIVIDADE NEGATIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:00	0:00:01	0:00:00	0:00:07

Quadro 35 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Interacção – Pressão”

	INTERACÇÃO – PRESSÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:11	0:00:30	0:00:00	0:03:11
SUPLENTES	0:00:19	0:02:13	0:00:00	0:21:11

Quadro 36 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Interacção – Conversa”

	INTERACÇÃO – CONVERSA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:01	0:00:08	0:00:00	0:00:50
SUPLENTES	0:00:06	0:00:29	0:00:00	0:02:58

Quadro 37 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para o “Controlo – Observação”

	CONTROLO – OBSERVAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:55	0:02:18	0:00:00	0:11:00
SUPLENTES	0:00:12	0:00:49	0:00:00	0:06:39

Quadro 38- Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para o “Controlo – Atenção Intervenções Verbaís”

	CONTROLO – ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:03	0:00:09	0:00:00	0:00:55
SUPLENTES	0:00:01	0:00:08	0:00:00	0:00:59

Quadro 39 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para a “Actividade Não Motora”

	ACTIVIDADE NÃO MOTORA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:00	0:00:07	0:00:00	0:01:12

Quadro 40 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o estatuto, para “Outros Comportamentos”

	OUTROS COMPORTAMENTOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:00	0:00:01	0:00:00	0:00:07

Escalão

Quadro 41 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Informação”

	INSTRUÇÃO – INFORMAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:02:28	0:03:39	0:00:00	0:12:33
SENIORES	0:03:34	0:05:17	0:00:00	0:20:11

Quadro 42 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Correção”

	INSTRUÇÃO – CORRECÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:03:51	0:03:00	0:00:10	0:14:49
SENIORES	0:03:11	0:03:47	0:00:00	0:23:12

Quadro 43 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Avaliação Positiva”

	INSTRUÇÃO – AVALIAÇÃO POSITIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:00:09	0:00:25	0:00:00	0:02:50
SENIORES	0:00:03	0:00:21	0:00:00	0:03:08

Quadro 44 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Avaliação Negativa”

	INSTRUÇÃO – AVALIAÇÃO NEGATIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:00:01	0:00:04	0:00:00	0:00:17
SENIORES	0:00:00	0:00:04	0:00:00	0:00:33

Quadro 45 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Demonstração”

	INSTRUÇÃO – DEMONSTRAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:01:08	0:01:31	0:00:00	0:10:00
SENIORES	0:00:07	0:00:26	0:00:00	0:04:12

Quadro 46 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Instrução – Questionamento”

	INSTRUÇÃO – QUESTIONAMENTO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:00:06	0:00:30	0:00:00	0:02:58
SENIORES	0:00:02	0:00:13	0:00:00	0:02:18

Quadro 47 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Organização - Gestão”

	ORGANIZAÇÃO – GESTÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:02:20	0:03:20	0:00:00	0:09:38
SENIORES	0:01:27	0:02:16	0:00:00	0:08:12

Quadro 48 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Interacção – Afectividade Positiva”

	INTERACÇÃO – AFECTIVIDADE POSITIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0:00:02	0:00:13	0:00:00	0:02:38

Quadro 49 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Interacção – Afectividade Negativa”

	INTERACÇÃO – AFECTIVIDADE NEGATIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:07

Quadro 50 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Interacção – Pressão”

	INTERACÇÃO – PRESSÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:00:40	0:01:19	0:00:00	0:07:28
SENIORES	0:01:22	0:02:43	0:00:00	0:21:11

Quadro 51 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Interacção – Conversa”

	INTERACÇÃO – CONVERSA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:00:05	0:00:21	0:00:00	0:01:51
SENIORES	0:00:10	0:00:40	0:00:00	0:04:11

Quadro 52 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para o “Controlo - Observação”

	CONTROLO – OBSERVAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:18:15	0:26:11	0:00:00	1:35:55
SENIORES	0:18:45	0:26:21	0:00:00	1:15:58

Quadro 53 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para o “Controlo – Atenção Intervenções Verbaís”

	CONTROLO – ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:00:03	0:00:10	0:00:00	0:00:55
SENIORES	0:00:00	0:00:06	0:00:00	0:00:59

Quadro 54 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Actividade Motora”

	ACTIVIDADE MOTORA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JÚNIORES	0:00:06	0:00:22	0:00:00	0:02:02

Quadro 55 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para a “Actividade Não Motora”

	ACTIVIDADE NÃO MOTORA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:00:25	0:00:50	0:00:00	0:02:13
SENIORES	0:00:08	0:00:34	0:00:00	0:03:55

Quadro 56 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o escalão, para “Outros Comportamentos”

	OUTROS COMPORTAMENTOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:00:11	0:00:44	0:00:00	0:03:04
SENIORES	0:00:02	0:00:16	0:00:00	0:02:17

Resultado

Quadro 57 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Informação”

	INSTRUÇÃO – INFORMAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:03:01	0:04:35	0:00:00	0:17:26
DERROTA	0:03:35	0:05:19	0:00:00	0:20:11

Quadro 58 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Correção”

	INSTRUÇÃO – CORRECÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:02:27	0:02:29	0:00:00	0:11:03
DERROTA	0:04:14	0:04:19	0:00:00	0:23:12

Quadro 59 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Avaliação Positiva”

	INSTRUÇÃO – AVALIAÇÃO POSITIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:04	0:00:19	0:00:00	0:02:58
DERROTA	0:00:05	0:00:25	0:00:00	0:03:08

Quadro 60 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Avaliação Negativa”

	INSTRUÇÃO – AVALIAÇÃO NEGATIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:00	0:00:04	0:00:00	0:00:33
DERROTA	0:00:01	0:00:04	0:00:00	0:00:33

Quadro 61 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Demonstração”

	INSTRUÇÃO – DEMONSTRAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:19	0:00:44	0:00:00	0:04:12
DERROTA	0:00:24	0:01:06	0:00:00	0:10:00

Quadro 62 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Instrução – Questionamento”

	INSTRUÇÃO – QUESTIONAMENTO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:02	0:00:16	0:00:00	0:02:49
DERROTA	0:00:03	0:00:21	0:00:00	0:02:58

Quadro 63 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Organização – Gestão”

	ORGANIZAÇÃO – GESTÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:01:28	0:02:22	0:00:00	0:09:38
DERROTA	0:01:51	0:02:47	0:00:00	0:08:52

Quadro 64 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Interacção – Afectividade Positiva”

	INTERACÇÃO – AFECTIVIDADE POSITIVA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:01	0:00:14	0:00:00	0:02:38
DERROTA	0:00:01	0:00:09	0:00:00	0:01:18

Quadro 65 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Interacção – Pressão”

	INTERACÇÃO – PRESSÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:42	0:01:23	0:00:00	0:09:47
DERROTA	0:01:41	0:03:09	0:00:00	0:21:11

Quadro 66 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Interacção – Conversa”

	INTERACÇÃO – CONVERSA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:10	0:00:39	0:00:00	0:04:11
DERROTA	0:00:08	0:00:33	0:00:00	0:03:27

Quadro 67 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para o “Controlo – Observação”

	CONTROLO – OBSERVAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:18:11	0:25:37	0:00:00	1:12:05
DERROTA	0:19:04	0:27:00	0:00:00	1:35:55

Quadro 68- Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para o “Controlo – Atenção Intervenções Verbaís”

	CONTROLO – ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:01	0:00:07	0:00:00	0:00:59
DERROTA	0:00:01	0:00:07	0:00:00	0:00:57

Quadro 69 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Actividade Motora”

	ACTIVIDADE MOTORA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:01	0:00:11	0:00:00	0:02:02
DERROTA	0:00:01	0:00:11	0:00:00	0:02:02

Quadro 70 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para a “Actividade Não Motora”

	ACTIVIDADE NÃO MOTORA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:12	0:00:37	0:00:00	0:02:53
DERROTA	0:00:13	0:00:41	0:00:00	0:03:55

Quadro 71 - Estatística descritiva do S.O.T.A. para o resultado, para “Outros Comportamentos”

	OUTROS COMPORTAMENTOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:05	0:00:27	0:00:00	0:03:04
DERROTA	0:00:04	0:00:24	0:00:00	0:03:04

S.O.T.A. – Estatística Descritiva da Manova

Quadro 72- “Instrução – Informação” (Manova)

INSTRUÇÃO – INFORMAÇÃO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0:00:30	0:00:47	11
		Seniores	0:00:26	0:00:55	35
		Total	0:00:27	0:00:53	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:07	0:00:13	11
		Seniores	0:00:20	0:00:59	35
		Total	0:00:17	0:00:52	46
	Total	Juniiores	0:02:21	0:03:37	33
		Seniores	0:03:13	0:04:51	105
		Total	0:03:01	0:04:35	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0:00:35	0:01:01	11
		Seniores	0:00:28	0:00:50	35
		Total	0:00:30	0:00:52	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:09	0:00:17	11
		Seniores	0:00:21	0:01:07	35
		Total	0:00:18	0:00:59	46
	Total	Juniiores	0:02:35	0:03:45	33
		Seniores	0:03:54	0:05:41	105
		Total	0:03:35	0:05:19	138
Total	Titulares	Juniiores	0:00:33	0:00:54	22
		Seniores	0:00:27	0:00:52	70
		Total	0:00:28	0:00:52	92
	Suplentes	Juniiores	0:00:08	0:00:15	22
		Seniores	0:00:20	0:01:03	70
		Total	0:00:17	0:00:55	92
	Total	Juniiores	0:02:28	0:03:39	66
		Seniores	0:03:34	0:05:17	210
		Total	0:03:18	0:04:58	276

Quadro 73 - Categoria “Instrução – Correção” (Manova)

INSTRUÇÃO – CORREÇÃO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0:03:43	0:03:05	11
		Seniores	0:01:22	0:02:06	35
		Total	0:01:55	0:02:33	46
	Suplentes	Juniiores	0:01:41	0:00:54	11
		Seniores	0:01:09	0:01:31	35
		Total	0:01:17	0:01:25	46
	Total	Juniiores	0:04:01	0:02:57	33
		Seniores	0:01:58	0:02:06	105
		Total	0:02:27	0:02:29	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0:04:23	0:03:18	11
		Seniores	0:02:18	0:02:13	35
		Total	0:02:48	0:02:38	46
	Suplentes	Juniiores	0:01:59	0:01:14	11
		Seniores	0:02:17	0:02:26	35
		Total	0:02:13	0:02:12	46
	Total	Juniiores	0:03:41	0:03:06	33
		Seniores	0:04:25	0:04:38	105
		Total	0:04:14	0:04:19	138
Total	Titulares	Juniiores	0:04:03	0:03:08	22
		Seniores	0:01:50	0:02:12	70
		Total	0:02:22	0:02:37	92
	Suplentes	Juniiores	0:01:50	0:01:04	22
		Seniores	0:01:43	0:02:06	70
		Total	0:01:45	0:01:54	92
	Total	Juniiores	0:03:51	0:03:00	66
		Seniores	0:03:11	0:03:47	210
		Total	0:03:21	0:03:37	276

Quadro 74 - Categoria “Instrução – Avaliação Positiva” (Manova)

INSTRUÇÃO – AVALIAÇÃO POSITIVA					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0:00:11	0:00:14	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:02	0:00:08	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:02	0:00:04	11
		Seniores	0:00:01	0:00:10	35
		Total	0:00:02	0:00:09	46
	Total	Juniiores	0:00:05	0:00:09	33
		Seniores	0:00:04	0:00:21	105
		Total	0:00:04	0:00:19	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0:00:36	0:00:54	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:18	0:00:30	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:03	0:00:06	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:03	46
	Total	Juniiores	0:00:13	0:00:34	33
		Seniores	0:00:03	0:00:20	105
		Total	0:00:05	0:00:25	138
Total	Titulares	Juniiores	0:00:24	0:00:40	22
		Seniores	0:00:00	0:00:00	70
		Total	0:00:05	0:00:22	92
	Suplentes	Juniiores	0:00:03	0:00:05	22
		Seniores	0:00:01	0:00:07	70
		Total	0:00:01	0:00:07	92
	Total	Juniiores	0:00:09	0:00:25	66
		Seniores	0:00:03	0:00:21	210
		Total	0:00:05	0:00:22	276

Quadro 75 - Categoria “Instrução – Avaliação Negativa” (Manova)

INSTRUÇÃO – AVALIAÇÃO NEGATIVA					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:02	11
		Seniores	0:00:00	0:00:02	35
		Total	0:00:00	0:00:02	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:00	0:00:02	11
		Seniores	0:00:00	0:00:05	35
		Total	0:00:00	0:00:04	46
	Total	Juniiores	0:00:01	0:00:04	33
		Seniores	0:00:00	0:00:04	105
		Total	0:00:00	0:00:04	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:22	11
		Seniores	0:00:00	0:00:02	35
		Total	0:00:00	0:00:02	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:00	0:00:02	11
		Seniores	0:00:00	0:00:05	35
		Total	0:00:00	0:00:05	46
	Total	Juniiores	0:00:01	0:00:04	33
		Seniores	0:00:00	0:00:04	105
		Total	0:00:01	0:00:04	138
Total	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:02	22
		Seniores	0:00:00	0:00:02	70
		Total	0:00:00	0:00:02	92
	Suplentes	Juniiores	0:00:00	0:00:02	22
		Seniores	0:00:00	0:00:05	70
		Total	0:00:00	0:00:04	92
	Total	Juniiores	0:00:01	0:00:04	66
		Seniores	0:00:00	0:00:04	210
		Total	0:00:01	0:00:04	276

Quadro 76 - Categoria “Instrução – Demonstração” (Manova)

INSTRUÇÃO – DEMONSTRAÇÃO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0:00:53	0:01:19	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:12	0:00:43	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:51	0:00:56	11
		Seniores	0:00:02	0:00:09	35
		Total	0:00:14	0:00:34	46
	Total	Juniiores	0:00:59	0:01:02	33
		Seniores	0:00:06	0:00:28	105
		Total	0:00:19	0:00:44	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0:00:54	0:01:22	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:13	0:00:45	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:49	0:00:53	11
		Seniores	0:00:07	0:00:26	35
		Total	0:00:17	0:00:38	46
	Total	Juniiores	0:01:18	0:01:53	33
		Seniores	0:00:07	0:00:25	105
		Total	0:00:24	0:01:06	138
Total	Titulares	Juniiores	0:00:53	0:01:19	22
		Seniores	0:00:00	0:00:00	70
		Total	0:00:12	0:00:44	92
	Suplentes	Juniiores	0:00:50	0:00:53	22
		Seniores	0:00:05	0:00:19	70
		Total	0:00:15	0:00:36	92
	Total	Juniiores	0:01:08	0:01:31	66
		Seniores	0:00:07	0:00:26	210
		Total	0:00:22	0:00:56	276

Quadro 77 - Categoria “Instrução – Questionamento” (Manova)

INSTRUÇÃO – QUESTIONAMENTO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:01	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:01	0:00:04	11
		Seniores	0:00:01	0:00:09	35
		Total	0:00:01	0:00:08	46
	Total	Juniiores	0:00:05	0:00:29	33
		Seniores	0:00:01	0:00:09	105
		Total	0:00:02	0:00:16	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0:00:02	0:00:06	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:03	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:01	0:00:04	11
		Seniores	0:00:01	0:00:11	35
		Total	0:00:01	0:00:10	46
	Total	Juniiores	0:00:06	0:00:31	33
		Seniores	0:00:02	0:00:16	105
		Total	0:00:03	0:00:21	138
Total	Titulares	Juniiores	0:00:01	0:00:04	22
		Seniores	0:00:00	0:00:00	70
		Total	0:00:00	0:00:02	92
	Suplentes	Juniiores	0:00:01	0:00:04	22
		Seniores	0:00:01	0:00:10	70
		Total	0:00:01	0:00:09	92
	Total	Juniiores	0:00:06	0:00:30	66
		Seniores	0:00:22	0:00:13	210
		Total	0:00:03	0:00:18	276

Quadro 78 - Categoria “Organização – Gestão” (Manova)

ORGANIZAÇÃO – GESTÃO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:07	0:00:22	35
		Total	0:00:06	0:00:19	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:07	0:00:13	11
		Seniores	0:00:09	0:00:29	35
		Total	0:00:08	0:00:26	46
	Total	Juniiores	0:02:16	0:03:21	33
		Seniores	0:01:13	0:01:54	105
		Total	0:01:28	0:02:22	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:07	0:00:20	35
		Total	0:00:05	0:00:17	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:10	0:00:22	11
		Seniores	0:00:08	0:00:28	35
		Total	0:00:09	0:00:26	46
	Total	Juniiores	0:02:23	0:03:23	33
		Seniores	0:01:41	0:02:34	105
		Total	0:01:51	0:02:47	138
Total	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:07	0:00:21	70
		Total	0:00:05	0:00:18	92
	Suplentes	Juniiores	0:00:18	0:00:18	22
		Seniores	0:00:09	0:00:28	70
		Total	0:00:09	0:00:26	92
	Total	Juniiores	0:02:20	0:03:20	66
		Seniores	0:01:27	0:02:16	210
		Total	0:01:40	0:02:35	276

Quadro 79 - Categoria “Interacção – Afectividade Positiva” (Manova)

INTERACÇÃO – AFECTIVIDADE POSITIVA					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:01	0:00:07	35
		Total	0:00:01	0:00:06	46
	Total	Juniões	0:00:00	0:00:00	33
		Seniores	0:00:02	0:00:16	105
		Total	0:00:01	0:00:14	138
Derrota	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:03	0:00:16	35
		Total	0:00:03	0:00:14	46
	Total	Juniões	0:00:00	0:00:00	33
		Seniores	0:00:01	0:00:10	105
		Total	0:00:01	0:00:09	138
Total	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:00	0:00:00	70
		Total	0:00:00	0:00:00	92
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:02	0:00:12	70
		Total	0:00:02	0:00:11	92
	Total	Juniões	0:00:00	0:00:00	66
		Seniores	0:00:02	0:00:13	210
		Total	0:00:01	0:00:11	276

Quadro 80 - Categoria “Interacção – Pressão” (Manova)

INTERACÇÃO – PRESSÃO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniões	0:00:02	0:00:05	11
		Seniores	0:00:08	0:00:18	35
		Total	0:00:06	0:00:16	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:02	11
		Seniores	0:00:04	0:00:12	35
		Total	0:00:03	0:00:10	46
	Total	Juniões	0:00:32	0:01:01	33
		Seniores	0:00:45	0:01:29	105
		Total	0:00:42	0:01:23	138
Derrota	Titulares	Juniões	0:00:03	0:00:08	11
		Seniores	0:00:19	0:00:45	35
		Total	0:00:15	0:00:39	46
	Suplentes	Juniões	0:00:02	0:00:08	11
		Seniores	0:00:45	0:03:35	35
		Total	0:00:35	0:03:08	46
	Total	Juniões	0:00:48	0:01:35	33
		Seniores	0:01:58	0:03:28	105
		Total	0:01:41	0:03:09	138
Total	Titulares	Juniões	0:00:03	0:00:07	22
		Seniores	0:00:14	0:00:34	70
		Total	0:00:11	0:00:30	92
	Suplentes	Juniões	0:00:01	0:00:06	22
		Seniores	0:00:25	0:02:32	70
		Total	0:00:19	0:02:13	92
	Total	Juniões	0:00:40	0:01:19	66
		Seniores	0:01:22	0:02:43	210
		Total	0:01:12	0:02:29	276

Quadro 81 - Categoria “Interacção – Conversa” (Manova)

INTERACÇÃO – CONVERSA					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:02	0:00:09	35
		Total	0:00:01	0:00:08	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:05	0:00:22	35
		Total	0:00:04	0:00:19	46
	Total	Juniiores	0:00:05	0:00:21	33
		Seniores	0:00:11	0:00:43	105
		Total	0:00:10	0:00:39	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:02	0:00:10	35
		Total	0:00:01	0:00:09	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:10	0:00:41	35
		Total	0:00:07	0:00:36	46
	Total	Juniiores	0:00:05	0:00:21	33
		Seniores	0:00:09	0:00:36	105
		Total	0:00:08	0:00:33	138
Total	Titulares	Juniiores	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:02	0:00:10	70
		Total	0:00:01	0:00:08	92
	Suplentes	Juniiores	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:07	0:00:33	70
		Total	0:00:06	0:00:29	92
	Total	Juniiores	0:00:05	0:00:21	66
		Seniores	0:00:10	0:00:40	210
		Total	0:00:09	0:00:36	276

Quadro 82 - Categoria “Controlo – Observação” (Manova)

CONTROLO – OBSERVAÇÃO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0:01:14	0:02:23	11
		Seniores	0:00:45	0:02:03	35
		Total	0:00:52	0:02:07	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:14	0:00:28	11
		Seniores	0:00:15	0:01:07	35
		Total	0:00:14	0:01:00	46
	Total	Juniiores	0:17:01	0:24:22	33
		Seniores	0:18:33	0:26:05	105
		Total	0:18:11	0:25:37	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0:01:32	0:03:21	11
		Seniores	0:00:49	0:02:11	35
		Total	0:00:59	0:02:29	46
	Suplentes	Juniiores	0:00:24	0:01:06	11
		Seniores	0:00:05	0:00:16	35
		Total	0:00:09	0:00:35	46
	Total	Juniiores	0:19:28	0:28:13	33
		Seniores	0:18:56	0:26:45	105
		Total	0:19:04	0:27:00	138
Total	Titulares	Juniiores	0:01:23	0:02:50	22
		Seniores	0:00:47	0:02:06	70
		Total	0:00:55	0:02:18	92
	Suplentes	Juniiores	0:00:19	0:00:50	22
		Seniores	0:00:10	0:00:49	70
		Total	0:00:12	0:00:49	92
	Total	Juniiores	0:18:15	0:26:11	66
		Seniores	0:18:45	0:26:21	210
		Total	0:18:37	0:26:16	276

Quadro 83 - Categoria “Controlo – Atenção Intervenções Verbais” (Manova)

CONTROLO – ATENÇÃO INTERVENÇÕES VERBAIS					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniões	0:00:08	0:00:15	11
		Seniores	0:00:01	0:00:04	35
		Total	0:00:02	0:00:08	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:01	0:00:09	35
		Total	0:00:01	0:00:08	46
	Total	Juniões	0:00:02	0:00:09	33
		Seniores	0:00:00	0:00:06	105
		Total	0:00:01	0:00:07	138
Derrota	Titulares	Juniões	0:00:10	0:00:19	11
		Seniores	0:00:01	0:00:04	35
		Total	0:00:03	0:00:10	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:01	0:00:09	35
		Total	0:00:01	0:00:08	46
	Total	Juniões	0:00:03	0:00:11	33
		Seniores	0:00:00	0:00:06	105
		Total	0:00:01	0:00:07	138
Total	Titulares	Juniões	0:00:09	0:00:17	22
		Seniores	0:00:01	0:00:04	70
		Total	0:00:03	0:00:09	92
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:01	0:00:09	70
		Total	0:00:01	0:00:08	92
	Total	Juniões	0:00:03	0:00:10	66
		Seniores	0:00:00	0:00:06	210
		Total	0:00:01	0:00:07	276

Quadro 84 - Categoria “Actividade Motora” (Manova)

ACTIVIDADE MOTORA					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Total	Juniões	0:00:06	0:00:22	33
		Seniores	0:00:00	0:00:00	105
		Total	0:00:01	0:00:11	138
Derrota	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Total	Juniões	0:00:06	0:00:23	33
		Seniores	0:00:00	0:00:00	105
		Total	0:00:01	0:00:11	138
Total	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:00	0:00:00	70
		Total	0:00:00	0:00:00	92
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:00	0:00:00	70
		Total	0:00:00	0:00:00	92
	Total	Juniões	0:00:06	0:00:22	66
		Seniores	0:00:00	0:00:00	210
		Total	0:00:01	0:00:11	276

Quadro 85 - Categoria “Atividade Não Motora” (Manova)

ATIVIDADE NÃO MOTORA					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniões	0:00:06	0:00:21	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:01	0:00:10	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Total	Juniões	0:00:25	0:00:50	33
		Seniores	0:00:08	0:00:31	105
		Total	0:00:12	0:00:37	138
Derrota	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Total	Juniões	0:00:25	0:00:50	33
		Seniores	0:00:09	0:00:38	105
		Total	0:00:13	0:00:41	138
Total	Titulares	Juniões	0:00:03	0:00:15	22
		Seniores	0:00:00	0:00:00	70
		Total	0:00:00	0:00:07	92
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:00	0:00:00	70
		Total	0:00:00	0:00:00	92
	Total	Juniões	0:00:25	0:00:50	66
		Seniores	0:00:08	0:00:34	210
		Total	0:00:12	0:00:39	276

Quadro 86 - Categoria “Outros Comportamentos” (Manova)

OUTROS COMPORTAMENTOS					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:01	35
		Total	0:00:00	0:00:01	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Total	Juniões	0:00:11	0:00:44	33
		Seniores	0:00:03	0:00:19	105
		Total	0:00:05	0:00:27	138
Derrota	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:01	35
		Total	0:00:00	0:00:01	46
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	11
		Seniores	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	46
	Total	Juniões	0:00:11	0:00:44	33
		Seniores	0:00:01	0:00:12	105
		Total	0:00:04	0:00:24	138
Total	Titulares	Juniões	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:00	0:00:01	70
		Total	0:00:00	0:00:01	92
	Suplentes	Juniões	0:00:00	0:00:00	22
		Seniores	0:00:00	0:00:00	70
		Total	0:00:00	0:00:00	92
	Total	Juniões	0:00:11	0:00:44	66
		Seniores	0:00:02	0:00:16	210
		Total	0:00:04	0:00:26	276

Sistema de observação treinador-atleta (S.O.T.A.- OBEL)

No que se refere ao S.O.T.A. – OBEL procedemos nos quadros seguintes a uma descrição das várias categorias do sistema de observação e podemos ver a negrito qual o estatuto, o escalão e o resultado que possuem um valor médio superior.

Estatuto

Quadro 87 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo”

	ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:01	0:00:07	0:00:00	0:00:56
SUPLENTE	0:00:05	0:00:25	0:00:00	0:02:11

Quadro 88 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Adequado”

	ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:33:38	0:04:56	0:22:30	0:43:55
SUPLENTE	0:32:56	0:05:43	0:20:24	0:42:50

Quadro 89 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Inadequado”

	ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:07	0:00:26	0:00:00	0:01:41
SUPLENTE	0:00:07	0:00:25	0:00:00	0:01:41

Quadro 90 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Adequado”

	ACTIVIDADE MOTORA – PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:33:43	0:04:55	0:22:30	0:43:35
SUPLENTE	0:32:39	0:06:33	0:09:34	0:42:50

Quadro 91 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Inadequado”

	ACTIVIDADE MOTORA – PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:05	0:00:22	0:00:00	0:01:42
SUPLENTE	0:00:09	0:00:27	0:00:00	0:01:57

Quadro 92 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Inactividade de Pausa”

	ACTIVIDADE MOTORA – INACTIVIDADE PAUSA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:43	0:00:59	0:00:00	0:03:50
SUPLENTEs	0:00:40	0:00:55	0:00:00	0:03:50

Quadro 93 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Actividade Motora – Inactividade Espera”

	ACTIVIDADE MOTORA – INACTIVIDADE ESPERA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:01:26	0:01:57	0:00:00	0:05:48
SUPLENTEs	0:02:43	0:04:01	0:00:00	0:16:39

Quadro 94 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Instrução – Atenção à Informação”

	INSTRUÇÃO – ATENÇÃO À INFORMAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:08:34	0:04:34	0:02:31	0:20:57
SUPLENTEs	0:08:13	0:04:27	0:00:00	0:20:57

Quadro 95 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Instrução – Demonstração”

	INSTRUÇÃO – DEMONSTRAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:04	0:00:20	0:00:00	0:01:49
SUPLENTEs	0:00:09	0:00:53	0:00:00	0:05:00

Quadro 96 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Organização – Manipulação”

	ORGANIZAÇÃO – MANIPULAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:02	0:00:11	0:00:00	0:01:03

Quadro 97 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Organização – Deslocamento”

	ORGANIZAÇÃO – DESLOCAMENTO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:16	0:00:32	0:00:00	0:02:42
SUPLENTEs	0:00:15	0:00:32	0:00:00	0:02:42

Quadro 98 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Interacção – Treinador”

INTERACÇÃO – TREINADOR				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:01	0:00:07	0:00:00	0:01:00
SUPLENTE	0:00:01	0:00:06	0:00:00	0:00:45

Quadro 99 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Interacção – Atletas”

INTERACÇÃO – ATLETAS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:02	0:00:08	0:00:00	0:00:56

Quadro 100 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Interacção – Conversas”

INTERACÇÃO – CONVERSAS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:13	0:01:18	0:00:00	0:12:18
SUPLENTE	0:00:07	0:01:15	0:00:00	0:12:00

Quadro 101- Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o estatuto, para “Disciplina – Comportamentos Inapropriados”

DISCIPLINA – COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0:00:03	0:00:12	0:00:00	0:01:21
SUPLENTE	0:00:01	0:00:09	0:00:00	0:00:51

Escalão

Quadro 102 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo”

ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0:00:04	0:00:21	0:00:00	0:02:11

Quadro 103 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Adequado”

ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:34:03	0:06:13	0:20:24	0:42:50
SENIORES	0:33:02	0:05:02	0:21:59	0:43:35

Quadro 104 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Atividade Motora – Esforço/Empenho Inadequado”

ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:00:13	0:00:31	0:00:00	0:01:39
SENIORES	0:00:05	0:00:23	0:00:00	0:01:41

Quadro 105 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Atividade Motora – Participação/Eficácia Adequado”

ACTIVIDADE MOTORA – PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:34:03	0:06:13	0:20:24	0:42:50
SENIORES	0:32:54	0:05:39	0:09:34	0:43:35

Quadro 106 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Atividade Motora – Participação/Eficácia Inadequado”

ACTIVIDADE MOTORA – PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:01:16	0:00:35	0:00:00	0:01:57
SENIORES	0:00:04	0:00:19	0:00:00	0:01:41

Quadro 107 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Atividade Motora – Inatividade Pausa”

ACTIVIDADE MOTORA – INATIVIDADE PAUSA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:01:31	0:00:57	0:00:00	0:03:50
SENIORES	0:00:26	0:00:47	0:00:00	0:02:57

Quadro 108 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Atividade Motora – Inatividade Espera”

ACTIVIDADE MOTORA – INATIVIDADE ESPERA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:02:31	0:04:02	0:00:00	0:15:00
SENIORES	0:01:57	0:02:55	0:00:00	0:16:39

Quadro 109 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Instrução – Atenção à Informação”

INSTRUÇÃO – ATENÇÃO À INFORMAÇÃO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:08:22	0:03:49	0:02:31	0:19:56
SENIORES	0:08:24	0:04:42	0:00:00	0:20:57

Quadro 110 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Instrução – Demonstração”

INSTRUÇÃO – DEMONSTRAÇÃO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0:00:09	0:00:46	0:00:00	0:05:00

Quadro 111 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Organização – Manipulação Material”

ORGANIZAÇÃO – MANIPULAÇÃO MATERIAL				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0:00:01	0:00:09	0:00:00	0:01:03

Quadro 112 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Organização – Deslocamento”

ORGANIZAÇÃO – DESLOCAMENTO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:00:26	0:00:48	0:00:00	0:02:42
SENIORES	0:00:12	0:00:24	0:00:00	0:01:53

Quadro 113 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Interacção Treinador”

INTERACÇÃO TREINADOR				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0:00:01	0:00:08	0:00:00	0:01:00

Quadro 114 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Interacção Atletas”

INTERACÇÃO ATLETAS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0:00:01	0:00:06	0:00:00	0:00:56

Quadro 115 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Interacção Conversas”

INTERACÇÃO CONVERSAS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0:00:07	0:00:32	0:00:00	0:02:56
SENIORES	0:00:11	0:01:25	0:00:00	0:12:00

Quadro 116 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o escalão, para “Disciplina – Comportamentos Inapropriados”

DISCIPLINA – COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0:00:03	0:00:12	0:00:00	0:01:21

Resultado

Quadro 117 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo”

ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:03	0:00:18	0:00:00	0:02:11
DERROTA	0:00:03	0:00:19	0:00:00	0:02:07

Quadro 118 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo”

ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:32:49	0:05:12	0:20:24	0:42:31
DERROTA	0:33:45	0:05:27	0:20:54	0:43:35

Quadro 119 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Esforço/Empenho Inadequado”

ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:07	0:00:25	0:00:00	0:01:41
DERROTA	0:00:08	0:00:26	0:00:00	0:01:41

Quadro 120 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Adequado”

ACTIVIDADE MOTORA – PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:32:44	0:05:40	0:09:34	0:42:31
DERROTA	0:33:38	0:05:55	0:09:34	0:43:35

Quadro 121 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Participação/Eficácia Inadequado”

ACTIVIDADE MOTORA – PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:07	0:00:24	0:00:00	0:01:41
DERROTA	0:00:07	0:00:24	0:00:00	0:01:57

Quadro 122 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Inatividade Pausa”

ACTIVIDADE MOTORA – INATIVIDADE PAUSA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:40	0:00:51	0:00:00	0:03:01
DERROTA	0:00:44	0:01:02	0:00:00	0:03:50

Quadro 123 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Actividade Motora – Inactividade Espera”

ACTIVIDADE MOTORA – INACTIVIDADE ESPERA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:02:05	0:03:16	0:00:00	0:16:39
DERROTA	0:02:05	0:03:10	0:00:00	0:16:39

Quadro 124 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Instrução – Atenção à Informação”

INSTRUÇÃO – ATENÇÃO À INFORMAÇÃO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:07:44	0:04:24	0:00:00	0:20:57
DERROTA	0:09:03	0:04:32	0:03:21	0:20:57

Quadro 125 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Instrução – Demonstração”

INSTRUÇÃO – DEMONSTRAÇÃO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:09	0:00:46	0:00:00	0:05:00
DERROTA	0:00:05	0:00:33	0:00:00	0:05:00

Quadro 126 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Organização – Manipulação do Material”

ORGANIZAÇÃO – MANIPULAÇÃO DO MATERIAL				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:01	0:00:07	0:00:00	0:01:03
DERROTA	0:00:01	0:00:08	0:00:00	0:01:03

Quadro 127 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Organização – Deslocamento

ORGANIZAÇÃO – DESLOCAMENTO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:14	0:00:27	0:00:00	0:01:55
DERROTA	0:00:18	0:00:36	0:00:00	0:02:42

Quadro 128 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Interacção Treinador”

INTERACÇÃO TREINADOR				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:01	0:00:07	0:00:00	0:00:45
DERROTA	0:00:01	0:00:06	0:00:00	0:01:00

Quadro 129 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Interacção Atletas”

INTERACÇÃO ATLETAS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:01	0:00:06	0:00:00	0:00:56
DERROTA	0:00:00	0:00:04	0:00:00	0:00:28

Quadro 130 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Interacção Conversas”

INTERACÇÃO CONVERSAS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:18	0:01:46	0:00:00	0:12:00
DERROTA	0:00:02	0:00:14	0:00:00	0:01:58

Quadro 131 - Estatística descritiva do S.O.T.A. – OBEL para o resultado, para “Disciplina – Comportamentos Inapropriados”

DISCIPLINA – COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0:00:02	0:00:10	0:00:00	0:00:59
DERROTA	0:00:02	0:00:10	0:00:00	0:01:21

S.O.T.A. – OBEL – Estatística descritiva da Manova

Quadro 132 - Categoria “Actividade Motora – Esforço/Empenho Máximo” (Manova)

ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO MÁXIMO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniiores	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:01	0:00:06	35
		Derrota	0:00:02	0:00:10	35
		Total	0:00:01	0:00:08	70
	Total	Vitória	0:00:01	0:00:05	46
		Derrota	0:00:01	0:00:09	46
		Total	0:00:01	0:00:07	92
Suplentes	Juniiores	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:07	0:00:29	35
		Derrota	0:00:07	0:00:28	35
		Total	0:00:07	0:00:28	70
	Total	Vitória	0:00:05	0:00:25	46
		Derrota	0:00:05	0:00:25	46
		Total	0:00:05	0:00:25	92
Total	Juniiores	Vitória	0:00:00	0:00:00	22
		Derrota	0:00:00	0:00:00	22
		Total	0:00:00	0:00:00	44
	Seniores	Vitória	0:00:04	0:00:21	70
		Derrota	0:00:04	0:00:21	70
		Total	0:00:04	0:00:21	140
	Total	Vitória	0:00:03	0:00:18	92
		Derrota	0:00:03	0:00:19	92
		Total	0:00:03	0:00:18	184

Quadro 133 - Categoria “Actividade Motora – Esforço/Empenho Adequado” (Manova)

ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO ADEQUADO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniiores	Vitória	0:34:38	0:04:57	11
		Derrota	0:35:42	0:05:03	11
		Total	0:35:10	0:04:54	22
	Seniores	Vitória	0:32:40	0:04:48	35
		Derrota	0:33:37	0:05:00	35
		Total	0:33:08	0:04:53	70
	Total	Vitória	0:33:08	0:04:51	46
		Derrota	0:34:07	0:05:02	46
		Total	0:33:38	0:04:56	92
Suplentes	Juniiores	Vitória	0:32:19	0:07:06	11
		Derrota	0:33:33	0:07:39	11
		Total	0:32:56	0:07:14	22
	Seniores	Vitória	0:32:34	0:05:07	35
		Derrota	0:33:19	0:05:21	35
		Total	0:32:57	0:05:12	70
	Total	Vitória	0:32:30	0:05:34	46
		Derrota	0:33:23	0:05:53	46
		Total	0:32:56	0:05:43	92
Total	Juniiores	Vitória	0:33:29	0:06:06	22
		Derrota	0:34:37	0:06:25	22
		Total	0:34:03	0:06:13	44
	Seniores	Vitória	0:32:37	0:04:55	70
		Derrota	0:33:28	0:05:08	70
		Total	0:33:02	0:05:02	140
	Total	Vitória	0:32:49	0:05:12	92
		Derrota	0:33:45	0:05:27	92
		Total	0:33:17	0:05:20	184

Quadro 134 - Categoria “Actividade Motora – Esforço/Empenho Inadequado” (Manova)

ACTIVIDADE MOTORA – ESFORÇO/EMPENHO INADEQUADO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniiores	Vitória	0:00:08	0:00:27	11
		Derrota	0:00:17	0:00:38	11
		Total	0:00:12	0:00:32	22
	Seniores	Vitória	0:00:05	0:00:23	35
		Derrota	0:00:05	0:00:23	35
		Total	0:00:05	0:00:23	70
	Total	Vitória	0:00:06	0:00:24	46
		Derrota	0:00:08	0:00:27	46
		Total	0:00:07	0:00:26	92
Suplentes	Juniiores	Vitória	0:00:14	0:00:32	11
		Derrota	0:00:14	0:00:32	11
		Total	0:00:14	0:00:31	22
	Seniores	Vitória	0:00:05	0:00:23	35
		Derrota	0:00:05	0:00:23	35
		Total	0:00:05	0:00:23	70
	Total	Vitória	0:00:07	0:00:25	46
		Derrota	0:00:07	0:00:25	46
		Total	0:00:07	0:00:25	92
Total	Juniiores	Vitória	0:00:11	0:00:29	22
		Derrota	0:00:15	0:00:34	22
		Total	0:00:13	0:00:31	44
	Seniores	Vitória	0:00:05	0:00:23	70
		Derrota	0:00:05	0:00:23	70
		Total	0:00:05	0:00:23	140
	Total	Vitória	0:00:07	0:00:25	92
		Derrota	0:00:08	0:00:26	92
		Total	0:00:07	0:00:25	184

Quadro 135 - Categoria “Atividade Motora – Participação/Eficácia Adequado” (Manova)

ATIVIDADE MOTORA – PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA ADEQUADO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:34:38	0:04:57	11
		Derrota	0:35:42	0:05:03	11
		Total	0:35:10	0:04:54	22
	Seniores	Vitória	0:32:49	0:04:46	35
		Derrota	0:33:42	0:04:58	35
		Total	0:33:16	0:04:51	70
	Total	Vitória	0:33:15	0:04:49	46
		Derrota	0:34:11	0:05:00	46
		Total	0:33:43	0:04:55	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:32:19	0:07:06	11
		Derrota	0:33:33	0:07:39	11
		Total	0:32:56	0:07:14	22
	Seniores	Vitória	0:32:10	0:06:17	35
		Derrota	0:32:57	0:06:32	35
		Total	0:32:33	0:06:22	70
	Total	Vitória	0:32:12	0:06:25	46
		Derrota	0:33:05	0:06:44	46
		Total	0:32:39	0:06:33	92
Total	Juniore	Vitória	0:33:29	0:06:06	22
		Derrota	0:34:37	0:06:25	22
		Total	0:34:03	0:06:13	44
	Seniores	Vitória	0:32:30	0:05:33	70
		Derrota	0:33:19	0:05:46	70
		Total	0:32:54	0:05:39	140
	Total	Vitória	0:32:44	0:05:40	92
		Derrota	0:33:38	0:05:55	92
		Total	0:33:11	0:05:48	184

Quadro 136 - Categoria “Atividade Motora – Participação/Eficácia Inadequado” (Manova)

ATIVIDADE MOTORA – PARTICIPAÇÃO/EFICÁCIA INADEQUADO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:00:08	0:00:27	11
		Derrota	0:00:09	0:00:380	11
		Total	0:00:08	0:00:28	22
	Seniores	Vitória	0:00:05	0:00:21	35
		Derrota	0:00:04	0:00:17	35
		Total	0:00:05	0:00:19	70
	Total	Vitória	0:00:06	0:00:22	46
		Derrota	0:00:05	0:00:21	46
		Total	0:00:05	0:00:22	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:00:21	0:00:37	11
		Derrota	0:00:25	0:00:44	11
		Total	0:00:23	0:00:40	22
	Seniores	Vitória	0:00:05	0:00:21	35
		Derrota	0:00:03	0:00:17	35
		Total	0:00:04	0:00:19	70
	Total	Vitória	0:00:09	0:00:26	46
		Derrota	0:00:09	0:00:27	46
		Total	0:00:09	0:00:27	92
Total	Juniore	Vitória	0:00:14	0:00:33	22
		Derrota	0:00:17	0:00:38	22
		Total	0:00:16	0:00:35	44
	Seniores	Vitória	0:00:05	0:00:21	70
		Derrota	0:00:04	0:00:17	70
		Total	0:00:04	0:00:19	140
	Total	Vitória	0:00:07	0:00:24	92
		Derrota	0:00:07	0:00:24	92
		Total	0:00:07	0:00:24	184

Quadro 137 - Categoria “Actividade Motora – Inactividade Pausa” (Manova)

ACTIVIDADE MOTORA – INACTIVIDADE PAUSA					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:01:32	0:00:53	11
		Derrota	0:01:42	0:00:53	11
		Total	0:01:37	0:01:01	22
	Seniores	Vitória	0:00:25	0:00:44	35
		Derrota	0:00:27	0:00:51	35
		Total	0:00:26	0:00:47	70
	Total	Vitória	0:00:41	0:00:54	46
		Derrota	0:00:45	0:01:04	46
		Total	0:00:43	0:00:59	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:01:20	0:00:44	11
		Derrota	0:01:32	0:01:04	11
		Total	0:01:26	0:00:54	22
	Seniores	Vitória	0:00:25	0:00:44	35
		Derrota	0:00:27	0:00:51	35
		Total	0:00:26	0:00:47	70
	Total	Vitória	0:00:38	0:00:49	46
		Derrota	0:00:43	0:01:00	46
		Total	0:00:40	0:00:55	92
Total	Juniore	Vitória	0:01:26	0:00:48	22
		Derrota	0:01:37	0:01:05	22
		Total	0:01:31	0:00:57	44
	Seniores	Vitória	0:00:25	0:00:43	70
		Derrota	0:00:27	0:00:50	70
		Total	0:00:26	0:00:47	140
	Total	Vitória	0:00:40	0:00:51	92
		Derrota	0:00:44	0:01:02	92
		Total	0:00:42	0:00:57	184

Quadro 138 - Categoria “Actividade Motora – Inactividade Espera” (Manova)

ACTIVIDADE MOTORA – INACTIVIDADE ESPERA					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:01:19	0:01:45	11
		Derrota	0:01:17	0:01:40	11
		Total	0:01:18	0:01:40	22
	Seniores	Vitória	0:01:27	0:02:02	35
		Derrota	0:01:31	0:02:06	35
		Total	0:01:29	0:02:03	70
	Total	Vitória	0:01:25	0:01:57	46
		Derrota	0:01:28	0:01:59	46
		Total	0:01:26	0:01:57	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:03:48	0:05:34	11
		Derrota	0:03:39	0:05:09	11
		Total	0:03:43	0:05:14	22
	Seniores	Vitória	0:02:25	0:03:36	35
		Derrota	0:02:24	0:03:31	35
		Total	0:02:25	0:03:32	70
	Total	Vitória	0:02:45	0:04:07	46
		Derrota	0:02:42	0:03:57	46
		Total	0:02:43	0:04:01	92
Total	Juniore	Vitória	0:02:34	0:04:13	22
		Derrota	0:02:28	0:03:56	22
		Total	0:02:31	0:04:02	44
	Seniores	Vitória	0:01:56	0:02:56	70
		Derrota	0:01:58	0:02:55	70
		Total	0:01:57	0:02:55	140
	Total	Vitória	0:02:05	0:03:16	92
		Derrota	0:02:05	0:03:10	92
		Total	0:02:05	0:03:13	184

Quadro 139 - Categoria “Instrução – Atenção à Informação” (Manova)

INSTRUÇÃO – ATENÇÃO À INFORMAÇÃO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:07:46	0:03:35	11
		Derrota	0:10:09	0:04:44	11
		Total	0:08:57	0:04:17	22
	Seniores	Vitória	0:07:59	0:04:41	35
		Derrota	0:08:55	0:04:42	35
		Total	0:08:27	0:04:41	70
	Total	Vitória	0:07:56	0:04:24	46
		Derrota	0:09:13	0:04:41	46
		Total	0:08:34	0:04:34	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:06:44	0:02:46	11
		Derrota	0:08:51	0:03:33	11
		Total	0:07:47	0:03:18	22
	Seniores	Vitória	0:07:47	0:04:51	35
		Derrota	0:08:55	0:04:41	35
		Total	0:08:21	0:04:46	70
	Total	Vitória	0:07:32	0:04:26	46
		Derrota	0:08:54	0:04:24	46
		Total	0:08:13	0:04:27	92
Total	Juniore	Vitória	0:07:15	0:03:10	22
		Derrota	0:09:30	0:04:08	22
		Total	0:08:22	0:03:49	44
	Seniores	Vitória	0:07:53	0:04:44	70
		Derrota	0:08:55	0:04:40	70
		Total	0:08:24	0:04:42	140
	Total	Vitória	0:07:44	0:04:24	92
		Derrota	0:09:03	0:04:32	92
		Total	0:08:24	0:04:30	184

Quadro 140 - Categoria “Instrução – Demonstração” (Manova)

INSTRUÇÃO – DEMONSTRAÇÃO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:07	0:00:26	35
		Derrota	0:00:04	0:00:18	35
		Total	0:00:06	0:00:22	70
	Total	Vitória	0:00:05	0:00:23	46
		Derrota	0:00:03	0:00:16	46
		Total	0:00:04	0:00:20	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:17	0:01:10	35
		Derrota	0:00:08	0:00:50	35
		Total	0:00:12	0:01:01	70
	Total	Vitória	0:00:13	0:01:01	46
		Derrota	0:00:06	0:00:44	46
		Total	0:00:09	0:00:53	92
Total	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	22
		Derrota	0:00:00	0:00:00	22
		Total	0:00:00	0:00:00	44
	Seniores	Vitória	0:00:12	0:00:53	70
		Derrota	0:00:06	0:00:38	70
		Total	0:00:09	0:00:46	140
	Total	Vitória	0:00:09	0:00:46	92
		Derrota	0:00:05	0:00:33	92
		Total	0:00:07	0:00:40	184

Quadro 141 - Categoria “Organização – Manipulação do Material” (Manova)

ORGANIZAÇÃO – MANIPULAÇÃO MATERIAL					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:03	0:00:12	35
		Derrota	0:00:03	0:00:13	35
		Total	0:00:03	0:00:12	70
	Total	Vitória	0:00:02	0:00:10	46
		Derrota	0:00:02	0:00:11	46
		Total	0:00:02	0:00:11	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:00	0:00:00	35
		Derrota	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	70
	Total	Vitória	0:00:00	0:00:00	46
		Derrota	0:00:00	0:00:00	46
		Total	0:00:00	0:00:00	92
Total	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	22
		Derrota	0:00:00	0:00:00	22
		Total	0:00:00	0:00:00	44
	Seniores	Vitória	0:00:01	0:00:08	70
		Derrota	0:00:01	0:00:09	70
		Total	0:00:01	0:00:09	140
	Total	Vitória	0:00:01	0:00:07	92
		Derrota	0:00:01	0:00:08	92
		Total	0:00:01	0:00:07	184

Quadro 142 - Categoria “Organização – Deslocamento” (Manova)

ORGANIZAÇÃO – DESLOCAMENTO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:00:17	0:00:33	11
		Derrota	0:00:36	0:01:01	11
		Total	0:00:26	0:00:49	22
	Seniores	Vitória	0:00:14	0:00:26	35
		Derrota	0:00:12	0:00:22	35
		Total	0:00:13	0:00:24	70
	Total	Vitória	0:00:15	0:00:28	46
		Derrota	0:00:18	0:00:36	46
		Total	0:00:16	0:00:32	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:00:17	0:00:33	11
		Derrota	0:00:36	0:01:01	11
		Total	0:00:26	0:00:49	22
	Seniores	Vitória	0:00:12	0:00:26	35
		Derrota	0:00:12	0:00:23	35
		Total	0:00:12	0:00:24	70
	Total	Vitória	0:00:13	0:00:27	46
		Derrota	0:00:18	0:00:36	46
		Total	0:00:15	0:00:32	92
Total	Juniore	Vitória	0:00:17	0:00:32	22
		Derrota	0:00:36	0:00:59	22
		Total	0:00:26	0:00:48	44
	Seniores	Vitória	0:00:13	0:00:26	70
		Derrota	0:00:12	0:00:22	70
		Total	0:00:12	0:00:24	140
	Total	Vitória	0:00:14	0:00:27	92
		Derrota	0:00:18	0:00:36	92
		Total	0:00:16	0:00:32	184

Quadro 143 - Categoria “Interacção – Treinador” (Manova)

INTERACÇÃO – TREINADOR					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:01	0:00:07	35
		Derrota	0:00:01	0:00:10	35
		Total	0:00:01	0:00:08	70
	Total	Vitória	0:00:01	0:00:06	46
		Derrota	0:00:01	0:00:08	46
		Total	0:00:01	0:00:07	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:02	0:00:09	35
		Derrota	0:00:00	0:00:03	35
		Total	0:00:01	0:00:07	70
	Total	Vitória	0:00:01	0:00:08	46
		Derrota	0:00:00	0:00:02	46
		Total	0:00:01	0:00:06	92
Total	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	22
		Derrota	0:00:00	0:00:00	22
		Total	0:00:00	0:00:00	44
	Seniores	Vitória	0:00:01	0:00:08	70
		Derrota	0:00:01	0:00:07	70
		Total	0:00:01	0:00:08	140
	Total	Vitória	0:00:01	0:00:07	92
		Derrota	0:00:01	0:00:06	92
		Total	0:00:01	0:00:07	184

Quadro 144 - Categoria “Interacção – Atletas” (Manova)

INTERACÇÃO – ATLETAS					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:03	0:00:11	35
		Derrota	0:00:02	0:00:07	35
		Total	0:00:02	0:00:09	70
	Total	Vitória	0:00:02	0:00:09	46
		Derrota	0:00:01	0:00:06	46
		Total	0:00:02	0:00:08	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:00	0:00:00	35
		Derrota	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:00	0:00:00	70
	Total	Vitória	0:00:00	0:00:00	46
		Derrota	0:00:00	0:00:00	46
		Total	0:00:00	0:00:00	92
Total	Juniore	Vitória	0:00:00	0:00:00	22
		Derrota	0:00:00	0:00:00	22
		Total	0:00:00	0:00:00	44
	Seniores	Vitória	0:00:01	0:00:07	70
		Derrota	0:00:01	0:00:05	70
		Total	0:00:01	0:00:06	140
	Total	Vitória	0:00:01	0:00:06	92
		Derrota	0:00:00	0:00:04	92
		Total	0:00:01	0:00:05	184

Quadro 145 - Categoria “Interacção – Conversas” (Manova)

INTERACÇÃO – CONVERSAS					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniiores	Vitória	0:00:20	0:00:53	11
		Derrota	0:00:10	0:00:35	11
		Total	0:00:15	0:00:44	22
	Seniores	Vitória	0:00:21	0:02:01	35
		Derrota	0:00:03	0:00:13	35
		Total	0:00:12	0:01:26	70
	Total	Vitória	0:00:21	0:01:48	46
		Derrota	0:00:04	0:00:20	46
		Total	0:00:13	0:01:18	92
Suplentes	Juniiores	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:20	0:02:01	35
		Derrota	0:00:00	0:00:00	35
		Total	0:00:10	0:01:26	70
	Total	Vitória	0:00:15	0:01:46	46
		Derrota	0:00:00	0:00:00	46
		Total	0:00:07	0:01:15	92
Total	Juniiores	Vitória	0:00:10	0:00:38	22
		Derrota	0:00:05	0:00:25	22
		Total	0:00:07	0:00:32	44
	Seniores	Vitória	0:00:21	0:02:00	70
		Derrota	0:00:01	0:00:09	70
		Total	0:00:11	0:01:25	140
	Total	Vitória	0:00:18	0:01:46	92
		Derrota	0:00:02	0:00:14	92
		Total	0:00:10	0:01:16	184

Quadro 146 - Categoria “Disciplina – Comportamentos Inapropriados” (Manova)

DISCIPLINA – COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniiores	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:04	0:00:14	35
		Derrota	0:00:03	0:00:14	35
		Total	0:00:04	0:00:14	70
	Total	Vitória	0:00:03	0:00:12	46
		Derrota	0:00:02	0:00:12	46
		Total	0:00:03	0:00:12	92
Suplentes	Juniiores	Vitória	0:00:00	0:00:00	11
		Derrota	0:00:00	0:00:00	11
		Total	0:00:00	0:00:00	22
	Seniores	Vitória	0:00:02	0:00:10	35
		Derrota	0:00:02	0:00:10	35
		Total	0:00:02	0:00:10	70
	Total	Vitória	0:00:01	0:00:09	46
		Derrota	0:00:01	0:00:09	46
		Total	0:00:01	0:00:09	92
Total	Juniiores	Vitória	0:00:00	0:00:00	22
		Derrota	0:00:00	0:00:00	22
		Total	0:00:00	0:00:00	44
	Seniores	Vitória	0:00:03	0:00:12	70
		Derrota	0:00:02	0:00:12	70
		Total	0:00:03	0:00:12	140
	Total	Vitória	0:00:02	0:00:10	92
		Derrota	0:00:02	0:00:10	92
		Total	0:00:02	0:00:10	184

Sistema de Observação Comportamentos Inapropriados (S.O.C.I.)

No que se refere ao S.O.C.I. procedemos nos quadros seguintes a uma descrição das várias categorias do sistema de observação e podemos ver a negrito qual o estatuto, o escalão e o resultado que possuem um valor médio superior.

Estatuto

Quadro 147 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Conversas Intempestivas”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – CONVERSAS INTEMPESTIVAS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,10	0,696	0	6
SUPLENTE	0,11	0,733	0	5

Quadro 148 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Parar a Acção Sem Perturbação”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	3,55	2,303	0	10
SUPLENTE	2,10	2,006	0	12

Quadro 149 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Desrespeito pelo Material”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – DESRESPEITO PELO MATERIAL			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	2,93	2,208	0	11
SUPLENTE	1,05	1,626	0	8

Quadro 150 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Deixar Espaço de Treino”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – DEIXAR ESPAÇO DE TREINO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,18	0,710	0	4
SUPLENTE	0,09	0,352	0	2

Quadro 151 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Falta de Empenho”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – FALTA DE EMPENHO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	3,98	2,234	0	10
SUPLENTE	1,65	1,305	0	6

Quadro 152 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Atrasos”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – ATRASOS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	1,07	1,046	0	4
SUPLENTE	1,61	0,877	0	4

Quadro 153 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Modificação da Actividade”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	3,84	2,857	0	16
SUPLENTE	2,20	2,317	0	12

Quadro 154 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Grosserias”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR – GROSSERIA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,01	0,104	0	1
SUPLENTE	0,02	0,209	0	2

Quadro 155 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Outros”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR – OUTROS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,02	0,209	0	2

Quadro 156 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Grosseria”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – GROSSERIA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,40	0,839	0	4
SUPLENTE	0,22	0,551	0	3

Quadro 157 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Golpe ou Pancada”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – GOLPE OU PANCADA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SUPLENTE	0,03	0,179	0	1

Quadro 158 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o estatuto, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Conduta Perigosa”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – CONDUTA PERIGOSA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,07	0,325	0	2
SUPLENTE	0,02	0,147	0	1

Escalão

Quadro 159 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Conversas Intempestivas”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – CONVERSAS INTEMPESTIVAS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0,14	8,15	0	6

Quadro 160 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Parar Acção Sem Perturbação”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	2,77	2,301	0	9
SENIORES	2,84	2,274	0	12

Quadro 161 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Desrespeito pelo Material”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – DESRESPEITO PELO MATERIAL				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	3,27	2,790	0	11
SENIORES	1,59	1,734	0	8

Quadro 162 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Deixar Espaço de Treino”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – DEIXAR ESPAÇO DE TREINO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0,18	0,638	0	4

Quadro 163 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Falta de Empenho”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – FALTA DE EMPENHO				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	2,36	2,334	0	10
SENIORES	2,96	2,098	0	9

Quadro 164 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Atrasos”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – ATRASOS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,61	0,813	0	3
SENIORES	0,91	1,031	0	4

Quadro 165 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Modificação da Actividade”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	3,91	3,361	0	16
SENIORES	2,74	2,434	0	12

Quadro 166 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Grosseria”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR – GROSSERIA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,05	0,302	0	2
SENIORES	0,01	0,085	0	1

Quadro 167 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Outros”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR – OUTROS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0,01	0,169	0	2

Quadro 168 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Grosseria”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – GROSSERIA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,27	0,727	0	4
SENIORES	0,32	0,712	0	3

Quadro 169 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Golpe ou Pancada”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – GOLPE OU PANCADA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
SENIORES	0,02	0,145	0	1

Quadro 170 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o escalão, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Conduta Perigosa”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – CONDUTA PERIGOSA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,18	0,495	0	2

Resultado

Quadro 171 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Conversas Intempestivas”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – CONVERSAS INTEMPESTIVAS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,09	0,605	0	5
DERROTA	0,12	0,810	0	6

Quadro 172- Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Parar Acção Sem Perturbação”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	2,85	2,194	0	9
DERROTA	2,80	2,364	0	12

Quadro 173 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Desrespeito Pelo Material”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – DESRESPEITO PELO MATERIAL			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	1,88	2,021	0	9
DERROTA	2,11	2,280	0	11

Quadro 174 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Deixar Espaço de Treino”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – DEIXAR ESPAÇO DE TREINO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,12	0,510	0	3
DERROTA	0,15	0,610	0	4

Quadro 175 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Falta de Empenho”

	COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – FALTA DE EMPENHO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	2,82	2,344	0	9
DERROTA	2,82	1,983	0	10

Quadro 176 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Atrasos”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – ATRASOS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,78	0,900	0	4
DERROTA	0,89	1,074	0	4

Quadro 177 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Modificação da Actividade”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	3,05	2,715	0	15
DERROTA	2,98	2,742	0	16

Quadro 178 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Grosserias”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR – GROSSERIAS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,03	0,232	0	2

Quadro 179 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Outros”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR – OUTROS				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
DERROTA	0,02	0,209	0	2

Quadro 180 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Grosseria”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – GROSSERIA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,40	0,771	0	3
DERROTA	0,22	0,643	0	4

Quadro 181 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Golpe ou Pancada”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – GOLPE OU PANCADA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,01	0,104	0	1
DERROTA	0,02	0,147	0	1

Quadro 182 - Estatística descritiva do S.O.C.I. para o resultado, para “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Conduta Perigosa”

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – CONDUTA PERIGOSA				
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,02	0,147	0	1
DERROTA	0,07	0,325	0	2

S.O.C.I. – Estatística descritiva da Manova

Quadro 183 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Conversas Intempestivas” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – CONVERSAS INTEMPESTIVAS					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0,00	0,000	11
		Derrota	0,00	0,000	11
		Total	0,00	0,000	22
	Seniores	Vitória	0,09	0,507	35
		Derrota	0,17	1,014	35
		Total	0,13	0,797	70
	Total	Vitória	0,07	0,442	46
		Derrota	0,13	0,885	46
		Total	0,10	0,696	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0,00	0,000	11
		Derrota	0,00	0,000	11
		Total	0,00	0,000	22
	Seniores	Vitória	0,14	0,845	35
		Derrota	0,14	0,845	35
		Total	0,14	0,839	70
	Total	Vitória	0,11	0,737	46
		Derrota	0,11	0,737	46
		Total	0,11	0,733	92
Total	Juniore	Vitória	0,00	0,000	22
		Derrota	0,00	0,000	22
		Total	0,00	0,000	44
	Seniores	Vitória	0,11	0,692	70
		Derrota	0,16	0,927	70
		Total	0,14	0,815	140
	Total	Vitória	0,09	0,605	92
		Derrota	0,12	0,810	92
		Total	0,10	0,713	184

Quadro 184 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Parar Acção Sem Perturbação” (Manova)

COMPORT. DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – PARAR ACÇÃO SEM PERTURBAÇÃO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	3,00	2,490	11
		Derrota	3,82	2,750	11
		Total	3,41	2,594	22
	Seniores	Vitória	3,89	2,097	35
		Derrota	3,31	2,336	35
		Total	3,60	2,222	70
	Total	Vitória	3,67	2,202	46
		Derrota	3,43	2,419	46
		Total	3,55	2,303	92
Suplentes	Juniore	Vitória	1,73	1,489	11
		Derrota	2,55	2,067	11
		Total	2,14	1,807	22
	Seniores	Vitória	2,11	1,982	35
		Derrota	2,06	2,195	35
		Total	2,09	2,076	70
	Total	Vitória	2,02	1,868	46
		Derrota	2,17	2,153	46
		Total	2,10	2,006	92
Total	Juniore	Vitória	2,36	2,105	22
		Derrota	3,18	2,462	22
		Total	2,77	2,301	44
	Seniores	Vitória	3,00	2,213	70
		Derrota	2,69	2,338	70
		Total	2,84	2,274	140
	Total	Vitória	2,85	2,194	92
		Derrota	2,80	2,364	92
		Total	2,83	2,274	184

Quadro 185 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Desrespeito pelo Material” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – DESRESPEITO PELO MATERIAL					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	4,18	2,601	11
		Derrota	6,00	2,530	11
		Total	5,09	2,671	22
	Seniores	Vitória	2,31	1,568	35
		Derrota	2,20	1,491	35
		Total	2,26	1,520	70
	Total	Vitória	2,76	2,002	46
		Derrota	3,11	2,406	46
		Total	2,93	2,208	92
Suplentes	Juniore	Vitória	1,09	1,446	11
		Derrota	1,82	1,250	11
		Total	1,45	1,371	22
	Seniores	Vitória	0,97	1,706	35
		Derrota	0,89	1,694	35
		Total	0,93	1,688	70
	Total	Vitória	1,00	1,633	46
		Derrota	1,11	1,636	46
		Total	1,05	1,626	92
Total	Juniore	Vitória	2,64	2,592	22
		Derrota	3,91	2,893	22
		Total	3,27	2,790	44
	Seniores	Vitória	1,64	1,761	70
		Derrota	1,54	1,717	70
		Total	1,59	1,734	140
	Total	Vitória	1,88	2,021	92
		Derrota	2,11	2,280	92
		Total	1,99	2,151	184

Quadro 186- Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Deixar Espaço de Treino” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – DEIXAR ESPAÇO DE TREINO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniiores	Vitória	0,00	0.000	11
		Derrota	0,00	0.000	11
		Total	0,00	0.000	22
	Seniores	Vitória	0,23	0.731	35
		Derrota	0,26	0.886	35
		Total	0,24	0.806	70
	Total	Vitória	0,17	0.643	46
		Derrota	0,20	0.778	46
		Total	0,18	0.710	92
Suplentes	Juniiores	Vitória	0,00	0.000	11
		Derrota	0,00	0.000	11
		Total	0,00	0.000	22
	Seniores	Vitória	0,09	0.373	35
		Derrota	0,14	0.430	35
		Total	0,11	0.401	70
	Total	Vitória	0,07	0.327	46
		Derrota	0,11	0.379	46
		Total	0,09	0.352	92
Total	Juniiores	Vitória	0,00	0.000	22
		Derrota	0,00	0.000	22
		Total	0,00	0.000	44
	Seniores	Vitória	0,16	0.581	70
		Derrota	0,20	0.694	70
		Total	0,18	0.638	140
	Total	Vitória	0,12	0.510	92
		Derrota	0,15	0.610	92
		Total	0,14	0.561	184

Quadro 187 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Falta de Empenho” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – FALTA DE EMPENHO					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniiores	Vitória	2,55	2.544	11
		Derrota	4,45	2.423	11
		Total	3,50	2.614	22
	Seniores	Vitória	4,46	2.356	35
		Derrota	3,80	1.779	35
		Total	4,13	2.098	70
	Total	Vitória	4,00	2.512	46
		Derrota	3,96	1.943	46
		Total	3,98	2.234	92
Suplentes	Juniiores	Vitória	0,64	0.924	11
		Derrota	1,82	1.328	11
		Total	1,23	1.270	22
	Seniores	Vitória	1,94	1.371	35
		Derrota	1,63	1.215	35
		Total	1,79	1.295	70
	Total	Vitória	1,63	1.388	46
		Derrota	1,67	1.230	46
		Total	1,65	1.305	92
Total	Juniiores	Vitória	1,59	2.108	22
		Derrota	3,14	2.336	22
		Total	2,36	2.334	44
	Seniores	Vitória	3,20	2.294	70
		Derrota	2,71	1.866	70
		Total	2,96	2.098	140
	Total	Vitória	2,82	2.344	92
		Derrota	2,82	1.983	92
		Total	2,82	2.165	184

Quadro 188 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Atrasos” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – ATRASOS					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0,73	0,786	11
		Derrota	0,91	1,221	11
		Total	0,82	1,006	22
	Seniores	Vitória	1,03	0,954	35
		Derrota	1,26	1,146	35
		Total	1,14	1,053	70
	Total	Vitória	0,96	0,918	46
		Derrota	1,17	1,161	46
		Total	1,07	1,046	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0,27	0,467	11
		Derrota	0,55	0,522	11
		Total	0,41	0,503	22
	Seniores	Vitória	0,71	0,926	35
		Derrota	0,63	1,003	35
		Total	0,67	0,959	70
	Total	Vitória	0,61	0,856	46
		Derrota	0,61	0,906	46
		Total	0,61	0,877	92
Total	Juniore	Vitória	0,50	0,673	22
		Derrota	0,73	0,935	22
		Total	0,61	0,813	44
	Seniores	Vitória	0,87	0,947	70
		Derrota	0,94	1,115	70
		Total	0,91	1,031	140
	Total	Vitória	0,78	0,900	92
		Derrota	0,89	1,074	92
		Total	0,84	0,989	184

Quadro 189 - Categoria “Comportamentos Dirigidos à Actividade – Modificação da Actividade” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS À ACTIVIDADE – MODIFICAÇÃO DA ACTIVIDADE					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	4,18	4,143	11
		Derrota	5,82	3,894	11
		Total	5,00	4,012	22
	Seniores	Vitória	3,66	2,195	35
		Derrota	3,29	2,420	35
		Total	3,47	2,301	70
	Total	Vitória	3,78	2,740	46
		Derrota	3,89	2,998	46
		Total	3,84	2,857	92
Suplentes	Juniore	Vitória	2,45	1,968	11
		Derrota	3,18	2,316	11
		Total	2,82	2,130	22
	Seniores	Vitória	2,29	2,685	35
		Derrota	1,71	1,964	35
		Total	2,00	2,353	70
	Total	Vitória	2,33	2,513	46
		Derrota	2,07	2,123	46
		Total	2,20	2,317	92
Total	Juniore	Vitória	3,32	3,286	22
		Derrota	4,50	3,405	22
		Total	3,91	3,361	44
	Seniores	Vitória	2,97	2,531	70
		Derrota	2,50	2,327	70
		Total	2,74	2,434	140
	Total	Vitória	3,05	2,715	92
		Derrota	2,98	2,742	92
		Total	3,02	2,721	184

Quadro 190 - Categoria “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Grosseria” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR – GROSSERIA					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0,00	0,000	11
		Derrota	0,00	0,000	11
		Total	0,00	0,000	22
	Seniores	Vitória	0,03	0,169	35
		Derrota	0,00	0,000	35
		Total	0,01	0,120	70
	Total	Vitória	0,02	0,147	46
		Derrota	0,00	0,000	46
		Total	0,01	0,104	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0,18	0,603	11
		Derrota	0,00	0,000	11
		Total	0,09	0,426	22
	Seniores	Vitória	0,00	0,000	35
		Derrota	0,00	0,000	35
		Total	0,00	0,000	70
	Total	Vitória	0,04	0,295	46
		Derrota	0,00	0,000	46
		Total	0,02	0,209	92
Total	Juniore	Vitória	0,09	0,426	22
		Derrota	0,00	0,000	22
		Total	0,05	0,302	44
	Seniores	Vitória	0,01	0,120	70
		Derrota	0,00	0,000	70
		Total	0,01	0,085	140
	Total	Vitória	0,03	0,232	92
		Derrota	0,00	0,000	92
		Total	0,02	0,164	184

Quadro 191 - Categoria “Comportamentos Dirigidos ao Treinador – Outros” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AO TREINADOR – OUTROS					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0,00	0,000	11
		Derrota	0,00	0,000	11
		Total	0,00	0,000	22
	Seniores	Vitória	0,00	0,000	35
		Derrota	0,06	0,338	35
		Total	0,03	0,239	70
	Total	Vitória	0,00	0,000	46
		Derrota	0,04	0,295	46
		Total	0,02	0,209	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0,00	0,000	11
		Derrota	0,00	0,000	11
		Total	0,00	0,000	22
	Seniores	Vitória	0,00	0,000	35
		Derrota	0,00	0,000	35
		Total	0,00	0,000	70
	Total	Vitória	0,00	0,000	46
		Derrota	0,00	0,000	46
		Total	0,00	0,000	92
Total	Juniore	Vitória	0,00	0,000	22
		Derrota	0,00	0,000	22
		Total	0,00	0,000	44
	Seniores	Vitória	0,00	0,000	70
		Derrota	0,03	0,239	70
		Total	0,01	0,169	140
	Total	Vitória	0,00	0,000	92
		Derrota	0,02	0,209	92
		Total	0,01	0,147	184

Quadro 192 - Categoria “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Grosseria” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – GROSSERIA					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0,18	0,405	11
		Derrota	0,55	1,293	11
		Total	0,36	0,953	22
	Seniores	Vitória	0,57	0,917	35
		Derrota	0,26	0,657	35
		Total	0,41	0,807	70
	Total	Vitória	0,48	0,836	46
		Derrota	0,33	0,845	46
		Total	0,40	0,839	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0,18	0,405	11
		Derrota	0,18	0,405	11
		Total	0,18	0,395	22
	Seniores	Vitória	0,37	0,770	35
		Derrota	0,09	0,284	35
		Total	0,23	0,594	70
	Total	Vitória	0,33	0,701	46
		Derrota	0,11	0,315	46
		Total	0,22	0,551	92
Total	Juniore	Vitória	0,18	0,395	22
		Derrota	0,36	0,953	22
		Total	0,27	0,727	44
	Seniores	Vitória	0,47	0,847	70
		Derrota	0,17	0,510	70
		Total	0,32	0,712	140
	Total	Vitória	0,40	0,771	92
		Derrota	0,22	0,643	92
		Total	0,31	0,714	184

Quadro 193 - Categoria “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Golpe ou Pancada” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – GOLPE OU PANCADA					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniore	Vitória	0,00	0,000	11
		Derrota	0,00	0,000	11
		Total	0,00	0,000	22
	Seniores	Vitória	0,00	0,000	35
		Derrota	0,00	0,000	35
		Total	0,00	0,000	70
	Total	Vitória	0,00	0,000	46
		Derrota	0,00	0,000	46
		Total	0,00	0,000	92
Suplentes	Juniore	Vitória	0,00	0,000	11
		Derrota	0,00	0,000	11
		Total	0,00	0,000	22
	Seniores	Vitória	0,03	0,169	35
		Derrota	0,06	0,236	35
		Total	0,04	0,204	70
	Total	Vitória	0,02	0,147	46
		Derrota	0,04	0,206	46
		Total	0,03	0,179	92
Total	Juniore	Vitória	0,00	0,000	22
		Derrota	0,00	0,000	22
		Total	0,00	0,000	44
	Seniores	Vitória	0,01	0,120	70
		Derrota	0,03	0,168	70
		Total	0,02	0,145	140
	Total	Vitória	0,01	0,104	92
		Derrota	0,02	0,147	92
		Total	0,02	0,127	184

Quadro 194 - Categoria “Comportamentos Dirigidos aos Colegas – Conduta Perigosa” (Manova)

COMPORTAMENTOS DIRIGIDOS AOS COLEGAS – CONDUTA PERIGOSA					
ESTATUTO	ESCALÃO	RESULTADO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Titulares	Juniiores	Vitória	0,18	0,405	11
		Derrota	0,36	0,809	11
		Total	0,27	0,631	22
	Seniores	Vitória	0,00	0,000	35
		Derrota	0,00	0,000	35
		Total	0,00	0,000	70
	Total	Vitória	0,04	0,206	46
		Derrota	0,09	0,412	46
		Total	0,07	0,325	92
Suplentes	Juniiores	Vitória	0,00	0,000	11
		Derrota	0,18	0,405	11
		Total	0,09	0,294	22
	Seniores	Vitória	0,00	0,000	35
		Derrota	0,00	0,000	35
		Total	0,00	0,000	70
	Total	Vitória	0,00	0,000	46
		Derrota	0,04	0,206	46
		Total	0,02	0,147	92
Total	Juniiores	Vitória	0,09	0,294	22
		Derrota	0,27	0,631	22
		Total	0,18	0,495	44
	Seniores	Vitória	0,00	0,000	70
		Derrota	0,00	0,000	70
		Total	0,00	0,000	140
	Total	Vitória	0,02	0,147	92
		Derrota	0,07	0,325	92
		Total	0,04	0,252	184

Sistema de observação comportamentos afectividade (S.O.C.A.)

No que se refere ao S.O.C.A. procedemos nos quadros seguintes a uma descrição das várias categorias do sistema de observação e podemos ver a negrito qual o estatuto, o escalão e o resultado que possuem um valor médio superior.

Estatuto

Quadro 195 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Rir, Sorrir, Gracejar”

	RIR, SORRIR, GRACEJAR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	1,35	1,878	0	8
SUPLENTES	0,77	1,343	0	8

Quadro 196 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Identificação do Atleta”

	IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	15,30	5,629	3	34
SUPLENTES	13,76	5,078	3	26

Quadro 197 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Comunicação Não Verbal”

	IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	15,30	5,629	3	34
SUPLENTE	13,76	5,078	3	26

Quadro 198 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Contactos Físicos”

	CONTACTOS FÍSICOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	4,35	3,343	0	13
SUPLENTE	3,86	2,952	0	13

Quadro 199 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Demonstração/Participação”

	DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	5,48	5,623	0	28
SUPLENTE	7,45	5,556	0	18

Quadro 200 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Feedback Positivo”

	FEEDBACK POSITIVO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	7,93	7,558	0	38
SUPLENTE	4,92	5,778	0	39

Quadro 201 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Elogios”

	ELOGIAR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,91	1,758	0	10
SUPLENTE	0,66	1,409	0	8

Quadro 202 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Inflexão de Voz”

	INFLEXÃO DE VOZ			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	4,21	4,283	0	22
SUPLENTE	3,45	3,058	0	15

Quadro 203 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Movimentos”

	MOVIMENTOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	1,07	2,147	0	10
SUPLENTE	1,08	2,482	0	11

Quadro 204 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Aceitação e Utilização das Ideias dos Outros”

	ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO DAS IDEIAS DOS OUTROS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,26	0,754	0	4
SUPLENTES	0,08	0,339	0	2

Quadro 205 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Amabilidades”

	AMABILIDADES			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,16	0,579	0	3
SUPLENTES	0,23	0,800	0	6

Quadro 206 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Interacções Extra – Conteúdos”

	INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,11	0,377	0	2
SUPLENTES	0,05	0,272	0	2

Quadro 207 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Encorajamento/Pressão”

	ENCORAJAMENTO/PRESSÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	5,61	6,168	0	43
SUPLENTES	5,13	4,797	0	23

Quadro 208 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Feedback Negativo”

	FEEDBACK NEGATIVO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,95	1,529	0	9
SUPLENTES	0,61	1,109	0	4

Quadro 209 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Frustração/Irritabilidade”

	FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,85	1,610	0	7
SUPLENTES	0,65	1,660	0	10

Quadro 210 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Criticar”

	CRITICAR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,11	0,526	0	5
SUPLENTES	0,05	0,272	0	2

Quadro 211 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o estatuto, para “Punir”

	PUNIR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
TITULARES	0,04	0,293	0	2
SUPLENTE	0,01	0,104	0	1

Escalão

Quadro 212 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Rir, Sorrir, Gracejar”

	RIR, SORRIR, GRACEJAR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	1,92	2,388	0	11
SENIORES	1,42	1,818	0	9

Quadro 213 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Identificação do Atleta”

	IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	9,48	8,142	0	29
SENIORES	9,75	8,179	0	34

Quadro 214 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Comunicação Não Verbal”

	COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	3,26	2,814	0	11
SENIORES	5,19	4,552	0	34

Quadro 215 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Contactos Físicos”

	CONTACTOS FÍSICOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	2,91	2,934	0	10
SENIORES	2,71	2,934	0	10

Quadro 216 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Demonstração/Participação”

	DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	8,50	6,087	0	28
SENIORES	7,20	5,795	0	26

Quadro 217 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Feedback Positivo”

	FEEDBACK POSITIVO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	2,92	2,759	0	13
SENIORES	5,88	6,979	0	39

Quadro 218 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Elogiar”

	ELOGIAR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	1,02	1,376	0	5
SENIORES	0,52	1,408	0	10

Quadro 219 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Inflexão de Voz”

	INFLEXÃO DE VOZ			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	8,12	5,906	0	22
SENIORES	4,98	4,069	0	16

Quadro 220 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Movimentos”

	MOVIMENTOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	8,18	8,216	0	30
SENIORES	4,92	7,398	0	31

Quadro 221 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Aceitação e Utilização das Ideias dos Outros”

	ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO DAS IDEIAS DOS OUTROS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,14	0,493	0	3
SENIORES	0,10	0,488	0	4

Quadro 222 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Amabilidades”

	AMABILIDADES			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,55	1,084	0	6
SENIORES	0,01	0,097	0	1

Quadro 223 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Interacções Extra – Conteúdos”

	INTERACÇÕES EXTRA – CONTEÚDOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,18	0,461	0	2
SENIORES	0,07	0,286	0	2

Quadro 224 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Encorajamento/Pressão”

	ENCORAJAMENTO/PRESSÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	6,73	5,601	0	23
SENIORES	11,29	11,484	0	70

Quadro 225 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Desinteresse”

	DESINTERESSE			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,11	0,356	0	2
SENIORES	0,02	0,137	0	1

Quadro 226 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Feedback Negativo”

	FEEDBACK NEGATIVO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,76	1,151	0	4
SENIORES	0,63	1,325	0	9

Quadro 227 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Frustração/Irritabilidade”

	FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,76	1,530	0	7
SENIORES	0,77	1,573	0	10

Quadro 228 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Criticar”

	CRITICAR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,06	0,240	0	1
SENIORES	0,09	0,434	0	5

Quadro 229 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o escalão, para “Punir”

	PUNIR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
JUNIORES	0,08	0,364	0	2

Resultado

Quadro 230 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Rir, Sorrir, Gracejar”

	RIR, SORRIR, GRACEJAR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	1,98	2,146	0	11
DERROTA	1,10	1,688	0	11

Quadro 231 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Identificação do Atleta”

	IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	9,30	8,149	0	29
DERROTA	10,07	8,175	0	34

Quadro 232 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Comunicação Não Verbal”

	COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	4,31	4,496	0	34
DERROTA	5,14	4,021	0	18

Quadro 233 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Contactos Físicos”

	CONTACTOS FÍSICOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	2,57	3,099	0	12
DERROTA	2,94	3,326	0	13

Quadro 234 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Demonstração/Participação”

	DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	7,08	5,824	0	28
DERROTA	7,94	5,929	0	26

Quadro 235 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Feedback Positivo”

	FEEDBACK POSITIVO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	5,07	6,869	0	39
DERROTA	5,28	5,823	0	31

Quadro 236 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Elogiar”

	ELOGIAR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,71	1,441	0	8
DERROTA	0,57	1,388	0	10

Quadro 237 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Inflexão de Voz”

	INFLEXÃO DE VOZ			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	5,43	4,821	0	22
DERROTA	6,02	4,693	0	22

Quadro 238 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Movimentos”

	MOVIMENTOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	5,36	7,579	0	28
DERROTA	6,04	7,859	0	31

Quadro 239 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Aceitação e Utilização das Ideias dos Outros”

	ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO DAS IDEIAS DOS OUTROS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,14	0,543	0	4
DERROTA	0,09	0,427	0	4

Quadro 240 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Amabilidades”

	AMABILIDADES			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,15	0,661	0	6
DERROTA	0,12	0,490	0	3

Quadro 241 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Interacções Extra – Conteúdos”

	INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,10	0,326	0	2
DERROTA	0,09	0,352	0	2

Quadro 242 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Encorajamento/Pressão”

	ENCORAJAMENTO/PRESSÃO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	9,61	10,556	0	70
DERROTA	10,78	10,563	0	51

Quadro 243 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Desinteresse”

	DESINTERESSE			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,04	0,188	0	1
DERROTA	0,04	0,238	0	2

Quadro 244 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Feedback Negativo”

	FEEDBACK NEGATIVO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,50	1,027	0	4
DERROTA	0,83	1,484	0	9

Quadro 245 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Frustração/Irritabilidade”

	FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,70	1,573	0	10
DERROTA	0,83	1,550	0	7

Quadro 246 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Crítico”

	CRÍTICO			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,09	0,475	0	5
DERROTA	0,08	0,297	0	2

Quadro 247 - Estatística descritiva do S.O.C.A. para o resultado, para “Punir”

	PUNIR			
	Média	Desvio Padrão	Mínimos	Máximos
VITÓRIA	0,01	0,170	0	2
DERROTA	0,02	0,190	0	2

S.O.C.A. – Estatística descritiva da Manova

Quadro 248 - Categoria “Rir, Sorrir, Gracejar” (Manova)

RIR, SORRIR, GRACEJAR					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniões	1,55	1,214	11
		Seniores	2,17	2,358	35
		Total	2,02	2,145	46
	Suplentes	Juniões	1,09	1,446	11
		Seniores	0,97	1,248	35
		Total	1,00	1,282	46
	Total	Juniões	1,88	2,219	33
		Seniores	2,01	2,133	105
		Total	1,98	2,146	138
Derrota	Titulares	Juniões	1,55	2,018	11
		Seniores	0,40	0,775	35
		Total	0,67	1,266	46
	Suplentes	Juniões	1,27	2,453	11
		Seniores	0,31	0,718	35
		Total	0,54	1,378	46
	Total	Juniões	1,97	2,580	33
		Seniores	0,83	1,180	105
		Total	1,10	1,688	138
Total	Titulares	Juniões	1,55	1,625	22
		Seniores	1,29	1,957	70
		Total	1,35	1,878	92
	Suplentes	Juniões	1,18	1,967	22
		Seniores	0,64	1,064	70
		Total	0,77	1,343	92
	Total	Juniões	1,92	2,388	66
		Seniores	1,42	1,818	210
		Total	1,54	1,977	276

Quadro 249 - Categoria “Identificação do Atleta” (Manova)

IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	16,27	6,559	11
		Seniores	14,11	5,910	35
		Total	14,63	6,068	46
	Suplentes	Juniiores	12,27	5,002	11
		Seniores	13,60	5,842	35
		Total	13,28	5,628	46
	Total	Juniiores	9,52	8,408	33
		Seniores	9,24	8,106	105
		Total	9,30	8,149	138
Derrota	Titulares	Juniiores	16,55	5,556	11
		Seniores	15,80	5,063	35
		Total	15,98	5,132	46
	Suplentes	Juniiores	11,82	3,737	11
		Seniores	15,00	4,459	35
		Total	14,24	4,473	46
	Total	Juniiores	9,45	7,996	33
		Seniores	10,27	8,258	105
		Total	10,07	8,175	138
Total	Titulares	Juniiores	16,41	5,933	22
		Seniores	14,96	5,528	70
		Total	15,30	5,629	92
	Suplentes	Juniiores	12,05	4,315	22
		Seniores	14,30	5,207	70
		Total	13,76	5,078	92
	Total	Juniiores	9,48	8,142	66
		Seniores	9,75	8,179	210
		Total	9,69	8,156	276

Quadro 250 - Categoria “Comunicação Não Verbal” (Manova)

COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	4,36	2,248	11
		Seniores	3,63	2,798	35
		Total	3,80	2,672	46
	Suplentes	Juniiores	3,09	2,737	11
		Seniores	3,26	2,894	35
		Total	3,22	2,828	46
	Total	Juniiores	3,06	2,669	33
		Seniores	4,70	4,877	105
		Total	4,31	4,496	138
Derrota	Titulares	Juniiores	3,64	3,325	11
		Seniores	5,06	3,678	35
		Total	4,72	3,613	46
	Suplentes	Juniiores	4,55	3,045	11
		Seniores	4,20	2,784	35
		Total	4,28	2,818	46
	Total	Juniiores	3,45	2,980	33
		Seniores	5,68	4,168	105
		Total	5,14	4,021	138
Total	Titulares	Juniiores	4,00	2,795	22
		Seniores	4,34	3,323	70
		Total	4,26	3,193	92
	Suplentes	Juniiores	3,82	2,922	22
		Seniores	3,73	2,859	70
		Total	3,75	2,858	92
	Total	Juniiores	3,26	2,814	66
		Seniores	5,19	4,552	210
		Total	4,73	4,278	276

Quadro 251 - Categoria “Contactos Físicos” (Manova)

CONTACTOS FÍSICOS					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	4,45	3,110	11
		Seniores	3,86	3,237	35
		Total	4,00	3,183	46
	Suplentes	Juniiores	4,36	2,292	11
		Seniores	3,46	3,221	35
		Total	3,67	3,026	46
	Total	Juniiores	2,94	3,020	33
		Seniores	2,46	3,129	105
		Total	2,57	3,099	138
Derrota	Titulares	Juniiores	4,27	3,069	11
		Seniores	4,83	3,650	35
		Total	4,70	3,459	46
	Suplentes	Juniiores	4,36	1,912	11
		Seniores	3,94	3,162	35
		Total	4,04	2,898	46
	Total	Juniiores	2,88	2,891	33
		Seniores	2,96	3,464	105
		Total	2,94	3,326	138
Total	Titulares	Juniiores	4,36	3,017	22
		Seniores	4,34	3,459	70
		Total	4,35	3,343	92
	Suplentes	Juniiores	4,36	2,060	22
		Seniores	3,70	3,178	70
		Total	3,86	2,952	92
	Total	Juniiores	2,91	2,934	66
		Seniores	2,71	3,302	210
		Total	2,76	3,214	276

Quadro 252 - Categoria “Demonstração/Participação” (Manova)

DEMONSTRAÇÃO/PARTICIPAÇÃO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	9,18	9,064	11
		Seniores	3,71	2,916	35
		Total	5,02	5,499	46
	Suplentes	Juniiores	7,09	4,415	11
		Seniores	7,34	6,264	35
		Total	7,28	5,830	46
	Total	Juniiores	8,42	6,310	33
		Seniores	6,66	5,628	105
		Total	7,08	5,824	138
Derrota	Titulares	Juniiores	10,27	8,463	11
		Seniores	4,57	3,868	35
		Total	5,93	5,767	46
	Suplentes	Juniiores	7,82	4,020	11
		Seniores	7,54	5,736	35
		Total	7,61	5,327	46
	Total	Juniiores	8,58	5,953	33
		Seniores	7,74	5,936	105
		Total	7,94	5,939	138
Total	Titulares	Juniiores	9,73	8,576	22
		Seniores	4,14	3,427	70
		Total	5,48	5,623	92
	Suplentes	Juniiores	7,45	4,137	22
		Seniores	7,44	5,958	70
		Total	7,45	5,556	92
	Total	Juniiores	8,50	6,087	66
		Seniores	7,20	5,795	210
		Total	7,51	5,882	276

Quadro 253 - Categoria “Feedback Positivo” (Manova)

FEEDBACK POSITIVO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	4,09	2,300	11
		Seniores	8,74	8,959	35
		Total	7,63	8,114	46
	Suplentes	Juniiores	1,91	1,700	11
		Seniores	5,54	7,110	35
		Total	4,67	6,426	46
	Total	Juniiores	2,73	2,309	33
		Seniores	5,80	7,631	105
		Total	5,07	6,869	138
Derrota	Titulares	Juniiores	5,18	4,020	11
		Seniores	9,20	7,533	35
		Total	8,24	7,034	46
	Suplentes	Juniiores	2,82	2,316	11
		Seniores	5,91	5,533	35
		Total	5,17	5,109	46
	Total	Juniiores	3,12	3,170	33
		Seniores	5,96	6,295	105
		Total	5,28	5,823	138
Total	Titulares	Juniiores	4,64	3,245	22
		Seniores	8,74	8,220	70
		Total	7,93	7,558	92
	Suplentes	Juniiores	2,36	2,036	22
		Seniores	5,73	6,327	70
		Total	4,92	5,778	92
	Total	Juniiores	2,92	2,759	66
		Seniores	5,88	6,979	210
		Total	5,17	6,357	276

Quadro 254 - Categoria “Elogiar” (Manova)

ELOGIAR					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	1,73	1,918	11
		Seniores	0,74	1,704	35
		Total	0,98	1,719	46
	Suplentes	Juniiores	1,00	1,612	11
		Seniores	0,57	1,378	35
		Total	0,67	1,431	46
	Total	Juniiores	1,00	1,458	33
		Seniores	0,62	1,430	105
		Total	0,71	1,441	138
Derrota	Titulares	Juniiores	2,00	1,483	11
		Seniores	0,49	1,772	35
		Total	0,85	1,813	46
	Suplentes	Juniiores	1,00	1,044	11
		Seniores	0,91	1,501	35
		Total	0,65	1,402	46
	Total	Juniiores	1,03	1,311	33
		Seniores	0,43	1,386	105
		Total	0,57	1,388	138
Total	Titulares	Juniiores	1,86	1,521	22
		Seniores	0,61	1,730	70
		Total	0,91	1,758	92
	Suplentes	Juniiores	0,95	1,327	22
		Seniores	0,57	1,430	70
		Total	0,66	1,409	92
	Total	Juniiores	1,02	1,376	66
		Seniores	0,52	1,408	210
		Total	0,64	1,414	276

Quadro 255 - Categoria “Inflexão de Voz” (Manova)

INFLEXÃO DE VOZ					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	7,36	6,622	11
		Seniores	2,94	2,612	35
		Total	4,00	4,305	46
	Suplentes	Juniiores	4,45	4,275	11
		Seniores	2,74	2,548	35
		Total	3,15	3,084	46
	Total	Juniiores	8,15	6,180	33
		Seniores	4,58	3,973	105
		Total	5,43	4,821	138
Derrota	Titulares	Juniiores	7,91	6,640	11
		Seniores	3,31	2,506	35
		Total	4,41	4,298	46
	Suplentes	Juniiores	4,82	4,020	11
		Seniores	3,40	2,637	35
		Total	3,74	3,036	46
	Total	Juniiores	8,09	5,714	33
		Seniores	5,37	4,145	105
		Total	6,02	4,693	138
Total	Titulares	Juniiores	7,64	6,477	22
		Seniores	3,13	2,548	70
		Total	4,21	4,283	92
	Suplentes	Juniiores	4,64	4,054	22
		Seniores	30,7	2,595	70
		Total	3,45	3,058	92
	Total	Juniiores	8,12	5,906	66
		Seniores	4,98	4,069	210
		Total	5,73	4,758	276

Quadro 256 - Categoria “Movimentos” (Manova)

MOVIMENTOS					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	3,18	3,401	11
		Seniores	0,29	0,710	35
		Total	0,98	2,124	46
	Suplentes	Juniiores	2,73	4,002	11
		Seniores	0,43	1,378	35
		Total	0,98	2,445	46
	Total	Juniiores	8,36	8,886	33
		Seniores	4,42	6,908	105
		Total	5,36	7,579	138
Derrota	Titulares	Juniiores	3,64	3,233	11
		Seniores	0,37	0,808	35
		Total	1,15	2,191	46
	Suplentes	Juniiores	3,55	3,804	11
		Seniores	0,43	1,378	35
		Total	1,17	2,541	46
	Total	Juniiores	8,00	7,644	33
		Seniores	5,42	7,859	105
		Total	6,04	7,859	138
Total	Titulares	Juniiores	3,41	3,246	22
		Seniores	0,33	0,756	70
		Total	1,07	2,147	92
	Suplentes	Juniiores	3,14	3,833	22
		Seniores	0,43	1,368	70
		Total	1,08	2,482	92
	Total	Juniiores	8,18	8,216	66
		Seniores	4,92	7,398	210
		Total	5,70	7,714	276

Quadro 257 - Categoria “Aceitação e Utilização das Ideias dos Outros” (Manova)

ACEITAÇÃO E UTILIZAÇÃO DAS IDEIAS DOS OUTROS					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0,36	0,924	11
		Seniores	0,31	0,832	35
		Total	0,33	0,845	46
	Suplentes	Juniiores	0,18	0,603	11
		Seniores	0,06	0,236	35
		Total	0,09	0,354	46
	Total	Juniiores	0,18	0,635	33
		Seniores	0,12	0,513	105
		Total	0,14	0,543	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0,18	0,405	11
		Seniores	0,20	0,719	35
		Total	0,20	0,654	46
	Suplentes	Juniiores	0,09	0,302	11
		Seniores	0,06	0,338	35
		Total	0,07	0,327	46
	Total	Juniiores	0,09	0,292	33
		Seniores	0,09	0,462	105
		Total	0,09	0,427	138
Total	Titulares	Juniiores	0,27	0,703	22
		Seniores	0,26	0,774	70
		Total	0,26	0,754	92
	Suplentes	Juniiores	0,14	0,468	22
		Seniores	0,06	0,289	70
		Total	0,08	0,339	92
	Total	Juniiores	0,14	0,493	66
		Seniores	0,10	0,488	210
		Total	0,11	0,488	276

Quadro 258 - Categoria “Amabilidades” (Manova)

AMABILIDADES					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0,55	1,036	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0,13	0,542	46
	Suplentes	Juniiores	1,18	1,779	11
		Seniores	0,03	0,169	35
		Total	0,30	0,986	46
	Total	Juniiores	0,61	1,248	33
		Seniores	0,01	0,098	105
		Total	0,15	0,661	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0,73	1,104	11
		Seniores	0,03	0,169	35
		Total	0,20	0,619	46
	Suplentes	Juniiores	0,64	1,027	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0,15	0,556	46
	Total	Juniiores	0,48	0,906	33
		Seniores	0,01	0,098	105
		Total	0,12	0,490	138
Total	Titulares	Juniiores	0,64	1,049	22
		Seniores	0,01	0,120	70
		Total	0,16	0,579	92
	Suplentes	Juniiores	0,91	1,444	22
		Seniores	0,01	0,120	70
		Total	0,23	0,800	92
	Total	Juniiores	0,55	1,084	66
		Seniores	0,01	0,097	210
		Total	0,14	0,581	276

Quadro 259 - Categoria “Interacções Extra – Conteúdos” (Manova)

INTERACÇÕES EXTRA-CONTEÚDOS					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0,36	0,505	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0,09	0,285	46
	Suplentes	Juniiores	0,09	0,302	11
		Seniores	0,09	0,373	35
		Total	0,09	0,354	46
	Total	Juniiores	0,18	0,392	33
		Seniores	0,08	0,300	105
		Total	0,10	0,326	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0,36	0,674	11
		Seniores	0,06	0,338	35
		Total	0,13	0,453	46
	Suplentes	Juniiores	0	0	11
		Seniores	0,03	0,169	35
		Total	0,02	0,147	46
	Total	Juniiores	0,18	0,528	33
		Seniores	0,06	0,271	105
		Total	0,09	0,352	138
Total	Titulares	Juniiores	0,36	0,581	22
		Seniores	0,03	0,239	70
		Total	0,11	0,377	92
	Suplentes	Juniiores	0,05	0,213	22
		Seniores	0,06	0,289	70
		Total	0,05	0,272	92
	Total	Juniiores	0,18	0,461	66
		Seniores	0,07	0,286	210
		Total	0,09	0,339	276

Quadro 260 - Categoria “Encorajamento/Pressão” (Manova)

ENCORAJAMENTO/PRESSÃO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	3,64	2,942	11
		Seniores	5,63	6,376	35
		Total	5,15	5,777	46
	Suplentes	Juniiores	2,91	2,386	11
		Seniores	5,54	5,633	35
		Total	4,91	5,150	46
	Total	Juniiores	5,97	4,870	33
		Seniores	10,75	11,574	105
		Total	9,61	10,556	138
Derrota	Titulares	Juniiores	4,64	3,414	11
		Seniores	6,51	7,265	35
		Total	6,07	6,567	46
	Suplentes	Juniiores	3,73	2,632	11
		Seniores	5,86	4,784	35
		Total	5,35	4,463	46
	Total	Juniiores	7,48	6,231	33
		Seniores	11,82	11,423	105
		Total	10,78	10,563	138
Total	Titulares	Juniiores	4,14	3,152	22
		Seniores	6,07	6,800	70
		Total	5,61	6,168	92
	Suplentes	Juniiores	3,32	2,589	22
		Seniores	5,70	5,190	70
		Total	5,13	4,797	92
	Total	Juniiores	6,73	5,601	66
		Seniores	11,29	11,484	210
		Total	10,20	10,556	276

Quadro 261 - Categoria “Desinteresse” (Manova)

DESINTERESSE					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniões	0	0	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0	0	46
	Suplentes	Juniões	0	0	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0	0	46
	Total	Juniões	0,09	0,292	33
		Seniores	0,02	0,137	105
		Total	0,04	0,188	138
Derrota	Titulares	Juniões	0	0	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0	0	46
	Suplentes	Juniões	0	0	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0	0	46
	Total	Juniões	0,12	0,415	33
		Seniores	0,02	0,137	105
		Total	0,04	0,238	138
Total	Titulares	Juniões	0	0	22
		Seniores	0	0	70
		Total	0	0	92
	Suplentes	Juniões	0	0	22
		Seniores	0	0	70
		Total	0	0	92
	Total	Juniões	0,11	0,356	66
		Seniores	0,02	0,137	210
		Total	0,04	0,214	276

Quadro 262 - Categoria “Feedback Negativo” (Manova)

FEEDBACK NEGATIVO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniões	0,82	1,079	11
		Seniores	0,54	1,172	35
		Total	0,61	1,145	46
	Suplentes	Juniões	0,27	0,467	11
		Seniores	0,60	1,193	35
		Total	0,52	1,070	46
	Total	Juniões	0,55	0,833	33
		Seniores	0,49	1,084	105
		Total	0,50	1,027	138
Derrota	Titulares	Juniões	1,27	1,555	11
		Seniores	1,29	1,872	35
		Total	1,28	1,785	46
	Suplentes	Juniões	0,45	0,820	11
		Seniores	0,77	1,239	35
		Total	0,70	1,152	46
	Total	Juniões	0,97	1,380	33
		Seniores	0,78	1,519	105
		Total	0,83	1,484	138
Total	Titulares	Juniões	1,05	1,327	22
		Seniores	0,91	1,595	70
		Total	0,95	1,529	92
	Suplentes	Juniões	0,36	0,658	22
		Seniores	0,69	1,210	70
		Total	0,61	1,109	92
	Total	Juniões	0,76	1,151	66
		Seniores	0,63	1,325	210
		Total	0,66	1,284	276

Quadro 263 - Categoria “Frustração/Irritabilidade” (Manova)

FRUSTRAÇÃO/IRRITABILIDADE					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0,91	2,119	11
		Seniores	0,63	1,374	35
		Total	0,70	1,562	46
	Suplentes	Juniiores	0,27	0,647	11
		Seniores	0,86	2,116	35
		Total	0,72	1,882	46
	Total	Juniiores	0,39	1,298	33
		Seniores	0,80	1,643	105
		Total	0,70	1,573	138
Derrota	Titulares	Juniiores	2,09	2,468	11
		Seniores	0,66	1,162	35
		Total	1,00	1,660	46
	Suplentes	Juniiores	0,55	0,820	11
		Seniores	0,60	1,576	35
		Total	0,59	1,423	46
	Total	Juniiores	1,12	1,673	33
		Seniores	0,74	1,507	105
		Total	0,83	1,550	138
Total	Titulares	Juniiores	1,50	2,325	22
		Seniores	0,64	1,263	70
		Total	0,85	1,610	92
	Suplentes	Juniiores	0,41	0,734	22
		Seniores	0,73	1,857	70
		Total	0,65	1,660	92
	Total	Juniiores	0,76	1,530	66
		Seniores	0,77	1,573	210
		Total	0,77	1,560	276

Quadro 264 - Categoria “Crítico” (Manova)

CRÍTICO					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0,09	0,302	11
		Seniores	0,14	0,845	35
		Total	0,13	0,749	46
	Suplentes	Juniiores	0	0	11
		Seniores	0,06	0,236	35
		Total	0,04	0,206	46
	Total	Juniiores	0,03	0,174	33
		Seniores	0,10	0,536	105
		Total	0,09	0,475	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0,27	0,467	11
		Seniores	0,03	0,169	35
		Total	0,09	0,285	46
	Suplentes	Juniiores	0	0	11
		Seniores	0,09	0,373	35
		Total	0,07	0,327	46
	Total	Juniiores	0,09	0,292	33
		Seniores	0,08	0,300	105
		Total	0,08	0,297	138
Total	Titulares	Juniiores	0,18	0,395	22
		Seniores	0,09	0,608	70
		Total	0,11	0,564	92
	Suplentes	Juniiores	0	0	22
		Seniores	0,07	0,310	70
		Total	0,05	0,272	92
	Total	Juniiores	0,06	0,240	66
		Seniores	0,09	0,434	210
		Total	0,08	0,396	276

Quadro 265 - Categoria “Punir” (Manova)

PUNIR					
RESULTADO	ESTATUTO	ESCALÃO	MÉDIAS	DESVIO PADRÃO	N
Vitória	Titulares	Juniiores	0,18	0,603	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0,04	0,295	46
	Suplentes	Juniiores	0	0	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0	0	46
	Total	Juniiores	0,06	0,348	33
		Seniores	0	0	105
		Total	0,01	0,170	138
Derrota	Titulares	Juniiores	0,18	0,603	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0,04	0,295	46
	Suplentes	Juniiores	0,09	0,302	11
		Seniores	0	0	35
		Total	0,02	0,147	46
	Total	Juniiores	0,09	0,384	33
		Seniores	0	0	105
		Total	0,02	0,190	138
Total	Titulares	Juniiores	0,18	0,588	22
		Seniores	0	0	70
		Total	0,04	0,293	92
	Suplentes	Juniiores	0,05	0,213	22
		Seniores	0	0	70
		Total	0,01	0,104	92
	Total	Júniores	0,08	0,364	66
		Seniores	0	0	210
		Total	0,02	0,180	276

Questionário I.I.T.A.

Versão Atletas

INVENTÁRIO DE INTERACÇÃO TREINADOR-ATLETA (I.I.T.A.)

Versão Percepção

J. THORPE & P. MEDFORD

Adaptação J.C. Leitão*, S. Serpa ** & R. Bártolo*
(FMH-Laboratório de Psicologia do Desporto**/ISPA*)

Cada um dos itens que se segue descreve características específicas que um treinador pode exibir. Indique a sua opinião relativamente a cada uma das afirmações, de acordo com o modo como elas descrevem o seu treinador.

Assinale com um “x” o quadrado que melhor indicar o grau de acordo com cada afirmação.

	<u>Discordo Totalmente</u>				<u>Concordo Totalmente</u>		
	1	2	3	4	5	6	7
1. AMIGÁVEL	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. BOM DESPORTISTA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. CLARO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. COM CAPACIDADES VARIADAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. COM COMPORTAMENTO CONSTANTE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. COM QUALIDADES DE CHEFIA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. COMPREENSIVO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. COMUNICATIVO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. CONSCIENCIOSO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. CONSTRUTIVO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. CUIDADOSO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. DINÂMICO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. ESPERTO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. EXEMPLAR	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. EXPERIENTE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. FIRME	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. HONESTO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. IMAGINATIVO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. INTELIGENTE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. JUSTO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. MOTIVADOR	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. SEGURO DE SI	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. SINCERO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Versão Treinadores

INVENTÁRIO DE INTERACÇÃO TREINADOR-ATLETA (I.I.T.A.)

Versão Auto Percepção

J. THORPE & P. MEDFORD

Adaptação J.C. Leitão*, S. Serpa ** & R. Bártolo*
(FMH-Laboratório de Psicologia do Desporto**/ISPA*)

Cada um dos itens que se segue descreve características específicas que um treinador pode exibir. Indique a sua opinião relativamente a cada uma das afirmações, de acordo com o modo como elas o descrevem.

Assinale com um “x” o quadrado que melhor indicar o grau de acordo com cada afirmação.

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente		
	1	2	3	4	5	6	7
1. AMIGÁVEL	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. BOM DESPORTISTA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. CLARO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. COM CAPACIDADES VARIADAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. COM COMPORTAMENTO CONSTANTE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. COM QUALIDADES DE CHEFIA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. COMPREENSIVO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. COMUNICATIVO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. CONSCIENCIOSO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. CONSTRUTIVO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. CUIDADOSO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. DINÂMICO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. ESPERTO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. EXEMPLAR	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. EXPERIENTE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. FIRME	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. HONESTO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. IMAGINATIVO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. INTELIGENTE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. JUSTO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. MOTIVADOR	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. SEGURO DE SI	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. SINCERO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>